Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71)3283 - 6256 – Site: http://www.ppgll.ufba.br - E-mail: pgletba@ufba.brá

ELEMENTOS MODALIZADORES COMO ESTRATÉGIA DE NEGOCIAÇÃO EM TEXTOS OPINATIVOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

ALCIONE TEREZA CORBARI

Salvador
2013

ALCIONE TEREZA CORBARI

ELEMENTOS MODALIZADORES COMO ESTRATÉGIA DE NEGOCIAÇÃO EM TEXTOS OPINATIVOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito obrigatório para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Iracema Luiza de Souza
Coorientadora: Profa. Dra. Aparecida Feola Sella

Salvador
2013

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Corbari, Alcione Tereza.
Elementos modalizadores como estratégia de negociação em textos opinativos produzidos por alunos de ensino médio / por Alcione Tereza Corbari. - 2013.
200 f.: il.

Inclui anexo.
Orientadora: Profª. Drª. Iracema Luiza de Souza.
Coorientadora: Profª. Drª. Aparecida Feola Sella.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2013.

1. Semântica. 2. Pragmática. 3. Análise retórica. 4. Textos - Linguagem. 5. Ensino médio. I. Souza, Iracema Luiza de. II. Feola Sella, Aparecida. III. Universidade Federal da Bahia. Instituto De Letras. IV. Título.

CDD - 401.43
CDU - 81'37

ALCIONE TEREZA CORBARI

ELEMENTOS MODALIZADORES COMO ESTRATÉGIA DE NEGOCIAÇÃO EM TEXTOS OPINATIVOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito obrigatório para obtenção do grau de Doutor em Letras.

Aprovada em: 12 de novembro de 2013

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. André Luiz Gaspari Madureira (UNEB)
Membro Efetivo (convidado)

_____

Profa. Dra. Célia Marques Telles (UFBA)
Membro Efetivo (da instituição)

_____

Prof. Dr. Elmo José dos Santos (UFBA)
Membro Efetivo (da instituição)

_____

Profa. Dra. Aparecida Feola Sella (UNIOESTE)
Coorientadora

_____

Profa. Dra. Iracema Luiza de Souza (UFBA)
Orientadora

Salvador, 12 de novembro de 2013

DEDICATÓRIA

Repito aqui a dedicatória apresentada em minha Dissertação:

Aos meus pais, MARIA e HUMBERTO CORBARI, pela firmeza e perseverança com que "modalizaram" suas vidas pela "necessidade deôntica" de criar e educar seus dez filhos, sempre ancorados no princípio da honestidade e no valor do trabalho, orientando-nos para o "eixo do saber", mesmo eles próprios tendo "possibilidades" restritas de acesso ao campo "epistêmico-acadêmico".

E acrescento:

A MÁRCIO GOMES, amado esposo, sempre "engajado" em nosso projeto de vida comum, orientado pela "necessidade epistêmica" de fazer valorosa a vida compartilhada; companheiro para um querer eterno.

E à nossa filha desejada, Helena, que já tão pequenina em meu ventre nos "modaliza" e nos faz ter a "certeza" de que, por ela, "modalizaremos" o resto de nossas vidas.

Por tudo o que ELES são para mim, esta simples homenagem.

AGRADECIMENTOS

À professora doutora **Iracema Luiza de Souza**,
por aceitar o desafio da orientação a distância, pela confiança em meu potencial como pesquisadora, pelo carinho de sempre e pelo acolhimento na UFBA, durante o Estágio Docente.

À professora doutora **Aparecida Feola Sella**,
pelas contribuições, desde o período de Graduação, para o meu crescimento como pesquisadora. De forma muito especial, agradeço imensamente o apoio e as valiosas e incansáveis contribuições para esta pesquisa. E, ainda, por propor o Dinter e pela dedicação em sua implementação.

À professora doutora **Célia Marques Telles**, pela valiosa contribuição durante todo o Doutorado e na Banca de Qualificação, por aceitar participar de minha Banca de Defesa, e, ainda, pelo empenho também dedicado à implementação do Dinter.

Ao professor doutor **Elmo José dos Santos**,
pelas importantes contribuições nas aulas do Doutorado, pelas valiosas sugestões durante a Banca de Qualificação para o melhoramento da pesquisa aqui apresentada, e por aceitar participar de minha Banca de Defesa.

Ao professor doutor **André Luiz Gaspari Madureira**,
pela pronta disponibilidade para ler este trabalho e para participar da minha Banca de Defesa.

A todos os **professores**, da UFBA e da UNIOESTE, que acreditaram no projeto do Dinter e não mediram esforços para nos possibilitar um curso de qualidade.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística** (UFBA) e ao **Programa de Pós-Graduação em Letras** (UNIOESTE), por viabilizarem o projeto do Dinter e nos oportunizarem a realização do curso de Doutorado.

Aos **alunos do Ensino Médio**,
por me permitirem tomar seus textos para análise e aprender mais sobre o que fazem com a linguagem.

Aos **familiares**, e, em especial, a **Márcio Gomes**, pela compreensão, presença e apoio ao longo do curso de Doutorado.

A **colegas** e **amigos** que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização da pesquisa aqui proposta.

A **todos**, meus sinceros agradecimentos!!!

RESUMO

Esta tese investiga o uso de estratégias de modalização linguística, considerando o papel dos modalizadores no processo de negociação demarcada pelo relacionamento que o produtor estabelece com o conteúdo do texto e com o interlocutor. A negociação, conforme é aqui entendida, diz respeito à forma como o produtor relaciona recursos linguísticos, manipulando-os para agir sobre o interlocutor, orientando a produção de sentido(s) a partir da posição que apresenta no texto sobre o tema abordado. Tomam-se para análise expedientes linguísticos dos eixos epistêmico e deôntico ambientados em parágrafos de textos opinativos produzidos por alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Cascavel/PR. Considerando a ideia de que, na produção do texto, a modalização retrata pontos de vista e sinaliza o tipo de interlocução pretendida, parte-se da hipótese de que recursos modalizadores atualizados retratam tentativas do produtor de orientar a leitura conforme os intentos envolvidos na produção do texto opinativo, tendo em conta o papel ativo do interlocutor. A pesquisa, de cunho preponderantemente qualitativo, é orientada por uma análise descritivo-interpretativa, tendo sido adotada, como procedimento metodológico, a análise textual qualitativa. Observou-se que os alunos recorrem a estratégias diversas de relacionamento face ao próprio texto e ao interlocutor, as quais resultam em dois movimentos de negociação: negociação enfática e negociação atenuada, que envolvem, respectivamente, os atos ilocutórios de asserção forte e de asserção fraca. No primeiro caso, os elementos modalizadores revelam alto engajamento do produtor com o texto e a tentativa de imposição de determinada leitura ao interlocutor, resultando em uma negociação tensa; no segundo caso, revelam baixo grau de engajamento do produtor em relação ao texto e apresentam pontos de vista sem impor uma interpretação sobre o tema em debate, resultando em uma negociação menos tensa do que no primeiro caso. Embora o foco central deste trabalho sejam os modalizadores, observou-se também o papel do cotexto no desenvolvimento do processo de negociação, considerando a necessidade de analisar tais elementos em seu cotexto e contexto enunciativo. No interior do parágrafo, observou-se um *continuum* que vai da negociação enfática à negociação atenuada, o qual revela as tentativas do aluno de lidar com possibilidades múltiplas de uso da língua para lograr êxito em seu projeto de dizer. Espera-se que este trabalho traga contribuições para a área da Linguística e, ainda, forneça subsídios teóricos para a abordagem da modalização no ensino da produção de texto opinativo.

PALAVRAS-CHAVE: Modalizadores; Negociação; Textos opinativos; Ensino Médio.

ABSTRACT

This thesis investigates the use of strategies of modalization, considering the role of modal operators in the negotiation process established by the relationship of the text producer with both the text content and the interlocutor. Negotiation, as it is understood here, refers to how the producer handles linguistic resources in order to act upon the addressee, guiding the production of meaning(s) on the basis of the position taken in the text regarding the topic discussed. The analysis focuses on linguistic resources from the epistemic and deontic axis in paragraphs of opinion pieces written by students of the 3rd year of high school from a public school in Cascavel (Paraná, Brazil). Considering the idea that, in the process of writing an opinion piece, modality exposes points of view and signals the type of interlocution intended, the assumption taken here is that modal operators show the producer's attempts of guiding the reading according to the intentions involved in writing an opinion piece, keeping in mind the active role of the interlocutor. This study is predominantly qualitative, guided by a descriptive and interpretative analysis, and adopts the method of qualitative text analysis. It was observed that the students use different strategies to mark their relationship with their own text and their interlocutor, resulting in two negotiation movements: emphatic negotiation and attenuated negotiation, which involves illocutionary acts of, respectively, strong and weak assertion. In the first case, the modal operators reveal the producer's high engagement with the text and an intention to act imposingly upon the addressee, resulting in a tense negotiation; in the second case, they reveal the producer's low engagement with the text and his/her intent to present a point of view without imposing his/her interpretation of the topic under discussion, resulting in a negotiation less tense than in the first case. Although the main focus of this study is the modal operators, the role of the co-text in the development of the negotiation process is also taken into account, due to the need of analyzing the modal operators in their co-text and enunciative context. Inside the paragraph, it was observed a *continuum* from the emphatic to the attenuated negotiation which reveals the student's attempts to handle multiple possibilities of language use to achieve success in his/her project of saying. It is expected that this study will contribute to the field of Linguistics and provide theoretical support for the approach of linguistic modality in the teaching of production of opinion texts.

KEYWORDS: Modal operators; Negotiation; Opinion texts; Secondary Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 08

2 PERSPECTIVAS SOBRE PRODUÇÃO DO TEXTO ESCRITO, ARGUMENTAÇÃO E NEGOCIAÇÃO 12
2.1 QUESTÕES SOBRE A PRODUÇÃO DO TEXTO ESCRITO 12
2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE ARGUMENTAÇÃO..... 14
2.3 ESTRATÉGIAS DE NEGOCIAÇÃO: A INTERAÇÃO EM FOCO 18
2.3.1 O papel do interlocutor na construção do texto e do(s) sentido(s)..... 19
2.3.2 A negociação no texto opinativo..... 22

3 ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE MODALIZAÇÃO E MODALIZADORES..... 26
3.1 O LUGAR DA MODALIZAÇÃO NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS..... 26
3.1.1 Da Tradição Clássica à Linguística: caminhos diversos no tratamento da modalização..... 26
3.1.2 Modalidade *vs.* modalização..... 34
3.2 NOÇÕES DE MODALIZAÇÃO ADOTADAS..... 38
3.3 OS EIXOS DA MODALIZAÇÃO CONSIDERADOS..... 41
3.3.1 Modalizadores do eixo epistêmico..... 41
3.3.2 Modalizadores do eixo deôntico..... 47
3.4 OS MODALIZADORES COMO ESTRATÉGIA DE NEGOCIAÇÃO 58

4 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA: COLETA DE DADOS, SELEÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE..... 63
4.1 SOBRE A PRODUÇÃO DO *CORPUS*..... 63
4.1.1 Sobre a escola e as turmas envolvidas..... 63
4.1.2 Sobre a produção do texto..... 65
4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERFIL DO *CORPUS*..... 74
4.2.1 Considerações sobre o gênero produzido..... 74
4.2.2 O perfil dos textos considerados na seleção do *corpus* 77
4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE..... 82

5 NEGOCIAÇÃO DEFLAGRADA POR ELEMENTOS MODALIZADORES..... 88
5.1 NEGOCIAÇÃO ENFÁTICA..... 92
5.2 NEGOCIAÇÃO ATENUADA..... 110
5.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS..... 126
5.3.1 Sobre as categorias propostas..... 126
5.3.2 Análise dos dados quantitativos..... 131

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 138

REFERÊNCIAS..... 146

ANEXO..... 151

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa que toma como *corpus* de análise parágrafos retirados de textos opinativos produzidos por alunos do Ensino Médio de uma escola pública de Cascavel/PR. A pesquisa, que adota como procedimento metodológico a análise textual qualitativa (MORAES, 2003; MORAES; GALIAZZI, 2006, 2007), é guiada pelo objetivo de investigar o uso de modalizadores, tomados como estratégia de argumentação, considerando o papel que tomam no processo de negociação estabelecido entre os interlocutores.

Orienta as análises a seguinte pergunta: Como os alunos do Ensino Médio se relacionam com o conteúdo de seu texto e com o interlocutor por meio de elementos modalizadores, de maneira a estabelecer direcionamentos compatíveis com as intenções que movimentam a produção do texto?

Considerando os procedimentos adotados por autores de artigos de opinião que circulam na esfera jornalística para provocar efeito persuasivo no leitor[1], observa-se (CORBARI, 2008; BESSA NEVES, 2006, entre outros) que, nesse gênero, os modalizadores assumem papel importante no delineamento de ideias e opiniões, demarcadas pela forma como o produtor[2] se relaciona com o seu enunciado[3] e com o interlocutor (CASTILHO; CASTILHO, 1992; KOCH, 2002a, 2003b; NEVES, 1996, 2006; PARRET, 1988; MIRANDA, 2005). Em outras palavras, toma-se dos autores consultados a ideia geral de que a modalização retrata pontos de vista e sinaliza o tipo de interlocução pretendida. Além do próprio produtor, que mobiliza estratégias linguísticas conformadas a seus objetivos, suas intenções, toma lugar importante, na produção do texto, o interlocutor, entendido como participante ativo da interação (BAKHTIN, 2002, 2003), que, somado a outras condições de

[1] Observa-se que os termos ‘leitor’ e ‘interlocutor’ são tomados indistintamente neste trabalho.

[2] Embora neste trabalho se recorra a autores que usam termos como ‘falante’, ‘locutor’ e ‘enunciador’, cada um com suas especificidades teórico-conceituais, a expressão ‘produtor do texto’ será referida de forma mais constante, haja vista o interesse em observar como o aluno de Ensino Médio, como produtor de texto em formação, vale-se de elementos modalizadores para negociar sentidos com o interlocutor e agir sobre este de forma a convencê-lo da validade da leitura que faz da situação posta em debate. Quando se pretende situar sócio-historicamente esse produtor, usa-se o termo ‘aluno’.

[3] O termo ‘enunciado’ é usado neste trabalho conforme orientação de Ducrot (1987): trata-se de uma ocorrência singular de uma frase, produzida em uma situação particular. O autor apresenta a noção de enunciado em contraponto à noção de frase: “O que eu chamo de frase é o objeto teórico, entendendo por isso, que ele não pertence, para o lingüista, ao domínio do observável, mas constitui uma invenção da ciência particular que é a gramática. O que o lingüista pode tomar como observável é o enunciado, considerado como a manifestação particular, como a ocorrência *hic et nunc* de uma frase” (DUCROT, 1987, p. 164).

enunciação, como o projeto de dizer (KOCH, 2003a) e o gênero escolhido para levá-lo a cabo, direciona a escolha do conteúdo e da forma de apresentá-lo.

Voltando o olhar para os contextos de ensino, verifica-se que a forma como os alunos propõem relacionamento com o conteúdo do texto e com o interlocutor é bastante diversa daquela observada em textos opinativos que circulam na esfera jornalística, uma vez que, em geral, os articulistas relacionam recursos linguísticos e lidam com o contexto de enunciação de forma mais produtiva do que os alunos o fazem. Ainda assim, uma análise geral dos textos produzidos no Ensino Médio permite conjecturar a hipótese de que há tentativas de atualização de elementos modalizadores com vista a conformar o texto às intenções envolvidas em sua produção e ao interlocutor previsto.

Vale observar que essa hipótese, somada à expectativa de que os modalizadores seriam atualizados nos textos que serviram para a coleta do *corpus,* guiou a pesquisa desde sua proposição inicial. Porém, foi só no desenvolvimento do estudo, após tentativas várias de análise, que se vislumbrou de forma mais clara a perspectiva pragmática aqui considerada, que põe em cena os processos de interação viabilizados por tais elementos, contexto em que se fala de negociação. Considerando o texto opinativo, a negociação diz respeito à forma como o produtor relaciona recursos linguísticos para orientar a construção de sentido(s) e agir sobre o interlocutor segundo os intentos que motivam a interação estabelecida por meio do texto.

Nessa configuração da pesquisa, agregaram-se novas perspectivas teóricas ao estudo em desenvolvimento – como são exemplos os estudos de Bakhtin (2002, 2003) e Miranda (2005) –, que se buscou conformar à fundamentação teórica já incorporada e aos dados e às possibilidades de interpretação visualizados no *corpus*, num movimento em espiral em que a observação dos dados leva à reavaliação da fundamentação teórica, e esta, por sua vez, permite uma nova compreensão do *corpus*, mais lapidada e aprofundada.

Ainda sobre os pressupostos teóricos que sustentam este trabalho, pode-se dizer que, embora esta tese não se filie a um único modelo teórico, tomam-se como basilares teorias que preconizam o estudo de textos reais, considerando as condições de sua produção. Assim, esta pesquisa se pauta em estudos descritivos da língua que permitem considerar expedientes linguísticos específicos tendo em conta as condições enunciativas envolvidas na produção do texto, como as intenções discursivas, o interlocutor previsto e o gênero escolhido para a realização dessas intenções, entre outros aspectos.

Considerando o interesse de estudar a modalização a partir de uma perspectiva semântico-discursivo-pragmática, Castilho e Castilho (1992), Neves (1996, 2006), Koch

(2002a, 2003b), Campos (1997, 2001), Palmer (2001), Parret (1988), Vion (2004, 2005), Miranda (2005) e Borillo (1982) são referências que auxiliam nas análises propostas. À contribuição desses autores se somam os estudos sobre negociação propostos por Golder (1996), Golder e Coirier (1994, 1996) e Petroni (2005); tal noção é interpretada com respaldo em Bakhtin (2002, 2003), especialmente no que tange ao processo dialógico estabelecido entre os sujeitos da interação viabilizada pelo texto, e em Hengeveld (1989). Além desses autores, também contribuem para esta pesquisa Marcuschi (2008), Dascal (1986), Koch (2003a), Koch e Fávero (1987) e Rodrigues (2001), entre outros.

Quanto ao *corpus*, este é constituído por parágrafos de textos produzidos por alunos do Ensino Médio de uma escola pública de Cascavel/PR. Na seleção dos parágrafos, considerou-se a presença de elementos modalizadores *stricto sensu* dos eixos epistêmico e deôntico, que são os expedientes linguísticos foco das análises propostas. Considera-se o parágrafo uma das partes do texto que contém estratégias de negociação, que podem estar relacionadas a recursos linguísticos diversos, mas que se explicitam de forma mais evidente nos modalizadores em termos de posicionamento do produtor em relação ao texto e ao interlocutor.

Dois aspectos levaram à consideração de textos produzidos em ambiente escolar para a seleção do *corpus*: a necessidade de focar o ensino, conforme prevê a Linha de Pesquisa à qual este estudo está filiado e, ainda, a experiência pedagógica da pesquisadora no Ensino Básico. No contexto escolar, observou-se ser imperativo um trabalho mais pontual com questões linguísticas implicadas na produção de textos opinativos. Tais aspectos levaram à composição de um *corpus* em que se pudesse verificar como os alunos lidam com a modalização linguística. Observa-se que os textos de onde se coletaram os parágrafos são aqui referenciados como artigos de opinião, embora se possa dizer que constituam uma "tentativa" de escrita desse gênero, conforme discussão posta na Seção 4.

Vale ainda ressaltar que motiva esta pesquisa a observação de que poucos estudos têm sido propostos considerando textos de alunos, especialmente no que se refere a trabalhos que tomam como foco de análise a modalização linguística. Apesar de ser uma questão já bastante debatida do ponto de vista científico, a relação entre modalização e argumentação ainda é pouco explorada no que tange à produção do texto ambientada em sala de aula. Por isso, intenta-se colaborar com a prática do professor do Ensino Básico, que carece ainda de um olhar analítico-descritivo ao texto do aluno com vista a compreender as manobras realizadas quando do uso de modalizadores. Despertar no professor esse olhar pode gerar uma proposta de abordagem de tais elementos com vista à formação de produtores de texto mais conscientes

do valor dessa estratégia linguística, especialmente quando atualizada em textos opinativos, conforme focalização deste estudo.

Quanto à organização desta tese, seguem esta *Introdução* quatro seções. Na Seção 2, expõe-se a perspectiva teórica que sustenta a análise proposta, enfocando a produção do texto escrito, a argumentação e a noção de negociação adotada neste estudo.

Dessa delimitação de aspectos teóricos basilares, parte-se, na Seção 3, para a explicitação das perspectivas teóricas que guiam o tratamento dispensado à modalização neste trabalho. De início, são tecidas considerações sobre o lugar da modalização nos estudos linguísticos; em seguida, são apresentadas as noções de modalização adotadas e os eixos considerados quando da análise do *corpus*: epistêmico e deôntico.

Na Seção 4, busca-se contextualizar a pesquisa e abrir caminho para a apresentação das análises. Para tanto, inicialmente, relata-se o processo de produção do *corpus* e fazem-se considerações sobre o perfil dos textos coletados. Após, são explicitados os procedimentos adotados para a análise.

Na Seção 5, são apresentadas as análises empreendidas, quando se propõe a categorização dos movimentos de negociação viabilizados pelos modalizadores presentes no *corpus* com base no referencial teórico que ancora a pesquisa. Além de pontuar a negociação instaurada pelos expedientes linguísticos em questão, são feitas observações sobre o papel do cotexto nesse processo.

A última parte do trabalho apresenta as *Considerações Finais*, baseadas nas análises desenvolvidas e no referencial teórico que as sustentam. Nessa parte do trabalho, propõem-se algumas reflexões tendo em consideração o contexto de ensino, especialmente no que tange à atividade de produção de texto opinativo escrito e ao uso de elementos modalizadores.

2 PERSPECTIVAS SOBRE PRODUÇÃO DO TEXTO ESCRITO, ARGUMENTAÇÃO E NEGOCIAÇÃO

Nesta seção, apresentam-se, primeiramente, questões sobre a produção textual escrita; na sequência, fazem-se considerações sobre a argumentação; por fim, focaliza-se a noção de negociação que sustenta a análise. Busca-se explicitar os posicionamentos teóricos assumidos de maneira a estabelecer limites na abordagem do fenômeno complexo que é a linguagem e, no caso específico deste trabalho, a modalização linguística, especialmente quando considerada em textos escritos por produtores pouco experientes.

2.1 QUESTÕES SOBRE A PRODUÇÃO DO TEXTO ESCRITO

Esta pesquisa se pauta no pressuposto de que todo uso da linguagem retrata uma atividade sociointerativa (BAKHTIN, 2002; MARCUSCHI, 2008) que reflete as condições sócio-históricas da comunidade linguística ao mesmo tempo em que é por elas guiada. Observa-se a língua, um fenômeno encorpado e não abstrato e autônomo (MARCUSCHI, 2008), em seu funcionamento social, cognitivo e histórico, considerando que o sentido se produz situadamente.

Nessa perspectiva, o texto não é visto como um todo organizado apenas no que tange a seus sentidos internos; a textualidade ultrapassa o nível da organização semântica dos enunciados, envolvendo a atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional (KOCH, 2000). O que surge na superfície linguística é, conforme Koch (2002a), apenas resultado parcial da atividade comunicativa, que só toma sentido se forem consideradas as situações concretas de interação social.

A produção textual, então, retrata uma atividade sociointeracional complexa, que compreende, entre outras coisas, a escolha de meios para atingir determinado fim social, em conformidade com as intenções do falante e as condições em que o texto é produzido (KOCH, 2000), com vista à interação promovida e sustentada pelo texto.

Essa atividade é gerenciada em uma "contextualidade accional", conforme propõe Parret (1988), concretizada "pelo triângulo (locutor, destinatário, situação de troca) e pela dialética da intenção e do reconhecimento da intenção pelo canal de fragmentos lingüísticos

cujo suporte é a situação de troca" (PARRET, 1988, p. 102). Pode-se dizer que, no centro desse triângulo, está o texto, que não existe sem as três partes que o fazem emergir e o sustentam como uma unidade coerente em determinada situação de interação. Ao falar em "intenção", considera-se que a intencionalidade do produtor pode ser reconstruída a partir das marcas linguísticas; no entanto, admite-se que, apesar das pistas que permitem atribuir sentido(s) ao texto, "nem o que está *dito e explicitado* assegura a coincidência entre intenção e compreensão" (FURLANETTO, 2008, p. 4), o que implica dizer que a intenção reconstruída não necessariamente coincidirá, pelo menos em sua totalidade, com a real intenção do produtor.

Conforme analisa Koch (2003a), na construção do texto com vista à produção do sentido, três peças fundamentais são mobilizadas:

> 1. o produtor/planejador, que procura viabilizar o seu "projeto de dizer", recorrendo a uma série de estratégias de organização textual e orientando o interlocutor, por meio de sinalizações textuais (indícios, marcas, pistas) para a construção dos (possíveis) sentidos;
> 2. o texto, organizado estrategicamente de dada forma, em decorrência das escolhas feitas pelo produtor entre as diversas possibilidades de formulação que a língua lhe oferece, de tal sorte que ele estabelece limites quanto às leituras possíveis;
> 3. o leitor/ouvinte, que, a partir do modo como o texto se encontra lingüisticamente construído, das sinalizações que lhe oferece, bem como pela mobilização do contexto relevante à interpretação, vai proceder à construção dos sentidos (KOCH, 2003a, p. 19).

Essas três peças são interdependentes e mobilizadas conjuntamente na produção do texto. Elas estão atreladas à contextualidade accional, movimentada por um projeto de dizer em conformidade com práticas socioculturais e linguísticas vivenciadas pelos interlocutores. Movido por intenções, o produtor escolhe o que dizer e a forma de fazê-lo para alcançar seus objetivos, estabelecendo o papel que toma na interação e, ao mesmo tempo, o papel que atribui a seu interlocutor.

O pressuposto de que a produção textual constitui uma atividade intersubjetiva orienta o conceito de negociação considerado neste estudo. Mediada por recursos linguísticos[4], a negociação é proposta pelo produtor tendo em consideração a atitude responsiva do leitor (BAKHTIN, 2002, 2003) e a intenção de direcionar a construção de sentido(s) e a interlocução conforme seus objetivos; no caso do artigo de opinião, tem como fim validar e fazer prevalecer o ponto de vista apresentado no texto.

[4] É pertinente ressaltar que essa análise considera, especificamente, o texto escrito. Nas interações orais, é possível que se verifiquem marcas de negociação também em aspectos não verbais (por exemplo, no uso de recursos paralinguísticos, expressões faciais e gestos).

O leitor, então, deixa de ter o papel de mero receptor de mensagem, captador dos sentidos produzidos por aquele que escreve, conforme orientam as concepções que veem a linguagem como reflexo do pensamento ou como instrumento de comunicação, e passa a agir na construção do texto antes mesmo de ser interpelado à interação. Isso porque o texto é emoldurando, tanto em termos do conteúdo expresso quanto em relação às formas de fazê-lo, considerando o interlocutor e seu papel ativo na produção de sentido(s) (BAKHTIN, 2002, 2003).

Nesse viés de análise, a escolha do material linguístico e sua forma de disposição na superfície linguística é direcionada, entre outros aspectos, pela imagem que o produtor constrói do interlocutor antes mesmo de materializar suas ideias e opiniões, por um lado, e pelos objetivos que o levam a propor a interação, por outro.

Considerando as perspectivas teóricas acima expostas, passa-se a ajustar o foco em direção a outros aspectos relevantes para este trabalho. Assim, na próxima subseção, apresentam-se algumas considerações sobre argumentação, focando especificamente o texto argumentativo *stricto sensu*.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE ARGUMENTAÇÃO

O interesse por estratégias linguísticas mobilizadas no texto opinativo direciona o olhar para o texto argumentativo *stricto sensu*, no qual a argumentação é explicitamente apresentada na superfície textual. Porém, de uma forma mais ampla, considerando que o projeto de dizer integra qualquer atividade verbal, resultando em ações linguísticas propriamente ditas, pode-se dizer que, *lato sensu*, a argumentação é intrínseca ao uso da linguagem (DUCROT, 1987). Os textos, qualquer que seja sua configuração, retratam um conjunto de estratégias de manipulação que traduzem intenções dos produtores de atuar sobre seus interlocutores (PAULIUKONIS, 2003), por meio da orientação argumentativa.

Explica-se o sentido de "orientar argumentativamente" a partir das palavras de Ascombre e Ducrot (1976): "[...] argumenter pour C au moyen de A (employer A en faveur de la conclusion C), c'est, pour nous, 'présenter A comme devant amener le destinataire à

conclure C', 'donner A comme une raison de croire C'"[5] (ACOMBRE; DUCROT, 1976, p. 13).

Na concepção dos autores, a orientação argumentativa é, então, uma característica constitutiva da linguagem: "qu'on ne puisse pas les employer sans prétendre orienter l'interlocuteur vers un certain type de conclusion (par le fait qu'on exclut un autre type de conclusion)"[6] (ASCOMBRE; DUCROT, 1976, p. 13-14).

Tal orientação pode ser apresentada de forma mais ou menos explícita, a depender do projeto de dizer envolvido em cada situação interlocutiva. Ou, nas palavras de Koch e Fávero (1987), num *continuum* argumentativo, podem-se localizar textos dotados de maior ou menor argumentatividade. O artigo de opinião pode ser tomado como um gênero representativo do polo em que figuram textos com maior grau de argumentatividade, o que pode ser considerado um de seus traços distintivos, já que é sustentado pela finalidade discursiva de manifestação de pontos de vista. Nesse caso, a opinião não pode estar oculta, eventualmente dissimulada, mas deve se apresentar claramente, explicitamente (MELO, 2003). Mesmo quando não se exprimem na superfície linguística marcas dêiticas do locutor (VION, 2004), explicitar as intenções faz parte das configurações desse gênero.

Fala-se, nesse contexto, em argumentação *stricto sensu*, categoria que, segundo Koch e Fávero (1987, p. 9), enquadra os textos tradicionalmente denominados argumentativos, aqueles em que a argumentação é explicitamente apresentada, atingindo seu grau máximo. Nessa perspectiva, o texto argumentativo[7] pode ser definido como um texto baseado em opinião no qual um falante ou escritor toma uma postura particular frente a um tema e tenta convencer o ouvinte ou leitor a adotar tal posição ou, pelo menos, a tomar como aceitável o ponto de vista apresentado (GOLDER; COIRIER, 1996). Ou, nas palavras de Petroni (2005),

> [...] argumentar é modular uma crença, instaurando, no discurso e por ele, distâncias entre a realidade exterior e as representações que se pode fazer dela graças ao universo de crenças do locutor, isto é, graças ao conjunto de mundos possíveis que o locutor pode evocar nessa representação (PETRONI, 2005, p. 116).

[5] "[...] argumentar a favor de C por meio de A (usando A em favor da conclusão C) é, para nós, 'apresentar A como devendo levar o destinatário à conclusão C', 'dar A como uma razão para acreditar em C'" (ASCOMBRE; DUCROT, 1976, p. 13). Observa-se que todas as traduções apresentadas em nota de rodapé são de responsabilidade da autora desta tese.

[6] "[...] não podemos usá-los sem a pretensão de orientar o interlocutor em direção a certo tipo de conclusão (pelo fato que se exclui outro tipo de conclusão)" (ASCOMBRE; DUCROT, 1976, p. 13-14).

[7] Observa-se que Golder (1996), Golder e Coirier (1994, 1996) e Golder, Percheron e Poiut (1999) falam ora em 'discurso argumentativo', ora em 'texto argumentativo', levando ao entendimento de que tais expressões são usadas como conceitos aproximados, se não sinônimos. Neste trabalho, quando em referência a esses autores, padroniza-se o uso da expressão 'texto argumentativo', uma vez que o referencial em questão é usado como apoio para uma análise textual, pautada em elementos dados na superfície linguística.

Ao criar a realidade a partir de uma perspectiva subjetiva, o produtor assume a responsabilidade em relação ao conteúdo do seu enunciado e a intenção de agir sobre o interlocutor no sentido de alinhá-lo à opinião expressa. Com isso, a sua intervenção no conteúdo da mensagem e sua vontade de agir sobre o leitor, reforçando ou mudando suas crenças e opiniões, ocorrem de forma mais explícita do que é esperado em gêneros que buscam neutralizar as marcas enunciativas para "dar a impressão de um discurso neutro" (KOCH, 2002a, p. 83), como é exemplo o artigo científico.

Argumentar, então, significa utilizar meios de linguagem suficientes e adequados para o êxito dos intentos do locutor (OSAKABE, 1977), o que implica a consideração do perfil do interlocutor.

Koch e Fávero (1987) explicam que um texto argumentativo *stricto sensu* pode ser reconhecido por certas características que se agrupam em três dimensões distintas, porém complementares:

> a) dimensão pragmática:
> macro-ato: convencer, persuadir
> atitude comunicativa: fazer crer/fazer fazer
> atualização em situações comunicativas: textos publicitários, propagandísticos, peças judiciárias, matérias opinativas etc.
> b) dimensão esquemática global
> superestrutura argumentativa: ordenação ideológica dos argumentos e contra-argumentos.
> categorias: (tese anterior) premissas – argumentos – (contra-argumentos) – (síntese) – conclusão (nova tese)
> c) dimensão linguística de superfície
> marcas: modalizadores, verbos introdutores de opinião, operadores argumentativos, metáforas temporais, recurso à autoridade etc. (KOCH; FÁVERO, 1987, p. 7-8).

Esses três níveis são aqui considerados. O foco da análise recai sobre os elementos modalizadores (dimensão linguística de superfície), tomados como recurso de negociação no texto opinativo, o que implica sua consideração dentro de determinada estrutura (dimensão esquemática global), socialmente partilhada, a que o produtor recorre para atingir os fins estabelecidos para a interação de que toma parte, considerando o interlocutor previsto (dimensão pragmática).

Quanto aos aspectos relativos à dimensão pragmática, o texto argumentativo *stricto sensu* envolve a vontade de convencer, de persuadir, que é explicitada e assumida pelo produtor do texto. Conforme exposto acima, Koch e Fávero (1987) apontam como atitude comunicativa "fazer crer/fazer fazer". Desconsidera-se aqui a atitude "fazer fazer" por se

entender que o gênero que interessa a esta pesquisa, o artigo de opinião, não tem esse objetivo perlocucionário, como se verifica, por exemplo, em textos publicitários.

A atitude comunicativa é um aspecto que direciona não apenas a produção do texto, mas também a sua leitura, uma vez que produtor e leitor estão cientes dos efeitos perlocucionários que se espera alcançar com a interação proposta. Pode-se dizer que essa dimensão envolve ainda diversos outros aspectos relevantes para a definição de um texto argumentativo *stricto sensu*. Um deles diz respeito ao conteúdo abordado. Conforme analisam Golder e Coirier (1994, p. 187), "[...] the speaker must realize that the argumentative domain is controversial (one only argues about things that are arguable)"[8], o que significa dizer que, para ser discutível, o conteúdo tematizado deve não apenas gerar debate, mas também ser acessível tanto para quem produz o texto quanto para quem o lê.

A discutibilidade do objeto de discurso é, segundo os autores, um dos pré-requisitos que governam a produção do texto argumentativo, que divide lugar com outra condição necessária: "[…] he or she must wish to settle the argument through discourse (and not by persuasive strategies like bribery or threats)"[9] (GOLDER; COIRIER, 1994, p. 187). Pode-se dizer, então, que o produtor precisa estar de fato envolvido com o debate; deve não só ter algo a dizer, mas também querer fazê-lo. Além disso, para chegar à atitude comunicativa prevista, fazer crer (KOCH; FÁVERO, 1987), precisa levar em conta a situação de ambos os interlocutores em dado espaço comunicativo, conforme observa Pauliukonis (2000).

Quanto à dimensão esquemática global, Koch e Fávero (1987) citam as categorias tradicionalmente apresentadas para o texto argumentativo, quais sejam: (tese anterior) premissas – argumentos – (contra-argumentos) – (síntese) – conclusão (nova tese). Trata-se de um esquema prototípico, que expõe passos necessários à estruturação do texto dessa natureza.

Golder (1996), Golder e Coirier (1994, 1996) e Golder, Percheron e Puit (1999), por seu turno, propõem que o texto argumentativo não seja analisado em termos de etapas a serem seguidas, mas a partir de estratégias de justificação e negociação[10].

Em referência aos contextos de ensino de produção textual, Golder, Percheron e Puit (1999) assim justificam a recusa em analisar esse tipo de texto a partir de esquemas prototípicos:

---

[8] "[...] o falante deve perceber que o domínio argumentativo é controverso (só se argumenta sobre coisas que são discutíveis)" (GOLDER; COIRIER, 1994, p. 187).
[9] "[...] o falante deve querer apresentar o argumento por meio do discurso (e não por estratégias persuasivas como suborno ou ameaças)" (GOLDER; COIRIER, 1994, p. 187).
[10] Na Subseção 2.3.2, são definidas as estratégias de justificação e negociação.

> [...] il n'existe pas une bonne façon d'argumenter; la nature des arguments et leur agencement ne peuvent pas être définis indépendamment de la situation dans laquelle le discours sera produit, notamment la position du destinataire. Il reste à comprendre le fonctionnement de ce couple énonciateur-destinataire dans la construction d'une dissertation: qui en est le destinataire? Comment l'élève parvient-il à identifier les positions de ce destinataire sur le thème à débattre?[11] (GOLDER; PERCHERON; POUIT, 1999, p. 108-109).

Essa abordagem não engessa o texto argumentativo em etapas a cumprir, mas referenda a observação de estratégias linguístico-discursivas que colaboram para que seja tomado pelo interlocutor como uma construção coerente, de onde emerge uma posição explicitada e ancorada por argumentos, numa dinâmica capaz de levar o interlocutor a tomar a leitura apresentada como convincente, mesmo que não aceite as ideias postas no texto. Ademais, vale observar que o produtor do artigo de opinião, por se responsabilizar integralmente tanto em relação ao conteúdo que aborda quanto em relação ao modo como faz essa abordagem, pode escolher a forma como quer apresentar suas ideias (MELO, 2003), pode desenvolver a argumentação sem seguir necessariamente o esquema prototípico da sequência argumentativa.

Considerando a orientação de Golder, Percheron e Puit (1999), na análise do *corpus*, não se observa o esquema prototípico do texto argumentativo. Procura-se verificar como o produtor lida com estratégias linguísticas que demarcam posicionamentos em relação ao conteúdo do texto e ao interlocutor, enfocando o processo de negociação deflagrado por modalizadores, considerando, então, a dimensão linguística de superfície no contexto de interação intersubjetiva viabilizada pelo artigo de opinião. A seguir, aprofunda-se a noção de negociação aqui considerada.

2.3 ESTRATÉGIAS DE NEGOCIAÇÃO: A INTERAÇÃO EM FOCO

Nesta subseção, tecem-se, inicialmente, considerações sobre o papel ativo do interlocutor; depois, focaliza-se o movimento de negociação no texto opinativo; por fim,

[11] "[...] não há uma boa maneira de argumentar; a natureza dos argumentos e a sua disposição não podem ser definidas de forma independente da situação em que o discurso será produzido, especialmente a posição do destinatário. Resta compreender o funcionamento da dupla enunciador-destinatário na construção de uma dissertação: quem é o destinatário? Como o aluno consegue identificar as posições de seus destinatários sobre o tema em debate?" (GOLDER; PERCHERON; POUIT, 1999, p. 108-109).

apresentam-se considerações sobre o papel dos elementos modalizadores na negociação viabilizada em textos dessa natureza.

2.3.1 O papel do interlocutor na construção do texto e do(s) sentido(s)

O interlocutor desempenha papel fundamental na produção do texto, direcionando a escolha do conteúdo que se vai verbalizar e da forma como isso será feito. Sobre essa questão, retomam-se aqui estudos de Bakhtin (2002, 2003), cuja teoria centra-se na essência dialógica da linguagem. O filósofo descreve como um dos princípios básicos da interação o fato de a palavra sempre proceder de alguém e se dirigir a alguém. Interessa aqui, mais especificamente, o elo que segue à produção do texto, uma vez que se está pontuando de forma mais específica a interlocução proposta pelo produtor tendo em conta seu interlocutor.

Bakhtin (2002) entende que a palavra é função da pessoa do interlocutor, e variará conforme variar o interlocutor. A presença deste é essencial para que a interação ocorra, ainda que na forma do representante médio do grupo ao qual pertence o locutor, pois, para o filósofo, não existe linguagem comum com um interlocutor abstrato.

Tal perspectiva sustenta uma das críticas de Bakhtin (2003) à Linguística do século XIX, que desconsidera o papel do interlocutor, tomado como um ouvinte passivo, em detrimento da centralidade do papel do falante, individual, e do objeto de sua fala. Contrapondo-se a essa concepção, o autor argumenta a favor do papel ativo do ouvinte, contexto em que se torna falante: "[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (lingüístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda e discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc." (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Essa posição responsiva do ouvinte se verifica tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita e orienta a produção do texto, uma vez que, com base em seu projeto de dizer, o produtor vai emoldurando seu texto para alcançar os efeitos perlocucionários pensados para aquela interação, ou, em termos bakhtinianos, esperando uma ativa compreensão responsiva: "desde o início [...] o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado [...] É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta" (BAKHTIN, 2003, p. 301).

Na teoria bakhtiniana, a interação é um dos aspectos que diferencia o enunciado[12] de palavras e orações: enquanto aquele tem como traço constitutivo o direcionamento a alguém, estas são impessoais, não são endereçadas a ninguém. Segundo o autor, tal endereçamento orienta a escolha tanto do gênero discursivo que vai mediar a interação quanto dos procedimentos composicionais e dos meios linguísticos que vão materializá-lo.

A perspectiva do endereçamento pode ser focalizada tendo em consideração o texto argumentativo, conforme propõe Petroni (2005):

> Considerando, então, o propósito discursivo de influenciar ou agir sobre o outro, numa perspectiva dialógica, o processo de produção do texto/discurso argumentativo envolve três componentes indissociáveis: o locutor, o interlocutor e a situação de produção. Dessa forma, para a produção de um discurso satisfatório, aquele que o produz deve instaurar-se como o locutor, ser responsável pela produção e, ao mesmo tempo, responsável por instaurar, necessariamente, o interlocutor, isto é, o *outro*, a partir do que supõe serem seus valores e suas crenças, inserindo ambos em uma situação de produção do objeto discursivo, quer oral, quer escrito (PETRONI, 2005, p. 121).

A autora considera que, para que um texto argumentativo seja aceito ou, pelo menos, considerado aceitável, o seu produtor precisa levar em conta as características da situação em que se encontra, contexto em que deve sempre antecipar tanto o discurso quanto as crenças, os saberes, os desejos e os valores de seus parceiros.

Golder, Percheron e Pouit (1999) também entendem que conhecer os interesses, as crenças e os argumentos do outro é um caminho necessário à apresentação de uma leitura que se faça a mais aceitável possível para o interlocutor. Para os autores, o que parece essencial para a admissibilidade do discurso é a capacidade do produtor de apreender os argumentos do outro. Tal apreensão vai guiar, em grande medida, a aceitação da leitura subjetiva que se constrói no texto e pelo texto. Segundo a interpretação dos autores, isso explica o fato de os argumentos utilizados pelos alunos geralmente envolverem valores sociais aceitáveis, como, por exemplo, o respeito à liberdade, haja vista a possibilidade de serem admitidos pelo parceiro da interação.

---

[12] A noção de 'enunciado' apresentada por Bakhtin (2003) difere daquela que tem norteado o uso desse termo em outros momentos deste trabalho, que segue a orientação de Ducrot (1987) (conforme especificado na nota de rodapé número 3, folha 8). Para Bakhtin, o uso da língua se realiza em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou outra esfera da atividade humana. Segundo o autor, os enunciados compreendem uma orientação apreciativa, carregam uma entonação, acentos valorativos e são definidos a partir de seus traços distintivos: além do direcionamento, citado no corpo deste texto, definem a noção de enunciado a alternância dos sujeitos do discurso: antes do início, o enunciado do outro, após seu término, os enunciados responsivos dos outros; a conclusibilidade (aspecto interno da alternância dos sujeitos): o falante disse tudo o que quis dizer em dado momento e sob dadas condições, já pode ser respondido; a relação do enunciado com o próprio falante e com outros participantes da comunicação discursiva: todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003).

Vigner (2002), considerando questões didáticas sobre a produção do texto opinativo, observa que a disposição dos argumentos no texto escrito pode variar em função da posição do produtor diante do problema colocado e do público ao qual se dirige, corroborando a ideia de que os recursos linguísticos são escolhidos pelo falante sob influência do destinatário e de sua resposta antecipada, para usar os termos bakhtinianos.

Essa consideração do outro na construção do texto leva o produtor a buscar estratégias de negociação que possibilitem tornar sua proposta aceitável. Não sendo o único agente da interação, precisa se assegurar de que a construção do texto argumentativo, contexto que em que ele próprio expõe-se de forma clara, alcançará o seu projeto de dizer, que é tornar válida, aceitável sua leitura sobre o tema abordado e, na medida do possível, enredar o interlocutor na teia argumentativa construída, de modo a fazê-lo partilhar da opinião expressa.

Vale observar que, embora seja enfatizada, neste trabalho, a relação dialógica entre os parceiros da interação, o artigo de opinião envolve diálogos outros. Sobre essa questão, cita-se a pesquisa de Rodrigues (2001), em que se considera que a orientação apreciativa nesse gênero se constrói pela relação dialógica particular de três instâncias enunciativas:

> [...] a posição da autoria, que funciona como um argumento de autoridade, e seus desdobramentos enunciativos; a relação com os enunciados já-ditos, que o autor aproxima ou distancia do seu discurso [...], com vistas à produção da orientação argumentativa; a relação com a reação-resposta ativa do leitor, objetivando refutar objeções, engajá-lo ao seu discurso e interpelá-lo à adoção de uma determinada atitude valorativa (RODRIGUES, 2001, p. vi).

Essas três instâncias – a posição de autoria, a relação com enunciados já-ditos e a relação com a reação-resposta ativa do leitor – estão envolvidas no processo de negociação e, em alguma medida, são perpassadas pela presença ativa do parceiro da interação. Para convencer o interlocutor, com quem trava debate, o produtor precisa antever sua reação-resposta e moldar o texto a partir da imagem que dele constrói. Para tanto, precisa relacionar conteúdos que sejam pelo menos parcialmente partilhados, de forma que a escolha dos enunciados já-ditos também é feita considerando o outro, uma vez que precisam ser de domínio comum para que a interação seja possível. E, ainda, se é em relação ao outro que o sujeito se constitui, a posição de autoria só tem fundamento nessa relação dialógica.

A negociação é orientada, em grande medida, pela escolha do gênero, que, conforme explica Rodrigues (2001), funciona como um horizonte de expectativas. Ao se relacionar com o discurso alheio, o leitor infere o gênero que molda a interação e, a partir desse conhecimento, posiciona-se em relação ao outro e ao discurso do outro.

Ao reconhecer o texto como um artigo de opinião, o leitor, conhecedor das condições enunciativas envolvidas na produção desse gênero, prepara-se para um diálogo envolvendo conceitos, ideias, juízos de valor; seu papel não se resume à interpretação linear do texto, pois a situação de interação exige certo posicionamento diante do debate proposto. Essa posição ativa é esperada pelo produtor, que tenta relacionar argumentos de forma a moldar a opinião do leitor em consonância com a sua própria perspectiva.

Tendo em conta o papel ativo do interlocutor na produção textual, passa-se, na sequência, a considerações acerca do processo de negociação no texto opinativo.

2.3.2 A negociação no texto opinativo

Considerar o papel do interlocutor na produção do texto implica o processo de negociação entre os participantes da interação, que, no caso de textos opinativos, envolve a tentativa de levar o interlocutor a aceitar a orientação argumentativa proposta. Esse processo é, segundo Golder (1996) e Golder e Coirier (1994, 1996), ao lado da justificação, característica necessária ao texto argumentativo: "[…] for the audience to accept an opinion a speaker must leave room for negotiation"[13] (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 272).

Para os autores, a justificação se refere a qualquer sentença que torne outra sentença mais aceitável; uma opinião é considerada justificada quando for apoiada por, pelo menos, uma outra afirmação, independentemente da relação (causalidade ou exemplificação, por exemplo) entre as duas afirmações. Os enunciados "Pollution is everyone's problem since we are all in danger of dying"[14] (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 274) e "We live in pollution. It's disgusting; just look at the could above Paris"[15] (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 274) apresentam, respectivamente, relação de causalidade e de exemplificação. Para os autores, um argumento é considerado aceitável se se baseia em valores coletivos ou gerais, como se verifica neste enunciado: "Pollution, what a problem! If we go on using aerosol cans, the

[13] "[...] para o público aceitar uma opinião, o falante deve deixar espaço para a negociação" (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 272).
[14] "A poluição é um problema de todos, uma vez que estamos todos em perigo de morrer" (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 274).
[15] "Vivemos em poluição. Isso é repugnante; basta olhar para a nuvem sobre Paris" (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 274).

planet will burst; we've already destroyed the ozone layer"[16] (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 274). A justificação permite que se construa uma teia de argumentos que se interconectam para construir a orientação argumentativa do texto.

A negociação, por sua vez, segundo Golder e Coirier (1994), pode ser visualizada, por exemplo, na distância que o produtor toma do conteúdo do texto, no uso de argumentos aceitáveis, que coadunam com um sistema de valor socialmente aceitável, e na incorporação de possíveis contra-argumentos. Golder (1996) acredita que esta última operação, a contra-argumentação, represente a forma mais sofisticada de negociação, pois requer que o locutor reconheça a possibilidade de entrecruzamento de discursos, levando-o a situar seu texto em um debate. Trata-se de estratégia que demanda a capacidade de descentração psicossocial, o que revela um estágio de amadurecimento na produção do texto argumentativo.

A justificação e a negociação são estratégias interdependentes[17], conforme avaliam Golder e Coirier (1996). Pode-se dizer, por exemplo, que o uso de uma expressão modalizadora como *É certo que*, tomada como estratégia de negociação, requer uma justificação que sustente o conteúdo que é modalizado no campo da necessidade epistêmica[18]; caso contrário, a possibilidade de negociar pontos de vista se enfraquecerá, ou mesmo se anulará. Ou, ainda, o recurso linguístico posto em cena com vista à adesão do interlocutor à leitura apresentada poderia resultar no afastamento do leitor do debate proposto, por este ser tomado como irrelevante, inadequado ou incoerente, por exemplo. Nesse sentido, a estratégia de justificação pode também ser entendida como uma forma de sustentar a negociação.

Observa-se que a definição de negociação apresentada por Golder (1996) e Golder e Coirier (1994), conforme posto acima, considera tanto o conteúdo selecionado para figurar no texto, quando a relacionam, por exemplo, ao uso de argumentos aceitáveis, quanto a forma como o produtor escolhe anunciá-lo, quando a relacionam à distância que o produtor toma do conteúdo do texto, por exemplo. Sem desconsiderar a validade dessa perspectiva de análise, uma vez que a escolha do que anunciar e da maneira de fazê-lo são estratégias interdependentes, neste trabalho, a atenção está voltada para as formas de enunciar.

---

[16] "Poluição, que problema! Se continuarmos usando latas de aerosol, o planeta vai estourar; nós já destruimos a camada de ozônio" (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 274).

[17] Apesar de tomar as duas estratégias em questão como complementares, vale ressaltar que Golder e Courier (1996) entendem que há uma diferença relevante no desenvolvimento dessas duas operações: "Justification is much less complex linguistically than negotiation and is mastered early. Negotiation calls for complex linguistic operations, such as counterarguments and complex management of discourse, since the speaker must incorporate a dialogue mode into a monologal activity (GOLDER; COURIER, 1996, p. 273). ("A justificação é linguisticamente muito menos complexa do que a negociação e é dominada cedo. A negociação envolve operações linguísticas complexas, como contra-argumentos e gerenciamento complexo do discurso, uma vez que o falante precisa incorporar um modo dialógico em uma atividade monológica").

[18] As noções de possibilidade e necessidade epistêmica são abordadas na próxima seção, Subseção 3.3.1.

Assim, foca-se a ideia apresentada por Golder e Coirier (1996) de que a negociação pode ser medida principalmente pela presença de marcadores de endosso do falante (*penso que, acredito que, dizem, acho que* etc.), de expressões de certeza/incerteza (*certamente, provavelmente, talvez* etc.) e de formas axiológicas (*é bom, é estúpido* etc.), estas últimas não consideradas nas análises por serem pouco recorrentes no *corpus*. A essa lista, propõe-se acrescentar as marcas linguísticas que veiculam noções deônticas, que podem trazer nuances diversas, sendo consideradas, neste trabalho, as noções de necessidade e sugestão (*deve, pode* etc.).

Seguindo, então, a perspectiva de Golder e Coirier (1996), pode-se recorrer à descrição de negociação apresentada por Petroni (2005): diz respeito à forma como o produtor do texto relaciona recursos linguísticos,

> [...] manipulando-os para influenciar seu interlocutor e, se possível, levá-lo a aceitar seu ponto de vista. É esse o espaço, portanto, da articulação entre a subjetividade e a alteridade, no qual se consolidam as diversas vozes que compõem um texto/discurso argumentativo (PETRONI, 2005, p. 123).

Essa interpretação está assentada na natureza interativa da linguagem e no papel ativo de ambos os interlocutores, o que implica considerar os elementos linguísticos não apenas como recursos usados para transmitir informação, mas também como mecanismos de pressão e de persuasão sobre o outro, de quem se procura deter a atenção (PAULIUKONIS, 2003), sobre quem se tenta agir, direcionando-o para determinadas conclusões.

Entre os elementos linguísticos mobilizados no texto para orientar a negociação, este trabalho destaca o papel dos modalizadores. Vale ressaltar que outras formas linguísticas também podem guiar a interlocução e demarcar a tentativa do produtor de estabelecer negociação com o interlocutor. Porém, considerando que uma análise abrangente de forma aprofundada demandaria maior tempo de pesquisa, toma-se como foco a negociação viabilizada por elementos modalizadores *stricto sensu*, por se considerar que tais expedientes linguísticos evidenciam os movimentos de negociação. De forma subsidiária, consideram-se estratégias outras dadas no cotexto dos parágrafos selecionados para análise.

Sintetizando o conteúdo abordado nesta seção, observa-se que as perspectivas teóricas até aqui apresentadas acenam para o texto como resultado de uma atividade sociointerativa (BAKHTIN, 2002; MARCUSCHI, 2008). A linguagem movimenta a produção de sentido(s) situadamente, de maneira que a análise daquilo que emerge na superfície linguística requer a

consideração da situação concreta de interação social, tendo em conta, entre outros aspectos, o triângulo locutor-interlocutor-situação de troca (PARRET, 1988).

A produção do texto, então, configura-se como uma atividade intersubjetiva, uma vez que é na interação produtor-texto-leitor, em dada situação sociocomunicativa, que o sentido é construído. O texto é estrategicamente organizado pelo produtor em conformidade com as intenções que movimentam a interação (KOCH, 2003ª), que motivam a busca por estratégias linguísticas diversas que possam fazer valer seu projeto de dizer. A escolha do que dizer e da forma como fazê-lo é direcionada, entre outros aspectos, pela imagem que o produtor constrói do interlocutor, antes mesmo de interpelá-lo à interação, e pela expectativa de sua atitude responsiva (BAKHTIN, 2002, 2003).

Dado que o projeto de dizer integra toda atividade verbal, resultando em ações linguísticas propriamente ditas, pressupõe-se que a linguagem não pode ser usada de forma neutra, objetiva. No entanto, entende-se que a orientação argumentativa pode se apresentar no texto de forma mais ou menos explícita, a depender do projeto de dizer envolvido em cada situação interlocutiva. Num *continuum* argumentativo (KOCH; FÁVERO, 1987), o artigo de opinião, por ser guiado pela finalidade discursiva de manifestação de pontos de vista, localiza-se entre os textos que apresentam alto grau de argumentação.

Considerando a interação mediada por esse gênero, o texto argumentativo pode ser definido como um texto baseado em opinião no qual o produtor toma uma postura particular frente a um tema e tenta convencer o interlocutor a adotar tal posição (GOLDER; COIRIER, 1996). Argumentar, então, significa valer-se de estratégias linguísticas suficientes e adequadas para o êxito dos intentos do produtor (OSAKABE, 1977): modular a opinião do interlocutor conforme as representações da realidade propostas no texto.

A negociação, nesse contexto enunciativo, diz respeito à forma como o produtor relaciona recursos linguísticos, manipulando-os para agir sobre o interlocutor, orientando a produção de sentido(s) a partir de sua posição sobre o tema abordado (GOLDER, 1996; GOLDER; COIRIER, 1994, 1996; PETRONI, 2005).

3 ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE MODALIZAÇÃO E MODALIZADORES

Nesta seção, consideram-se encaminhamentos teóricos sobre noção de modalização e modalizadores conforme estudos propostos por estudiosos da Linguística. O enfoque se assenta no objetivo de avaliar, numa perspectiva semântico-discursivo-pragmática, usos de modalizadores em textos produzidos por alunos do Ensino Médio.

Inicia-se a abordagem com trabalhos que apontam o lugar da modalização nos estudos linguísticos; na sequência, apresentam-se as noções de modalização adotadas neste trabalho e os eixos considerados na análise: epistêmico e deôntico; por fim, fazem-se considerações sobre os modalizadores como estratégia de negociação.

3.1 O LUGAR DA MODALIZAÇÃO NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Nesta subseção, abordam-se algumas dissensões entre a Lógica e a Linguística e entre a tradição gramatical e a Linguística no tratamento da modalização, com o fim de delinear a perspectiva teórica aqui assumida.

3.1.1 Da Tradição Clássica à Linguística: caminhos diversos no tratamento da modalização

A Linguística herdou alternativas de descrição e conceituação produzidas no âmbito da Lógica Modal (PAULILLO, 1987). Sistemas análogos ao da modalidade lógica, no que se refere ao conhecimento que se tem dos estados de coisas, foram construídos, resultando em outros dois eixos conceituais: o do conhecimento/da crença, *epistêmico*, e o da conduta, *deôntico* (PARRET, 1988).

Porém, apesar de se cruzarem[19], os dois campos também se distanciam, uma vez que as descrições propostas no mundo da Lógica raramente recobrem o funcionamento das línguas naturais, conforme avalia Campos (1997). Para exemplificar essa análise, a autora cita a seguinte descrição: "se a proposição 'p' é necessária então a proposição 'p' é verdadeira" (CAMPOS, 1997, p. 135), coerente no campo da lógica modal alética[20]. Esta, conforme Neves (2006), define-se segundo as "relações de verdade que se estabelecem entre as proposições em si e algum universo de realização" (NEVES, 2006, p. 157), refletindo a escala que vai do necessário ao impossível, passando pelo possível e pelo contingente.

Campos (1997) observa que a descrição acima posta não se aplica à análise de línguas naturais, argumentando que a noção de necessário tem no verbo *dever* um de seus marcadores linguísticos nas línguas naturais; porém, nesse campo, tal elemento é interpretado de forma diversa se comparado ao contexto da Lógica, conforme ilustra este exemplo:

[b] o João **deve** estar em casa (CAMPOS, 1997, p. 135).

Segundo a autora, nesse caso, o modalizador tem valor epistêmico, que é resultado da análise dos fatos a partir da perspectiva do locutor, e não a partir do conhecimento direto do mundo de referência apresentado no texto.

Da mesma forma, diz a autora, a descrição apresentada anteriormente também não pode ser transponível para o domínio da modalidade deôntica, se se quer interpretar a propriedade da necessidade lógica como uma propriedade da necessidade moral ou jurídica, como se pode observar no enunciado a seguir:

[c] o João **deve** estudar para passar o ano (CAMPOS, 1997, p. 136).

O valor de necessidade manifesta nesse caso não implica que João estude ou venha a estudar, conforme pondera a autora.

Tais considerações resultam na interpretação de que a noção de modalidade alética é pouco produtiva no estudo de línguas naturais, segundo apontam Campos (1997) e Neves (2006), uma vez que é pouco provável que um conteúdo atualizado num ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento e julgamento do falante (NEVES,

[19] Análises mais detalhadas a esse respeito são encontradas em trabalhos diversos, tais como Cervoni (1989), Paulillo (1987) e Koch (2002a), por exemplo.
[20] Também conhecida como modalidade *ontológica* ou *aristotélica* (KOCH, 2002a).

2006), o que significa, portanto, uma dimensão de sentidos mais aberta, mais propensa ao contexto ou a outras variáveis, inclusive aquelas vinculadas ao processo de leitura.

Campos (1997) entende que a modalidade alética pode ser aplicada em casos específicos, como quando 'p' for a expressão de uma lei física, de uma lei da natureza, por exemplo. Neves (2006), por sua vez, recorre aos enunciados a seguir para exemplificar casos de possibilidade alética e necessidade alética, respectivamente, considerando a verdade necessária ou contingente das proposições:

> [d] A água **pode** ser encontrada em estado sólido, líquido ou gasoso (NEVES, 2006, p. 159).
>
> [e] Mas, se a Terra é uma bola e está girando todo dia perto do Sol, não **deve** ser verão em toda a Terra? (NEVES, 2006, p. 159).

Interpretados como expressão da modalidade alética, pode-se dizer que a relação predicativa modalizada corresponde à predicação de uma propriedade definitória, para usar os termos empregados por Campos (1997). Porém, os exemplos trazidos em [d] e [e] podem ser questionados como predicadores de propriedade definitória. O enunciado [d] só pode ser tomado como representação de dada realidade se se considerarem certos contextos geo-históricos e certas situações climáticas, mas não outros. Tendo em conta a era glaciar, por exemplo, a possibilidade alética não seria adequada para descrever o estado sólido da água, de forma que o enunciado deveria estar revestido da noção de necessidade alética. E se todo o sistema solar for tomado como universo de referência, nem a possibilidade nem a necessidade aléticas seriam adequadas, uma vez que, além da Terra, poucos são os planetas onde se identificou a possibilidade de presença de água. Mesmo essa interpretação poderia passar a ser tomada como errônea, considerando que os estudos científicos podem alcançar resultados diferentes daqueles até agora publicados.

O exemplo [e] também pode ser questionado. A noção de necessidade alética está, nesse caso, diretamente relacionada a uma interpretação subjetiva, que, inclusive, apresenta-se em conflito com o que é hoje conhecido sobre as estações do ano, de forma que não se pode dizer que o conteúdo modalizado possa refletir uma verdade não filtrada pelo produtor do texto. Além disso, a oração modalizada se relaciona com uma oração condicional, na qual são mobilizados conceitos também subjetivos: *uma bola* e *perto*, por exemplo, refletem dada interpretação que poderia ser questionada como representação da realidade.

Em outras palavras, mesmo aqueles enunciados apresentados como exemplo da modalidade alética em uma língua natural parecem não refletir os valores de verdade das

proposições, considerando que a própria verdade é uma construção subjetiva. É nesse sentido que se pode dizer, conforme Castilho e Castilho (1992), que, em qualquer situação comunicativa, há sempre uma avaliação prévia do falante[21] sobre o conteúdo que vai veicular.

Essa posição encontra apoio em Neves (2006), que põe em dúvida a possibilidade de existirem enunciados não modalizados: "se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não-modalizados" (NEVES, 2006, p. 152). A autora diz, ainda, que, do ponto de vista comunicativo-pragmático, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, uma vez que não se concebe que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos da verdade do fato expresso e de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca.

Também Parret (1988) entende que um mundo possível não pode ser um referente sem qualquer intermediação psicológica ou sem algum impacto de faculdades psicológicas, como a imaginação ou a construção de conceitos. A expressão de uma possibilidade, por exemplo, depende dos conhecimentos que o locutor possui. Esse autor observa que, no caso das línguas naturais, além de a modalidade se inclinar mais para ser epistêmica ou deôntica, os enunciados que são epistêmicos ou deônticos são antes subjetivos do que objetivos.

Como lembra Koch (2002a), mesmo Aristóteles advertia que os enunciados de uma ciência nem sempre são simplesmente verdadeiros, uma vez que, muitas vezes, formulam-se como necessariamente verdadeiros ou como possivelmente verdadeiros, de modo que a necessidade e a possibilidade modificam o sentido da simples verdade.

Esse entendimento levou à ampliação do conceito de modalidade para que fosse aplicado também às determinações que se inscrevem no registro do *saber* e do *dever*. Neves (1996) entende que, por se prestarem bem a uma investigação linguística de enunciados reais de uma língua, os eixos *epistêmico* e *deôntico* correspondem à modalização linguística *stricto sensu*.

Parret (1988) observa que, com as noções implicadas nesses dois eixos, revelou-se possível estudar os sistemas de modalidades a partir de uma lógica extensional. Porém, no âmbito da Linguística, e, em especial, da Pragmática, essa perspectiva de análise pode ser sobreposta por outra, conforme propõe o autor: não limitar a análise das modalidades às chamadas atitudes proposicionais, mas considerá-las como atitudes (ou atos) ilocutórias. Para

[21] Como aqui se recorre a pesquisas que lidam com textos produzidos na modalidade oral – como as apresetadas por Castilho e Castilho (1992) e Neves (1996) –, é pertinente esclarecer que, neste trabalho, os termos 'falante' e 'ouvinte' são usados para referenciar os usuários da língua em qualquer das modalidades, falada ou escrita.

explicar as características de um ato ilocutório, o autor apresenta a seguinte análise contrastiva:

> O ato proposicional é um ato de referência e de predicação, e, pois, dominado por restrições ontológicas e epistemológicas, enquanto que o ato ilocutório é constituído de uma certa realidade e, além disso, motivado pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções, não insondáveis e escondidas mas classificáveis e "convencionalizadas" (PARRET, 1988, p. 80).

Um ato de fala, segundo Koch (2002a), retrata uma atividade intencional do locutor no sentido de levar o destinatário a determinados tipos de comportamento ou a atuar sobre ele de determinado modo. Koch (2003b) observa que a interação por meio da linguagem sempre envolve a produção de "um enunciado linguístico dotado de certa força que irá produzir no interlocutor determinado(s) efeito(s)" (KOCH, 2003b, p. 19). Tal força é marcada pelos atos ilocutórios, e só pode ser deduzível segundo as condições gerais em que o enunciado é produzido (KOCH, 2003b).

A abordagem da modalidade como um ato ilocutório distancia ainda mais os estudos da Lógica e da Linguística e pode apresentar rupturas também entre esta e estudos tradicionais da Gramática, enfraquecendo, por exemplo, a dicotomia *dictum vs. modus*. Essas categorias, propostas por gramáticos da Idade Média e ainda presentes nas gramáticas tradicionais que chegam aos dias atuais, estão embasadas, conforme Ducrot (1993), na oposição entre objetividade e subjetividade, entre a descrição das coisas e a tomada de posição perante essas coisas, ou perante a descrição que delas é dada.

Segundo descrição de Castilho e Castilho (1992), a tradição gramatical apresenta a seguinte definição para *dictum* e *modus*: o primeiro é constituído de *sujeito* + *predicado*; o segundo se refere à qualificação do conteúdo proposicional, de acordo com o julgamento do falante.

Na análise das línguas naturais, essa teoria nem sempre é facilmente aplicada; em alguns casos, torna-se difícil visualizar um limite entre a camada modal e aquela que concerne ao conteúdo proposicional, para usar os termos de Dascal (1986). Para o autor, a enunciação de qualquer frase transmite a seu ouvinte uma "significação" que vai além do que é geralmente descrito como "significado" da frase. As diferenças entre esses dois níveis são assim explicadas:

> Enquanto que o significado está normalmente confinado ao 'conteúdo proposicional' da frase, sua significação inclui muitos outros fatores, além desse mesmo conteúdo proposicional: o motivo da enunciação [...], a força ilocucionária[22] do enunciado, o grau de envolvimento do falante ao que ele disse [...] as mensagens indiretas tais como as 'implicações conversacionais' – que o enunciado pode ou não (intencionalmente) transmitir, as informações não-intencionais sobre o falante e suas crenças que possam ser inferidas a partir do enunciado, etc. (DASCAL, 1986, p. 200).

Segundo o autor, a "significação" de uma enunciação, apesar de incluir uma série de fatores que são, de certa maneira, indeterminados, é razoavelmente bem estruturada, à maneira de uma cebola. Os diversos fatores mencionados constituem as "camadas" da significação, que se dão, basicamente, em três planos:

> As mais internas são as que estão relacionadas com o 'conteúdo proposicional' e são normalmente explicadas pela semântica, enquanto as mais externas (i.e. as relacionadas às implicações conversacionais) têm sido tradicionalmente associadas à pragmática. Naturalmente, tem havido muitas discussões sobre as camadas intermediárias (i.e. força ilocucionária) e até o momento não há consenso se elas pertencem à semântica ou à pragmática (DASCAL, 1986, p. 200).

Apesar de considerar a necessidade de se identificarem as diferentes camadas para que uma enunciação seja "totalmente" entendida, Dascal (1986) deixa margem à interpretação de que não é possível estabelecer um limite fixo entre os diferentes níveis ao admitir que o mal-entendido (que é seu objeto de estudo), como o entendido, resulta da interação entre as diferentes camadas.

Essa análise pode ser empregada em outros casos, quando se observa que a camada *modal* e a referente ao *conteúdo proposicional* podem estar imbricadas, especialmente quando não se tem na frase marcas dêiticas do locutor (VION, 2004). Tomem-se para análise os seguintes enunciados:

> [f] Je suis certain que le bonheur existe[23] VION, 2004, p. 98).
>
> [g] II est certain que le bonheur existe[24] (VION, 2004, p. 98).

Enquanto em [f] há uma marcação dêitica do locutor, em [g], ela não é atualizada, o que não significa dizer que o locutor não se faça perceber no texto, conforme analisa Vion (2004). Embora os dois enunciados representem, respectivamente, um *modus* com marca

[22] Alguns autores usam o termo ilocutório(a); outros, ilocucionário(a). Neste trabalho, salvo em caso de citação direta, opta-se pela primeira forma, conforme apresentado na tradução de Parret (1988).
[23] [f] "Estou certo de que a felicidade existe" (VION, 2004, p. 98).
[24] [g] "É certo que a felicidade existe" (VION, 2004, p. 98).

dêitica do locutor e um *modus* caracterizado por seu apagamento enunciativo, pode-se aplicar a análise de Vion (2004, p. 98): "dans les deux cas, la présence du locuteur est manifeste puisque c'est lui qui réagit au dictum en l'inscrivant dans l'univers de la certitude"[25]. Nessa perspectiva, pode-se dizer, conforme Parret (1988), que são poucas as asserções que podem ser descritas como modalmente neutras, uma vez que elas implicam comprometimento epistêmico.

Assim, em conformidade com Vion (2004), pode-se questionar a ideia de que *modus* e *dictum* invoquem atividades diferenciadas envolvidas na construção de um enunciado, como se o falante reagisse a uma representação construída por ele em seu próprio texto. Para o autor, a ideia tradicional de que o *dictum* retrataria uma forma impessoal que expressa diretamente o mundo, independente do assunto – o que significa dizer que o representa objetivamente –, não é válida, porque a produção de um enunciado, ainda que sem marcação dêitica do locutor, constitui um acontecimento cuja existência e cuja interpretação estão a ele relacionadas, bem como ao contexto discursivo de que participa.

Essa análise é sustentada pelo seguinte pressuposto: "C'est que je crois les mots de la langue incapables, de par leur nature même, de décrire une réalité"[26] (DUCROT, 1993, p. 128). Conforme analisa Vion (2004), não se trata de negar que os enunciados se refiram a situações, mas sim que aquilo que tais enunciados dizem a propósito das situações seja da ordem da descrição; mais do que isso, mostram tomadas de posição acerca do conteúdo dito. Essa interpretação é apoiada em Ducrot (1993):

> Ce qu'on appelle *idée, dictum, contenu propositionnel* n'est constitué par rien d'autre, selon moi, que par une ou plusieurs prises de position. Dire que le fruit est délicieux, que le sermon est monotone, que le restaurant est bon, que Pierre est intelligent, cela consiste seulement à exprimer certaines attitudes vis à vis des objets dont on parle[27] (DUCROT, 1993, p. 128).

Nesse viés de análise, qualquer enunciado produzido em uma língua natural expressa uma visão de mundo transmitida (DUCROT, 1993). O apagamento do eu por construções impessoais, como observado em [g], é estratégia argumentativa usada pelo produtor para fazer

[25] "Nos dois casos, a presença do locutor é manifesta, já que ele responde ao *dictum* ao inscrevê-lo nos universos da certeza" (VION, 2004, p. 98).
[26] "Acredito que as palavras da língua são incapazes, por sua própria natureza, de descrever uma realidade" (DUCROT, 1993, p. 128).
[27] "O que se chama *ideia, dictum, conteúdo proposicional* não consiste em outra coisa senão, penso eu, em uma ou mais tomadas de posição. Dizer que a fruta é deliciosa, que o sermão é monótono, que o restaurante é bom, que Pedro é inteligente consiste apenas em exprimir certas atitudes em face dos objetos de que se fala" (DUCROT, 1993, p. 128).

parecer seu discurso como o enunciado de relações necessárias entre as coisas, e não o discurso de um sujeito, resultando no apagamento de marcas da enunciação, conforme avalia Parret (1988). Conforme o autor, "um enunciado tal como A terra gira à volta do sol (ou *É verdade que...*) esconde o suporte enunciativo *Eu digo que..., Eu acho que..., Eu tenho a certeza que...*" (PARRET, 1988, p. 75).

Para Vion (2004), as escolhas lexicais, a orientação discursiva proposta e a existência de um investimento multimodal para além das formas estritamente linguísticas conferem ao *dictum* uma dimensão necessariamente subjetiva; nesse sentido, o autor assume uma posição oposta de uma concepção do *dictum* como forma lógica de um enunciado dentro de uma problemática de valores de verdade, e afirma: "[...] modus et dictum constituent donc deux types de réalité, obligatoires et complémentaires, présentes dans tout énoncé"[28] (VION, 2004, p. 100).

Em conformidade com Vion (2004), neste trabalho, opta-se por não considerar a distinção *dictum vs. modus* segundo propõem a tradição gramatical. Mesmo tendo optado por centrar a atenção em elementos modalizadores *stricto sensu*, a decisão por refutar essa dicotomia encontra respaldo no fato de tais elementos nem sempre serem apresentados numa camada externa ao *dictum*, se considerada a concepção tradicional. É o que se verifica, por exemplo, no enunciado [g], abaixo repetido, cuja carga modalizadora centra-se no próprio predicado nominal:

> [g] **Il est certain** que le bonheur existe (VION, 2004, p. 98).

O parágrafo a seguir, retirado do *corpus*[29], também ilustra essa análise:

> [h] **Sabe-se** da impresindível importância dos rios voadores e das florestas para o mundo. E que a Amazônia produz a maior parte de sua própria chuva, essa foi a descoberta do projeto LBA. As florestas emitem vapores orgânicos para a atmosfera, que funcionam como sementes de nuvens. (Parágrafo 92, Texto 25)

Os elementos destacados em [g] e [h] são aqui tomados como modalizadores por apresentarem o conteúdo proposicional sobre o qual recai a modalização como algo inconteste, como se fosse de conhecimento público. Explicita, então, a avaliação do produtor

[28] "[...] "Modus e dictum constituem, pois, dois tipos de realidade, obrigatórios e complementares, presentes em todo enunciado" (VION, 2004, p. 100).
[29] Os parágrafos que constituem o *corpus* são transcrições *ipsis litteris* dos textos produzidos pelos alunos.

do texto em relação ao dito e a intenção de fazer o interlocutor acreditar no mesmo em que ele acredita, ou apresenta acreditar.

Segundo a tradição gramatical, não se poderia pensar em um *modus* nesses dois casos, pois as expressões em destaque constituem, respectivamente, o predicado nominal e o núcleo do predicado verbal, o que significaria tomá-las como parte do *dictum*.

Assim, reafirma-se a decisão de não considerar as barreiras fixadas pela tradição gramatical por se verificarem contextos em que elas não são aplicáveis, se considerada uma perspectiva semântico-discursivo-pragmática na análise de textos.

Essa discussão sobre a dicotomia *dictum vs. modus* pode ser atrelada a outra, que considera as noções de *modalidade* e *modalização*. Esse assunto é abordado na subseção seguinte, ainda seguindo o intuito de definir a perspectiva teórica que sustenta esta pesquisa, bem como as escolhas metodológicas que orientam seu desenvolvimento.

3.1.2 Modalidade *vs.* modalização

Conforme Castilho e Castilho (1992), a tradição gramatical explicita que o julgamento do falante acerca do conteúdo proposicional, apresentado pelo *modus*, pode ser expresso de duas formas:

> (1) o falante apresenta o conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não-polar) e jussiva (imperativa ou optativa); (2) o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo (CASTILHO; CASTILHO, 1992, p. 201).

Castilho e Castilho (1992) explicam que, em geral, a estratégia (1) é designada *modalidade*, e a estratégia (2), *modalização*. Contudo, os autores questionam essa distinção, argumentando que, em qualquer uso que se faz da linguagem, há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo que vai veicular, o que resulta na escolha em afirmar, negar, ordenar, permitir, expressar certeza ou dúvida sobre esse conteúdo etc.

Nesta pesquisa, entende-se ser metodologicamente pertinente uma distinção entre modalidade e modalização, considerando que essas categorias dizem respeito a estratégias linguísticas distintas. Porém, em concordância com a argumentação posta no parágrafo

anterior, considera-se que tanto uma quanto a outra expressam o relacionamento do produtor do texto com o conteúdo proposicional, e, ainda, com o interlocutor.

Ressalta-se que alguns dos autores consultados, como Parret (1988), Palmer (2001), Neves (2006), Miranda (2005) e Campos (2001), por exemplo, tomam o termo modalidade como correspondente ao que aqui se toma por modalização. Portanto, a proposta de distinção entre as duas categorias não leva em conta a descrição de modalidade dada por esses autores, mas se assenta na definição dessa categoria conforme explicitada por Castilho e Castilho (1992), que pode ser traduzida pela expressão "modalidades de frase" (CERVONI, 1989, p. 74).

Toma-se como orientação basilar para a distinção das categorias em questão o estudo de Vion (2005), cujo entendimento é de que a modalidade acompanha obrigatoriamente um enunciado, correspondendo à reação subjetiva do locutor em face do conteúdo do texto. Vale observar que a opção por diferenciar modalidade de modalização não implica a retomada das teorias tradicionais que apresentam em campos opostos *dictum* e *modus*.

Segundo a perspectiva de Vion (2005), a modalidade diz respeito a aspectos mais gerais, como as modalidades de frase, relacionadas aos tipos de frase empregados, citados anteriormente na voz de Castilho e Castilho (1992). Também entrariam nessa categoria noções como a dicotomia *realis vs. irrealis*. Conforme Palmer (2001), numa descrição geral, pode-se dizer que a categoria *realis* diz respeito a enunciados factuais, a situações atualizadas, que podem ser acessadas por meio da percepção direta; a categoria *irrealis* retrata situações não atualizadas, que estão no terreno do pensamento, do conhecimento e da imaginação. Trata-se de uma dicotomia que está diretamente relacionada às categorias tempo e modo verbais, embora não se resumam a elas. Tomem-se para análise dois títulos dos textos de onde se coletou o *corpus* desta pesquisa:

[i] A CHAVE È FISCALIZAR (Texto 31)

[j] FISCALIZAR **PODE** SER UMA BOA SOLUÇÃO (Texto 6)

Em conformidade com Palmer (2001), observa-se, no primeiro caso, a atualização da modalidade *realis*, com uma asserção que pretende representar uma dada realidade, ainda que seja formulada no domínio da opinião. Em [j], ao contrário, atualiza-se um enunciado não factual, que apresenta uma dada realidade cuja concretização depende de outros fatores, não explicitados no título em questão; tem-se aí um caso de modalidade *irrealis*.

Entende-se que a escolha por dada forma de enunciar um conteúdo é relevante para a observação de como o produtor do texto manipula as estruturas e os elementos linguísticos que tem à disposição para pôr em cena o seu projeto de dizer. Na análise da orientação argumentativa e da relação interlocutiva proposta em um texto, a observação de aspectos como tempo e modo verbal e das noções de *realis* e *irrealis* parece ser produtiva. A título de exemplificação, pode-se citar um aspecto significativo relacionado à dimensão linguística de superfície (KOCH; FÁVERO, 1987) dos textos argumentativos *stricto sensu*: o tempo/modo verbal predominante é o presente do indicativo.

Diferente da modalidade, que obrigatoriamente é atualizada em qualquer contexto de uso da linguagem, a modalização retrata um fenômeno particular, que pode aparecer ocasionalmente em um enunciado, conforme analisa Vion (2005). Essa interpretação é reforçada por Bronckart (2009, p. 334), que explica: "enquanto alguns textos estão saturados de unidades de modalização, em outros, essas mesmas unidades são raras ou ausentes". Para esse autor, que considera a modalização uma forma concreta de realização de posicionamento, a recorrência à estratégia em tela parece se relacionar ao gênero do texto:

> [...] as unidades de modalização poderão, por exemplo, estar quase ausentes em algumas obras enciclopédicas, em alguns manuais científicos, ou ainda em alguns "*faits divers*", na medida em que os elementos constitutivos do conteúdo temático desses textos podem ser apresentados como dados absolutos ou "subtraídos à avaliação" (*grau zero* da modalização); ao contrário, essas unidades poderão ser freqüentes nos artigos científicos, nos manuais de história, nos panfletos políticos, etc., já que, nestes, os elementos do conteúdo temático são objeto de debate, de discussão, e, portanto, de avaliação (BRONCKART, 2009, p. 334).

Se o tipo frasal e o modo verbal escolhidos revelam posições assumidas – o que se pode medir, por exemplo, pelo não engajamento comumente associado ao subjuntivo e, ao contrário, pelo engajamento demarcado pelo modo indicativo, ou, ainda, pela deonticidade relacionada ao modo imperativo –, um ou outro tipo de frase e uma e outra forma verbal precisam ser selecionados pelo falante. A relativa liberdade do produtor do texto se limita, assim, à escolha do tipo frasal e do modo verbal que serão atualizados. Ainda que possa fazer escolha entre as formas de dizer, não pode fugir das possibilidades dadas pelo sistema reconhecido pela comunidade linguística e não pode deixar de escolher uma ou outra forma de fazê-lo.

Entende-se que o mesmo não ocorre com os modalizadores *stricto sensu*, que, em geral, tomam lugar no enunciado a partir da escolha do falante em externalizá-los, quando poderiam ser omitidos. Há sempre outras formas de apresentar certo conteúdo proposicional,

inclusive sem recorrer a tais elementos; mas cada uma delas carrega nuances específicas, que podem direcionar de maneira diversa a construção do(s) sentido(s) e a interlocução pretendida.

Segundo essa análise, tem-se em [i], *A chave è fiscalizar*, um enunciado não modalizado, enquanto em [j], *Fiscalizar **pode** ser uma boa solução*, há uma marca explícita de modalização: o verbo modal em destaque, que traz à cena a noção de possibilidade epistêmica.

Enunciados como o representado em [j], em que figuram modalizadores *stricto sensu*, guiam a seleção do *corpus* desta pesquisa. Porém, embora, por uma escolha metodológica, a modalidade não constitua foco central deste trabalho, ela é considerada na análise, ainda que de forma secundária, uma vez que é também responsável por explicitar a forma como o produtor se relaciona com o conteúdo do texto e com o interlocutor, atuando, portanto, no processo de negociação. Tome-se, para exemplo, o parágrafo a seguir, parte do *corpus* desta pesquisa:

> [k] Todos já **sabemos que** a Amazônia ao longo de um periodo, vem sendo desmatada sem piedade. Diante dessa realidade os governantes **deveriam** tentar acabar com o desmatamento, **deveriam** investir maiores custos em fiscalização na Amazônia, contratar mais fiscais, promover palestras para que a sociedade saiba o que a Amazônia é capaz de produzir. (Parágrafo 01, Texto 01)

Estão em destaque os elementos modalizadores. O primeiro, uma expressão que indica necessidade epistêmica, explicita a vontade do produtor de assumir a responsabilidade pelo conteúdo modalizado, que é tomado como verdade e como se esta fosse compartilhada com o leitor, o que se evidencia não apenas na escolha lexical, mas também no uso do presente do indicativo e da pessoa do verbo. Trata-se de uma primeira manobra, considerando o nível do parágrafo, que visa a criar condições para a aceitação do conteúdo dado no segundo período. O produtor busca primeiro garantir que uma dada realidade seja aceita pelo leitor para só depois apresentar uma avaliação a respeito dessa realidade, considerada já acertada entre os parceiros da interlocução.

Os outros dois modalizadores, do eixo deôntico, veiculam a ideia de obrigação. Ao mesmo tempo, o uso do futuro do pretérito do indicativo encaminha outras leituras: apresenta uma crítica, uma vez que aciona o pressuposto de que as obrigações expressas não estão sendo cumpridas; revela que o produtor não assume integralmente o conteúdo da mensagem, protegendo-se da responsabilidade envolvida no uso do presente do indicativo, por exemplo; ao mesmo tempo, a orientação acionada pelo futuro do pretérito em verbos deônticos

promove aparente enfraquecimento da ordenação. A modalidade de frase, então, retrata uma manobra que visa a criar condições para a aceitação do conteúdo dado. Ao apresentar sua leitura de modo mais ou menos incisivo, o produtor indica ao interlocutor uma interpretação dada como necessária ou como possível, respectivamente, e espera que este se posicione a partir desse encaminhamento.

Além das estratégias ligadas à noção de modalidade e de modalização, outros recursos podem ser postos em cena para demarcar a orientação argumentativa e interlocutiva proposta no texto. No parágrafo citado anteriormente, observa-se que o uso do pronome indefinido *todos*, do advérbio *já* e da expressão nominal *essa realidade*, por exemplo, atuam na direção de apresentar o conteúdo modalizado como um fato de conhecimento público, inquestionável, criando condições para o aparecimento da proposta de ações orientada pelos verbos deônticos. A escolha lexical do verbo *tentar*, por sua vez, vai em direção contrária, explicitando a intenção do produtor de não parecer incisivo na leitura apresentada.

Da mesma forma que a modalidade, esses outros recursos que não se enquadram na categoria de modalização *stricto sensu*, embora não constituam o foco central da análise, são aqui considerados como manobras de negociação. Parte-se do entendimento de que os movimentos de negociação são evidenciados por elementos modalizadores, mas podem ser sustentados, reforçados ou remodelados por estratégias linguísticas outras dadas no cotexto.

3.2 NOÇÕES DE MODALIZAÇÃO ADOTADAS

A proposta de analisar um *corpus* produzido numa situação real de interlocução a partir de uma perspectiva que não se limite às relações lógicas e sintáticas, mas que, além do significado da frase, considere a significação proposta no texto, para usar os termos de Dascal (1986), implica considerar o *dictum* como uma representação mais ou menos exteriorizada pelo relato do locutor (VION, 2004), conforme exposto anteriormente, e adotar a proposta de Parret (1988) de ultrapassar as definições e classificações das teorias gramaticais clássicas a respeito da modalidade. Para Parret (1988), tais teorias limitam-se ao nível superficial da lexicalização, recaindo a observação sobre o comportamento sintático e sobre a força semântica dos verbos modais (*poder*, *dever*, *saber*, *querer*). O autor assinala a necessidade de se promoverem estudos que considerem as modalidades não mais como propriedades de

sequências lexicalizadas, mas como "verdadeiros atos de linguagem" (PARRET, 1988, p. 10), analisados a partir do contexto de ação de que tomam parte.

Seguindo essa perspectiva, considera-se limitada a ideia de que a modalização se resuma à verbalização da atitude do falante com respeito ao conteúdo proposicional (CASTILHO; CASTILHO, 1992), ou se limite a exprimir o ponto de vista do enunciador (NEVES, 2006).

O foco no relacionamento do produtor com o texto é registrado também nas descrições apresentadas por Koch (2002a), que define modalizadores como todos os elementos linguísticos que estão ligados ao evento de produção do enunciado e que funcionam como "indicadores de intenções, sentimentos e atitudes do locutor *com relação ao seu discurso*" (KOCH, 2002a, p. 136, destaque acrescentado), e descreve as estratégias modalizadoras como "aquelas que têm por objetivo preservar a face do locutor, por meio da introdução no texto de atenuações, ressalvas, bem como marcar o grau de comprometimento, de engajamento do locutor com *o seu dizer*, o grau de certeza *com relação ao dito*" (KOCH, 2009, p. 125, destaque acrescentado).

Embora as definições dadas pela autora considerem aspectos pragmáticos, como as intenções envolvidas na interação, não se considera de forma explícita o relacionamento que o produtor do texto estabelece com o interlocutor, pois a ênfase centra-se no locutor e em sua atitude em relação ao conteúdo proposicional. Promove-se, assim, um recorte do contexto enunciativo, conforme avalia Miranda (2005):

> O que temos, portanto, na definição desse fenômeno, é o conteúdo proposicional de um lado, a atitude ou intenção do sujeito de outro e um interlocutor subfocalizado ou mesmo fora de cena. Mais uma vez, negligencia-se o caráter partilhado, dinâmico da construção da significação. [...] a cena se recorta a partir de sujeitos e usos de linguagem desencarnados, fora do drama comunicativo: a modalidade é vista como uma propriedade de frase, de atos de fala isolados em vez de concebida em seu *locus* natural, i.e., nas ações conjuntas, no discurso (MIRANDA, 2005, p. 179).

Tomar a modalidade como uma propriedade da enunciação, do discurso, e não da frase, do enunciado, conforme propõe Miranda (2005), implica considerar que, ao expressar as atitudes do produtor perante o texto, os modalizadores, nesse mesmo processo, acabam revelando as atitudes que o produtor toma perante o seu interlocutor, uma vez que, por meio de tais elementos, dá indícios de como quer ser interpretado pelo parceiro e explicita a intenção de agir sobre este, regulando o tom da interação proposta: mais ou menos incisiva, mais ou menos tensa, por exemplo.

A análise dessa outra face dos elementos modalizadores, aquela responsável pelo relacionamento interpessoal, é amparada por Parret (1988), para quem as modalidades devem ser interpretadas no interior do contexto acional de que participa, o qual, conforme já descrito na Seção 1, considera os interlocutores envolvidos e a situação de troca estabelecida, levando em conta a dialética da intenção e seu reconhecimento, visualizada por meio dos expedientes linguísticos atualizados.

Neves (2006) também contribui para a análise do relacionamento interpessoal promovido por modalizadores ao avaliar que, em uma interação verbal, os interlocutores, ao mesmo tempo em que organizam a mensagem, definem seus papéis na interlocução, colocando-se na posição de doador ou solicitador, de asseverador, de perguntador, de respondedor, de ordenador etc. Nesse mesmo processo de definição de papéis, diz a autora, o produtor escolhe marcar ou não explicitamente o seu enunciado com valores modais de diversas categorias, ou seja, com elementos modalizadores *stricto sensu*. Essa função interpessoal se apresenta mais enfática quando se tem um enunciado marcadamente modalizado, conforme explica Neves (2006), o que se daria pela presença mais evidente do falante e do interlocutor, nesse caso.

Para Miranda (2005), o processo interacional deve ser tomado como núcleo definidor da modalização:

> [...] o que o processo de modalização promove é a negociação de identidades, é a representação do drama, removendo-se barreiras ou impondo-se forças em relação ao interlocutor. Não há, pois, a nosso ver, como se propor uma análise desse fenômeno, a não ser tentando captá-lo em meio à chama, ou seja, no processo discursivo em que não há como separar o semântico-linguístico do interacional e do cognitivo (MIRANDA, 2005, p. 180).

Uma descrição mais completa da modalização deve compreender aspectos pragmáticos, o que significa tomá-la como um retrato da atitude do produtor do texto tanto em face do conteúdo proposicional quanto em face de seu interlocutor, conforme proposta de Parret (1988), Neves (2006) e Miranda (2005). Nessa perspectiva, os modalizadores podem ser descritos como estratégia linguístico-interlocutiva.

Considerando que tal estratégia pode ser demarcada por um conjunto heterogêneo de meios, faz-se necessário estabelecer que tipos de modalizadores serão considerados nesta pesquisa, conforme explicitado na subseção seguinte. Vale ressaltar que a definição dos eixos considerados é guiada pelo objetivo de considerar os modalizadores na construção argumentativa de textos opinativos e pelo perfil do *corpus*. Tais considerações permitiram

visualizar, por um lado, os elementos desejáveis em um texto opinativo, por serem produtivos na orientação argumentativa e interlocutiva, e, por outro, os elementos recorrentes nos textos de onde se tomaram os parágrafos que constituem o *corpus*.

3.3 OS EIXOS DA MODALIZAÇÃO CONSIDERADOS

Conforme observa Neves (2006, p. 186), com base em pesquisas que consideram o uso de modalizadores no interior das tipologias textuais, "os diferentes tipos textuais favorecem diferentes modalidades". No texto argumentativo *stricto sensu*, é produtivo o uso de elementos dos campos deôntico e epistêmico[30], eixos tradicionalmente considerados no âmbito dos estudos linguísticos.

3.3.1 Modalizadores do eixo epistêmico

Koch (2002a) descreve a modalização epistêmica como aquela que se refere ao eixo da crença, reportando o conhecimento que o falante tem de um estado de coisa. Castilho e Castilho (1992) citam que, quando se recorre à modalização epistêmica, expressa-se uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição.

Em estudo sobre os advérbios, Castilho e Castilho (1992) postulam as categorias *advérbios epistêmicos asseverativos* e *advérbios epistêmicos quase asseverativos*, que dizem respeito, respectivamente, à necessidade e à possibilidade epistêmica. Nesse estudo, os autores apresentam ainda uma terceira categoria do eixo epistêmico: *advérbios delimitadores*. Estes, porém, são descartados como modalizadores em estudo posterior proposto por Ataliba Teixeira de Castilho (1994), razão pela qual não são aqui abordados.

Segundo Castilho e Castilho (1992), os asseverativos indicam que o falante considera verdadeiro o que se apresenta no conteúdo proposicional, o qual é afirmado ou negado de maneira a não dar margem a dúvidas (*Eu sei [com certeza] que P*). Trata-se de uma

[30] Ressalta-se que a modalização apreciativa também é produtiva na construção do discurso argumentativo; porém, a pouca ocorrência desse eixo no *corpus* analisado levou à decisão de não considerá-lo na análise, conforme se explicita na Subseção 5.3.2 (Seção 5).

necessidade epistêmica, que enfatiza o conteúdo proposicional em relação ao qual o falante tem alta adesão.

Os quase asseverativos indicam que o falante considera o conteúdo expresso como quase certo, próximo à verdade, como uma hipótese que depende de confirmação, e, por isso mesmo, ele se exime da responsabilidade sobre a verdade ou falsidade da proposição (*Eu acho, Eu suponho, É provável que P*) (CASTILHO; CASTILHO, 1992). Como envolve a noção de possibilidade epistêmica, tal recurso revela baixa adesão do falante com respeito ao conteúdo verbalizado.

Outros autores consideram aspectos mais específicos dos elementos epistêmicos. Palmer (2001), por exemplo, cita três tipos de julgamento que podem ser veiculados por modalizadores dessa categoria: (1) expressar incerteza; (2) indicar uma inferência a partir de uma evidência observável; (3) indicar inferência a partir do que é geralmente conhecido. Tipologicamente, essas formas de julgamento podem ser identificadas como Especulativa (*Speculative*), Dedutiva (*Deductive*) e Assumptiva (*Assumptive*). Os enunciados a seguir representam, respectivamente, esses três tipos de modalização epistêmica:

> [l_1] John **may** be in his office (PALMER, 2001, p. 25)[31].
>
> [l_2] John **must** be in his office (PALMER, 2001, p. 25)[32].
>
> [l_3] John'**l be** in his office (PALMER, 2001, p. 25)[33].

Conforme o autor, no primeiro caso, põe-se em cena uma possibilidade epistêmica, apontando para uma conclusão possível. No segundo, o falante faz um julgamento firme, com base em evidências, atualizando a noção de necessidade epistêmica, que resulta na expressão da única conclusão possível. No terceiro caso, o julgamento é baseado em um conhecimento generalizado sobre o estado de coisa tratado e expressa uma conclusão razoável.

Tais especificações para o campo epistêmico não parecem relevantes para o presente estudo, pois, num texto opinativo, nem sempre é possível estabelecer as fontes que ancoram o julgamento. As evidências, por exemplo, podem ser discursivamente criadas, sem que haja um estado de coisa no mundo que as comprove efetivamente. Outras vezes, a crença do produtor pode ser apresentada como se estivesse ancorada na *vox publica* (KOCH, 2002a).

---

[31] [l_1] "João **pode** estar em seu escritório" (PALMER, 2001, p. 25).
[32] [l_2] "João **deve** estar em seu escritório" (PALMER, 2001, p. 25).
[33] [l_3] "João **estará** em seu escritório" (PALMER, 2001, p. 25).

Assim, opta-se por considerar a ideia mais geral de *possibilidade* e *necessidade* epistêmicas, tomadas como asseveração e quase asseveração por Castilho e Castilho (1992).

Segundo Neves (1996), a avaliação no eixo epistêmico "se situa em algum ponto do *continuum* que, a partir de um limite preciso, onde está o (absolutamente) *certo*, se estende pelos limites e indefinidos graus do *possível*" (NEVES, 1996, p. 178). Para relativizar os diversos pontos desse espaço, o falante encontra na língua uma série de recursos linguísticos, que são mobilizados conforme a intenção comunicativa em jogo. Toma-se a seguir um dos parágrafos que constituem o *corpus*, [m], a partir do qual são propostas paráfrases parciais, [m_1] a [m_7], para ilustrar alguns pontos do *continuum* citado por Neves (1996).

> [m] Se a fiscalização, for concretizada com sucesso, **com certeza** irá trazer grandes benefícios para floresta. (Parágrafo 97, Texto 26)

Nesse enunciado, o elemento modalizador deixa evidenciado o alto grau de certeza do produtor do texto. Porém, há, no cotexto, marcas que suavizam o engajamento demarcado pelo modalizador. O uso da oração condicional e, em consequência, do subjuntivo, que mobilizam a noção de modalidade *irrealis* (PALMER, 2001), limitam a responsabilidade do produtor com relação ao conteúdo do texto que está sendo modalizado, uma vez que este é posto na dependência de outro acontecimento, que foge a seu controle.

Nas paráfrases parciais dadas a seguir, parte-se de um ponto de maior engajamento para um ponto de menor engajamento, demarcados tanto por modalizadores quanto por outras estratégias mobilizadas no cotexto:

> [m_1] **É óbvio que** uma fiscalização bem sucedida *traz* grandes benefícios para a floresta.
>
> [m_2] **Certamente** uma fiscalização bem sucedida *trará* grandes benefícios para a floresta.
>
> [m_3] **Não tenho dúvidas de que** uma fiscalização bem sucedida *irá trazer* grandes benefícios para a floresta.
>
> [m_4] Quando a fiscalização for concretizada com sucesso, **com certeza** a floresta *terá* grandes benefícios.
>
> [m_5] Quando a fiscalização for concretizada com sucesso, **é bem possível que** a floresta *tenha* grandes benefícios.
>
> [m_6] Se a fiscalização for concretizada com sucesso, **é possível** que *traga* grandes benefícios para a floresta.
>
> [m_7] Se a fiscalização for concretizada com sucesso, **talvez** *traga* grandes benefícios para a floresta.

Conforme análise de Parret (1988), pode-se dizer que os modalizadores de [m_1] a [m_7] manifestam a intenção do produtor "de que seu engajamento seja reconhecido pelo interlocutor" (PARRET, 1988, p. 89) – seja um engajamento total, seja um engajamento parcial –, bem como a intenção daquele de agir de maneira mais ou menos incisiva sobre este.

Mas, além dos próprios modalizadores, outras estratégias mobilizadas no enunciado também contribuem para explicitação do (não)engajamento e do relacionamento proposto com o interlocutor. Nas paráfrases apresentadas, buscou-se congregar estratégias que localizem o enunciado [m_1] no extremo da certeza, de forma a não deixar espaço para dúvidas, ao qual seguem enunciados que percorrem a escala do *continuum* da avaliação epistêmica, tendo o grau de certeza paulatinamente diminuído, possibilitando ao produtor uma posição mais frouxa no que tange a seu engajamento com o conteúdo da mensagem e uma interação menos tensa do que a observada na primeira paráfrase proposta.

Nos enunciados [m_1] a [m_4], entram em cena modalizadores que implicam um alto grau de engajamento do produtor com o conteúdo da mensagem. Porém, no cotexto, outras estratégias fazem com que tal engajamento assuma graus diversos. Em [m_1], o tom assertivo do enunciado é reforçado pelo verbo no presente do indicativo, que pressupõe a verdade do que se afirma; em [m_2], o futuro do presente lança o enunciado para a categoria do *irrealis*, de modo que seja interpretado como não factual, o que diminui o grau de engajamento do produtor em relação ao conteúdo do texto; em [m_3], a marca dêitica do locutor, reforçada pela perífrase verbal no futuro do presente, diminui a força da "verdade" expressa, uma vez que o conteúdo é apresentado como uma opinião; em [m_4], o uso de oração temporal descompromete parcialmente o produtor do texto em relação ao dito, uma vez que põe a avaliação na dependência de determinada circunstância.

Nos enunciados [m_5] a [m_7], são usados modalizadores do eixo da possibilidade epistêmica, que minimizam o comprometimento do produtor com relação ao conteúdo modalizado. Também nesses casos, outras estratégias linguísticas contribuem para demarcar o grau de engajamento do produtor e o tipo de interação pretendida. Em [m_5], com o uso de elemento da possibilidade epistêmica, acompanhado do subjuntivo, o grau de comprometimento é menor se comparado a [m_4]; porém, o uso de advérbio intensificador lança o enunciado para mais perto da "certeza", se comparado a [m_6]; neste, a oração condicional descompromete ainda mais o produtor, na medida em que tal recurso não traz como pressuposto o cumprimento da ação apresentada, como ocorre com a oração adverbial temporal, dada em [m_5]; por fim, em [m_7], o modalizador marca um deslize no *continuum*

epistêmico em direção à não certeza, tornando ainda mais frouxo o comprometimento do produtor em face do conteúdo do texto, deixando menos tensa a interação proposta com o interlocutor.

Entre [m_1] e [m_7], diversas outras paráfrases caberiam. Na combinação de estratégias, nem sempre é fácil mensurar quais delas contribuem mais ou menos para demarcar o engajamento do produtor do texto ou definir em que medida contribuem para orientar a interação de maneira mais ou menos incisiva. Por exemplo, é difícil definir com exatidão em que ponto desse *continuum* caberia o parágrafo original [m], uma vez que mobiliza tanto recursos que demarcam certeza e a vontade de agir incisivamente sobre o interlocutor quanto recursos que abrandam o tom assertivo do enunciado, tornando menos tensa a interação proposta. Compare-se [m] com outro parágrafo retirado do *corpus*:

> [m] Se a fiscalização, for concretizada com sucesso, **com certeza** irá trazer grandes benefícios para floresta. (Parágrafo 97, Texto 26)
>
> [n] Por isso, **sem duvidas**, aumentar a fiscalização nas florestas **com certeza** diminuiria o desmatamento. E sendo a maior cauda dos maus feitores praticarem o ato é o lucro que ganham exportando madeira inlegal, aplicar pesadas multas á eles em um valor maior do quem eles estam ganhando pela infração, **obviamente** eles não iriam desmatar mais, perceberiam que outros meios de ganhar dinheiro sem prejudicar a natureza. (Parágrafo 94, Texto 25)

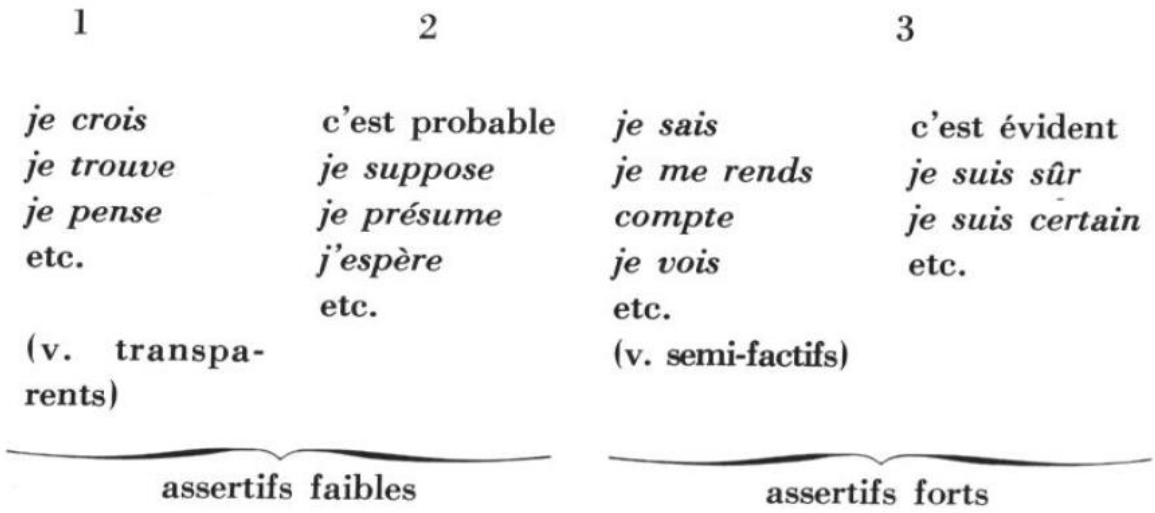
Em [m], o uso de oração condicional e do futuro do presente alçam o enunciado à categoria *irrealis* (PALMER, 2001), relativizando o engajamento do produtor, mas o modalizador enfatiza seu comprometimento com relação ao dito e a intenção de agir sobre o interlocutor de forma incisiva. Em [n], há recorrência de elemento modalizador do eixo da necessidade epistêmica, mas também de uso do futuro do pretérito; enquanto a primeira estratégia apresenta o produtor como engajado com o conteúdo da mensagem, a segunda abranda tal engajamento, o que regula de maneira diversa a interação proposta. Nesse caso, uma análise comparativa que buscasse explicar o ponto do *continuum* epistêmico em que se localizam tais enunciados não seria tarefa fácil, se é que possível. Assim, na análise do *corpus*, opta-se por se anunciar um deslize no *continuum* da negociação, quando este é observado, sem, contudo, mensurar em que grau isso ocorre.

Os elementos modalizadores dos polos da necessidade (asseveração) e possibilidade (quase asseveração) epistêmica podem ser interpretados como asserção fraca e asserção forte, conforme proposição de Borillo (1982). Considerando a modalização que se expressa via categoria verbal, a autora recorre à noção de modalização assertiva, tomando os verbos assertivos como elementos responsáveis por atribuir à proposição que introduzem o valor de

uma asserção ou quase asserção, ou conservar tal ato ilocutório, estabelecendo "une ligne de partage entre les verbes renvoyant à la notion de croyance, plutôt assertifs faibles, et les verbes renvoyant à la notion de connaissance, assertifs forts" [34] (BORILLO, 1982, p. 52). A primeira categoria tem no verbo *crer* um lexema representativo, enquanto a segunda é prototipicamente representada pelo verbo *saber*.

A figura a seguir mostra o esquema apresentado por Borillo (1982) considerando alguns verbos da língua francesa. As duas primeiras colunas dizem respeito à noção de asserção fraca, e as duas últimas, à noção de asserção forte:

Figura 1 – Verbos assertivos fracos e verbos assertivos fortes



Fonte: Borillo (1982, p. 52)[35]

Os elementos relativos à asserção fraca são responsáveis por apresentar uma leitura possível, que não se dá, no *continuum* epistêmico, no limite da certeza, como ocorre com os expedientes linguísticos que representam uma asserção forte. Considerando apenas a força ilocutória dos modalizadores nos enunciados anteriormente apresentados – [m_1] a [m_7] –, sem

[34] "[...] uma linha divisória entre os verbos referentes à noção de crença, antes assertivos fracos, e os verbos referentes à noção de conhecimento, assertivos fortes" (BORILLO, 1982, p. 52).

[35]

1	2	3	
creio (que)	*é provável (que)*	*sei (que)*	*é evidente (que)*
acho (que)	*suponho (que)*	*percebo (que)*	*tenho certeza (de que)*
penso (que)	*presumo (que)*	*vejo (que)*	*estou certo (de que)*
etc.	*espero (que)*	*etc.*	*etc.*
(v. transparentes)	*etc.*	*(v. semi-factivos)*	
Assertivos fracos		*Assertivos fortes*	

(BORILLO, 1982, p. 52).

tomar em conta os elementos dados no cotexto, tem-se, nos enunciados [m_1] a [m_4], casos de asserção forte; nos enunciados [m_5] a [m_7], casos de asserção fraca.

Levando em conta a orientação de Parret (1988) de tomar a modalidade como uma atitude ilocutória, asserção fraca e asserção forte são tomadas como atos ilocutórios que direcionam os sentidos do texto e a interlocução pretendida pelo produtor. Tomando a asserção como estratégia que revela compromisso do produtor do texto com relação ao conteúdo da mensagem, entende-se a asserção forte como um reforço desse compromisso, e a asserção fraca como forma de torná-lo mais frouxo.

Focalizando especificamente o texto opinativo, pode-se dizer que, de forma geral, o produtor recorre à asserção forte numa tentativa mais enfática de impor ao leitor um determinado ponto de vista, "o que assinala a presença do interlocutor e o desejo do produtor de agir sobre ele" (CORBARI, 2008, p. 22). Trata-se, pois, de um recurso muito produtivo em textos de opinião, por ser esse um gênero guiado pela finalidade discursiva de expressão de pontos de vista.

A interpelação do leitor é menos enfática quando o recurso atualizado é da ordem da possibilidade epistêmica, que retrata uma asserção fraca. Porém, ainda assim, trata-se de um expediente linguístico relevante na construção do texto opinativo, pois, conforme Neves (2006), ao expressar uma "relativização" da certeza, o produtor confessa suas dúvidas e incertezas e, com isso, ganha em credibilidade. Aproximando-se do interlocutor, procura estabelecer condições para atuar sobre seus conhecimentos e suas crenças.

Nesse mesmo processo, ao se relacionar com o conteúdo do enunciado, o produtor marca posição também em relação ao interlocutor: ora se projeta como um conhecedor do assunto abordado e impõe certas "verdades" ao interlocutor; ora o convida a participar da construção da "verdade" ao propor uma leitura baseada no possível, considerando, assim, as próprias limitações e as possíveis contra-argumentações em relação ao conteúdo modalizado.

3.3.2 Modalizadores do eixo deôntico

A modalização deôntica, segundo Neves (1996), pertence ao eixo da conduta, situa-se no domínio do dever (obrigação e permissão) e se liga à volição e à ordem. Para Castilho e Castilho (1992), os modalizadores deônticos indicam que o falante considera o conteúdo

proposicional como um estado de coisas que deve, precisa ocorrer obrigatoriamente (*Tem que P*).

Esse eixo também se divide nos polos *necessidade* e *possibilidade*. Para Neves (2000), o primeiro está ligado à ideia de obrigatoriedade; o segundo diz respeito à noção de permissão, conforme os exemplos dados pela autora:

> [o] O dono da casa **deve** comer antes de todos os hóspedes e terminar depois deles (necessidade deôntica – obrigatoriedade) (NEVES, 2000, p. 62).
>
> [p] Mas você não **pode** dormir aqui (possibilidade deôntica – permissão) (NEVES, 2000, p. 62).

Observa-se que, no enunciado [p], o advérbio de negação que antecede o verbo modal acaba imprimindo mais uma noção de proibição do que propriamente de permissão, de maneira que os dois exemplos poderiam ser descritos como expressão de necessidade deôntica. A possibilidade poderia, então, ser representada pelo enunciado [p] assim remodelado:

> [p_1] Mas você **pode** dormir aqui (possibilidade deôntica – permissão).

Mesmo incluindo a noção de proibição, não citada por Neves (2000), no eixo da necessidade, outras nuances da modalização deôntica acabam ficando excluídas dessa descrição. Tome-se como exemplo o último modalizador do parágrafo a seguir, parte do *corpus* desta pesquisa:

> [q] A política brasileira junto com todo o povo, **deve** tomar alguma decisão drástica para que o território amazônico não acabe abaixo do despenhadeiro. A ideia mais sensata seria **certamente** o aumento das fiscalizações, pois assim, se as leis não fossem obedecidas, **poderiam** ser aplicadas grandes multas à quem desafiasse as leis, aprovadas e impostas, á favor do território amazônico. (Parágrafos 32, Texto 07)

O verbo modal *poderiam* aparece orientando uma sugestão de ação; não se enquadra na noção de permissão, e está ainda mais distante do perfil da obrigatoriedade ou da proibição. Também não é possível interpretar o verbo como modalizador epistêmico, haja vista o valor ilocutório que garante ao enunciado, apresentando uma proposta de ação com vista a alinhar o leitor à orientação argumentativa do texto.

Nesse sentido, propõe-se expandir as noções de necessidade e possibilidade deôntica de forma a abarcar outras nuances desse eixo observadas no *corpus* que não são citadas por

Neves (2000). Considera-se necessário analisar o elemento modalizador a partir da observação do contexto em que aparece, uma vez que as modalidades "se prendem à ancoragem na enunciação, isto é, dizem respeito ao falante, ao ouvinte, e ao momento de enunciação" (NEVES, 2006, p. 198).

Tendo em conta o perfil dos modalizadores deônticos atualizados nos parágrafos que são tomados para análise neste trabalho, entende-se que, no polo da possibilidade deôntica, é atualizada a noção de sugestão; no polo da necessidade deôntica, a noção de necessidade, que implica também a noção de obrigatoriedade. Segue-se a orientação de Almeida (1988) de, diferentemente do que se verifica no campo da Filosofia, não distinguir as noções de necessidade e obrigatoriedade, considerando que "do ponto-de-vista lingüístico é conveniente reuni-los, em razão do sema comum de *caráter obrigativo* que abrange a todos os sintagmas que deles são expressões" (ALMEIDA, 1988, p. 14).

Porém, descarta-se a distinção feita por esse mesmo autor em relação às nuances da obrigação: obrigação moral, obrigação material e obrigação lógica:

> A obrigação moral envolve principalmente o dever de consciência, cívico, profissional, social e religioso, enquanto a obrigação material se fundamenta especificamente na necessidade natural, física, biológica ou fisiológica, e a obrigação lógica encontra suas bases nas leis do pensamento, na conseqüência do raciocínio lógico ou na conveniência que entende premeditação (ALMEIDA, 1988, p. 14).

Na análise de artigos de opinião, tal distinção pode não ser produtiva, uma vez que a realidade é reconstruída sob o prisma do autor do texto, o que lhe dá poderes para, por exemplo, estabelecer uma necessidade material mesmo que esta seja resultado de uma construção discursiva, e de usar o raciocínio lógico como forma de imposição de leituras subjetivas. O que se evidencia, em qualquer caso, é a opinião do produtor do texto.

Na construção de textos opinativos, observa-se que as noções de necessidade e possibilidade deôntica se aproximam das de necessidade e possibilidade epistêmica no que tange aos efeitos pretendidos para a interação e à forma como a orientação interlocutiva é direcionada. Entende-se que a finalidade discursiva da interação social concretizada via artigo de opinião, conforme explica Rodrigues (2001), em consideração ao artigo publicado na esfera jornalística, "é a manifestação de um ponto de vista, um comentário a respeito dos acontecimentos sociais do universo temático jornalístico, que apresenta aos leitores uma determinada orientação apreciativa" (RODRIGUES, 2001, p. 130). Mais do que promover debate, o produtor do texto que se molda aos padrões do gênero em tela visa a alinhar o leitor

à opinião expressa. Nesse contexto, embora se possa entender que, em última instância, espera-se uma mudança de consciência e atitude, tal mudança não é o objetivo imediato do texto. O que se quer, de forma pontual, é fazer o interlocutor seguir a linha argumentativa proposta no texto.

Assim, argumenta-se que, no artigo de opinião, as noções pertencentes ao polo da necessidade deôntica não são geralmente postas em cena para interpelar o leitor a realizar a ação expressa no conteúdo proposicional, a obedecer determinado comando, como ocorre mais comumente em outras situações comunicativas que envolve o uso de elementos deônticos, como naquelas retratadas por Sella (2011) e Camparini (2009), por exemplo.

Sella (2011) analisa o uso de elementos deônticos no *Manual do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB)*, contexto em que se requisita determinada postura do leitor diretamente envolvido na interação, os gestores públicos, a partir de uma voz de comando assimétrica. O enunciado a seguir é analisado pela autora:

> [r] Os tipos de veículos destinados ao transporte de alunos, desde que apropriados ao transporte de pessoas, **devem** se encontrar licenciados pelos competentes órgãos encarregados da fiscalização e dispor de todos os equipamentos obrigatórios, principalmente no que tange aos itens de segurança. **Podem** ser adotados tipos, modelos e marcas diferenciadas de veículos, em função da quantidade de pessoas a serem transportadas, das condições das vias de tráfego, entre outras, podendo, inclusive, ser adotados veículos de transporte hidroviário (BRASIL, 2009, p. 24-25).

Conforme avalia Sella (2011), cabe ao leitor seguir os direcionamentos postos pelos verbos modais, os quais dirigem "o leitor para ações que se tornam obrigatórias, no interior das quais há outras diretivas que podem representar possibilidades de ação não tão redutoras, ou mesmo engessadas, mas cuja existência ocorre a partir das indicações de obrigação/regulação" (SELLA, 2011, p. 213).

Camparini (2009), por sua vez, analisa o uso de modalizadores em uma sessão pública de tribunal de júri, contexto em que a regulação deôntica implica uma ação mais incisiva sobre o interlocutor no sentido de fazê-lo agir de determinada forma, principalmente quando o enunciador se reveste de autoridade naquele contexto de interação. Citam-se os enunciados a seguir, apresentados pela autora, o primeiro proferido pela acusação, e o segundo, pelo juiz:

> [s] Sob pena disso tudo, nós **temos que** pedir a ordenação desses bandidos (CAMPARINI, 2009, p. 184).

> [t] Advirto ainda que os Srs. Jurados, uma vez sorteados, **não poderão** comunicar-se com outras pessoas, pedir opinião sobre os processos sob as penas da lei (CAMPARINI, 2009, p. 186).

O papel social assumido pelos produtores desses enunciados os coloca em condições de direcionar as ações dos jurados. A acusação procura, a partir de uma argumentação dada no cotexto, apresentar como única ação coerente a condenação do réu. O juiz, por sua vez, revestido de máxima autoridade, numa ação protocolar, apresenta uma proibição aos jurados.

Nos exemplos apresentados acima, tanto do *Manual do FUNDEB* quanto da sessão de julgamento, a interação é demarcada pelo propósito de fazer os interlocutores agirem de determinada forma. O produtor, nesses casos, assume-se como fonte deôntica – aquele (pessoa/instituição) que instaura a obrigação ou permissão (LYONS, 1977) –, estabelecendo o interlocutor como alvo deôntico – aquele sobre o qual elas recaem (LYONS, 1977).

No *corpus*, é pouco recorrente o uso da modalização deôntica na interpelação do leitor para que este aja de determinada forma. Quando isso ocorre, as ações não são projetadas para a futuridade, conforme prevê Lyons (1977) em relação ao eixo deôntico, mas direcionam ações a serem tomadas no ato mesmo da leitura, como se observa neste parágrafo:

> [u] Mesmo que a fiscalização aumente sempre existirá alguém desmatando, **é preciso** pensar que á cada árvore que é arrancada é como se fosse uma peça da Máquina da Chuva que fosse retirada, **é preciso** dar valor á esta máquina. (Parágrafo 25, Texto 05)

Nesse caso, o interlocutor é interpelado a assumir determinada postura intelectiva no ato da enunciação. Pode-se dizer que essa orientação é posta em cena para convencer o interlocutor da validade da tese defendida no texto. O mesmo se observa em relação aos outros casos de uso da modalização deôntica no *corpus*, mesmo aqueles que instigam uma ação mais concreta, saindo do domínio da opinião para alcançar ações no mundo. O parágrafo a seguir ilustra a análise aqui proposta:

> [v] Já existe um controle do desmatamento da Amazônia criado pela Ministra Marina Silva, projeto esse que já conseguiu reduzir o desmatamento em 40%, mas isso ainda não é suficiente. O homem **precisa** estar atento e fazer algo para que esse desmatamento diminua e entender que o planeta cada dia esta sendo prejudicado e quem está sofrendo é a população com as mudanças climáticas e com o aquecimento global. (Parágrafo 60, Texto 14)

Nesse parágrafo, o produtor do texto, ao orientar uma ação dada como necessária, não espera que esta seja necessariamente concretizada pelo interlocutor, mas espera orientar a

argumentação de modo a convencer o interlocutor de que a perspectiva que toma em relação ao tema é válida. Essa análise fica ainda mais evidente se forem considerados casos em que as ações apresentadas como necessárias têm como alvo deôntico um indivíduo ou uma instituição que não é o interlocutor, como se pode verificar no parágrafo a seguir:

> [w] O governo Brasileiro **deveria**, e **deve** mobilizar órgãos competentes para proibir todo desmatamento, enquanto institutos do governo apontariam soluções para uma exploração sustentável dos recursos naturais. A partir disso, controlar a atividade de extração criando novas leis para acabar com o desmatamento ilegal, e assim, ajudaria a manter a "maquina de chuva da floresta amazônica" funcionando melhor e salvando de vez a floresta amazônica. (Parágrafo 46, Texto 10)

Nesse caso, o interlocutor não é interpelado a tomar uma atitude, mas sim a aceitar como verdadeiro o que aí se afirma. Sustentado em princípios morais, éticos ou legais (LYONS, 1977), o produtor organiza seu texto de modo a convencer o interlocutor da tese apresentada no texto, contexto em que a modalização deôntica aparece como uma forma de regular a interação, pontuada, por um lado, no conhecimento que o produtor tem de um estado de coisa e, por outro, na autoridade que representa ter perante o assunto tratado e mesmo perante o interlocutor. No parágrafo [w], pode-se dizer que tal autoridade advém da condição de cidadão consciente representado no texto, a qual serve para valida a asserção de dever.

A ideia de que a modalidade deôntica esteja condicionada pelo traço [+controle], ligado ao produtor do texto e, por outro lado, implique que, para se chegar à execução, o interlocutor aceite o valor de verdade do enunciado, conforme descreve Neves (1996), é apenas parcialmente aceita quando se considera o gênero artigo de opinião. Embora se entenda que esse eixo pontue certo controle do produtor do texto em relação à situação comunicativa, no artigo de opinião, de forma geral, não se observa esse contexto de regulação, em que o produtor orienta as ações do interlocutor, impondo-lhe uma obrigação, instaurando-lhe uma proibição ou dando-lhe permissão, por exemplo.

Em outra direção, no gênero em tela, o recurso à modalização deôntica participa da orientação argumentativa ao ser usado para introduzir argumento favorável à tese posta no texto. Pode-se dizer que, em termos de força ilocutória, da mesma forma que a modalização epistêmica, a modalização deôntica expressa *asserção forte* ou *asserção fraca* (BORILLO, 1982), atos ilocutórios direcionados para que o leitor aceite a avaliação dada no texto. Vale ressaltar que Borillo (1982) considera tais atos no interior do eixo epistêmico. Porém, aqui, estendem-se tais noções aos casos de modalização deôntica atualizada em artigos de opinião,

considerando os efeitos perlocucionários pretendidos e as intenções que movem a produção desse gênero.

Tendo em conta o *corpus* desta pesquisa, entende-se que a necessidade deôntica expressa que o conteúdo modalizado é apresentado como algo necessário, que deve ocorrer obrigatoriamente, mobilizada com o fim de convencer o interlocutor da validade da tese defendida. Essa descrição considera também os casos em que o elemento modalizador é acompanhado de marca de negação, aproximando o ato ilocutório da noção de proibição, como observado no parágrafo [x]:

> [x] O que **não pode** acontecer é ficarmos de braços cruzados e deixarmos que acabem com a nossa máquina de chuva: a Floresta Amazônica. Pois futuramente quem nos garante que teremos ar puro, florestas maravilhosas para que nossa geração venha a desfrutar dessas coisa boas da natureza vamos preservar. (Parágrafo 61, Texto 14)

Nesse parágrafo, apresenta-se uma situação análoga aos casos de necessidade, uma vez que orienta formas de agir, com o intuito de alinhar o leitor à defesa posta no texto. Porém, é preciso ressaltar que a escolha por uma ou outra forma de demarcar a necessidade pode implicar diferentes formas de guiar a leitura do texto. É o que se verifica, por exemplo, com relação à pressuposição relacionada ao advérbio de negação, que não seria sustentada se o enunciado fosse reconstruído com o verbo *dever*, desacompanhado da marca de negação, por exemplo.

Sem desconsiderar as orientações de sentido propostas em uma ou outra forma de enunciar, parte-se da interpretação de que construções como as dadas em [x] também envolvem a noção de necessidade, uma vez que o locutor impõe o que "não se deve fazer", o que, em termos ilocutórios, corresponde, no artigo de opinião, à imposição do que "se deve fazer". Nessa linha de análise, pode-se dizer que se trata de uma asserção forte.

Na abordagem de elementos deônticos como os expressos nos parágrafos de [u] a [x], fala-se em *necessidade* deôntica, evitando-se falar em proibição ou ordem, por exemplo, pois, conforme Corbari (2013), dificilmente o produtor do texto, guiado pelos moldes do artigo de opinião, apresentará tais atos ilocutórios tendo como alvo deôntico o interlocutor, haja vista não ser o caráter injuntivo próprio desse gênero. Tais atos não retratam atitude produtiva nesse contexto enunciativo e podem contribuir para que o interlocutor se distancie do debate, minimizando, assim, as possibilidades de negociação.

Quanto à noção de *possibilidade* deôntica, neste trabalho, descarta-se a nuance de *permissão* como estratégia de negociação. Observa-se, no *corpus*, que, no caso em que o

modalizador carrega tal traço semântico, a fonte deôntica não é o locutor, e o alvo nunca é o interlocutor. Nos textos analisados, essa noção sempre vem acompanhada de polifonia, implícita ou explícita, e é trazida para o diálogo como estratégia de justificação. Para maior esclarecimento dessa questão, retoma-se aqui o enunciado reconstruído a partir do exemplo dado por Neves (2000), que é comparado com um parágrafo retirado do *corpus* desta pesquisa:

> [p_1] Mas você **pode** dormir aqui.
>
> [y] Além da suspensão imediata do desmatamento a floresta amazônica deveria de ser repantada e para cultivar deveriam se identificar áreas onde a madeira **poderia** ser explorada, assim o clima melhoraria grantindo a vitalidade do ciclo hidrológico movimentada pela amazônia. (Parágrafo 80, Texto 20)

Enquanto em [p_1] se observa um ambiente de regulação mais demarcado, por ser a fonte deôntica aquele que enuncia, e o alvo deôntico, o interlocutor, em [y] observa-se que a noção de permissão figura em um comentário, participa de uma descrição. A fonte não é assumida pelo produtor do texto, mas lançada para fora do enunciado. Nesse caso, pode-se inferir que se esteja falando em permissão dada por órgãos governamentais interessados na questão ambiental. Essa característica não é recorrente apenas no *corpus* desta pesquisa, mas também em outros artigos de opinião. Nota-se que, nesse gênero, quando atualizada a ideia de permissão, fonte e alvo deônticos não participam do contexto de enunciação, e o modalizador aparece como estratégia de escoronamento, não atuando como ato ilocutório (CORBARI, 2013). Assim, neste estudo, que se interessa mais propriamente pela interlocução favorecida pelos elementos modalizadores, tal nuance é descartada como estratégia de negociação.

Observa-se, no *corpus*, que a possibilidade deôntica mobiliza um ato ilocutório não citado pelos autores consultados como nuance desse eixo: a *sugestão*, conforme exemplificado no parágrafo a seguir:

> [z] A Amazônia tem conserto ainda, se nos todos planta-se uma árvore cada vez que arrancássemos, aumentando a fiscalização ao respeito madeiras ilegais assim **poderíamos** pedir uma ajuda, mais adequada da força verde, pelo menos assim **poderíamos** tentar salvar o pouco que resta da Floresta. (Parágrafo 56, Texto 13)

Nesse caso, percebe-se uma tentativa de ação sobre a opinião do leitor. Porém, diferente do caso de apresentação da necessidade deôntica, aqui tem-se um produtor mais comedido, que se preocupa em angariar a simpatia do leitor por meio da atenuação da força

ilocutória que o elemento modalizador carrega, optando por apresentar uma ação não como necessária, mas como possível.

Seguindo a interpretação apresentada para os elementos da necessidade deôntica, entende-se que o ato de sugestão também é posto no texto não se esperando a execução da proposta, mas sim o convencimento do interlocutor da validade da leitura apresentada no texto. No artigo de opinião, a possibilidade deôntica é dada como uma asserção fraca, uma vez que a ação sobre o leitor não é incisiva; em outra direção, promove uma aproximação com o leitor, com vista a engajá-lo no debate proposto.

Numa análise comparativa, pode-se dizer que, enquanto a noção de necessidade deôntica envolve um produtor que assume integralmente o conteúdo do enunciado e a intenção de fazer valer sua opinião, no caso de possibilidade, tem-se um produtor que prefere manter certo distanciamento do dito. O maior engajamento verificado no caso da necessidade deôntica cria certa tensão entre os interlocutores, enquanto a possibilidade deôntica resulta em uma interlocução menos tensa. Se a primeira estratégia permite atuar de modo mais incisivo na defesa de pontos de vista, ela também resulta na exposição da face dos interlocutores de forma mais evidente do que ocorre no segundo caso.

Abrem-se aqui parênteses para observar que nem sempre é fácil definir o ato ilocutório relacionado ao uso dos modalizadores, como ocorre com o verbo *dever* conjugado no futuro do pretérito:

> [aa] O governo Brasileiro **deveria**, e **deve** mobilizar órgãos competentes para proibir todo desmatamento, enquanto institutos do governo apontariam soluções para uma exploração sustentável dos recursos naturais. A partir disso, controlar a atividade de extração criando novas leis para acabar com o desmatamento ilegal, e assim, ajudaria a manter a "maquina de chuva da floresta amazônica" funcionando melhor e salvando de vez a floresta amazônica. (Parágrafo 46, Texto 10)

Esse parágrafo explicita uma atividade epilinguística de remodelação do valor ilocutório do modalizador. Considerando o tom menos incisivo garantido pelo futuro do pretérito, o produtor reavaliou o modalizador adequado à imposição de uma ação necessária, sem, contudo, apagar o primeiro verbo, que carrega um tom de crítica à falta de ação do governo.

Nas análises postas na Seção 5, o verbo *dever* conjugado no futuro do pretérito do modo indicativo é tratado como ato ilocutório de sugestão, considerando-se o descomprometimento do produtor com o conteúdo do texto e a ação menos incisiva sobre o interlocutor observada no uso desse tempo/modo verbal. Porém, considera-se que tal elemento

se localiza em um entremeio entre a imposição e a sugestão, dada a junção da carga semântica do verbo com as marcas morfológicas escolhidas para sua conjugação. Se, por um lado, a expressão *deveria* não chega a comprometer o produtor com o conteúdo do texto como ocorre com o verbo *dever* conjugado no presente do indicativo, permitindo uma ação menos incisiva sobre o interlocutor, por outro lado, o ato ilocutório de sugestão fica menos explicitado do que se fosse usado o verbo *poder*, como se observa nesta paráfrase parcial:

> [aa_1] O governo Brasileiro **poderia** mobilizar órgãos competentes para proibir todo desmatamento, enquanto institutos do governo apontariam soluções para uma exploração sustentável dos recursos naturais. A partir disso, controlar a atividade de extração criando novas leis para acabar com o desmatamento ilegal, e assim, ajudaria a manter a "maquina de chuva da floresta amazônica" funcionando melhor e salvando de vez a floresta amazônica.

Assim, observa-se que níveis diversos de comprometimento do produtor com o conteúdo do texto e a tentativa de agir de forma mais ou menos enfática sobre o interlocutor podem ser observados tanto nas estratégias mobilizadas no cotexto quanto na forma escolhida para modalizar o enunciado. As categorias propostas são tentativas de reunir estratégias que se aproximam, sem desconsiderar que, na mesma categoria, recursos diversos são postos em cena pelo produtor para alcançar os objetivos da interação.

Em outros casos, fica difícil, inclusive, a localização dos elementos modalizadores dentro dos eixos deôntico e epistêmico. Tome-se como exemplo o modalizador destacado no parágrafo a seguir:

> [bb] Segundo o pesquisador e ambientalista Mario Couto afirma que não poderá haver mudança sem infelizmente passarmos antes por uma catástrofe, ou seja, teremos que sofrer, para depois começarmos a preservar a Amazônia, e quem sabe quando isso acontecer já não seja tarde de mais para agirmos. A Amazônia pede socorro, **é possível** acabar com o desmatamento colocando um fim na queima e no corte de arvores, evitando assim uma catástrofe ainda maior. (Parágrafo 38, Texto 08)

Vê-se que, nesse caso, a expressão em destaque se aproxima do sentido de possibilidade material, em uma análise comparativa com o que Almeida (1988) considera obrigação material, podendo ser parafraseado por expressões como "estar em/ter condições de", "ter capacidade para", ligadas à noção de capacidade ou habilidade. Considerando apenas o elemento modalizador, observa-se que ele não se encaixaria em nenhuma das nuances citadas, o que resultaria na necessidade de propor uma nova subcategoria para casos como esse. Porém, considerando o cotexto mais amplo, vê-se que o verbo modal está ambientado em uma sugestão de ação, o que permite compreendê-lo como tendo um caráter propositivo.

Assim, casos como esse serão analisados como parte da possibilidade deôntica, ainda que se ressalve o caráter polissêmico do termo, característica comum a elementos de uma língua natural.

Porém, os modalizadores que introduzem a ideia de "estar em/ter condições de", "ter capacidade para", mas que não introduzem a ideia de sugestão de ação visualizada no último exemplo, não serão considerados na análise. É o caso dos elementos destacados nestes parágrafos:

> [cc] O problema não é da natureza. Infelizmente é do ser humano, o homem que desrespeita o código florestal e também não leva em consideração as mudanças climáticas, que no futuro vamos sofrer com às secas bastante rigorosa, causando muitas doenças respiratórias, os agricultores também sofrerá, pois o solo ficará seco, não **podendo** reproduzir na agricultura com a falta de chuva, pois precisamos da chuva até para gerar energia. Por isso temos que acabar logo com o desmatamento. (Parágrafo 43, Texto 09)
>
> [dd] Este ato criminoso que a cada dia acaba com a qualidade de vida da Amazônia deve parar, pois só assim a nossa Máquina da Chuva **poderá** continuar, esta também chamada de "Rios voadores" é formada pela evaporização da água vinda do oceano e também pode ser transmitida pela evapotranspiração das árvores. (Parágrafo 08, Texto 02)
>
> [ee] Segundo o ministério do meio ambiente, enquanto no primeiro caso se extraem todas as árvores para vende-las ou para utilizar a terra, na utilização sustentável se extraem entre 5 e 6 árvores das 500 que **pode** haver em um hectare de selva. (Parágrafo não considerado na análise, Texto 03)

A opção por não considerar elementos como os destacados em [cc], [dd] e [ee] toma em conta a interpretação que alguns autores fazem das noções de capacidade/habilidade. Embora alguns linguistas as considerem participantes do eixo deôntico, outros, como Neves (2000), entendem que elas não estão no mesmo nível das modalidades epistêmica e deôntica: "os verbos que exprimem a chamada *modalidade habilitativa* (indicação de capacidade) na verdade constituem *predicados*" (NEVES, 2000, p. 62). Também Palmer (2001) entende que as noções de capacidade/habilidade não devem ser confundidas com a noção de dever própria do eixo deôntico, e propõe uma categoria específica para descrevê-las: modalidade dinâmica, ou modalidade facultativa. Para Miranda (2005), elementos como os destacados nos parágrafos acima pertencem à modalidade alética.

Embora, nos parágrafos [cc] a [ee], não se pontue a noção de habilidade/capacidade humana, é possível compreender que se está falando de condições (não)viabilizadas por elementos naturais, distanciando os elementos modalizadores das noções de necessidade/obrigatoriedade dos elementos do campo deôntico consideradas neste trabalho.

Pode-se dizer que se referem mais à capacidade (dos sujeitos, da natureza etc.) do que à atitude que o produtor toma perante o texto e o interlocutor.

No último caso [ee], é, inclusive, difícil de visualizar um limite preciso entre os eixos deôntico e epistêmico. Se, por um lado, vê-se que o produtor não quer ser incisivo sobre uma situação que é apenas possível, e aí recorre à possibilidade epistêmica, por outro, o modalizador implica a noção de "capacidade natural". Isso mostra que, ainda que se considere o cotexto e mesmo o contexto enunciativo, nem sempre é fácil encaixar as ocorrências em categorias pré-estabelecidas.

Tendo em vista as nuances da modalização deôntica identificadas no *corpus*, propõe-se reconfigurar a descrição desse eixo apresentada por Castilho e Castilho (1992) e Neves (1996), citada no início desta subseção, de modo a conformá-la ao gênero aqui investigado e à intenção de observar os atos ilocutórios mobilizados por essa categoria. Assim, entende-se que a modalização deôntica, que pertence ao eixo da conduta e se situa no domínio do dever, quando figurando em artigos de opinião, apresenta duas nuances:

i. necessidade: retrata um ato de asserção forte, que indica que o produtor se compromete com o conteúdo do texto ao apresentá-lo como uma necessidade, orientando uma leitura incisiva sobre realidade;

ii. possibilidade: retrata um ato de asserção fraca, que indica que o produtor não se compromete integralmente com o conteúdo do texto ao apresentá-lo como uma possibilidade, orientando uma leitura menos incisiva sobre realidade.

Tendo sido apresentados os eixos da modalização considerados nesta pesquisa, passa-se, na subseção seguinte, a considerar o papel dos modalizadores como estratégia de negociação no texto opinativo.

3.4 OS MODALIZADORES COMO ESTRATÉGIA DE NEGOCIAÇÃO

Para verificar a possibilidade de uma estratégia linguística acomodar função no plano interativo, faz-se necessário considerar os modalizadores como estratégias linguístico-interlocutivas postas em cena para apresentar certo grau de argumentação. Tais elementos, segundo Koch (2002),

> [...] caracterizam os tipos de atos de fala que deseja desempenhar, revelam o maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, dão vida, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso (KOCH, 2002a, p. 136).

Os modalizadores são responsáveis, portanto, por demarcar a relação que o produtor do texto estabelece com o conteúdo do enunciado que produz e com o seu interlocutor. O produtor – um estrategista que organiza seu texto em função de um querer dizer (KOCH, 2003a) – vale-se de estratégias diversas que podem tanto comprometê-lo com o dito quanto eximi-lo da responsabilidade pelo conteúdo da mensagem; pode projetar tanto a imagem de alguém que procura apresentar uma opinião a partir dos conhecimentos que tem sobre o assunto tratado quanto a imagem de alguém que prefere não se impor, mas propor leituras possíveis. As escolhas linguísticas são feitas, em tese, de modo a favorecer seu projeto de dizer; são motivadas "pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções" (PARRET, 1988, p. 80) movimentado via linguagem.

A modalização pode ser mais ou menos explícita, mais ou menos velada, dependendo, entre outros fatores, do gênero textual ao qual o produtor recorre para levar a cabo suas intenções. Quanto mais alto é o grau de argumentação de um texto, mais passível ele está de ser preenchido por marcas de modalização explícita.

Em outras palavras, pode-se entender que, apesar de os modalizadores não serem recursos atualizados exclusivamente em textos de opinião – Coracini (1991) e Guimarães (2001), por exemplo, observam o papel dos modalizadores no discurso de divulgação científica –, tais textos constituem *locus* propício para o aparecimento dessa estratégia linguística, considerando que, nesse contexto enunciativo, a posição que o produtor toma em face do conteúdo que apresenta e de seu interlocutor é explicitada e assumida.

A própria escolha do gênero artigo de opinião permite reconhecer o engajamento do produtor com o conteúdo da mensagem e suas intenções de agir sobre o leitor, o que resulta na apresentação do produtor em seu enunciado. Nesse caso, o uso de elementos modalizadores não precisa ser controlado, tal como ocorre em textos mais "objetivos". Ao contrário, em textos opinativos, eles assumem importante função por viabilizar a defesa de pontos de vista. Funcionam, então, como estratégia de negociação.

Exemplificam-se estratégias de negociação com um dos enunciados citados na Subseção 2.3.2, tomado de Golder e Coirier (1996). A partir da tradução do enunciado, propõem-se paráfrases parciais:

> [a] A poluição é um problema de todos, uma vez que estamos todos em perigo de morrer (GOLDER; COIRIER, 1996, p. 274).
>
> [a_1] **Não há dúvidas de que** a poluição é um problema de todos, uma vez que **certamente** estamos todos em perigo de morrer.
>
> [a_2] **Me parece que** a poluição é um problema de todos, uma vez que **poderemos** morrer por conta desse problema.

O conteúdo proposicional de [a] é mantido nas paráfrases. Porém, a forma de o produtor se relaciona com o conteúdo e, em consequência, com o interlocutor difere em cada um dos casos. Em [a], apresenta-se uma leitura subjetiva de forma incisiva. O uso do presente do indicativo, nesse caso, explicita uma opinião como se fosse um fato, ancorado pelo processo de justificação. O produtor se projeta no enunciado como alguém que tem domínio epistêmico da situação referenciada e cria para o interlocutor o dever de crer (KOCH, 2002a), direcionando a forma como quer que seu enunciado e ele mesmo sejam interpretados.

As paráfrases propostas mostram que essa forma de relacionamento pode ser alterada, conforme o produtor busque uma interação mais ou menos incisiva, mais ou menos tensa, pautada em um maior ou menor engajamento em relação ao dito, enfim, conforme busque relativizar ou enfatizar a força do ato de fala sobre o interlocutor.

As intenções envolvidas na interação e a consideração do público-alvo, entre outros aspectos, podem direcionar o uso de modalizadores que deixem o texto mais enfático, incisivo, como se observa na paráfrase [a_1], ou, em outra direção, que tornem o texto um espaço em que a posição do outro é acolhida e a leitura subjetiva é apresentada como uma leitura possível, e não necessária, de dada "realidade", como se oberva na paráfrase [a_2].

A relação intersubjetiva demarcada pelos modalizadores foi também observada por Rodrigues (2001), que apresenta a seguinte análise:

> [...] os operadores modais, além de introduzirem e avaliarem uma possível reação-resposta do leitor, abafando uma contra-argumentação não desejada (movimento dialógico de refutação), também funcionam no artigo como um outro modo de persuasão do leitor: eles não introduzem um possível enunciado do leitor, mas funcionam como lugares de sua interpelação (movimento dialógico de interpelação), ou seja, objetivam orientar a sua reação-resposta (verbal ou não, imediata ou retardada) (RODRIGUES, 2001, p. 221).

Para a autora, a orientação da atitude responsiva do leitor é uma das funções discursivas centrais da modalização no artigo de opinião, ideia que é acolhida neste trabalho. Entende-se que, ao recorrer ao uso de modalizadores, o produtor procura orientar argumentativamente o texto, em geral, de forma mais explícita do que o faz quando não conta

com esse recurso, e estabelecer negociação com o interlocutor, uma vez que tais estratégias revelam a posição que toma em relação ao texto e também em relação ao parceiro da interação.

Sintetizando o conteúdo desta seção, pode-se dizer que, embora a Linguística tenha herdado da Lógica Clássica a categoria modalidade, os estudos linguísticos têm se distanciado da Lógica por esta não recobrir o funcionamento das línguas naturais. É, pois, posição corrente entre os estudiosos da língua recusar a abordagem da modalidade alética, que define os valores de verdade das proposições, uma vez que se considera que a linguagem não reflete a realidade, e sim a constrói a partir de uma perspectiva subjetiva.

Nesse viés de análise, a dicotomia *dictum vs. modus*, proposta por gramáticos da Idade Média, também precisa passar por revisão, pois se assenta na oposição entre objetividade, registrada pelo *dictum*, e subjetividade, demarcada pelo *modus*, entre a descrição das coisas e a tomada de posição perante essas coisas, ou perante a descrição que delas é dada. Parte-se da ideia de que qualquer enunciado produzido em uma língua natural veicula a visão de mundo do produtor do texto, embora esta possa ser demarcada de forma mais evidente por meio de determinadas estratégias linguísticas.

Também a distinção entre *modalidade* e *modalização* não pode se assentar na perspectiva de que apenas a última seja responsável por demarcar a posição tomada pelo produtor perante o enunciado. Porém, entende-se ser metodologicamente pertinente a distinção dessas duas categorias para a análise proposta, pois a noção de modalidade pode abarcar estratégias diversas, cuja abordagem se tornaria difícil em um trabalho como o aqui proposto. Assim, considera-se a proposta de Vion (2005) de tomar a modalidade como uma categoria que acompanha obrigatoriamente um enunciado, dizendo respeito a aspectos mais gerais, como as modalidades de frase e a dicotomia *realis vs. irrealis* (PALMER, 2001), por exemplo. A modalização, por sua vez, retrata um fenômeno particular, que pode aparecer ocasionalmente em um enunciado (VION, 2005).

Em conformidade com a proposta de Parret (1988) de não limitar a análise dos modalizadores às chamadas atitudes proposicionais, os elementos considerados neste trabalho são tomados como atos ilocutórios. Seguindo essa perspectiva, a modalização deixa de ser vista apenas como forma de expressar a posição do produtor em face do enunciado que produz e passa a ser entendida também como uma forma de expressar a posição do produtor face ao interlocutor, uma vez que tais elementos dão indícios de como o produtor quer ser interpretado pelo parceiro da interação e explicita a intenção de agir sobre este, regulando o

tom da interação proposta: mais ou menos incisiva, mais ou menos tensa, por exemplo. Assim, os modalizadores são tomados como estratégias linguístico-interlocutivas.

A análise proposta neste trabalho leva em conta os eixos tradicionalmente considerados no campo da Linguística: modalização *epistêmica* e *deôntica*. O primeiro se refere ao eixo da crença, reportando o conhecimento que o falante sobre o tema de referência. Pode ser expressa pela *necessidade epistêmica* ou pela *possibilidade epistêmica*. O segundo relaciona-se à conduta, situa-se no domínio do dever (NEVES, 1996) e indica que o falante considera o conteúdo proposicional como um estado de coisas que deve, precisa ocorrer obrigatoriamente (CASTILHO; CASTILHO, 1992). Esse eixo também se divide nos polos *necessidade* e *possibilidade*, a primeira relacionada à noção de *necessidade/obrigação*, e a segunda, à noção de *sugestão*.

Quando se recorre à *possibilidade* e à *necessidade*, epistêmica ou deôntica, atualiza-se o ato ilocutório de *asserção forte* e de *asserção fraca* (BORILLO, 1982), respectivamente. Considerando especificamente o texto opinativo, pode-se dizer que, de forma geral, o produtor recorre à asserção forte numa tentativa mais enfática de impor ao leitor um determinado ponto de vista. A interpelação do leitor é menos enfática quando o recurso atualizado retrata uma asserção fraca, por meio da qual o produtor não impõe certas "verdades" ao interlocutor, mas propõe uma leitura baseada no possível, considerando, assim, as próprias limitações e as possíveis objeções do interlocutor em relação ao conteúdo modalizado.

Ambos os polos são postos em cena com vista a alinhar o leitor à orientação argumentativa dada no texto. Portanto, podem ser tomados como produtivos na composição do texto opinativo. Entende-se que o produtor encontra na língua estratégias diversas para propor negociação de forma mais ou menos tensa, mais ou menos comprometida, mais ou menos incisiva; porém, os modalizadores se destacam por explicitar a orientação interlocutiva proposta.

4 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA: COLETA DE DADOS, SELEÇÃO DO *CORPUS* E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Nesta parte do trabalho, busca-se contextualizar a pesquisa. Inicialmente, explicitam-se questões relativas ao processo de produção dos textos que serviram para a coleta do *corpus*; após, são tecidas considerações sobre o perfil desses textos; por fim, são explicitados os procedimentos de análise adotados.

4.1 SOBRE A PRODUÇÃO DO *CORPUS*

Embora os procedimentos adotados para a produção dos textos que serviram para a coleta do *corpus* não constituam foco de análise desta pesquisa, entende-se pertinente apresentá-los, pois permitem elucidar as condições de produção do texto e o perfil de seu produtor, aspectos relevantes para a análise do texto, entendido aqui como atividade sócio-histórica contextualizada, conforme abordado na Seção 2. Segundo essa tônica, propõe-se analisar a dimensão linguística de superfície tendo em conta a dimensão pragmática (KOCH; FÁVERO, 1987) dos textos.

Na próxima subseção, apresentam-se informações sobre a escola e os alunos produtores dos textos. Em seguida, são descritas as etapas da produção do texto, considerando desde a abordagem do gênero artigo de opinião até a escrita da terceira versão.

4.1.1 Sobre a escola e as turmas envolvidas

Conforme citado anteriormente, os textos tomados para análise foram produzidos por alunos de duas turmas de 3º ano do Ensino Médio de um colégio público do município de Cascavel/PR. O estabelecimento de ensino em questão é mantido pelo governo estadual e oferece Ensino Fundamental, anos finais (6º ao 9º ano), e Ensino Médio.

O colégio está situado em uma área periférica da cidade e, conforme consta em seu Projeto Político Pedagógico – PPP (2007)[36], atende a alunos cuja maioria é proveniente do bairro em que está localizado e de bairros vizinhos.

Pesquisa feita pelo colégio para compor a caracterização da comunidade escolar revela os seguintes dados relativos ao perfil sócio-econômico-educacional da comunidade atendida pela instituição:

- Renda familiar mensal: 71% das famílias atendidas pelo colégio têm renda entre um e três salários mínimos; 25%, entre três e dez salários mínimos; 4% têm renda superior a dez salários mínimos;

- Profissão dos pais: respostas variadas foram dadas a essa questão, considerando o trabalho remunerado, não tendo sido estimada a porcentagem relativa a cada profissão: caseiro(a), descarregador(a), pintor(a), frentista, carpinteiro(a), soldador(a), estofador(a), recapador(a), entregador(a), guardião(ã), autônomo(a), servente em construção civil, porteiro(a), taxista, mototaxista, agenciador(a) de cargas, serralheiro(a), pedreiro(a), auxiliar de produção, jardineiro(a), marceneiro(a), contador(a), garçom/garçonete, marmorista, lavrador(a), pizzaiolo(a), locutor(a), motorista, montador(a) (área automobilística), coletor(a), costureiro(a), corretor(a), inspetor(a) fiscal, operador(a) de máquinas, gerente de empresa, cabeleireiro(a), vendedor(a), guarda patrimonial, borracheiro(a), encanador(a), mestre de obras, mecânico(a), monitor(a) encarregado de setores (indústria e comércio), empilhador(a), empresário(a), motorista, metalúrgico(a), policial militar, vigilante, vidraceiro(a), padeiro(a), chapeador(a), soldador, torneiro(a) mecânico(a), professor(a), agricultor(a), cozinheiro(a);

- Grau de escolaridade da mãe: 6% não têm escolaridade; 41% terminaram o Ensino Fundamental até a 5ª série; 32% estudaram até a 8ª série; 17% fizeram Ensino Médio; 4% concluíram a Graduação;

- Grau de escolaridade do pai: 4% não têm escolaridade; 29% terminaram o Ensino Fundamental até a 5ª série; 40% estudaram até a 8ª série; 23% fizeram Ensino Médio; 4% concluíram a Graduação;

- Frequência de utilização do computador pelo aluno: 12% nunca acessaram o computador; 12% usam-no raramente; 43% usam-no às vezes; 13% utilizam-no frequentemente; 20% acessam-no sempre;

[36] O Projeto Político Pedagógico (PPP) do colégio vem sofrendo atualizações desde 2010, mas a última versão encaminhada ao Núcleo Regional de Educação, e por este aprovada, quando da realização da coleta dos textos, datava de 2007, ano em que foi atualizada a pesquisa para compor o perfil da comunidade escolar.

- Acesso à *internet*: 48% das famílias não têm acesso à *internet*, em contraponto a 52% das famílias que têm, de alguma forma, acesso a esse recurso.

Conforme informação divulgada no *site* <http://ideb.inep.gov.br>, a nota relativa ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do colégio foi de 4.0 em 2009, quando da última avaliação realizada até o período de coleta dos textos.

Quanto à formatação do currículo, a partir de 2010, o estabelecimento passou a adotar, para o Ensino Médio, o módulo de disciplinas em bloco. Nesse sistema, a grade escolar é organizada em disciplinas semestrais. Isso significa que, num ano letivo, cada disciplina é ofertada em apenas um dos semestres. As turmas que produziram os textos coletados, por exemplo, tiveram a disciplina de Língua Portuguesa em 2010 somente no primeiro semestre, com seis aulas semanais.

Ambas as turmas cursavam o 3º ano de Ensino Médio no período noturno. Uma delas era constituída por alunos cuja maioria trabalhava durante o dia e tinha cursado os dois primeiros anos desse nível de ensino também no período noturno. A outra turma era formada por alunos que, em sua maioria, não tinham trabalho remunerado e haviam cursado até o 2º ano do Ensino Médio no período matutino, tendo sido transferidos para o período noturno pelo fato de o estabelecimento não oferecer o último ano do Ensino Médio em outro turno. Essas características resultavam em turmas bastante heterogêneas entre si no que tange ao rendimento escolar, tendo mostrado melhor aproveitamento a segunda turma citada. Essa variável, no entanto, não foi levada em consideração na análise do *corpus*.

4.1.2 Sobre a produção do texto

Sem a intenção de fazer uma análise *ex-post-facto* aprofundada de uma experiência de ensino, esta subseção busca apenas contextualizar a produção do *corpus* analisado, que é formado por parágrafos de textos produzidos em resposta à prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)/2008, no primeiro semestre de 2010, quando a responsável por esta pesquisa atuava como docente de Língua Portuguesa no nível Médio. Nesse caso, professora e pesquisadora representam o mesmo sujeito empírico.

Os textos dos quais se coletou o *corpus* constituem a terceira versão de uma produção motivada, orientada e acompanhada em sala de aula. Em princípio, foram trabalhadas as características de um texto argumentativo, com enfoque no gênero artigo de opinião. A

necessidade de tomar exemplares de textos que circulam socialmente como parâmetro tanto para a produção quanto para a análise aqui proposta levou ao trabalho do gênero em questão e posterior orientação para a produção com base nesse modelo. A noção de modelo aqui não se resume à estrutura do texto, embora esse aspecto tenha sido também considerado, menos ainda aos "macetes" relacionados à noção de dissertação produzida na escola. A intenção de apresentar protótipos do gênero foi mostrar aos alunos formas de organizar o conteúdo verbal com vista aos objetivos que envolvem a produção do artigo de opinião, considerando, entre outras questões, o papel do interlocutor na construção do texto. Nesse sentido, a produção textual contou com a figura do leitor como fator do processo de escrita. A situação da interação planejada levou em conta um leitor em potencial de quem se espera uma ativa compreensão responsiva (BAKHTIN, 2003).

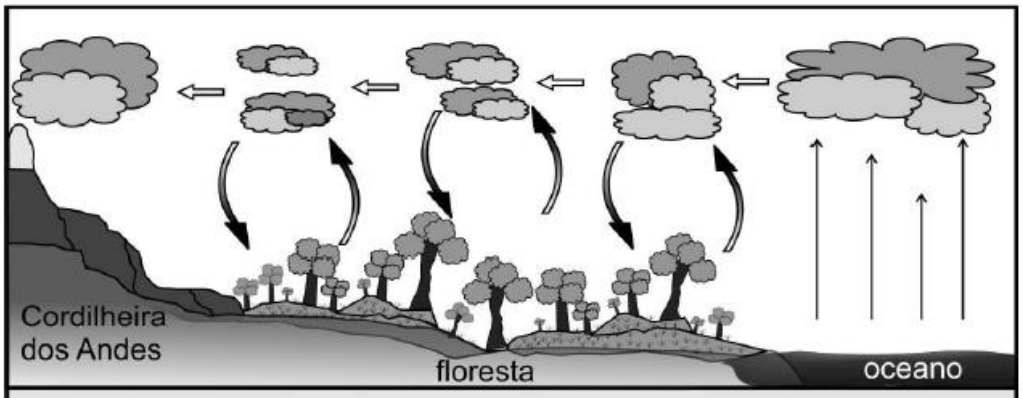
O gênero artigo de opinião foi escolhido como base para a produção por ser o que mais se aproxima da proposta do ENEM, ainda limitada à noção de tipo textual. Conforme se pode observar na Figura 2, apresentada a seguir, a orientação dada determina apenas que o texto produzido seja adequado aos padrões de um texto dissertativo (dissertativo-argumentativo, considerando a proposta como um todo). Em outros termos, o ENEM ainda encaminha a produção a partir da noção de tipo de texto em detrimento da noção de gênero textual, distanciando-se das orientações atuais no que tange à produção textual na escola, inclusive daquelas apresentadas nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (2000) voltados ao Ensino Médio, propostos pelo Ministério da Educação.

Na primeira etapa do trabalho, foram abordadas as características tanto sociointeracionais quanto estruturais e linguísticas propriamente ditas, com análise dirigida de exemplares de textos que circulam socialmente. Seis aulas foram dedicadas a essa abordagem inicial do gênero.

Na sequência, foi apresentada aos alunos a proposta de produção textual do ENEM /2008, conforme a figura a seguir:

Figura 2 - Proposta de produção textual ENEM/2008

PROPOSTA DE REDAÇÃO



Pode parecer que os isótopos de oxigênio e a luta dos seringueiros no Acre tenham pouco em comum. No entanto, ambos estão relacionados ao futuro da Amazônia e a parte significativa da agroindústria e da geração de energia elétrica no Brasil.

À época em que Chico Mendes lutava para assegurar o futuro dos seringueiros e da floresta, um dos mais respeitados cientistas brasileiros, Eneas Salati, analisava proporções de isótopos de oxigênio na precipitação pluviométrica amazônica do Atlântico ao Peru. Sua conclusão foi irrefutável: a Amazônia produz a parte maior de sua própria chuva; implicação óbvia desse fenômeno: o excesso de desmatamento pode degradar o ciclo hidrológico.

Hoje, imagens obtidas por sensoriamento remoto mostram que o ciclo hidrológico não apenas é essencial para a manutenção da grande floresta, mas também garante parcela significativa da chuva que cai ao sul da Amazônia, em Mato Grosso, São Paulo e até mesmo ao norte da Argentina. Quando a umidade do ciclo, que se desloca em direção ocidental, atinge o paredão dos Andes, parte dela é desviada para o sul. Boa parte da cana-de-açúcar, da soja, de outras safras agroindustriais dessas regiões e parte significativa da geração de energia hidrelétrica dependem da máquina de chuva da Amazônia.

T. Lovejoy e G. Rodrigues. **A máquina de chuva da Amazônia.** **Folha de S.Paulo**, 25/7/2007 (com adaptações).

O texto acima, que focaliza a relevância da região amazônica para o meio ambiente e para a economia brasileira, menciona a "máquina de chuva da Amazônia". Suponha que, para manter essa "máquina de chuva" funcionando, tenham sido sugeridas as ações a seguir:

1 suspender completa e imediatamente o desmatamento na Amazônia, que permaneceria proibido até que fossem identificadas áreas onde se poderia explorar, de maneira sustentável, madeira de florestas nativas;

2 efetuar pagamentos a proprietários de terras para que deixem de desmatar a floresta, utilizando-se recursos financeiros internacionais;

3 aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas àqueles que promoverem desmatamentos não-autorizados.

Escolha **uma** dessas ações e, a seguir, redija um texto dissertativo, **ressaltando as possibilidades e as limitações da ação escolhida**.

Ao desenvolver seu texto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista, sem ferir os direitos humanos.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade padrão da língua portuguesa.
- O texto **não** deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O rascunho pode ser feito na última página deste Caderno.
- A redação deve ser passada a limpo na folha própria e escrita a tinta.

ENEM 2008 PROVA 1 — AMARELA — PÁGINA 1 ENEM 2008

Fonte: BRASIL (2008, p. 1)

A maioria dos alunos disseram não ter condições de produzir um texto sobre a temática abordada, haja vista a falta de conhecimento sobre o assunto. Explicitou-se, então,

que a intenção era que eles tivessem contato com uma proposta de redação do ENEM para estarem conscientes das dificuldades com que poderiam se deparar quando da participação de testes como ENEM e vestibular, no que tange tanto à temática abordada quanto à forma de organizar textualmente a interação. Em geral, a produção textual nesses contextos exige do produtor conhecimentos acerca de temas socialmente relevantes, geralmente abordados pela mídia. Explicou-se, porém, que, no caso da produção que se estava propondo naquele momento, teriam a oportunidade de conhecer o tema e sobre ele debater antes da atividade escrita.

Na continuação do trabalho, dez aulas foram dedicadas à abordagem da temática. De início, foram lidos e discutidos em sala três textos sobre o tema abordado na proposta de redação, coletados do *site* <http://riosvoadores.com.br>. Esse espaço congrega textos, publicados originalmente em diferentes fontes, relacionados a problemas ambientais, especialmente no que diz respeito ao processo hidrológico denominado "rios voadores", citado na proposta de redação. Os textos trabalhados em sala foram: *A floresta amazônica gera os rios voadores do Brasil*, de autoria de Enéas Salati, publicada inicialmente na Revista Eco21, edição 126, em maio de 2017; *Sem chuva da Amazônia, SP vira deserto*, reportagem de Daniela Chiaretti publicada inicialmente no jornal Valor Econômico, em 12 de janeiro de 2009; *O valor da chuva*, de autoria de Vandré Fonseca, texto publicado inicialmente no *site* <www.oeco.com.br>, em 24 de julho de 2007.

Também foram lidas e discutidas as seguintes reportagens, apresentadas na mídia televisiva (disponíveis no *site* <www.youtube.com.br>): *Rios voadores*, exibida pelo programa Fantástico, da emissora Globo, em 2007; e *Influência das florestas no clima*, exibida pelo programa América do Sul Hoje, da emissora TV Brasil, em 12 de março de 2008. Ainda foi apresentada e explicada a animação *Rios voadores* (disponível no *site* <http://riosvoadores.com.br/>), produzida pelo projeto Expedição Rios Voadores, buscando a compreensão dos alunos no que diz respeito ao ciclo hidrológico em questão e às suas implicações ecológicas, econômicas e sociais.

Após essa primeira abordagem, foram distribuídos textos de gêneros diversos sobre o assunto em pauta – notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião –, também coletados do *site* <http://riosvoadores.com.br>, quais sejam: *O leão do desmatamento acordou – e está com fome de Amazônia* (por Redação do Greenpeace/Revista Envolverde); *Brasil é líder total em desmatamento, mostra novo estudo* (por Claudio Angelo/Folha Online); *Preservação da Amazônia pode evitar eventos climáticos extremos no país, diz pesquisador* (por Luana Lourenço/Agência Brasil); *Floresta em pé é mais lucrativa, defende pesquisador* (por Luana

Lourenço/Agência Brasil); *Amazônia à beira do abismo* (por Mário Osava/Envolverde/Terramérica); *Desmatamento aquece Amazônia em até 4C, diz Inpe* (por Claudio Angelo/Folha de S. Paulo); *O desmatamento pode causar prejuízos de US$ 1 trilhão* (Agência Estado); *Desmatamento amazônico desafia liderança climática brasileira* (por Mario Osava/IPS-Inter Press Service International Association); *Amazônia deixará de existir se desmate chegar a 50%* (AMDA/Portal Folha); *90% do desmatamento é ilegal* (Portal Terra); *Até 2030, floresta pode perder 50% da área* (Veja Online); *Sob protesto de Marina Silva, Senado aprova MP que aumenta área rural na Amazônia* (por Luciana Lima/Agência Brasil); *Combate à poluição ajuda a secar a Amazônia* (Claudio Angelo/Folha de S. Paulo); *Amazônia 'queima' e América do Sul 'sufoca', diz jornal* (Estadão Online); *Projeto no senado institui política de combate à seca na Amazônia* (Portal do Meio Ambiente / <amazonia.org.br>); *Preço da terra é o principal chamariz na expansão da pecuária bovina na Amazônia* (Portal REMADE /O Eco); *Minc defende extrativismo para combater desmatamento na Amazônia* (Envolverde/Agência Câmara); *Parar o desmatamento não salva Amazônia, dizem cientistas* (por Denize Bacoccina/BBC Brasil); *'Privatização' da Amazônia pode ser 'boa notícia', diz 'La Nación'* (Estadão Online); *Aluguel de floresta começa em Rondônia* (Felipe Seligman/Folha de S. Paulo); *Lula quer 'exorcizar' idéia de Amazônia internacional, diz jornal* (Estadão Online); *Amazônia: terra de ninguém* (Adalberto Wodianer Marcondes/Envolverde/Instituto Ethos); *A Amazônia roubada* (Najar Tubino /Envolverde/Ecoagência); *Os ricos querem despoluir usando as nossas florestas* (por Stephanie Tunmore / Revista ECO 21); *Minc anuncia ações para guerra total ao desmatamento em 2009* (por Suelene Gusmão/MMA); *O sonho amazônico* (por Aldem Bourscheit/O Eco); *Ato de equilíbrio da Amazônia: o crescimento agrícola e as florestas* (David Adams /St. Petersburg Times – Trad. Deborah Weinberg); *Greenpeace pede US$ 14 bilhões para preservar florestas tropicai*s (Folha Online).

A seleção dos textos foi motivada pela necessidade de aproximar os alunos da temática, para que, assim, tivessem o que dizer no momento da produção e tivessem condições de se posicionar a respeito do tema. Procurou-se selecionar textos que pudessem ajudar os alunos a decidir sobre uma das três soluções dadas na proposta do ENEM e a embasar o posicionamento tomado, considerando que era preciso, conforme orientação dada na comanda, ressaltar as possibilidades e as limitações da ação escolhida.

Como seria difícil trabalhar coletivamente todos os textos selecionados, por conta do tempo demandado para essa atividade, e pensou-se em trabalhar também o eixo da oralidade, cada um deles foi entregue a um aluno ou a uma dupla de alunos (no caso dos textos mais

extensos), que ficou responsável por lê-lo e, em plenária, apresentar seu conteúdo, pontuando informações consideradas relevantes e que pudessem ajudar a desenvolver o texto opinativo solicitado. Quando não o faziam de maneira exitosa, a professora fazia a intervenção no final da apresentação, propondo ainda reflexões que pudessem contribuir para a construção de uma opinião sobre o assunto. Os alunos foram orientados a anotar dados que considerassem importantes para a construção dos argumentos. Quatro encontros foram dedicados a essa atividade, além de outras duas aulas anteriores, destinadas à leitura e interpretação do texto.

Na sequência do trabalho com a temática, foram explicitadas aos alunos as competências exigidas pelo ENEM na prova de redação, que deveriam ser consideradas na produção do texto, quais sejam:

> I. Demonstrar domínio da norma culta da língua escrita.
> II. Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo.
> III. Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
> IV. Demonstrar conhecimento dos mecanismos lingüísticos necessários para a construção da argumentação.
> V. Elaborar proposta de solução para o problema abordado, mostrando respeito aos valores humanos e considerando a diversidade sociocultural (BRASIL, 1998, p. 10).

Depois de serem apresentados comentários explicativos sobre cada uma das competências exigidas, passou-se às considerações sobre o contexto de circulação e recepção do texto que produziriam. Com o intuito de promover uma atividade que ultrapassasse os limites da sala de aula e tivesse outros leitores que não apenas a professora, propôs-se a exposição dos textos em painéis dispostos nos corredores do colégio. Nesse contexto de circulação, os alunos teriam como interlocutores potenciais alunos do colégio, de diferentes faixas etárias, além de outros integrantes da comunidade escolar, como professores, funcionários e pais de alunos. Buscou-se, com isso, conforme orientação de Vigner (2002), criar condições para que a escrita deixasse de ser "'obra-prima' abstrata – exigida do aprendiz-aluno – para reencontrar sua função de comunicação, que lhe assegura, desse modo, coerência e autenticidade" (VIGNER, 2002, p. 119).

Na sequência do trabalho, os alunos produziram a primeira versão do texto, tendo sido alertados para o fato de poderem usar dados anotados durantes as aulas; porém, nesse caso, as informações trazidas para o texto deveriam figurar como forma de sustentar uma reflexão por

eles proposta, e não representar apenas uma estratégia de preenchimento (LEMOS, 1977)[37] das linhas mínimas exigidas na proposta de redação. Também se mencionou a necessidade de citar a fonte de coleta dos dados, recurso que poderia, inclusive, contribuir para a sustentação do posicionamento assumido, na medida em que poderia figurar no texto como um argumento de autoridade. Duas aulas foram dedicadas a essa primeira produção, que se deu em sala de aula.

Os textos foram analisados pela professora, que anotou problemas observados, principalmente relativos à construção da argumentação. Essas anotações não foram feitas no texto, pois se pensou em propor uma autoavaliação inicial sem que anotações escritas orientassem tal processo.

Os problemas encontrados foram explorados oralmente nas duas aulas seguintes, momento em que se retomaram as características do texto argumentativo e o contexto de circulação do artigo em construção, questões que deveriam ser consideradas pelos alunos na atividade de reescrita. Deu-se enfoque principalmente à construção da argumentação. Sem citar um texto específico, foram apresentados exemplos de problemas recorrentes na primeira versão; exemplificaram-se, em linhas gerais, formas de reconstruir o texto de maneira a resultar em um artigo que pudesse explicitar a postura do produtor frente ao tema debatido e que pudesse ser reconhecido pelo interlocutor como uma interpretação aceitável acerca do tema em debate.

Nessa etapa do trabalho, chamou-se a atenção dos alunos, em especial, para os objetivos da interação proposta, que é convencer o interlocutor a respeito de uma forma particular de ler fatos do mundo, o que exige a produção de um texto que possa ser tomado pelo interlocutor como um discurso admissível (GOLDER; PERCHERON; POUIT, 1999). Nessa abordagem, enfatizou-se o papel do outro na construção dos sentidos.

No encontro seguinte, foi entregue aos alunos a ficha de autoavaliação (Anexo 2). Os alunos deveriam avaliar os aspectos citados e responder *sim*, *não* ou *parcialmente* considerando o alcance dos objetivos estipulados. Os casos de resposta negativa ou de alcance parcial dos objetivos retratavam a necessidade de repensar a construção do texto para adequá-lo à comanda e ao contexto enunciativo envolvido na interação, levando também em conta as competências exigidas pelo ENEM. Seguiu-se, então, a produção da segunda versão do texto.

[37] Lemos (1977) investiga as estratégias utilizadas por candidatos ao vestibular em face à organização sintático-semântica que dele se exige na prova de redação. Uma das hipóteses que orienta seu trabalho é que tal organização "não representaria o produto de sua reflexão sobre o tema, mas, ao contrário, de um arcabouço ou esquemas, preenchidos com fragmentos de reflexão ou evocações desarticuladas" (LEMOS, 1977, p. 62).

No processo de autoavaliação, verificou-se que, de forma geral, os alunos não tinham maturidade para avaliar o próprio texto nos termos apresentados, ainda que cada item tenha sido explicado oralmente pela professora e relacionado às análises orais feitas no encontro anterior.

O resultado foi um texto não muito diferente da primeira produção, o que levou à decisão de propor uma nova versão, após considerações escritas pela professora no texto do aluno. À margem do texto, foram escritas orientações como "é preciso fazer uma relação explícita entre o dado trazido para o texto e sua opinião", "desenvolva esse parágrafo explicando as razões para dizer o que diz", "há contradição entre essa afirmação e o que diz no restante do texto", "falta desenvolver o argumento apresentado", entre outras que poderiam direcionar a reescrita do texto de forma a torná-lo mais convincente. Em outros casos, os recados tinham como foco a noção de coesão e coerência interna ("rever o uso do conectivo", "palavra inadequada nesse contexto" etc.), quando os alunos eram instigados, a partir das indicações apresentadas, a buscar solução para o problema apontado.

Seis aulas foram reservada para que os alunos relessem os textos, observassem as anotações, tirassem dúvidas pessoalmente com a professora e reescrevessem o texto. Alguns alunos se sentaram à mesa da professora mais de uma vez, interessados em melhorar o texto; outros não se manifestaram, embora estivessem tentando reescrever o texto, o que resultou na necessidade de a professora questioná-los sobre possíveis dúvidas em relação às observações feitas na segunda versão do texto. Quando se observava um problema recorrente, faziam-se explicações à turma toda. Nessa abordagem, objetivou-se explicitar aos alunos os problemas encontrados no texto que impediam que fosse tomado como convincente, pontuando especialmente problemas relativos à organização dos argumentos e à negociação com o interlocutor, embora não se tenha trabalhado, de forma explícita, com os termos 'modalização' ou 'negociação'.

Após esse processo de reescrita, os alunos foram conduzidos ao laboratório de informática nas duas últimas aulas destinadas à atividade de produção textual para que digitassem e formatassem os artigos de opinião. Nesse ambiente, a professora circulava entre os alunos, interagindo com eles ainda com vista à melhoria do texto.

Abre-se aqui um parêntese para observar que questões de domínio da norma culta foram consideradas na correção da segunda versão do texto. Foram feitas anotações em forma de legenda, que precisavam ser consideradas pelos alunos (por exemplo, o asterisco representava um problema de pontuação, palavras sublinhadas significavam problema de ortografia etc.). Porém, no processo de reestruturação textual, constatou-se ser essa uma

estratégia pouco produtiva nessa etapa do trabalho, uma vez que os alunos precisaram fazer mudanças substanciais no conteúdo do texto, o que resultou, em vários casos, em outro texto, diferente da segunda versão.

Como a abordagem do gênero, o debate da temática, a escrita e reescrita do texto demandaram várias aulas, e outros conteúdos precisavam ser abordados na disciplina de Língua Portuguesa, não houve tempo para trabalhar de forma sistemática questões relativas à norma culta nos textos produzidos. Se o trabalho de refacção textual tivesse se estendido, optar-se-ia por insistir na questão da construção de um artigo convincente, haja vista as dificuldades visíveis também na terceira versão do texto, se comparada ao padrão esperado do gênero. Recorre-se a Lara (1999) para justificar a desatenção parcial aos problemas de norma culta, tendo em conta que, no contexto dado,

> [...] falhas como a má estruturação formal, o emprego inadequado de recursos coesivos, o uso de argumentos frágeis ou estereotipados comprometeriam muito mais o texto do aluno, por afetarem sua unidade, coerência e clareza, do que alguns erros na utilização da língua padrão escrita, como uma palavra mal grafada, uma vírgula fora do lugar ou a não-concordância sujeito-verbo (LARA, 1999, p. 55).

Considerou-se, então, a segunda reescrita como a versão definitiva, que foi revisada pela professora antes de ser impressa e publicada. Tal revisão, no entanto, não é aqui considerada, trazendo-se para análise os textos na forma como foram produzidos pelos alunos, inclusive com as inadequações linguísticas presentes na última versão.

Apesar das dificuldades visíveis também na terceira versão, de forma geral, esta, entre as três versões, representa o texto mais adequado ao contexto de produção, circulação e recepção sugeridos quando da produção textual. Entende-se que, após duas reescritas, as estratégias de negociação explicitadas no texto passaram por uma avaliação mais cuidadosa do produtor do que se observa nas duas primeiras versões, considerando a necessidade de conformar o texto a fatores pragmáticos envolvidos na interação, como o gênero produzido, as intenções implicadas em sua produção e a interação com o interlocutor previsto, por exemplo. Assim, optou-se por considerar, na coleta do *corpus*, os textos que compõem a terceira versão, em detrimento das duas versões anteriores.

4.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERFIL DO *CORPUS*

Nesta subseção, apresentam-se considerações sobre o gênero artigo de opinião e, em seguida, fazem-se apontamentos sobre o perfil geral dos textos selecionados.

4.2.1 Considerações sobre o gênero produzido

Conforme se adiantou na introdução deste trabalho, os textos que serviram para a coleta do *corpus* são aqui referenciados como artigos de opinião. A necessidade de propor uma produção com base em um gênero que circula socialmente, segundo orientam estudos diversos no campo do ensino de línguas e segundo estabelecem as *Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná* (2008), levou à escolha do gênero artigo de opinião por ser o que mais se aproxima da proposta do ENEM escolhida para orientar a produção, conforme explicitado na subseção 4.1.2. Tendo em vista tal escolha, é pertinente que se explicitem algumas características do gênero, considerando sua função e seu contexto de produção, circulação e recepção.

Rodrigues (2001) entende que um dos elementos relevantes para a análise do funcionamento do gênero artigo se refere às especificidades da sua esfera social: a esfera jornalística, que se constitui no horizonte de acontecimentos, fatos, conhecimentos e opiniões da atualidade, de interesse público.

Ainda conforme a autora, a função socioideológica desse gênero se caracteriza por fazer circular (interpretar, "traduzir"), periódica e amplamente, informações, conhecimentos e pontos de vista da atualidade e de interesse público, "atualizando" o nível da informação da sociedade (ou de grupos sociais particulares).

Nesse contexto, segundo Rodrigues (2001), o artigo se situa entre os gêneros que historicamente têm seu horizonte temático e axiológico orientado para a manifestação da expressão valorativa a respeito de acontecimentos sociais que são notícia jornalística. A autora observa que o artigo é definido pela instância jornalística e pela esfera acadêmica como o gênero cuja finalidade discursiva da interação social é a manifestação de um ponto de vista, um comentário a respeito dos acontecimentos sociais do universo temático jornalístico, que

apresenta aos leitores determinada orientação apreciativa, cuja autoria representa uma pessoa externa à empresa jornalística.

A autoria, para Melo (2003), é uma das características fixas desse gênero, a qual é sempre definida e explicitada. O articulista que assina o texto pode ser um jornalista ou qualquer cidadão comum que tenha algo a dizer sobre acontecimentos atuais. A configuração dessa autoria, considerando o papel social de quem assina o texto, tem grande relevância na constituição do gênero, uma vez que, conforme analisa Bonini (2003), a identidade de gêneros próximos, como o *editorial*, a *opinião do leitor* e o *artigo assinado*, é cunhada mais pela posição de onde se fala (editorialista, leitor especialista e articulista), pelo que está envolvido nessa posição, do que pela estruturação linguística desses gêneros, que é praticamente a mesma, como também o é o propósito comunicativo: convencer pela argumentação.

Quanto ao contexto de recepção, o texto é acessado por aqueles que são leitores do veículo em que é publicado. Em geral, os jornais e revistas impressos, pelo menos os de grande circulação, configuram o perfil de seu público a partir de enquetes socioeconômicas.

Rodrigues (2001) observa que as grandes empresas jornalísticas publicam jornais diferenciados, destinados ao consumo de diferentes tipos de destinatário, tomando por base a classe econômica. Segundo a autora, enquanto nos jornais destinados aos leitores das classes sociais A e B se tem a presença constante do gênero artigo, nos jornais destinados exclusivamente aos leitores das classes populares (C, D e outras), observa-se a tendência de não apresentar tal gênero.

A respeito da configuração geral do gênero, é pertinente aqui apresentar algumas ressalvas considerando o contexto de ensino. Quando é tomado para fins didáticos, as características relativas à circulação e recepção do artigo de opinião são transfiguradas: o espaço de circulação deixa de ser aquele previsto para o gênero e passa a ser a sala de aula; e os leitores passam a ser os alunos, que, por via de regra, não são leitores de jornais e revistas, ou seja, não são os leitores previstos para o gênero. De forma mais ampla, pode-se dizer que os aspectos sociocomunicativos e funcionais reais do artigo de opinião são diversos nesse contexto em comparação com aquele em que comumente circula.

Quando o trabalho se volta para a produção textual, essa desconfiguração fica ainda mais evidente, uma vez que se altera também o contexto de produção do gênero. O produtor deixa de ser um articulista e passa a ser o aluno, um improvável produtor de artigos de opinião que circulam na esfera jornalística, pelo menos em seu papel social atual.

Ademais, aspectos como o espaço geográfico e social de onde emerge e onde circula o texto é bastante distinto em comparação ao contexto de produção e circulação do artigo

publicado na esfera jornalística. No caso dos textos que serviram para a coleta do *corpus*, a heterogeneidade dos potenciais leitores (alunos, pais, professores e funcionários da instituição) e o suporte do texto (mural do colégio) são exemplos disso.

Considerando toda essa desconfiguração, ou reconfiguração, cabem algumas considerações sobre os resultados esperados. Toma-se como inadequada a expectativa de que um aluno de cerca de 17 anos trate de assuntos socialmente controversos da mesma forma que um articulista o faz em um artigo de opinião publicado na esfera jornalística. O relacionamento que aluno e articulista têm com o conteúdo e com o interlocutor não é o mesmo: o domínio do conteúdo e da situação de interação dá ao articulista maior possibilidade de ação sobre o outro e, por isso, de êxito em relação aos usos linguísticos que faz, inclusive daqueles que pontuam de forma mais explícita as estratégias de negociação mobilizadas no texto.

Conforme analisa Rodrigues (2001), a opinião do articulista, um interlocutor de elite, constitui-se como certa norma para os leitores, uma vez que sua posição social de autoria se mostra como um argumento para a plausibilidade, credibilidade do enunciado que apresenta. É nesse sentido que Melo (2003) explica que a assinatura é um índice que orienta a leitura do interlocutor, sendo um parâmetro para a sua valoração em relação ao texto. A posição de autoria retrata, pois, um argumento de autoridade (RODRIGUES, 2001).

Essa posição não é acessada pelos alunos. O papel social real que assumem, e não o papel virtual a que geralmente são lançados no momento da produção de um texto, não lhes permite debater o assunto em pé de igualdade em relação ao articulista, o que se reflete na superfície textual. Nesse sentido, é de se esperar que os articulistas usem de forma mais produtiva as possibilidades da língua para alcançar os objetivos perlocucionários do gênero do que os alunos, produtores de texto em formação. Além de, em geral, lidarem eficientemente com estratégias do texto argumentativo *stricto sensu* produzido na modalidade escrita, os articulistas se propõem a debater assuntos que são de seu domínio. O mesmo não ocorre com os alunos, que precisaram responder a uma proposta que advém da escolha da professora. Apesar do cuidado em garantir o debate da temática em sala, os textos refletem a dificuldade de tratamento do tema trazido para discussão, dificuldade esta que se revela em relação tanto ao entendimento mesmo da questão posta para debate quanto à tomada de posição perante o assunto abordado.

Entende-se, então, que exigir que o resultado dos textos produzidos em sala fosse comparável àquele alcançado em artigos de opinião publicados na mídia impressa ou na *internet*, por exemplo, seria ignorar as condições de produção desses textos. E desconsiderar

tais condições é retroagir em direção à visão do texto como um produto pronto e acabado, sem história e condenado a uma análise que não ultrapassa o que é dado na superfície textual, orientação que não se assenta na visão da linguagem como atividade sócio-histórica (MARCUSCHI, 2008).

Assim, a escolha por referenciar os textos analisados como "artigo de opinião" requer que se levem em conta as condições de produção, circulação e recepção real do gênero. Nesse sentido, os textos que serviram para a coleta do *corpus* são aqui tomados como exemplares desse gênero considerando tal contexto, e não o padrão esperado de textos que circulam na mídia.

4.2.2 O perfil dos textos considerados na seleção do *corpus*

Inicialmente, cumpre explicitar os procedimentos adotados para a compilação dos textos tomados para análise. Tendo-se escolhido constituir o *corpus* a partir da terceira versão do texto, não foram consideradas na coleta dos parágrafos as produções que não passaram por duas reescritas. Por motivos diversos, como faltas à aula, evasão escolar e desinteresse do aluno em realizar todas as etapas da atividade, houve casos de produção de apenas uma ou duas versões do texto, que foram desconsideradas.

Com a finalidade de garantir o cumprimento dos princípios éticos, foi apresentado projeto (Anexo 3) prevendo coleta e arquivamento das redações escolares para fins de estudos linguísticos ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Observa-se que o projeto também envolvia a aplicação de um questionário com o objetivo de recolher dados que possibilitassem traçar o perfil sócio-econômico-educacional dos alunos; porém, o questionário não foi considerado nesta pesquisa.

O projeto foi aprovado em junho de 2010, viabilizando o uso dos dados mediante o consentimento formal (Anexo 4) dos alunos/pais. Assim, também não foram considerados na coleta do *corpus* os textos cujos autores não devolveram o documento firmando tal consentimento.

Os artigos que não se enquadraram em nenhum desses dois casos de exclusão apresentados, 44 no total, foram inicialmente considerados para a coleta do *corpus*. Porém, como constituem objeto de estudo os modalizadores *stricto sensu*, foram excluídos três textos

que não apresentavam tais elementos, resultando em um conjunto de 41 textos (Anexo 1). Destes, foram coletados 120 parágrafos, os quais constituem o *corpus* de análise. Observa-se que se fez transcrição *ipsis litteris* dos recortes selecionados, e os parágrafos foram considerados conforme propostos pelos estudantes, ainda que não respondessem à estrutura padrão do parágrafo. O recorte dessa unidade do texto justifica-se por garantir um contexto suficiente para a interpretação dos modalizadores e por ser, em geral, didaticamente explorada nas aulas de produção textual.

Vale observar, ainda, que, na apresentação e análise do *corpus*, na próxima seção, alguns dos parágrafos são repetidos, por apresentarem estratégias de modalização representativas das duas categorias propostas.

Quanto ao perfil dos textos, observa-se que os artigos são bastante heterogêneos no que tange à construção da argumentação, à estrutura e ao domínio de aspectos textuais, como coesão e coerência, e da norma culta. Há textos que explicitam grande dificuldade do produtor em assumir pontos de vista e defendê-los, a qual resulta, por exemplo, em estratégias de preenchimentos, ou mesmo na ausência de qualquer tentativa de desenvolver a argumentação, distanciando o texto do padrão composicional do gênero artigo de opinião. Também são observados problemas mais evidentes em relação à coerência e coesão textual, com ideias fragmentadas, desarticuladas e descontextualizadas, bem como recorrência de problemas relativos à construção da oração, problemas de ortografia[38] e desobediência à norma culta.

Outros artigos, apesar de fragilidades diversas explicitarem que são construídos por produtores ainda em formação, reúnem estratégias mais favoráveis à constituição de um ambiente propício ao êxito da negociação. Ainda assim, o produto final não pode ser comparado a artigos de opinião produzidos por escritores experientes, conforme exposto anteriormente. Em geral, os textos em que se verificam condições mais favoráveis ao desenvolvimento de processos de negociação são também mais bem estruturados do que aqueles que apresentam dificuldades mais evidentes de compor um ambiente de debate e de propor uma interação exitosa. A estrutura desses textos se aproxima mais do padrão composicional do artigo de opinião e verificam-se problemas menos graves de construção da oração e de adequação à norma culta, embora estes também estejam presentes nos textos mais bem elaborados.

[38] Observa-se que algumas inadequações ortográficas resultam da digitação, ou seja, é possível que não figurassem na versão do texto manuscrito. Mas o fato de o texto apresentar tais inadequações revela que, após a digitação, possivelmente o aluno não tenha feito nova leitura do texto.

Pode-se dizer que as dificuldades observadas no *corpus* são, em grande medida, resultado da dificuldade, em maior ou menor grau, do aluno em reconhecer o texto como um lugar de interação entre sujeitos.

O reconhecimento, por parte do produtor, do lugar que toma na interação discursiva está diretamente relacionado às condições de produção do texto, conforme descritas por Geraldi (1991), que vão refletir na construção linguística em si: a) ter o que dizer; b) ter uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) ter para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor se constituir como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz. O atendimento dessas condições dá possibilidades ao aluno de escolher as estratégias linguístico-discursivas necessárias para realizar (a), (b), (c) e (d), conforme explicita o autor, entre as quais se destaca o importante papel dos elementos modalizadores no texto opinativo.

Considerando o *corpus* desta pesquisa, entende-se que, apesar de o tema ter sido trabalhado em sala e de ter sido proposto um contexto real para a circulação do texto, as condições acima apontadas são apenas parcialmente atendidas, resultando na dificuldade do aluno de conceber "de fato, aquele texto como a expressão criadora de seu pensamento" (CORACINI, 1991, p. 180).

O parágrafo a seguir ilustra algumas dificuldades visualizadas no *corpus*:

> [ff] O desmatamento está cada vez mais avançado, e é **com clareza que** os fazendeiros tem muita culpa em que está acontecendo, na Amazônia. E tudo isso só para ter lucro os leva a fazer isso á a agricultura, como ficou registrado na voz do governador do Mato Grosso Blaero Maggi que foi entrvistado por Daniela Chiaretti se queríamos árvores ou comida. (Parágrafo 55, Texto 13)

Nesse caso, verifica-se dificuldade de relacionar explicitamente as partes do texto, considerando que a pergunta feita pelo governador citado não tem relação necessária com a busca por lucros. O fato de os conteúdos não terem sido relacionados de forma clara acaba fragilizando as possibilidades de progressão do texto e de o leitor atribuir-lhe coerência, podendo resultar na descontinuação do debate intentado pelo produtor.

Observa-se também que as análises postas pelos alunos podem ser tomadas, em alguns casos, como pouco amadurecidas, como se observa no parágrafo a seguir:

> [gg] A desmatação na Amazônia já passa dos 335 mil/KM², 20 hectares por minuto, 30 mil por dia e 8 milhões por ano. Com esse avanço nós pagamos os preços por exemplo com que está acontecendo enchentes, terremotos, chuvas seria justo que todos que desmatam paguem caro, multas por cada área desmatada, assim os fazendeiros teriam mais consciência. **Tenho certeza** se todos nós ajuda-se não estaríamos assim, precisamos preservar mais. (Parágrafo 57, Texto 13)

Esse parágrafo apresenta noções de senso comum, que não refletem uma reflexão do nível esperado em um artigo de opinião. Porém, problemas dessa natureza podem ser justificados pela pouca habilidade dos alunos em lidar com a temática trazida para discussão, conforme já explicitado, e mesmo com o texto opinativo produzido na modalidade escrita. Vale observar que o produtor busca promover um processo de justificação no parágrafo, trazendo dados, exemplificação e avaliações, o que pode revelar uma tentativa de superação do senso comum aí apresentado.

Em relação ao posicionamento do produtor em face de seu texto e de seu interlocutor, observa-se que, de forma geral, ora o aluno parece se portar como um sujeito de discurso, consciente da interlocução viabilizada via texto e dos objetivos da interação proposta, ora demonstra fragilidades que revelam a dificuldade de considerar o movimento de negociação que se deve instaurar no texto argumentativo *stricto sensu*, o que se reflete na produtividade dos elementos modalizadores no texto. Tal fragilidade pode ser observada tanto quando se toma o cotexto mais imediato quanto quando se toma o texto como um todo. Para exemplificar, cita-se o parágrafo a seguir, retirado do Texto 40:

> [hh] **É necessário** aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas áqueles que promovem o desmatamento não-autorizado, por isso o desmatamento não terá significativa para os madereiros. (Parágrafo 119, Texto 40)

Quanto ao elemento modalizador destacado no início do parágrafo, pode-se dizer que sua atualização é motivada pela proposta de produção do texto. Recorre-se aí à cópia da proposta de ação dada na folha que orienta a produção do texto, a qual cria um ambiente propício ao aparecimento do elemento modalizador do campo deôntico.

Nesse caso, o entorno cotextual, no limite do parágrafo, mostra que a posição de autoridade que envolve recursos do campo deôntico acaba prejudicada pela dificuldade de propor encadeamento coerente, enfraquecendo a possibilidade de negociação. Mesmo se, num esforço cooperativo, o leitor entendesse que o produtor do texto pretendeu dizer, com o encadeamento dado após a virgula, que os madeireiros deixariam de desmatar se fossem multados, pelo menos dois outros problemas dificultariam a conversa entre os interlocutores, considerando agora o cotexto mais amplo do que o limite do parágrafo. O primeiro diz respeito à inclusão abrupta do objeto de discurso (KOCH, 2002b) *os madeireiros*, apresentados como os únicos responsáveis pelo desmatamento, o que gera uma incoerência em relação ao universo de referência extratextual. O segundo se refere ao fato de não se explicitar a relação estabelecida entre multas e abandono da atividade econômica que resulta

em desmatamento, mesmo porque o adjetivo *significativa*, além estar de mal empregado quanto à sintaxe, não é autoexplicativo – como o seria, por exemplo, a expressão *não lucrativa*. Nesse caso, o produtor do texto demonstra dificuldade em equilibrar implícitos e explícitos, o que revela a pouca habilidade em lidar com o texto argumentativo *stricto sensu* na modalidade escrita.

As análises postas acima levam à compreensão de que a negociação, nesses casos, não se efetiva de fato ou não alcança o resultado esperado, se essa estratégia for considerada a partir do padrão do artigo de opinião que circula na esfera jornalística. Porém, apesar de se observarem dificuldades relativas à produção de um texto que responda aos padrões desse gênero, o que aponta para escolhas frágeis no que tange às formas linguísticas escolhidas para estabelecer e manter a interação, entende-se que os textos constituem tentativas de produção do gênero em foco, que não podem ser desconsideradas em detrimento do padrão esperado.

Tais tentativas são interpretadas considerando a complexidade que envolve a atividade de produção de textos dissertativos. Conforme Lemos (1977),

> A hipótese de uma maior complexidade do discurso dissertativo parece associada à exigência de distanciamento (ou decentração) do contexto imediato, ou contexto da experiência particular ou pessoal, que ele representa. [...] Além desse processo de decentração, que decorre da natureza demonstrativa do discurso dissertativo, seu compromisso com a retórica, ou com a intenção persuasiva, impõe a manipulação de um sistema de pressuposições sobre o conhecimento do interlocutor que, dadas as condições da produção escrita, se torna problemática (LEMOS, 1977, p. 62).

Assim, tendo em mente o contexto de produção do *corpus* e, ainda, a complexidade que envolve o processo de produção do texto opinativo escrito, assume-se aqui o seguinte entendimento: as estratégias linguísticas usadas pelos alunos, especialmente no que diz respeito aos elementos modalizadores, ainda que não resultem em uma intervenção produtiva se consideradas as questões pragmáticas que o envolvem, retratam "tentativas" do produtor de promover uma interlocução em que se negociam as representações da realidade explicitadas no texto argumentativo.

É evidente que as tentativas de negociação visualizadas nos textos dos alunos precisam ser refinadas. Isso implica o trabalho – que deve ser garantido ao longo da vida acadêmica do aluno – de análise linguística com vista à observação do funcionamento dos elementos modalizadores em ambiente de argumentação *stricto sensu*, tendo em conta o contexto enunciativo de onde emerge o texto.

Por outro lado, considerando o contexto específico de produção, não se pode desconsiderar o valor argumentativo de tais usos e o esforço do aluno na tentativa de fazê-los

figurar como parte do contexto persuasivo que pretende instaurar. Ainda que não lidem com tais elementos, e com estratégias de argumentação de forma mais ampla, com a mesma competência que os articulistas, os alunos buscam propor um ambiente de debate em que se abre espaço para a negociação. Nesse sentido, as tentativas de negociação são consideradas estratégias relevantes nos textos tomados para análise. Entende-se pertinente propor uma investigação mais pontual do esforço empreendido pelo aluno para a promoção e a manutenção do diálogo, conforme análise apresentada na Seção 5.

Diante desse quadro, considerando o uso nem sempre produtivo dos elementos modalizadores, por um lado, e as tentativas do produtor de texto em formação de conformar seu texto aos objetivos da interlocução, por outro, as estratégias analisadas são tomadas como tentativas de negociação. Evita-se, assim, criar a expectativa de que os movimentos de negociação propostos pelos alunos sejam sempre exitosos.

Observa-se, por fim, que grande parte dos textos dos alunos apresentam cópia ou paráfrases de trechos de textos lidos quando do debate do tema, ou, ainda, da comanda. Esse exercício é aqui tomado como uma tentativa de superação do senso comum e de reflexão a partir do discurso do outro. Por se tratar de um tema de pouco conhecimento dos alunos, é compreensível que estes se ancorem em textos que lhes foram apresentados como suporte ao debate. É relevante observar que, em geral, há um esforço do aluno, na incorporação do discurso do outro, de buscar apresentar um posicionamento perante o tema trazido para debate.

4.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Após as primeiras tentativas de análise e uma revisão inicial do referencial teórico que apoia esta pesquisa, delineou-se a seguinte questão de pesquisa, já apresentada na introdução deste trabalho: Como os alunos do Ensino Médio se relacionam com o conteúdo de seu texto e com o interlocutor por meio de elementos modalizadores, de maneira a estabelecer direcionamentos compatíveis com as intenções que movimentam a produção do texto?

Essa questão demandou o desenvolvimento de uma pesquisa fundamentalmente qualitativa, buscando interpretar certos fenômenos inseridos em um contexto (BORTONI-RICARDO, 2008). Porém, no decorrer do estudo, considerou-se que a atualização mais recorrente de um ou outro recurso poderia render análises que revelassem questões

significativas quanto ao uso de modalizadores. Assim, o estudo tomou um direcionamento de pesquisa qualiquantitativa. Como os dados quantitativos são interpretados a partir de um olhar subjetivo, considera-se adequado falar em uma pesquisa fundamentalmente qualitativa, conforme exposto no início deste parágrafo.

A análise é orientada por uma perspectiva descritivo-interpretativa; é sustentada em revisão bibliográfica e centrada em métodos e procedimentos que visam a "descrever e interpretar o fenômeno do mundo em uma tentativa de compartilhar significados com outros" (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 61). Assume-se a premissa apresentada pelo paradigma interpretativista de que o pesquisador é parte do mundo que ele pesquisa (BORTONI-RICARDO, 2008), de modo que análises absolutamente objetivas são tomadas como meta impossível de ser alcançada, pelo menos no tipo de estudo aqui proposto, pautado na avaliação de fragmentos de textos. Isso porque, conforme explicita Costa Val (2006), "a interação comunicativa de verdade é um processo essencialmente intersubjetivo: são pessoas que produzem/interpretam textos, e entram nesse jogo com toda a sua individualidade" (COSTA VAL, 2006, p. 36).

Assim, a interpretação é aqui compreendida como a busca de perspectivas seguras em acontecimentos particulares e por *insights* particulares (MOREIRA; CALEFFE, 2008), mas assentadas em teorias e parâmetros postos e aceitos na área da Linguística. Portanto, a avaliação dos parágrafos que constituem o *corpus* é pautada em critérios qualitativos que busquem captar e sistematizar as condições naturais de aceitabilidade dos textos, conforme orienta Costa Val (2006), tendo em mente a situação comunicativa de onde emerge a interação, as características dos interlocutores e o gênero textual por meio da qual tal interação se realiza, entre outros aspectos pragmáticos.

Adota-se como procedimento metodológico a análise textual qualitativa (MORAES, 2003; MORAES; GALIAZZI, 2006, 2007). Segundo descrevem Moraes e Galiazzi (2006), trata-se de uma abordagem entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa com textos: a Análise de Conteúdo e a Análise do Discurso, embora não se identifique em sua totalidade com nenhuma dessas áreas. Entre as aproximações pertinentes com essas áreas, citam-se, em relação à primeira, o estabelecimento de categorias e a consideração da descrição e da interpretação como atividades igualmente importantes. Em relação à segunda área, a aproximação pode ser verificada, por exemplo, no fato de tomar o texto não como um fenômeno estanque, um produto acabado e isolado do contexto de enunciação, mas como parte de um discurso, que envolve questões mais abrangentes que a estrutura sintático-

semântica do enunciado, e, ainda, no fato de considerar que o pesquisador assume, respectivamente, o papel de leitor e intérprete do texto com que lida.

Vale observar que, conforme pesquisas citadas por Moraes e Galiazzi (2007), os estudos que recorrem à metodologia da 'análise textual qualitativa', também referenciada como 'análise textual discursiva', em geral, estão voltados para pesquisas que buscam depreender sentidos naquilo que é dito, no conteúdo semântico dos textos, nos discursos, conforme deixa explicitado o adjetivo 'discursiva'. Porém, entende-se que a metodologia em questão pode ser empregada quando se tem por foco elementos linguísticos específicos, numa atenção mais acurada para a interpretação do "como é dito" do que do "o que é dito", como é o caso deste trabalho. Em outras palavras, focam-se as estratégias linguísticas e não propriamente o discurso presente nos textos investigados, de modo que a análise textual é aqui tomada como um procedimento que visa a descortinar operações linguísticas, tendo em conta o cotexto e o contexto em que se realizam. Nesse sentido, julga-se mais adequado que, nesta pesquisa, a metodologia em questão seja nominada 'análise textual qualitativa', em detrimento da expressão 'análise textual discursiva', uma vez que o discurso, em si, fica relegado a segundo plano em face daquilo que é central nesta pesquisa: expedientes linguísticos específicos que assumem função relevante na forma como o produtor propõe relacionamento com o texto e com o interlocutor.

Tendo sido feita essa ressalva, recorre-se à apresentação mais detalhada da metodologia em tela. Segundo os autores que a propõem, trata-se de "uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões" (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 7), que são construídas a partir de um conjunto de textos, analisados segundo uma perspectiva assumidamente subjetiva: "Nesse tipo de análise exige-se do pesquisador mergulhar em seu objeto de pesquisa, assumindo-se sujeito e assumindo suas próprias interpretações" (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 122).

Moraes (2003) propõe uma interpretação metafórica da análise textual qualitativa como uma tempestade de luz:

> O processo analítico consiste em criar as condições de formação dessa tempestade em que, emergindo do meio caótico e desordenado, formam-se *flashes* fugazes de raios de luz iluminando os fenômenos investigados, que possibilitam, por meio de um esforço de comunicação intenso, expressar novas compreensões atingidas ao longo da análise (MORAES, 2003, p. 192).

Para o autor, trata-se de um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes: i. a

desconstrução dos textos do *corpus*; ii. o estabelecimento de relações entre os elementos unitários; iii. o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. Tais componentes são assim denominados pelo autor: 'unitarização', 'categorização' e 'comunicação'.

Considerando a pesquisa aqui proposta, no primeiro estágio da análise, os parágrafos que constituem o *corpus* foram examinados com a finalidade de construir compreensões, entre as muitas possíveis, tendo em mente o expediente linguístico nos quais se focaria o olhar, atividade pautada em teorias previamente selecionadas como aporte teórico. Trata-se do momento de desconstruir e unitarizar o *corpus* por meio do processo de desmontagem/desintegração dos textos, destacando seus elementos constituintes, conforme explica Moraes (2003). Segundo o autor, esse processo implica colocar o foco nos detalhes e nas partes componentes, uma fragmentação com vista à percepção dos sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores.

Assim, fez-se o mapeamento dos modalizadores para abstrair certa unidade que justificasse a posterior categorização. Nesse processo, embora uma visão holística do texto e seu contexto de produção fosse levada em conta, julgou-se adequado observar o cotexto imediato em que se inseriam tais elementos, o que resultou na consideração de parágrafos como *corpus* de análise, garantindo uma contextualização linguística mínima que orientasse a interpretação do fenômeno em foco, conforme já exposto.

Inicialmente, os modalizadores foram analisados a partir dos eixos tradicionalmente considerados nos estudos linguísticos: deôntico e epistêmico, considerando as nuances semânticas implicadas nesses dois eixos. Porém, observou-se a necessidade de desestabilizar o dado, para se verificarem novas perspectivas de análise, que não se limitassem à simples categorização conforme estudos já realizados. Nesse direcionamento, buscou-se ultrapassar o nível superficial de lexicalização (PARRET, 1988), de maneira que não teve papel relevante a forma de lexicalização dos modalizadores, que são considerados em relação aos processos de negociação que instauram no texto independentemente da forma linguística escolhida para viabilizar tais processos.

Após tentativas de unitarização diversas, visualizou-se, no componente pragmático, um direcionamento possível para a categorização. Esta, que representa o segundo ciclo das análises, é assim descrita por Moraes (2003, p. 197): "A categorização é um processo de comparação constante entre as unidades definidas no processo inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes. Os conjuntos de elementos de significação próximos

constituem as *categorias*". O fragmento a seguir explicita de forma mais clara esse segundo ciclo da pesquisa, em comparação ao primeiro:

> Se no primeiro momento da análise textual qualitativa se processa uma separação, isolamento e fragmentação de unidades de significado, na categorização, o segundo momento da análise, o trabalho dá-se no sentido inverso: estabelecer relações, reunir semelhantes, construir categorias. O primeiro é um movimento de desorganização e desconstrução, uma análise propriamente dita; já o segundo é de produção de uma nova ordem, uma nova compreensão, uma nova síntese (MORAES, 2003, p. 201).

No processo de categorização, que figura como uma busca por regularidades que justifiquem a reunião de expressões linguísticas em um mesmo conjunto, observaram-se tentativas de negociação viabilizada pelos elementos modalizadores, que passaram a ser organizados conforme a força ilocutória que encerram em duas grandes categorias: negociação enfática e negociação atenuada. Das tentativas múltiplas de observação do papel dos modalizadores numa perspectiva semântico-discursivo-pragmática, entendeu-se que elementos de modalização deôntica e epistêmica poderiam dividir lugar em cada uma das categorias propostas, embora não se tenham desconsiderado as peculiaridades semânticas de cada eixo.

Pode-se dizer que o estudo proposto combina método indutivo e dedutivo, uma vez que as categorias surgiram após o exame do *corpus*, não sendo dadas *a priori*; porém, sua proposição foi influenciada, em grande medida, pelo referencial teórico inicialmente considerado e aquele que foi sendo incorporado no decorrer do processo, tendo em conta que o olhar subjetivo do pesquisador não pode estar imune a conhecimentos e leituras que precedem e direcionam esse olhar. Guiadas por um conjunto de teorias dadas *a priori*, novas pontes foram estabelecidas entre os dados empíricos com que se trabalha nesta pesquisa e as teorias de base, propondo uma leitura dessas teorias conformada a um *corpus* que foi pela primeira vez investigado.

A partir das categorias visualizadas, produziram-se as descrições e interpretações que resultaram no metatexto aqui apresentado, que constitui um conjunto de argumentos descritivo-interpretativos que visa a expressar a compreensão da pesquisadora em relação ao fenômeno investigado, num exercício de abstração que ultrapassa a mera descrição e o nível de leitura mais imediato proporcionado pelo texto, chegando à construção de novos sentidos a que talvez nenhum outro pesquisador chegaria. Esse processo é assim explicado por Moraes (2003):

> Na medida em que as categorias estão definidas e expressas descritivamente a partir dos elementos que as constituem, inicia-se um processo de explicitação de relações entre elas no sentido da construção da estrutura de um metatexto. Nesse movimento, o analista, a partir dos argumentos parciais de cada categoria, exercita a explicitação de um argumento aglutinador do todo. Esse é então utilizado para costurar as diferentes categorias entre si, na expressão da compreensão do todo (MORAES, 2003, p. 201).

Nessa dinâmica, conforme explica o autor, pesquisar e teorizar significa construir compreensão, a partir de uma perspectiva subjetiva, uma vez que se trata de interpretação do pesquisador, embora ancorada em referencial teórico e amparada nas pistas linguísticas recuperáveis pela análise. É nesse sentido que se toma a descrição não como uma representação exata do mundo, mas, conforme descreve Morais (2003, p. 203), como "um esforço de exposição de sentidos e significados em sua aproximação mais direta com os textos analisados".

Vale ainda observar que os ciclos descritos pelos autores aqui referenciados não se dão de forma estanque, mas ocorrem de forma integrada, pois o limite de um não se estabelece com o início do outro ciclo. Assim, o metatexto, aqui acessível ao leitor, não representa um produto a que se chegou de forma óbvia após o processo de recategorização, mas um processo de retomadas e ressignificações, pois, no processo de escrita, as categorias propostas e a argumentação inicialmente expressa foram postas à crítica e reformulação. Esse processo dinâmico se reflete, inclusive, no referencial teórico abordado, que precisou ser constantemente reavaliado e adequado às análises propostas, ou estas àquele, a depender do caso.

Na construção do metatexto, conforme Moraes (2003), é importante que haja uma "tese" ou argumento central, capaz de possibilitar o encadeamento das partes no todo. Da pergunta de pesquisa que emergiu do contato inicial com o *corpus*, citada no início desta subseção, vislumbra-se a tese defendida neste trabalho: os alunos recorrem à modalização na construção do texto argumentativo, num processo de interlocução negociada, cara a esse tipo de texto. A pesquisa, então, volta-se para a interpretação das formas como tal interlocução é proposta no *corpus*.

5 NEGOCIAÇÃO DEFLAGRADA POR ELEMENTOS MODALIZADORES

Nesta seção, apresentam-se as análises sobre as tentativas de negociação observadas nos parágrafos que constituem o *corpus*, tendo em foco o papel dos elementos modalizadores.

Observaram-se tentativas de dois macromovimentos de negociação, que refletem um produtor ora mais engajado com seu texto e agindo de forma mais incisiva sobre o interlocutor, ora preocupado em manter certo distanciamento em relação ao que diz e em angariar a confiança do leitor a partir da criação da imagem de um analista ponderado. Esses dois movimentos podem ser analisados em termos da força ilocutória dos modalizadores, embora outras estratégias linguísticas dadas no cotexto também tomem parte da negociação proposta.

A descrição apresentada por Hengeveld (1989), em relação a operadores de ilocução, contribui para explicar os movimentos citados:

> Two of the strategies in which illocution operators can be used are mitigation and reinforcement [...]. The general function of mitigation is to reduce the force of a speech act. The goals of mitigation can be more specific: to prevent loss of face, be polite, leave room for the addressee to refuse or disagree, make the addressee feel comfortable, etc. The general function of reinforcement is to impose the speech act more strongly upon the addressee. The goals of reinforcement, too, can be more specific: to convince the addressee, express impatience, show superiority, etc.[39] (HENGEVELD, 1989, p. 16).

Hengeveld (1989) relaciona os operadores de ilocução aos possíveis efeitos perlocucionários de um ato de fala, em contraponto com os operadores de proposição, que dizem respeito ao conteúdo do texto. Para o autor, os operadores de ilocução estão relacionados à intenção comunicativa que leva o produtor a apresentar tal conteúdo.

Da orientação de Hengeveld (1989), toma-se principalmente a descrição da função geral das estratégias em tela: reforçar ou atenuar o ato de fala sobre o interlocutor. Dos objetivos mais específicos, descartam-se as noções de "ser educado", relacionado à primeira estratégia, e de "expressar impaciência" ou "mostrar superioridade", relativas à segunda estratégia. Considerando o *corpus* deste trabalho, pode-se dizer que ser educado é atitude

[39] "Duas das estratégias em que operadores de ilocução podem ser usadas são a mitigação e o reforço [...]. A função geral da mitigação é reduzir a força de um ato de fala. Os objetivos da mitigação podem ser mais específicos: preservar a face, ser educado, deixar espaço para o destinatário recusar ou discordar, deixar o interlocutor confortável, etc. A função geral do reforço é impor o ato de fala mais fortemente sobre o destinatário. Os objetivos do reforço também podem ser mais especificos: convencer o destinatário, expressar impaciência, mostrar superioridade, etc." (HENGEVELD, 1989, p. 16).

imperativa para que o debate seja mantido, e mostrar impaciência ou superioridade, ao contrário, pode contribuir para o insucesso da interação. Embora se entenda que os elementos modalizadores possam expressar uma maior ou menor autoridade do produtor do texto em relação ao assunto abordado e mesmo em relação ao interlocutor, em geral, faz-se uso de tais elementos de forma a evitar ferir a face do parceiro da interlocução.

Ainda sobre a descrição de Hengeveld (1989), entende-se que o objetivo de convencer o interlocutor, relacionado pelo autor apenas à segunda estratégia, guia todo processo de interlocução proposto por meio de artigo de opinião, de modo que subjaz também ao uso da primeira estratégia apresentada, como de qualquer outra manobra linguística feita nesse gênero. O que parece ocorrer é uma tentativa de convencimento que oscila entre um ato de fala mais incisivo e um ato de fala mais comedido, relacionando estratégias diversas na tentativa de enredar o interlocutor na direção argumentativa proposta no texto.

As duas estratégias apresentadas por Hengeveld (1989) são traduzidas por Camparini (2009) como *atenuação* e *asseveração*, respectivamente. A autora as considera na análise de elementos modalizadores do campo deôntico, objeto de seu estudo. Observa-se, porém, que podem ser atualizadas também por meio de elementos de modalização epistêmica, pois o jogo entre maior e menor tensão, maior e menor exposição da face, maior e menor engajamento, maior e menor força do ato de fala sobre o interlocutor pode ser observado em ambos os eixos.

Camparini (2009) analisa que, quando recorre à atenuação, o produtor do texto busca proteger seu enunciado da possibilidade de refutação e, com isso, preservar sua face. Quando recorre à asseveração, tal proteção é substituída pela imagem de um conhecedor do assunto que tem autoridade para impor certas leituras. Embora em qualquer caso, considerando o papel ativo do interlocutor, as leituras propostas sejam sempre passíveis de refutação, a maneira como se apresenta determinada opinião direciona a interlocução proposta, uma vez que se institui, com isso, a forma como o produtor se relaciona com o enunciado e com o interlocutor, estabelecendo também o papel deste na interlocução.

Os elementos destacados nos parágrafos a seguir ilustram tentativas de negociação observadas no *corpus*:

> [77] A Amazonia é fundamental na vida dos Brasileiros por isso que **deve** suspender imediatamente o desmatamento. Ela chega a ser tão importante que o Agrônomo Antonio Nobre pesquisou e comprovou que a Amazônia evapora cerca de 20 bilhões de toneladas de água todos os dias, e sem todo esse volume de água **concerteza** a economia Brasileira será afetada, pois a agricultura prescisa muito das chuvas da Amazônia. Essa proibição é fundamental para o futuro do povo brasileiro, mas com

> as atitudes que o governo está tomando nos ultimos anos fica dificil ajudar a Amazônia. (Texto 19)
>
> [84] Todas as ideias tem seus pros e seus contras um contra dessa ideia e que ela **pode** fracassar por que as leis ja existentes sobre o desmatamento são facilmente burladas. Essa **poderia** ser mais uma delas e daria mais dinheiro aos madeireiros que continuariam desmatando para ganhar mais e mais. (Texto 22)

Em [77], percebe-se comprometimento do produtor no sentido de lidar com o nível da asserção, o que fica evidenciado nos elementos modalizadores, que imprimem, respectivamente, obrigação e certeza, embora outras marcas linguísticas presentes no cotexto tenham papel nesse processo, como o uso do presente do indicativo, a recorrência a adjetivos com alto teor de avaliação, o uso de advérbio intensificador, o recurso ao argumento de autoridade e a explicitação de ato ilocutório por meio de expressão nominal *Essa proibição*.

Em [84], para iniciar o parágrafo, o produtor recorre à noção de totalidade por meio do pronome indefinido *todas* e ao presente do indicativo, o que imprime certo grau de certeza. Porém, o comprometimento com o dito é atenuado ainda na primeira linha. O modalizador *pode* lança uma base hipotética que se esmaece diante da explicativa marcada pelo operador argumentativo *por que* (*porque*). A base hipotética é recuperada com o modalizador *poderia*, o qual denota uma possibilidade medida na retomada e no conteúdo do enunciado em que se insere. Considerando os conhecimentos que tem acerca do assunto tratado, o produtor prefere não asseverar, mas ancorar seu posicionamento na noção de possibilidade epistêmica, atenuação que é reforçada pelo uso de elementos modalizadores, além do emprego recorrente do futuro do pretérito. Tais marcas linguísticas explicitam um baixo engajamento do produtor em relação ao conteúdo apresentado.

Nesse mesmo processo de engajamento e distanciamento do conteúdo do texto, o produtor também estabelece uma relação com o interlocutor, na medida em que dá pistas de como quer que o conteúdo e ele próprio sejam interpretados e estabelece o papel do interlocutor na interação. Em [77], apresenta-se como alguém com um suposto saber acerca do tema debatido e propõe ao leitor que aceite o conteúdo apresentado, uma vez que este é posto como uma verdade irrefutável, numa tentativa enfática de fazê-lo assumir a leitura subjetiva que apresenta. O parágrafo [84], por sua vez, apresenta um produtor que, ao propor uma afirmação comedida, quer ser visto como um analista razoável (no sentido de ter razoabilidade), e, por isso mesmo, confiável. A atenuação explicita a estratégia atualizada pelo produtor para se mostrar ponderado, e, com isso, enredar o leitor na orientação argumentativa dada no texto. Essas duas formas de se relacionar com o conteúdo do texto e

com o interlocutor são entendidas como estratégias de negociação que podem contribuir para a construção de um texto argumentativo bem estruturado e convincente.

Elementos como os destacados nos parágrafos [77] e [84] retratam a estratégia de modalização entendida em seu sentido estrito. Vale ressaltar que a negociação pode ser também promovida por outros recursos linguísticos que não os modalizadores, conforme citado na análise desses dois parágrafos. A seguir apresenta-se outro parágrafo que também pode ilustrar essa interpretação:

> [45] Mais o leitor **deve** estar se perguntando: O que é "maquina de chuva da floresta amazônica"? A "máquina de chuva da Amazônia" é um processo que a as árvores da floresta amazônica faz absorvendo as águas ao seu redor e em seguida as evaporam e esse vapor sobe para as nuvens, as carregando de água, fazendo com que elas chovam sobre a floresta. Agora imagine se o desmatamento não acabar e o homem continuar a destruir essas árvores? A floresta sofreria sérias conseqüências, e "maquina de chuva da floresta amazônica" iria diminuir aos poucos deixando o clima da floresta mais seco, aumentando a probabilidade de queimadas na floresta. Agora imagine novamente, se o governo achasse meios de acabar com o desmatamento até que achem áreas onde se pudesse explorar de maneira sustentável e controlada por leis e órgãos governamentais? A floresta iria se desenvolver melhor aumentando assim a eficiência da "maquina de chuva" sobre a floresta amazônica. (Texto 10)

O modalizador *deve* está em ambiente cotextual que explicita a natureza dialógica da linguagem, pois se trata de estrutura linguística que incide sobre a própria interlocução. O modalizador, do campo da possibilidade epistêmica, revela que o produtor tateia os conhecimentos do leitor, nesse caso, pressupondo o não reconhecimento do termo usado no parágrafo anterior. Para garantir que o texto se torne aceitável, passa a definir o processo hidrológico referenciado, propondo determinada orientação diante do suposto (des)conhecimento do outro. Nesse movimento, veem-se tentativas de negociação demarcada por outras estratégias linguísticas diversas, como, por exemplo, pela interlocução explícita, bem como pelo próprio conteúdo proposicional, que mostra um produtor atento ao parceiro da interação. Também o uso do marcador discursivo *agora* expressa a tentativa de uma interação, dada a partir da pergunta indireta, marcada no texto como uma pergunta retórica, por meio da qual o leitor é instigado a participar do debate e a se alinhar à perspectiva da resposta dada na sequência, estratégia que é repetida no parágrafo.

Vê-se que o produtor vai tentando trazer o interlocutor para mais perto do debate, num processo de negociação com vista a alinhá-lo à tese que defende no decorrer do texto, o que faz com a atualização não apenas do elemento modalizador, mas também de outras estratégias linguísticas. Também em termos de engajamento, observa-se que o modalizador não é o único

recurso que pode situar a distância tomada em relação ao dito; o tempo/modo verbal futuro do pretérito também explicita o baixo engajamento do produtor com o conteúdo da mensagem e uma atuação mais comedida sobre o interlocutor; o recurso à pergunta retórica, ao presente do indicativo e à interpelação do leitor por meio do verbo *imaginar* explicitam um engajamento maior com o conteúdo do texto e uma vontade mais evidente de agir sobre o parceiro da interação. Nesse sentido, entende-se que o entorno linguístico tem papel importante no processo de negociação, o que levou à sua consideração, ainda que de forma marginal, na análise proposta. Porém, ressalta-se, mais uma vez, o entendimento de que os elementos modalizadores explicitam as tentativas de negociação, motivo por que são foco central desta pesquisa, guiando a proposição das categorias aqui apresentadas.

As tentativas de negociação observadas são divididos neste trabalho nas categorias *negociação enfática* e *negociação atenuada.* Estas são abordadas a partir do tipo de ato ilocutório que os elementos modalizadores expressam, quais sejam: atos de asserção fraca e atos de asserção forte, respectivamente, os quais se relacionam ao tipo de modalizador mobilizado no texto: possibilidade epistêmica e deôntica, de um lado, e necessidade epistêmica e deôntica, de outro.

As subseções seguintes são dedicadas à explicitação dos movimentos de negociação. Inicia-se a análise pela categoria *negociação enfática* e, após, passa-se a considerações sobre a categoria n*egociação atenuada*. Na sequência, são apresentadas discussões sobre os resultados alcançados com a análise proposta, considerando as tentativas de negociação observadas nos parágrafos.

5.1 NEGOCIAÇÃO ENFÁTICA

No *corpus*, as tentativas de negociação enfática demarcada por modalizadores são atualizadas em 18 ocorrências no campo epistêmico e em 77 ocorrências no campo deôntico. Considerando que há parágrafos em que se repetem elementos de asserção forte, inclusive parágrafos em que são atualizados elementos da necessidade tanto epistêmica quanto deôntica, tem-se um total de 70 parágrafos em que se verificam tentativas de negociação enfática demarcada por modalizadores, conforme apresentado a seguir. Observa-se que, em alguns desses parágrafos, são atualizados também elementos relacionados à negociação

atenuada, que não foram aqui demarcados por serem tópico da próxima subseção, quando tais parágrafos serão novamente apresentados.

Os modalizadores de necessidade deôntica estão realçados com negrito e com sublinhado reto simples (exemplo: **devem)**; os modalizadores de necessidade epistêmica estão realçados com negrito, itálico e sublinhado reto simples (exemplo: ***sabemos que***), e assim são grafados nos parágrafos que ilustram as análises apresentadas a seguir.

[01]	Todos já ***sabemos que*** a Amazônia ao longo de um periodo, vem sendo desmatada sem piedade. Diante dessa realidade os governantes deveriam tentar acabar com o desmatamento, deveriam investir maiores custos em fiscalização na Amazônia, contratar mais fiscais, promover palestras para que a sociedade saiba o que a Amazônia é capaz de produzir.	Texto 01
[02]	Além de investir mais em fiscalização, **deve**, aos que desmatam a Amazônia, o mínimo que for, aplicar multas pesadas para que a sociedade pense antes de fazer um mal com seu proprio futuro.	Texto 01
[05]	Para tentar salvar os rios voadores, primeiramente **devemos** saber que **deve-se** ter uma boa fiscalização, e em segundo os cientistas querem conhecer melho este ciclo para analizar o que pode acontecer com as regiões sul e sudeste caso a Amazônia seja derrubada.	Texto 01
[06]	Se os governantes fizessem a sua parte, ***certamente*** haveria maior fiscalização, tendo maior fiscalização, a nossa Amazônia não estaria sofrendo. Mas não depende somente dos governantes para acabar com o desmatamento, e sim de toda a humanidade, pois as pessoas que morram na Amazônia podem prezervar-la, e os que não morram podem ajudar de forma indireta, como por exemplo comprar apenas madeira legalizada.	Texto 01
[08]	Este ato criminoso que a cada dia acaba com a qualidade de vida da Amazônia **deve** parar, pois só assim a nossa Máquina da Chuva poderá continuar, esta também chamada de "Rios voadores" é formada pela evaporização da água vinda do oceano e também pode ser transmitida pela evapotranspiração das árvores.	Texto 02
[10]	O desmatamento **deve** acabar imediatamente. **Temos que** parar de desmatar á natureza, ao invés de cortar as árvores, **temos que** replanta-las novamente.	Texto 02
[11]	Vamos todos tentar mudar este futuro tão atual que pode ficar mais dramático do que já está. Dar vida á Máquina da Chuva, é **nossa obrigação**, pois é ela quem nos dá a uma vida qualitativa, sendo assim, não **devemos** desmatar, e sim lutar para que a Amazônia continue nos dando o prazer de dizer que somos habitantes de um país que possui uma linda mata, que além de beleza, traz vida para todo o território nacional.	Texto 02
[12]	A Amazônia evapora em um único dia, 20 bilhões de toneladas de água. "Este rio voador, que sai para a atmosfera na forma de vapor, é maior que o maior rio da terra", e para que a máquina de chuva continue **devemos** fiscalizar e aplicar severas multas aqueles que provocam o desmatamento não-autorizado.	Texto 03
[15]	Se houver a fiscalização o desmatamento irá diminuir mas para que isso aconteça,	Texto 03

	o governo **deverá** investir mais na fiscalização, tirando do bolso daqueles que desmatam de forma não-autorizada (ilegal).	
[18]	Na Amazônia, **deve-se** aumentar a fiscalização para que não haja desmatamento, pois se a Amazônia for derrubada, nós ficaremos sem água, ou seja, para termos água precisamos da maquina de chuva, que no caso é a Amazônia é ela que produz os rios voadores, são as árvores que transpiram a maior parte da chuva que caiu por meio da transpiração, no entanto para que a maquina de chuva não pare **deve** aumentar a fiscalização, e aplicar multas nas pessoas que desmatem, mas não aplicar pequenas multas grandes multas para que o "agressor" pense na próxima vez.	Texto 04
[19]	Mas, de que adianta a umidade do ar não deixar o centro oeste virar deserto se por meio do desmatamento, a Amazônia tem grandes chances de virar deserto, por isso **é preciso** aumentar a fiscalização imediatamente, se não queremos ver este fim trágico da Amazônia.	Texto 04
[21]	**Temos de** fazer, com que as pessoas não desmatem a Amazônia, e nesse caso talvez tenham que tomar decisões drásticas como, pesadas multas, e não se esquecer de aumentar a fiscalização, pois com uma boa fiscalização a Amazônia tem grandes chances de se salvar.	Texto 04
[22]	A Amazônia pode ser considerada uma Máquina de Chuva, pois é ela quem produz a maior parte das chuvas que caem em todo o Brasil, o que é importante para a economia e desenvolvimento sustentável de todo o país. Mas, para que esse processo hídrico seja possível**, é preciso** leis sérias e justas que resultem multas que pesem no bolso de quem ganha com o desmatamento.	Texto 05
[24]	Existem projetos que se preocupam com o rumo que a Amazônia está tomando, mas, para que haja bons resultados, **temos de** deixar o desmatamento a zero, isto quer dizer nada, nenhum pedaço de área desmatada. Mas a Amazônia é grande demais, o que significa que **é necessário** aumentar o número de fiscais, para que estes possam punir com altas multas quem estiver desmatando ilegalmente, para termos este aumento o governo precisaria desembolsar uma boa quantia em dinheiro para o pagamento destes profissionais.	Texto 05
[25]	Mesmo que a fiscalização aumente sempre existirá alguém desmatando, **é preciso** pensar que á cada árvore que é arrancada é como se fosse uma peça da Máquina da Chuva que fosse retirada, **é preciso** dar valor á esta máquina.	Texto 05
[28]	Como se pode observar se continuarmos destruindo a Amazônia poderá acontecer um grande desequilíbrio ambiental, conforme mostram várias pesquisas, pois estamos desmatando as florestas de modo descontrolado. Para que consigamos regular o tempo tendo menos tempestades e secas **devemos** suspender imediatamente o desmatamento.	Texto 06
[29]	Outro recurso a que podemos recorrer para salvar a Amazônia seria conhecer mais a cultura indígena, que viverão la sem prejudicá-la e explorarão de maneira sustentável por todo esse tempo. Eles entendem o que está acontecendo, eles convivem com o desmatamento todos os dias e nunca dão suas opiniões, mas nos ***já sabemos q*** eles pensão que as pessoas **devem** desmatar menos e preservar mais.	Texto 06
[32]	A política brasileira junto com todo o povo, **deve** tomar alguma decisão drástica para que o território amazônico não acabe abaixo do despenhadeiro. A ideia mais sensata seria ***certamente*** o aumento das fiscalizações, pois assim, se as leis não	Texto 07

fossem obedecidas, poderiam ser aplicadas grandes multas à quem desafiasse as leis, aprovadas e impostas, á favor do território amazônico.

[35] A Amazônia é uma das maiores riquezas do mundo, que aos poucos esta sendo condenada pela humanidade, por meio do desmatamento. Esse desastre ambiental **deve** ter um fim imediato, enquanto há tempo. — Texto 08

[36] A Amazônia é, por exemplo, responsável pela existência dos rios voadores, que se formam por meio do seguinte processo: evapotranspiração por meio das árvores, grandes nuvens que seguem para os Andes. Deslocam-se para outras regiões do Brasil. Já que os rios voadores são tão importantes para as regiões sul, e principalmente para as hidrelétricas e as agroindústrias, **devemos** preservá-los, e junto a eles a nossa sobrevivência. — Texto 08

[37] Uma sugestão para tentar acabar com o desmatamento é a imposição de projetos que auxilie a população sobre a importância da nossa maior riqueza, todos **devem** saber que o desmatamento **deve** ter seu fim imediato, e a Amazônia ser preservada a todo custo. — Texto 08

[40] Assim, **devemos** suspender imediatamente o desmatamento na Amazônia. — Texto 09

[41] Todo este esforço que faremos para reduzir e acabar com o desmatamento hoje vai garantir a continuidade do fornecimento de energia e do agronegócio amanhã. Para evitarmos problemas de seca na Amazônia, **devemos** reduzir o desmatamento ou coloca-lo em extinção, pois 90% do desmatamento é ilegal. **Teremos que** zerar o desmatamento e reflorestar. **Precisamos** replantar a floresta já e não daqui há alguns anos, como, por exemplo, no ano de 2015 conforme defende o pesquisador agrônomo Antônio Nobre, mestre em Biologia Tropical pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia. (o Impa de Manaus). — Texto 09

[43] O problema não é da natureza. Infelizmente é do ser humano, o homem que desrespeita o código florestal e também não leva em consideração as mudanças climáticas, que no futuro vamos sofrer com às secas bastante rigorosa, causando muitas doenças respiratórias, os agricultores também sofrerá, pois o solo ficará seco, não podendo reproduzir na agricultura com a falta de chuva, pois precisamos da chuva até para gerar energia. Por isso **temos que** acabar logo com o desmatamento. — Texto 09

[46] O governo Brasileiro deveria, e **deve** mobilizar órgãos competentes para proibir todo desmatamento, enquanto institutos do governo apontariam soluções para uma exploração sustentável dos recursos naturais. A partir disso, controlar a atividade de extração criando novas leis para acabar com o desmatamento ilegal, e assim, ajudaria a manter a "maquina de chuva da floresta amazônica" funcionando melhor e salvando de vez a floresta amazônica. — Texto 10

[47] Então para finalizar o desmatamento **deve** acabar por completo até a floreta se desenvolver melhor seus recursos como a "maquina de chuva", e todos nos podemos ajudar não comprando madeira ilegal, faça sua parte, a floresta agradece. — Texto 10

[50] ***E claro que*** **precisamos** manter a Maquina de Chuva ligada, a Amazônia precisa dela para não virar cerrado, também pessoas, o Brasil e países vizinhos precisam das chuvas porque a maioria da América do Sul é sustentada pela Maquina de Chuva, sendo assim que ela permaneça ligada para manter o clima equilibrado da região Sul, mantendo também as hidrelétricas que mantem as energias que precisamos para manter nosso aparelhos eletrônicos, manter a agricultura, pois é — Texto 11

	noss o alimento, entre varias outras coisas essenciais para nos como Agua para beber.	
[51]	Conforme a ex-ministra do meio ambiente Marina Silva propunha **é preciso** suspender completa e imediatamente o desmatamento na Amazônia, até que sejam identificadas áreas, onde se poderia explorar de maneira sustentável a floresta, esta seria a solução mais adequada, por ser um desmatamento autorizado, logo, em teoria que não prejudicaria o meio ambiente.	Texto 11
[52]	A Maquina de Chuva **precisa** continuar a existir sustentando o Brasil e países vizinhos com suas Chuvas, para manter o clima em equilíbrio tirando o risco da Amazônia virar cerado.	Texto 11
[53]	Então para que a maquina de chuva não para de funcionar nos **devemos** começar preservando a floresta Amazônica, e se esses fenômenos continuarem acontecendo é provável que não se formem mais os Rios Voadores.	Texto 12
[54]	Para que isso não se agrave cada vez mais as pessoas **deveram** fazer algo que chame a atenção do governo para que ele perceba o que esta acontecendo em nossa floresta para não haver mais o desmatamento o governo deveria implantar multa pesadas aqueles que praticassem o desmatamento ilegal. O governo deveria implantar mais fiscais para ajudar a fiscalizar a Amazônia.	Texto 12
[55]	O desmatamento está cada vez mais avançado, e é ***com clareza que*** os fazendeiros tem muita culpa em que está acontecendo, na Amazônia. E tudo isso só para ter lucro os leva a fazer isso á a agricultura, como ficou registrado na voz do governador do Mato Grosso Blaero Maggi que foi entrvistado por Daniela Chiaretti se queríamos árvores ou comida.	Texto 13
[57]	A desmatação na Amazônia já passa dos 335 mil/KM², 20 hectares por minuto, 30 mil por dia e 8 milhões por ano. Com esse avanço nós pagamos os preços por exemplo com que está acontecendo enchentes, terremotos, chuvas seria justo que todos que desmatam paguem caro, multas por cada área desmatada, assim os fazendeiros teriam mais consciência. ***Tenho certeza*** se todos nós ajuda-se não estaríamos assim, **precisamos** preservar mais.	Texto 13
[58]	Pelo o que acompanhamos dia-a-dia nos meios de telecomunicação, o desmatamento da Floresta Amazônica é um assunto polêmico, nossa máquina de chuva está em perigo,máquina de chuva assim chamada pelo fato de que evapora por dia 20 toneladas de água. **É preciso que** sejam tomadas providências enquanto há tempo, pois isso pode fugir do controle caso não forem aplicadas multas severas e exigido que cada árvore desmatada seja **obrigatoriamente** replantada pela empreiteira que cometeu o crime.	Texto 14
[60]	Já existe um controle do desmatamento da Amazônia criado pela Ministra Marina Silva, projeto esse que já conseguiu reduzir o desmatamento em 40%, mas isso ainda não é suficiente. O homem **precisa** estar atento e fazer algo para que esse desmatamento diminua e entender que o planeta cada dia esta sendo prejudicado e quem está sofrendo é a população com as mudanças climáticas e com o aquecimento global.	Texto 14
[61]	O que **não pode** acontecer é ficarmos de braços cruzados e deixarmos que acabem com a nossa máquina de chuva: a Floresta Amazônica. Pois futuramente quem nos garante que teremos ar puro, florestas maravilhosas para que nossa geração venha a desfrutar dessas coisa boas da natureza vamos preservar.	Texto 14

[62]	Perante todo o desmatamento da Amazônia que estamos vivenciando, ***sabemos que*** isso prejudica muito o clima ambiental. Segundo Antonio Nobre, líder do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) a Amazônia evapora 20 bilhões de toneladas de água em um único dia.	Texto 15
[65]	**Devemos** impedir o desmatamento o mais rápido possível, se não poderá causar danos irreversíveis à vida no planeta.	Texto 15
[67]	Essas nuvens que viajam o como rios voadores, essa dinâmica esta sendo ameaçada pelo desmatamento da amazônica já que são as árvores as grandes responsáveis pela transpiração e formação dessas nuvens violentas. São as arvores que **devemos** proteger e preserva-las pra que seja garantido a chuva, por isso **devemos** suspendes o desmatamento na Amazônia até que sejam identificadas as áreas onde se poderiam explorar de maneira sustentável as madeiras de floresta nativa.	Texto 16
[68]	O desmatamento da Amazônia está saindo do controle de nossos governantes que não conseguem monitora-la como se deveria. A floresta queimada e degradada perde sua função ecológica. Os maiores responsáveis por essas destruição são madeireiras, agricultores e pecuaristas. Se esse desmatamento continuar e chegar a 50% a Amazônia deixava de existir como informa o texto publicado na portal folha.Hoje 90% do desmatamento é ilegal nesse ritmo, até 2030 a floresta Poe perder 50% de sua área também publicado na portal folha, **precisamos** suspender imediatamente o desmatamento na amazônica se não vamos ficar sem água e energia, alem disso **temos de** replantar nossa floresta. não é para parar o desmatamento em 2016 tem que ser zero, é para ontem cientista do INP.	Texto 16
[75]	A maior parte da Amazônia fica no Brasil, então **devemos** agradeçer por ter alto tao rico. Mas muitos brasileiros não pensam dessa forma, acham que eternamente teremos essa área. também **devemos** ouvir um pouco a cultura indígena eles tem muito conhecimento sobre a natureza a ensinar modos de preservar a mata, eles tem muitos anos de vida na floresta, como afirma o Agrônomo Antônio Nobre.	Texto 18
[76]	Não dá mais para continuar. O Desmatamento da Amazonio **tem de** ser suspenso imediatamente, pois não é so a região amazônica que prescisa da floresta mas parte do território Brasileiro também, porque grandes partes das chuvas que caem nas regiões do Sul, Sudoeste, Centro oeste, são resultado dos "Rios voadores", a evaporação da água do Oceano Atlântico e da Amazônia.	Texto 19
[77]	A Amazonia é fundamental na vida dos Brasileiros por isso que **deve** suspender imediatamente o desmatamento. Ela chega a ser tão importante que o Agrônomo Antonio Nobre pesquisou e comprovou que a Amazônia evapora cerca de 20 bilhões de toneladas de água todos os dias, e sem todo esse volume de água ***concerteza*** a economia Brasileira será afetada, pois a agricultura prescisa muito das chuvas da Amazônia. Essa proibição é fundamental para o futuro do povo brasileiro, mas com as atitudes que o governo está tomando nos ultimos anos fica dificil ajudar a Amazônia.	Texto 19
[78]	***Concerteza*** não há outra solução para que regiões Brasileiras não sejam prejudicadas, suspender o desmatamento seria a melhor solução, e que ficasse proibido até que se fossem identificadas áreas onde se poderia explorar de maneira sustentável a floresta Amazônica.	Texto 19
[81]	A máquina de fazer chuva **nao pode** parar só assim conseguremos viver em um ar	Texto 20

limpo e puro.

[82]	Para que ainda haja a evapotranspiração **é necessário** que consigamos parar totalmente ou boa parte do desmatamento. Porque se não irá acontecer uma catástrofe. Só para termos ideia de como as arvores são importantes para nós, recorremos a explicação dada por Antônio Nobre com mestrado em biologia tropical pelo instituto nacional de pesquisas da Amazônia (o Impa de manaus), e doutorado em bioquímica pela universidade de New Hampshire, há cinco anos Antônio é o homem do impe, uma arvore com mais ou menos 20 metros de altura evapora 300 litros de agua por dia; então deveriam suspender completamente o desmatamento da Amazônia, como solução deveriam fazer áreas apropriadas para o desmatamento sem precisar ser retiradas madeiras nativas da Amazônia.	Texto 21
[88]	Já está fácil de saber que tem de parar imediatamente com essa devastação total na Amazônia. Ela é o coração do Brasil; se ela morrer, ***certamente*** não iremos morrer com ela, mas vamos sofrer graves consequências, com as temperaturas altíssimas.	Texto 23
[89]	O Brasil e os demais países sul-americanos **deveriam** acabar com esse desmatamento. Procurar incentivar os agricultores a mostrar que precisamos da Amazônia, é ele que abastece nossa região, a floresta se vinga, **temos de** ser rápidos em quanto há isso a nossa floresta vai sendo devastada. Vamos nós conscientizar, e fazermos algo em relação há isso, vamos tomar atitudes de humanos, não deixar a cobiça tomar conta do nosso ser e acabarmos com a Amazônia.	Texto 23
[91]	Não **se deve** cruzar os braços enquanto a Amazônia, morre pouco-a-pouco, todos estamos cientes que no futuro poderemos ficar sem ela, mais para mudar isso só depende de nós, não esqueça que a vida da Amazônia garante a nossa.	Texto 24
[92]	***Sabe-se d***a impresindível importância dos rios voadores e das florestas para o mundo. E que a Amazônia produz a maior parte de sua própria chuva, essa foi a descoberta do projeto LBA. As florestas emitem vapores orgânicos para a atmosfera, que funcionam como sementes de nuvens.	Texto 25
[93]	Mas **precisa** ser a quantidade certa para chover, se ter de mais não chove. A fumaça das queimadas introduz partículas demais na atmosfera, seca as nuvens e elas não chovem. Entre os mais novos estudos que vem recolhendo sobre o regime das chuvas, há dados impressionantes. A Amazônia evapora em um único dia, 20 bilhões de água. esta rio voador que sai da atmosfera na forma de vapor, e maior que o maior da terra, diz Antonio, comparando o potencial de chuvas na Amazônia as 17 bilhões de toneladas de água que o amazonas lança todos os dias no atlântico.	Texto 25
[94]	Por isso, ***sem duvidas***, aumentar a fiscalização nas florestas ***com certeza*** diminuiria o desmatamento. E sendo a maior cauda dos maus feitores praticarem o ato é o lucro que ganham exportando madeira inlegal, aplicar pesadas multas á eles em um valor maior do quem eles estam ganhando pela infração, ***obviamente*** eles não iriam desmatar mais, perceberiam que outros meios de ganhar dinheiro sem prejudicar a natureza.	Texto 25
[97]	Se a fiscalização, for concretizada com sucesso, ***com certeza*** irá trazer grandes benefícios para floresta.	Texto 26
[98]	***Está garantido que*** precisamos da “Máquina de Chuva da Amazônia” esta conservada para o melhor do meio ambiente e para o crescimento da economia	Texto 27

	brasileira. A Máquina de Chuva é chamada também de “Rios Voadores” formado pela grande parte da evaporização das florestas se distribuindo por toda á América do Sul.	
[99]	**Teremos que** conservar a Amazônia e assim parar-mos de vez com o desmatamento, senão a água vai se acabar e sem água não se terá comida. Com base disso, deveria se aumentar a fiscalização e assim aplicar-se pesadas multas para àqueles que continuarem com o desmatamento não-autorizado, pois a fiscalização de hoje não está adiantando em nada, sendo assim, a cada dia que passa estamos chegando ao fim da linha, com a Máquina de Chuva chegando próximo de parar.	Texto 27
[100]	Devido a esse e outros fatores, o desmatamento **deve** parar imediatamente, podendo ser usado parte do capital estrangeiro para pagar os donos de terras e outra parte para iniciar uma intensa campanha pelo reflorestamento. **Precisamos** acreditar que vai dar certo.	Texto 28
[101]	Pesquisadores informam que 90% do desmatamento na Amazônia é irregular, por isso, algumas coisa **terá que** mudar, a fiscalização **terá que** aumentar, e se ainda sim houver pessoas que não respeitar, a força maior **terá que** aplicar multas pesadas que assim,tirem dessas pessoas o dinheiro que já ganhou com o desmatamento que acaba cada dia com o território amazônico.	Texto 29
[102]	Amazonia, um lugar onde o silencio predomina, pois nos ultimos anos, o som que predomina, é o motocera. Um barulho de destruição, provocando-o desmatamento, se queremos, que este barulho acabe, **deve-se** acabar agora com o desmatamento.	Texto 30
[103]	Para tentarmos, salvar os rios voadores, primeiralmente **deve-se** acabar com o desmatamento imediatamente,e em segundo lugar os cientistas querem conhecer melhor este ciclo, para saber o que acontecera com a Amazonia e o Brasil caso ela seja derubada.	Texto 30
[104]	Se pensamos no futuro **deve-se** agora acabar, com o desmatamento porque sem a Amazonia, sem rios voadores, sem rios voadores secas é mais secas.	Texto 30
[106]	**È preciso** aumentar a fiscalização, pois o numero de fiscais é muito pequeno em relação ao grande território amazônico. Assim muitas, partes são desmatadas, mais se é feito muito pouco, pois não se tem como fiscalizar. Se o governo dobrar o numero de fiscais do Ibama em território amazônico. e aplicar multas cada vez mais pesadas aos infratores, poderá se diminuir um pouco o desmatamento.	Texto 31
[107]	Medidas **precisam** ser tomadas para conter a destruição da floresta, e uma delas é zerar o número de árvores derrubadas, através de uma fiscalização mais efetiva por parte das autoridades constituídas, até que sejam localizadas áreas com madeira de floresta nativa que possam ser exploradas de forma legal e sustentável, porém, apenas parar o desmatamento não irá resolver, pois grande parte da floresta já foi destruída, e precisa ser replantada, precisamos de um projeto sério de reflorestamento.	Texto 32
[108]	Desta forma, concluímos que neste País, a demora nas medidas urgentes são consideradas a longo prazo, quando precisam ser para amanhã, autoridades não estão conscientizadas da importância da floresta Amazônica, ficam mais preocupados com a nossa Soberania, pois outros Países já tentaram influenciar decisões para que estas medidas fossem adotadas. **Precisamos** urgentemente salvar a Amazônia da destruição que está em andamento.	Texto 32

[111]	**Temos que** agir agora, para evitar o desaparecimento dos Rios Voadores. Uma das formas seria aumentando a fiscalização, pois existem poucos fiscais. E aplicar multas pesadas àqueles que promovem o desmatamento não autorizado. Dessa forma conseguiríamos preservar os Rios Voadores.	Texto 34
[114]	Por isso **deve-se** aumentar a fiscalização e o valor das multas, acabando com o desmatamento que ajudará no progresso dos rios voadores, assim aumentando o desenvolvimento do Brasil, na Agricultura e Agroindústria, pq sem chuva o Brasil acaba prejudicando até o exterior.	Texto 36
[115]	Porque a cada dia que passa mais desastres acontecem, e os causadores desses desastres são; Os pastos de gado, agricultura, onde os fazendeiros **têm que** desmatar uma flora para plantar e cultivar, os madeireiros que desmatam pra fazer móveis; e também para construção de casas e estradas.	Texto 37
[117]	A Amazônia e uma das mais grandes floresta do mundo, mas ela esta se acabando aos poucos por causa do desmatamento. Ate quando nos vamos ficar com os braços cruzados? **È preciso** colocar mais fiscalização e aplicar pessadas multas para aqueles que promovem o desmatamento não aurotizado.	Texto 38
[118]	As pessoas pensão no lucro de agora e não pensão no futuro a ganância toma conta do ser humano. O Governo precisa da amazônia mas não tem vontade política para cuidar da amazônia e aumentar a fiscalização e colocar equipamentos, e homens para a fiscalização e então se comtinuar o desmatamento a amazônia se transformará em um imenso deserto pois acada passar de ano ela vem sendo sendo desmatada em um ritmo acelerado as quimadas. na amazônia são piores que o desmatamento uma grande parte da amazônia já foi destruída se todos quando arrancassem uma árvore plantasem outra ***conserteza*** a amazônia teria solução.	Texto 39
[119]	**É necessário** aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas áqueles que promovem o desmatamento não-autorizado, por isso o desmatamento não terá significativa para os madereiros.	Texto 40
[120]	Diante dessa realidade **precisamos** fiscalizar e aplicar multas aqueles que promovem os desmatamentos na amazônia se ela for fiscalizada o desmatamento irá diminuir e a ‘maquina de fazer chuva” não será atingida.	Texto 41

Nos parágrafos selecionados, percebe-se que a asserção forte pelo eixo do saber é expressa por meio das seguintes expressões modalizadoras: *obviamente*, *certamente*, *com certeza*, *é com clareza que*, *sem dúvidas*, *é claro que*, *está garantido que*, *sabe-se de*, *sabemos que*, *tenho certeza (de que).* A asserção forte pelo eixo do dever é expressa por meio dos verbos *precisar*, *dever* e *poder* (este antecedido de advérbio de negação – *não pode*) conjugados, pelas expressões *ter que/de* conjugada, *é preciso (que)*, *é necessário (que)*, *obrigatoriamente* e, ainda, pela expressão nominal *nossa obrigação*.

Os elementos modalizadores considerados nesse grupo são responsáveis por explicitar um produtor que se relaciona com o texto a partir de um engajamento total com o conteúdo modalizado, conforme se observa nos parágrafos a seguir:

> [97] Se a fiscalização, for concretizada com sucesso, ***com certeza*** irá trazer grandes benefícios para floresta. (Texto 26)
>
> [67] Essas nuvens que viajam o como rios voadores, essa dinâmica esta sendo ameaçada pelo desmatamento da amazônica já que são as árvores as grandes responsáveis pela transpiração e formação dessas nuvens violentas. São as arvores que **devemos** proteger e preserva-las pra que seja garantido a chuva, por isso **devemos** suspendes o desmatamento na Amazônia até que sejam identificadas as áreas onde se poderiam explorar de maneira sustentável as madeiras de floresta nativa. (Texto 16)

Do uso de elementos modalizadores resulta uma tentativa mais enfática de ação sobre o interlocutor, mediada por um suposto conhecimento que o produtor tem dos fatos referidos no texto e pela assunção de uma suposta autoridade que lhe consente apresentar como certa dada realidade [97] e postular atitudes a serem cumpridas [67].

Nesse contexto, fala-se em interpelação, conforme o termo é entendido por Rodrigues (2001). A autora, em estudo sobre o gênero artigo de opinião, descreve o movimento dialógico de interpelação como uma categoria que concretiza a relação dialógica do autor com a perspectiva do leitor no gênero artigo. Por meio dessa estratégia, diz a autora, o produtor impõe ao leitor um determinado ponto de vista, que é apresentado como uma verdade à qual este deve se sentir compelido, persuadido a aderir.

Rodrigues (2001) entende que, com a interpelação, busca-se um direcionamento da reação-resposta do leitor, movimento este marcado preferencialmente por indicadores modais do tipo *é preciso, o Natal precisa*, *deve ser*, *isso é fundamental*, *há necessidade* etc. Conforme se pode observar a partir das expressões dadas, para a autora, a interpelação está mais voltada para o eixo deôntico. Neste trabalho, sugere-se ampliar a análise posta por Rodrigues (2001) de modo a abranger também os casos relativos à necessidade epistêmica, conforme proposto em Corbari (2008), uma vez que, ao revestir o enunciado com recursos desse eixo, o produtor tentar impor seu ponto de vista, apresentando-o como "certo", "indubitável", "irrefutável", ancorado em um suposto saber. Este é geralmente apresentado como se partisse de um conhecimento geral (PALMER, 2001).

Considera-se que a interpelação contribui para o processo de negociação na medida em que promove a imagem de um produtor que se engaja com o conteúdo do texto e revela suas intenções de agir sobre o outro, conforme se verifica nos parágrafos a seguir:

> [92] ***Sabe-se d***a impresindível importância dos rios voadores e das florestas para o mundo. E que a Amazônia produz a maior parte de sua própria chuva, essa foi a descoberta do projeto LBA. As florestas emitem vapores orgânicos para a atmosfera, que funcionam como sementes de nuvens. (Texto 25)

> [81] A máquina de fazer chuva **nao pode** parar só assim conseguremos viver em um ar limpo e puro. (Texto 20)

Ao recorrer a estratégias como as postas em [92] e [81], de necessidade epistêmica e necessidade deôntica, respectivamente, o produtor busca orientar o leitor a partir de um ponto de vista subjetivo, mas que é dado como se fosse verdade.

Motiva a consideração dos eixos deôntico e epistêmico na categoria *negociação enfática* – mais especificamente, os modalizadores relacionados à noção de necessidade –, a observação de que encerraram atos ilocutórios de asserção forte. Com essa estratégia, o produtor procura reforçar a validade de sua leitura do mundo, impondo ao interlocutor o dever de crer (KOCH, 2002a), que se assenta em um suposto saber e uma suposta autoridade perante o conteúdo do texto, o que lhe dá poderes para apresentar certas "verdades" ao leitor. Em outros termos, ao recorrer a esse recurso argumentativo, o produtor se apresenta como alguém que tem condições de negociar sentidos a partir do conhecimento que têm acerca do assunto abordado, ainda que tal conhecimento seja discursivamente criado.

Isso significa dizer que o produtor se engaja com o conteúdo modalizado, assumindo-o integralmente e interpelando o leitor a assumir também a leitura aí apresentada. Com isso, cria-se uma interlocução com um alto grau de tensão, que é demarcada pelo relacionamento que o produtor propõe tanto com o enunciado quanto com o interlocutor, expondo sua face e também a do interlocutor, uma vez que exige deste um posicionamento. Aceitar ou negar a "verdade" apresentada no texto significa um exercício responsivo que precisa ser assumido pelo parceiro da interação.

O parágrafo a seguir congrega tentativas de negociação enfática mediada pelos dois eixos da modalização considerados: necessidade epistêmica e necessidade deôntica, respectivamente:

> **[**50] ***E claro que*** **precisamos** manter a Maquina de Chuva ligada, a Amazônia precisa dela para não virar cerrado, também pessoas, o Brasil e países vizinhos precisam das chuvas porque a maioria da América do Sul é sustentada pela Maquina de Chuva, sendo assim que ela permaneça ligada para manter o clima equilibrado da região Sul, mantendo também as hidrelétricas que mantem as energias que precisamos para manter nosso aparelhos eletrônicos, manter a agricultura, pois é nosso alimento, entre varias outras coisas essenciais para nos como Agua para beber. (Texto 11)

Vê-se, nesse parágrafo, que a modalização epistêmica tem como escopo o enunciado deonticamente modalizado. O elemento deôntico, em si, demarca um caráter incisivo, impositivo. Também o uso de um expediente do campo da necessidade epistêmica reforça o

tom de asserção forte do enunciado e apresenta uma forma de constatar a necessidade. Nesse caso, pode-se aplicar a interpretação proposta por Camparini (2009): "a análise da sobremodalização permite que se verifique como a indicação de certeza/incerteza do falante interfere na percepção da força com que a obrigação, permissão ou autorização foi instaurada" (CAMPARINI, 2009, p. 192).

Com essa estratégia, o produtor se posiciona como alguém que tem conhecimento e autoridade sobre o conteúdo tratado no texto, o que afiança a tentativa de agir incisivamente sobre o interlocutor ao apresentar certa leitura do mundo como necessária, buscando minimizar as chances do parceiro da interlocução de contra-argumentar. A opinião é posta de tal forma que negá-la seria admitir-se ignorante sobre os fatos do mundo. Nesse caso, explicitar a situação atual do problema em debate é dado como um primeiro passo para chegar à proposição de ações que minimizem o quadro apresentado. Parece que o produtor procura primeiro se achegar ao leitor, angariando sua confiança e concordância, para depois pontuar a tese que vai defender no texto, estratégia que pode viabilizar uma negociação exitosa.

Para tanto, o produtor busca assegurar que a leitura aí proposta, ou mesmo imposta, seja aceita pelo interlocutor. Observa-se que, nesse caso, o tom incisivo explicitado pelos elementos modalizadores é sustentado por outros elementos do cotexto linguístico. Citam-se o uso predominante do presente do indicativo e o uso de verbo no modo imperativo na quarta linha como estratégias que contribuem para sustentar o processo de negociação enfática. Nesse sentido, embora os elementos modalizadores sejam considerados como tendo função de explicitar o ato ilocutório de asserção, tornando o ato de fala mais forte, considera-se que o cotexto toma também parte nesse processo.

Buscando convencer o leitor da análise subjetiva posta no texto, os produtores dos parágrafos analisados se projetam e projetam o interlocutor no enunciado de maneiras diversas. De forma bastante recorrente, os modalizadores desse grupo não explicitam marcas dêiticas do locutor, conforme ilustram os modalizadores atualizados nos parágrafos a seguir:

> [94] Por isso, ***sem duvidas***, aumentar a fiscalização nas florestas ***com certeza*** diminuiria o desmatamento. E sendo a maior cauda dos maus feitores praticarem o ato é o lucro que ganham exportando madeira inlegal, aplicar pesadas multas á eles em um valor maior do quem eles estam ganhando pela infração, ***obviamente*** eles não iriam desmatar mais, perceberiam que outros meios de ganhar dinheiro sem prejudicar a natureza. (Texto 25)

> [25] Mesmo que a fiscalização aumente sempre existirá alguém desmatando, **é preciso** pensar que á cada árvore que é arrancada é como se fosse uma peça da Máquina da Chuva que fosse retirada, **é preciso** dar valor á esta máquina. (Texto 05)

Com esse recurso, o produtor busca apresentar a "verdade" afirmada como se não fosse uma criação discursiva, mas um fato do mundo extralinguístico possível de ser acessado também pelo leitor. Em conformidade com Neves (1996), pode-se dizer que, ao recorrer a expedientes sintáticos que sugerem distanciamento[40], o produtor transfere para fora do enunciado a responsabilidade pela emissão do comentário. Com isso, acaba distanciando a possibilidade de refutação do conteúdo da mensagem, uma vez que este é dado como certo, indiscutível. Diferente seria o relacionamento proposto se fossem substituídos os modalizadores de [94] por oração modalizadora como *acredito que*, por exemplo, ou se esta fosse anteposta aos modalizadores do parágrafo [29]. Nesse caso, as estratégias usadas explicitariam a subjetividade da leitura proposta.

As manobras linguísticas postas nos parágrafos [94] e [25] podem ser tomadas como estratégia produtiva na negociação instaurada no texto argumentativo, uma vez que o produtor faz parecer irrevogável uma análise que é, em última instância, subjetiva, propondo um contexto de regulação com vista a levar o interlocutor a aceitar a leitura dos fatos conforme apresentada no texto.

Também são recorrentes no *corpus* elementos modalizadores com marca dêitica do locutor ou dos interlocutores, conforme ilustram os parágrafos a seguir:

> [62] Perante todo o desmatamento da Amazônia que estamos vivenciando, ***sabemos que*** isso prejudica muito o clima ambiental. Segundo Antonio Nobre, líder do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) a Amazônia evapora 20 bilhões de toneladas de água em um único dia. (Texto 15)

> [57] A desmatação na Amazônia já passa dos 335 mil/KM², 20 hectares por minuto, 30 mil por dia e 8 milhões por ano. Com esse avanço nós pagamos os preços por exemplo com que está acontecendo enchentes, terremotos, chuvas seria justo que todos que desmatam paguem caro, multas por cada área desmatada, assim os fazendeiros teriam mais consciência. ***Tenho certeza*** se todos nós ajuda-se não estaríamos assim, **precisamos** preservar mais. (Texto 13)

> [41] Todo este esforço que faremos para reduzir e acabar com o desmatamento hoje vai garantir a continuidade do fornecimento de energia e do agronegócio amanhã. Para evitarmos problemas de seca na Amazônia, **devemos** reduzir o desmatamento ou coloca-lo em extinção, pois 90% do desmatamento é ilegal. **Teremos que** zerar o desmatamento e reflorestar. **Precisamos** replantar a floresta já e não daqui há alguns anos, como, por exemplo, no ano de 2015 conforme defende o pesquisador agrônomo Antônio Nobre, mestre em Biologia Tropical pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia. (o Impa de Manaus). (Texto 09)

[40] Neves (1996) assim interpreta o uso do adjetivo em posição predicativa, como ocorre no parágrafo [25]; porém, entende-se que tal análise é extensiva aos outros expedientes que explicitam marcas dêiticas do enunciador, como o advérbio *certamente* ou a oração modalizadora *sabe-se que*, por exemplo.

Em [62], o produtor do texto se apresenta explicitamente no enunciado ao mesmo tempo em que envolve o leitor como cúmplice da leitura posta no conteúdo modalizado. Nesse sentido, embora aqui não se recorra à impessoalização, também se tenta dar como irrefutável o conteúdo modalizado, cuja justificativa se assenta em argumento de autoridade.

No parágrafo [57], a marca gramatical da primeira pessoa do singular deixa mais evidente o fato de se estar apresentando uma avaliação subjetiva. Com isso, o produtor assume total responsabilidade pelo conteúdo modalizado, avalizada por seus conhecimentos acerca do assunto. Embora essa estratégia acabe expondo mais a face do produtor – uma vez que recusar o conteúdo modalizado não representaria a recusa de uma "verdade", como no caso do recurso à impessoalização ou à primeira pessoa do plural, conforme análise posta acima, mas a recusa do posicionamento assumido pelo produtor do texto –, ela também parece adequada na orientação da negociação em texto opinativo, uma vez que este se estabelece como lugar de tomada de posição. Nesse sentido, a estratégia em foco pode contribuir para a negociação na medida em que o interlocutor pode reconhecer aí a sinceridade em assinalar pontos de vista. Porém, ainda nesse caso, observa-se uma imposição da leitura subjetiva proposta na medida em que os dados são apresentados como irrefutáveis por meio do ato de asserção forte, o que leva à imposição deôntica na última frase do parágrafo, que envolve os interlocutores.

No caso da modalização deôntica, expressa no último modalizador de [57] e nos modalizadores de [41], a explicitação dos interlocutores no elemento modalizador não se relaciona à assunção da autoria em relação à avaliação apresentada, como no caso epistêmico, mas expressa o alvo deôntico, os responsáveis por fazer cumprir a obrigação expressa, de forma que os interlocutores são diretamente implicados na obrigação instaurada. Ao se apresentar como parte envolvida na necessidade imposta, o produtor procura criar um ambiente propício à negociação, pois busca se apresentar como cidadão consciente de seu dever, ainda que a obrigação imposta possa não ser realmente da alçada dos cidadãos comuns, ou que a primeira pessoa do plural abarque a ideia de nação. Tenta-se, assim, criar um ambiente que favoreça a empatia e, com isso, o alinhamento do leitor à perspectiva expressa no texto.

Em outras situações, verificam-se modalizadores que envolvem a instituição governo ou um alvo genérico, como *todos, o homem* e *as pessoas*. Os parágrafos [60] e [15] ilustram essas duas estratégias:

> [60] Já existe um controle do desmatamento da Amazônia criado pela Ministra Marina Silva, projeto esse que já conseguiu reduzir o desmatamento em 40%, mas isso ainda não é suficiente. O homem **precisa** estar atento e fazer algo para que esse desmatamento diminua e entender que o planeta cada dia esta sendo prejudicado e quem está sofrendo é a população com as mudanças climáticas e com o aquecimento global. (Texto 14)

> [15] Se houver a fiscalização o desmatamento irá diminuir mas para que isso aconteça, o governo **deverá** investir mais na fiscalização, tirando do bolso daqueles que desmatam de forma não-autorizada (ilegal). (Texto 03)

No primeiro caso, embora o sujeito da oração pressuponha o envolvimento dos interlocutores, uma vez que a necessidade posta envolve a todos, a falta da marca dêitica do locutor e o não envolvimento direto do interlocutor são estratégias que podem ser produtivas para a construção do texto opinativo. Com esse recurso, o produtor tem maiores possibilidades de proteção da face do que se verifica nos casos em que produtor e leitor são apresentados como alvo deôntico, uma vez que se enfoca o problema em si, sem explicitar atitudes reprováveis dos interlocutores (ainda que tais atitudes se refiram à falta de ação perante o problema em pauta) e sem correr o risco de atribuir-lhes responsabilidades passíveis de serem refutadas pelo parceiro da interlocução, que pode considerar que não se apresenta no texto uma leitura coerente com a realidade extralinguística.

Com a estratégia pontuada em [15], o produtor procura se apresentar como um cidadão consciente do seu papel e que está em condições de explicitar os deveres do Estado. Esse alvo deôntico parece adequado nesse contexto, pois ações específicas de combate ao desmatamento são da alçada de órgãos governamentais, o que pode contribuir para a construção de uma imagem do produtor como um analista sensato.

Em outros casos, o alvo deôntico não é explicitado, como ocorre no parágrafo [25], apresentado anteriormente, em que a negociação é demarcada pela expressão *é preciso*, ou com o uso de outras estratégias que camuflam o alvo deôntico, de forma que se aponte a necessidade de uma ação sem que sejam explicitados os agentes responsáveis por cumpri-la ou fazer cumpri-la. O índice de indeterminação do sujeito e a voz passiva são recursos que contribuem para pôr em destaque a necessidade, em detrimento do agente, conforme exemplificam, respectivamente, os parágrafos [102] e [76]:

> [102] Amazonia, um lugar onde o silencio predomina, pois nos ultimos anos, o som que predomina, é o motocera. Um barulho de destruição, provocando-o desmatamento, se queremos, que este barulho acabe, **deve-se** acabar agora com o desmatamento. (Texto 30)

> [76] Não dá mais para continuar. O Desmatamento da Amazonio **tem de** ser suspenso imediatamente, pois não é so a região amazônica que prescisa da floresta

> mas parte do território Brasileiro também, porque grandes partes das chuvas que caem nas regiões do Sul, Sudoeste, Centro oeste, são resultado dos "Rios voadores", a evaporação da água do Oceano Atlântico e da Amazônia. (Texto 19)

Ambas as estratégias mobilizadas nesses parágrafos excluem o agente, criando efeito de neutralidade e certeza, a partir de uma autoridade de saber que o produtor procura expressar.

Outra estratégia que exime o produtor de apresentar responsáveis pelas ações impostas é a construção da frase colocando na posição de sujeito o problema a ser combatido, de modo a dar ênfase à ação requerida, como ocorre neste parágrafo:

> [35] A Amazônia é uma das maiores riquezas do mundo, que aos poucos esta sendo condenada pela humanidade, por meio do desmatamento. *Esse desastre ambiental* **deve** ter um fim imediato, enquanto há tempo. (Texto 08)

Com as estratégias visualizadas em [25], [102], [76] e [35], o produtor evita impor atitudes a um agente específico, preservando, assim, sua face. Ao focar a necessidade em detrimento do agente, evita que o interlocutor refute a argumentação. Isso porque, por um lado, não corre o risco de estabelecer responsabilidades a quem de fato não as tem sob sua alçada e, por outro, pauta-se em uma observação da realidade que possivelmente não será refutada. Dificilmente o interlocutor, conhecedor do universo de referência explicitado no texto, iria refutar a ideia de que [35] *Esse desastre ambiental* ***deve*** *ter um fim imediato* [...] ou [25] ***é preciso*** *dar valor á esta máquina*, mas poderia refutar a de que [60] *O homem* ***precisa*** *estar atento e fazer algo para que esse desmatamento diminua* [...], questionando, por exemplo, a generalização proposta no sujeito desta última oração, um sintagma nominal que envolve a todos como responsáveis pela contenção do problema abordado. Pode-se dizer, então, que a não explicitação do alvo deôntico retrata uma estratégia produtiva no texto argumentativo, pois permite uma aproximação entre os interlocutores que favorece o enredamento do leitor na teia argumentativa traçada no texto, aumentando, assim, as possibilidades de aceitação da leitura aí apresentada.

Ampliando o escopo da análise do elemento modalizador para o cotexto em que está inserido, outras estratégias ganham destaque no movimento de negociação. Observou-se que, em cerca da metade dos parágrafos em que se verificam tentativas de negociação enfática, a força ilocutória do elemento de necessidade epistêmica é sustentada ou reforçada pelo cotexto, conforme exemplificam os parágrafos a seguir:

> [98] ***Está garantido que*** precisamos da "Máquina de Chuva da Amazônia" esta conservada para o melhor do meio ambiente e para o crescimento da economia brasileira. A Máquina de Chuva é chamada também de "Rios Voadores" formado pela grande parte da evaporização das florestas se distribuindo por toda á América do Sul. (Texto 27)
>
> [10] O desmatamento **deve** acabar imediatamente. **Temos que** parar de desmatar á natureza, ao invés de cortar as árvores, **temos que** replanta-las novamente. (Texto 02)

O parágrafo [98] é iniciado com uma marca de engajamento total do produtor em relação ao conteúdo enunciado, que explicita a tentativa de agir incisivamente sobre o interlocutor, demarcada por elementos do eixo epistêmico. No desenvolvimento do parágrafo, o uso do presente do indicativo mantém o grau de engajamento inicialmente proposto.

Em [10], fica mais evidente a manutenção da negociação enfática, garantida não apenas pela recorrência de elementos da necessidade deôntica, mas também pelo advérbio *imediatamente*, posto no primeiro período.

Porém, em alguns parágrafos, cerca da metade daqueles considerados nesta categoria, observou-se que há, em algum nível, um recuo em direção a uma negociação mais atenuada, o que é viabilizada quer por modalizadores de asserção fraca, quer por outras estratégias linguísticas dadas no cotexto, como o uso do subjuntivo ou de orações condicionais, por exemplo. Nos parágrafos a seguir, tomados para exemplificar essa análise, os elementos responsáveis por tal recuo estão demarcados com *itálico* (sem negrito):

> [47] Então para finalizar o desmatamento **deve** acabar por completo até a floreta se desenvolver melhor seus recursos como a "maquina de chuva", e todos nos *podemos* ajudar não comprando madeira ilegal, faça sua parte, a floresta agradece. (Texto 10)
>
> [37] *Uma sugestão* para tentar acabar com o desmatamento é a imposição de projetos que auxilie a população sobre a importância da nossa maior riqueza, todos **devem** saber que o desmatamento **deve** ter seu fim imediato, e a Amazônia ser preservada a todo custo. (Texto 08)
>
> [06] Se os governantes fizessem a sua parte, ***certamente*** haveria maior fiscalização, tendo maior fiscalização, a nossa Amazônia não estaria sofrendo. Mas não depende somente dos governantes para acabar com o desmatamento, e sim de toda a humanidade, pois as pessoas que morram na Amazônia *podem* prezervar-la, e os que não morram *podem* ajudar de forma indireta, como por exemplo comprar apenas madeira legalizada. (Texto 01)

A atenuação acaba contribuindo para uma tensão menor entre o produtor do texto e o interlocutor, se considerado o parágrafo como um todo, num movimento que vai da interpelação à proposição, ou vice-versa. Em [47], há uma asserção forte demarcada pelo elemento modalizador; o ato de fala seguinte, porém, é atenuado com o ato ilocutório de

sugestão. A interpelação mais incisiva do leitor volta a tomar corpo na última linha, quando se recorre ao imperativo.

Em [37], observa-se o caminho inverso: a negociação inicial é feita por atenuação, quando o produtor adverte o leitor que o ato de fala deve ser tomado como uma sugestão. Desta, passa-se à imposição, demarcada pelos elementos de necessidade deôntica e também pelo adjetivo presente na terceira linha e pela expressão adverbial que encerra o parágrafo.

O parágrafo [06] é iniciado por uma oração condicional, que pontua o enunciado como *irrealis*. Além do uso da oração adverbial, observa-se o uso de verbos no subjuntivo passado. Se é verdade que a estrutura gramatical da oração condicional exige o modo subjuntivo, conforme os padrões cultos da língua, e aí não se teria opção no que tange ao modo verbal, também é verdade que o tempo passado expressa uma escolha do produtor. O uso do futuro do subjuntivo, nesse caso, mostraria um engajamento maior em relação ao enunciado, ainda que não factual. Também contribui para afrouxar a tensão marcada pelo modalizador o uso do futuro do pretérito na última oração do primeiro período. O segundo período é iniciado com uma ressalva, quando o produtor recorre ao presente do indicativo para pontuar uma avaliação. Porém, as sugestões de ação dada na sequência demarcam novamente um abrandamento da tensão direcionando o parágrafo para uma negociação atenuada, não guiada pela imposição de pontos de vista. Em suma, pode-se dizer que, nesse parágrafo, há marcas linguísticas que explicitam que a negociação caminha de um ponto enfático a um ponto atenuado, alternando o ponto do *continuum* da negociação a partir do qual o produtor escolhe enunciar.

Abre-se aqui um parêntese para fazer uma ressalva quanto ao uso de orações condicionais. Conforme análise apresentada anteriormente, tais construções contribuem para estabelecer uma interlocução que se encaminha para uma interação mais atenuada. Porém, embora de maneira menos recorrente, a oração condicional pode também contribuir para tornar o enunciado mais inciso, conforme exemplifica o parágrafo [102], anteriormente citado, que é aqui repetido:

> [102] Amazonia, um lugar onde o silencio predomina, pois nos ultimos anos, o som que predomina, é o motocera. Um barulho de destruição, provocando-o desmatamento, se queremos, que este barulho acabe, **deve-se** acabar agora com o desmatamento. (Texto 30)

Em casos como o acima posto, a oração condicional contribui para demarcar o tom incisivo da interação proposta. Com construções como essa, o produtor não apresenta uma

possibilidade, mas encaminha o interlocutor à conclusão de que a necessidade introduzida por elemento modalizador é o único caminho possível, revestindo o enunciado do valor ilocutório de alerta, nesse caso.

Sumarizando os dados apresentados nesta subseção, tem-se que a negociação enfática é demarcada no *corpus* por modalizadores da necessidade deôntica (77 ocorrências) e, de forma menos recorrente, da necessidade epistêmica (18 ocorrências) em 70 parágrafos. Na atualização desse movimento, estratégias diversas são postas em cena, como a marca dêitica ou a falta de marca dêitica do locutor ou dos interlocutores no elemento modalizador ou a explicitação ou não do alvo deôntico. Considera-se que os modalizadores demarcam o tipo de negociação pretendida, mas que elementos cotextuais atuam na interlocução proposta, havendo um equilíbrio entre parágrafos em que se mantém ou se reforça a negociação enfática no cotexto e parágrafos em que a asserção forte cede espaço, em alguma medida, para a asserção fraca, apontando par a negociação atenuada, que é foco da subseção seguinte.

5.2 NEGOCIAÇÃO ATENUADA

Se, por um lado, pode-se tentar agir sobre a opinião do interlocutor por meio de uma ação mais incisiva, como é o caso da negociação enfática, por outro, também constitui estratégia válida para a argumentação certo distanciamento do produtor em relação ao seu próprio texto. Observa-se que, diferentemente do que ocorre com a asserção forte, ao recorrer à asserção fraca, o produtor tenta se apresentar como um analista ponderado, capaz de interpretar criticamente o mundo, mas que não quer ser incisivo com o interlocutor; ao contrário, procura dele se aproximar a partir de uma interação menos tensa, buscando apresentar leituras plausíveis e pontuar soluções possíveis para o problema trazido para o debate, e não leituras necessárias e ações imperativas, como se fossem as únicas possíveis ou aceitáveis no contexto em debate. Nessa perspectiva, os modalizadores contribuem para a negociação na medida em que abrem espaço à crítica alheia e, dessa forma, promove-se uma aproximação entre os parceiros da interação, num processo de agenciamento da negociação mediada pelo texto.

No *corpus*, a negociação atenuada é atualizada por meio de 48 ocorrências de modalizadores da possibilidade epistêmica e 52 ocorrências de modalizadores da possibilidade deôntica, em 73 parágrafos, conforme exposto a seguir.

Os modalizadores de possibilidade deôntica estão demarcados com negrito e sublinhado duplo (exemplo: **deveriam)**; os modalizadores de possibilidade epistêmica estão demarcados com negrito, itálico e sublinhado duplo (exemplo: ***podem***), e assim são grafados nos parágrafos que ilustram as análises apresentadas a seguir.

[01]	Todos já sabemos que a Amazônia ao longo de um periodo, vem sendo desmatada sem piedade. Diante dessa realidade os governantes **deveriam** tentar acabar com o desmatamento, **deveriam** investir maiores custos em fiscalização na Amazônia, contratar mais fiscais, promover palestras para que a sociedade saiba o que a Amazônia é capaz de produzir.	Texto 01
[03]	Se esta fiscalização, não for rapidamente implantad, a Amazônia ***poderá*** ter sérios danos, mas não só ela. O que os cientistas sabem é que, se o processo de desmatamento continuar assim, os rios voadores também irão ser extintos.	Texto 01
[04]	No norte, que possui altos índices de desmatamento, existe a Amazônialegal, que é alugada para empresas privadase brasileiras, numa área de 90mil hectares, que terão três tamanhos diferentes, 15 mil, 30 mil, e 45 mil hectares e também, nenhuma empresa poderá explorar mais de uma unidade de manejo, se a Amazônia legal foi implantadaem rondônia, isto ***pode*** significar que com o dinheiro do aluguel da Amazônia legal, **pode-se** implantar uma fiscalização adequada para a Amazônia.	Texto 01
[05]	Para tentar salvar os rios voadores, primeiramente devemos saber que deve-se ter uma boa fiscalização, e em segundo os cientistas querem conhecer melho este ciclo para analizar o que ***pode*** acontecer com as regiões sul e sudeste caso a Amazônia seja derrubada.	Texto 01
[06]	Se os governantes fizessem a sua parte, certamente haveria maior fiscalização, tendo maior fiscalização, a nossa Amazônia não estaria sofrendo. Mas não depende somente dos governantes para acabar com o desmatamento, e sim de toda a humanidade, pois as pessoas que morram na Amazônia **podem** prezervar-la, e os que não morram **podem** ajudar de forma indireta, como por exemplo comprar apenas madeira legalizada.	Texto 01
[07]	O que **poderíamos** fazer para isso não mais acontecer? **deveríamos** se unir-mos e lutar-mos para que as fiscalizações aumentassem e assim se ainda tivessem pessoas tentando desmatar, **deveriam** lhes ser cobradas pesadas multas que fizessem a diferença em todo o dinheiro que já lucraram com o desmatamento.	Texto 02
[08]	Este ato criminoso que a cada dia acaba com a qualidade de vida da Amazônia deve parar, pois só assim a nossa Máquina da Chuva poderá continuar, esta também chamada de “Rios voadores” é formada pela evaporização da água vinda do oceano e também ***pode*** ser transmitida pela evapotranspiração das árvores.	Texto 02
[09]	A Amazônia produz a maior parte da chuva e o excesso do desmatamento ***pode*** degradar o ciclo hidrológico, mas para quem depende das safras anuais isso seria totalmente ruim, pois, as safras agroindustriais de toda a região dependem desse ciclo.	Texto 02
[11]	Vamos todos tentar mudar este futuro tão atual que ***pode*** ficar mais dramático do que já está. Dar vida á Máquina da Chuva, é nossa obrigação, pois é ela quem nos	Texto 02

dá a uma vida qualitativa, sendo assim, não devemos desmatar, e sim lutar para que a Amazônia continue nos dando o prazer de dizer que somos habitantes de um país que possui uma linda mata, que além de beleza, traz vida para todo o território nacional.

[13] O desmatamento não-autorizado ***pode*** causar vários problemas, como a redução de chuvas de 24%, e se não chover os rios que saem do continente e vão para o oceano ***poderão*** secar e assim o mundo irá ficar deserto, e os problemas mais graves ainda ***poderão*** aparecer. Texto 03

[14] Geophysical Research Lietters, fala que além do aquecimento global, a destruição da floresta amazônica também ***pode*** levar á chamada SAVANIZAÇÃO, processo no qual o clima quente e úmido típico da Amazônia dá lugar a um clima quente e seco característico do cerrado. Nesse clima, a vegetação densa da floresta tropical não sobrevive e sede o lugar a savana. Texto 03

[16] Se o desmatamento da floresta Amazônica continuar e for maior que 40% o processo de savanização ***poderá*** disparar e o lugar ***poderá*** ficar ainda mais quente e seco, e ainda se a mata nativa realmente for substituída por pasto de soja, ***poderá*** causar o aumento da temperatura de 4°C, na Amazônia já esquentou 1°C devido ao efeito do desmatamento e também do aquecimento global, diz o cientista Gilvan Sampaio do INPE. Texto 03

[17] ***Talvez*** essa medida sirva para controlar o desmatamento, mas não acabar com o mesmo. sendo assim, tomar outras medidas é fundamental para que se acabe o desmatamento. Texto 03

[20] Em Rondônia, tem o desmatamento em terras publicas, e essas terras são alugadas, para empresas privadas para a exploração da madeira. O governo espera que a madeira, seja explorada de maneira sustentável, inibindo o desmatamento. O governo fala em corte de algumas áreas e não tudo. As empresas que alugam estás terras, só **poderão** ser empresas brasileiras e essas empresas só **poderão** alugar pedaços da Amazônia de 15, 30, 45 mil hectares e cada hectare tem o prazo de 40 anos de contrato com o ciclo de corte de 30 anos. No caso acima foi implantado na Amazônia legal, isto ***pode*** significar que se a Amazônia legal for implantado, temos chances de aplicar, ou melhor, criar uma fiscalização descente para a Amazônia. Hoje, há um fiscal para uma área, do tamanho da Suécia, como **podemos** perceber que é muito pouco. Texto 04

[21] Temos de fazer, com que as pessoas não desmatem a Amazônia, e nesse caso ***talvez*** **tenham que** tomar decisões drásticas como, pesadas multas, e não se esquecer de aumentar a fiscalização, pois com uma boa fiscalização a Amazônia tem grandes chances de se salvar. Texto 04

[22] A Amazônia ***pode*** ser considerada uma Máquina de Chuva, pois é ela quem produz a maior parte das chuvas que caem em todo o Brasil, o que é importante para a economia e desenvolvimento sustentável de todo o país. Mas, para que esse processo hídrico seja possível, é preciso leis sérias e justas que resultem multas que pesem no bolso de quem ganha com o desmatamento. Texto 05

[23] A floresta Amazônica vem perdendo grande parte de sua mata, Adalberto Veríssimo, do Instituto do Homem e do meio ambiente da Amazônia, estima que o desmatamento já afeta mais de 18% da Amazônia, sendo esta parte do território brasileiro; o que significa que nossa Máquina de Chuva, ***pode*** estar á beira de ser quebrada e de não mais voltar a ser o que era antes. No entanto, ainda existindo e Texto 05

nos ajudando parcialmente.

[24] Existem projetos que se preocupam com o rumo que a Amazônia está tomando, mas, para que haja bons resultados, temos de deixar o desmatamento a zero, isto quer dizer nada, nenhum pedaço de área desmatada. Mas a Amazônia é grande demais, o que significa que é necessário aumentar o número de fiscais, para que estes possam punir com altas multas quem estiver desmatando ilegalmente, para termos este aumento o governo **precisaria** desembolsar uma boa quantia em dinheiro para o pagamento destes profissionais. Texto 05

[26] ***Provavelmente*** todos já ***devem*** ter ouvido falar na Amazônia. Isso porque atualmente "O desmatamento na Amazônia" é um assunto muito abordado pela mídia. Texto 06

[27] Relacionado a essa questão está ***o possível*** prejuízo da máquina de fazer chuva, que funciona da seguinte forma: parte da floresta amazônica evapora e transpira 300 litros de água por dia. Com evapotranspiração das árvores da floresta, se formão enormes nuvens conhecidas como rios voadores. Texto 06

[28] Como se **pode** observar se continuarmos destruindo a Amazônia ***poderá*** acontecer um grande desequilíbrio ambiental, conforme mostram várias pesquisas, pois estamos desmatando as florestas de modo descontrolado. Para que consigamos regular o tempo tendo menos tempestades e secas devemos suspender imediatamente o desmatamento. Texto 06

[29] Outro recurso a que **podemos** recorrer para salvar a Amazônia seria conhecer mais a cultura indígena, que viverão la sem prejudicá-la e explorarão de maneira sustentável por todo esse tempo. Eles entendem o que está acontecendo, eles convivem com o desmatamento todos os dias e nunca dão suas opiniões, mas nos já sabemos q eles pensão que as pessoas devem desmatar menos e preservar mais. Texto 06

[30] Em nosso cotidiano, os assuntos que mais nos chamam a atenção são problemas relacionados ao nosso meio ambiente. Algo fácil de ser resolvido, se aumentasse a fiscalização e aplicassem pesadas multas aos promovedores do desmatamento não-autorizado. Além disso, todos **deveriam** estar conscientes de que a Amazônia é uma grande fonte de vida para todo o território brasileiro. Texto 07

[31] O INPE nos informa, que se a máquina da chuva parar, várias catástrofes ocorrerão em todo o território nacional. O aumento da temperatura ***poderá*** chegar em até 7°C, com esse calor em alta se prevê para 2011, chuvas com intensidade. Sendo assim, sem os jatos de vento para fazer a evaporização da água, se aumentará cada vez mais o risco de grandes enchentes. Texto 07

[32] A política brasileira junto com todo o povo, deve tomar alguma decisão drástica para que o território amazônico não acabe abaixo do despenhadeiro. A ideia mais sensata seria certamente o aumento das fiscalizações, pois assim, se as leis não fossem obedecidas, **poderiam** ser aplicadas grandes multas à quem desafiasse as leis, aprovadas e impostas, á favor do território amazônico. Texto 07

[33] Já estamos vivendo às margens de um abismo sem fim, grandes conseqüências já estamos tendo. As grandes mudanças climáticas já mataram ou ***talvez*** deixaram pessoas sem lar. Texto 07

[34] Se não fizermos nada para essa realidade mudar, só **podemos** rezar, para que no plenário, os políticos que lá colocamos, usem a força e o poder que possuem, para Texto 07

assim criarem uma lei sensata de fiscalização que resolva o nosso problema.

[37] **Uma sugestão** para tentar acabar com o desmatamento é a imposição de projetos que auxilie a população sobre a importância da nossa maior riqueza, todos devem saber que o desmatamento deve ter seu fim imediato, e a Amazônia ser preservada a todo custo. Texto 08

[38] Segundo o pesquisador e ambientalista Mario Couto afirma que não poderá haver mudança sem infelizmente passarmos antes por uma catástrofe, ou seja, teremos que sofrer, para depois começarmos a preservar a Amazônia, e ***quem sabe*** quando isso acontecer já não seja tarde de mais para agirmos. A Amazônia pede socorro, **é possível** acabar com o desmatamento colocando um fim na queima e no corte de arvores, evitando assim uma catástrofe ainda maior. Texto 08

[39] Com o excesso de desmatamento, o ciclo hidrológico ***pode*** ser degredado. A agroindustria e a geração de energia elétrica no Brasil dependem da máquina de chuva da Amazônia. A máquina de chuva funciona, quando a umidade do ciclo, que se desloca em direção ocidental, atinge as Cordilheiras dos Andes e parte dela é desviada para a Região Sul. Boa parte dessa água utilizada na geração de energia elétrica. Texto 09

[42] Esse cientista lembra também que as primeiras consequências do desmatamento já são sensíveis e explica que, como as chuvas, os ventos, os oceanos e as florestas estão interligados e, ao alterar esse equilibrio, ***podemos*** trazer danos irreversíveis à vida. Texto 09

[44] Para que a "maquina de chuva da floresta amazônica" continue a funcionando, o governo **deveria** achar meios de parar completamente o desmatamento na Amazônia, e que esse desmatamento continue proibido até que fossem identificadas áreas onde se possa explorar, de maneira sustentável, a madeira da floresta amazônica. Texto 10

[45] Mais o leitor ***deve*** estar se perguntando: O que é "maquina de chuva da floresta amazônica"? A "máquina de chuva da Amazônia" é um processo que a as árvores da floresta amazônica faz absorvendo as águas ao seu redor e em seguida as evaporam e esse vapor sobe para as nuvens, as carregando de água, fazendo com que elas chovam sobre a floresta. Agora imagine se o desmatamento não acabar e o homem continuar a destruir essas árvores? A floresta sofreria sérias conseqüências, e "maquina de chuva da floresta amazônica" iria diminuir aos poucos deixando o clima da floresta mais seco, aumentando a probabilidade de queimadas na floresta. Agora imagine novamente, se o governo achasse meios de acabar com o desmatamento até que achem áreas onde se pudesse explorar de maneira sustentável e controlada por leis e órgãos governamentais? A floresta iria se desenvolver melhor aumentando assim a eficiência da "maquina de chuva" sobre a floresta amazônica. Texto 10

[46] O governo Brasileiro **deveria**, e deve mobilizar órgãos competentes para proibir todo desmatamento, enquanto institutos do governo apontariam soluções para uma exploração sustentável dos recursos naturais. A partir disso, controlar a atividade de extração criando novas leis para acabar com o desmatamento ilegal, e assim, ajudaria a manter a "maquina de chuva da floresta amazônica" funcionando melhor e salvando de vez a floresta amazônica. Texto 10

[47] Então para finalizar o desmatamento deve acabar por completo até a floreta se desenvolver melhor seus recursos como a "maquina de chuva", e todos nos Texto 10

podemos ajudar não comprando madeira ilegal, faça sua parte, a floresta agradece.

[49]	A sugestão advinda de orgos governamentais de pagamento a fazendeiros, para pararem de desmatar a Amazônia, seria apenas mais uma forma de obtenção de lucro aos fazendeiros, porque ***poderiam*** receber o dinheiro e não parar de desmatar, causando prejuízo ao governo.	Texto 11
[53]	Então para que a maquina de chuva não para de funcionar nos devemos começar preservando a floresta Amazônica, e se esses fenômenos continuarem acontecendo ***é provável que*** não se formem mais os Rios Voadores.	Texto 12
[54]	Para que isso não se agrave cada vez mais as pessoas deveram fazer algo que chame a atenção do governo para que ele perceba o que esta acontecendo em nossa floresta para não haver mais o desmatamento o governo **deveria** implantar multa pesadas aqueles que praticassem o desmatamento ilegal. O governo **deveria** implantar mais fiscais para ajudar a fiscalizar a Amazônia.	Texto 12
[56]	A Amazônia tem conserto ainda, se nos todos planta-se uma árvore cada vez que arrancássemos, aumentando a fiscalização ao respeito madeiras ilegais assim **poderíamos** pedir uma ajuda, mais adequada da força verde, pelo menos assim **poderíamos** tentar salvar o pouco que resta da Floresta.	Texto 13
[58]	Pelo o que acompanhamos dia-a-dia nos meios de telecomunicação, o desmatamento da Floresta Amazônica é um assunto polêmico, nossa máquina de chuva está em perigo,máquina de chuva assim chamada pelo fato de que evapora por dia 20 toneladas de água. É preciso que sejam tomadas providências enquanto há tempo, pois isso ***pode*** fugir do controle caso não forem aplicadas multas severas e exigido que cada árvore desmatada seja obrigatoriamente replantada pela empreiteira que cometeu o crime.	Texto 14
[59]	Segundo o site HTTP://riosvoadores.com.br o que se **pode** observar através de dados estatísticos é que 18% da Amazônia já está desmatada, o problema é que a fiscalização não é suficiente, pois é uma floresta muito grande e as multas não são impostas para esse tipo de crime.	Texto 14
[63]	Se o desmatamento não for interrompido vai modificar totalmente o clima não só no Brasil mas no mundo. O monitoramento da floresta **deveria** ser muito mais rigoroso e aplicar multas altas aqueles que desmatam. Para que uma catástrofe maior do que estamos vivenciando aconteça, temos cerca de um cinco ou seis anos para acabar completamente com o desmatamento da Amazônia segundo Antonio Nobre.	Texto 15
[64]	Com o termino das empresas de madeireira ilegal, **deveria** se organizar ong's para replantar todas as árvores, ou o desmatamento acabara com a maquina de fazer chuva e causara uma grade seca mundial.	Texto 15
[65]	Devemos impedir o desmatamento o mais rápido possível, se não ***poderá*** causar danos irreversíveis à vida no planeta.	Texto 15
[66]	Tudo que esta acontecendo com o nosso planeta não chega nem perto do que ***pode*** vir se não interromper o desmatamento.	Texto 15
[68]	O desmatamento da Amazônia está saindo do controle de nossos governantes que não conseguem monitora-la como **se deveria.** A floresta queimada e degradada perde sua função ecológica. Os maiores responsáveis por essas destruição são	Texto 16

	madeireiras, agricultores e pecuaristas. Se esse desmatamento continuar e chegar a 50% a Amazônia deixava de existir como informa o texto publicado na portal folha.Hoje 90% do desmatamento é ilegal nesse ritmo, até 2030 a floresta Poe perder 50% de sua área também publicado na portal folha, precisamos suspender imediatamente o desmatamento na amazônica se não vamos ficar sem água e energia, alem disso temos de replantar nossa floresta. não é para parar o desmatamento em 2016 tem que ser zero, é para ontem cientista do INP.	
[69]	Ele também explica como a chuva, ventos, oceanos e florestas estão interligados e por que alteram esse equilíbrio ***pode*** trazer danos irreversíveis a vida e conclui o problema não é a natureza é o humano.	Texto 16
[70]	Para o desmatamento acabar no minimo **deveriamos** ter uma fiscalizaçâo descente para a Amazônia, pois há um fiscal para uma area do tamanho da suecia.	Texto 17
[71]	Os governantes do nosso país **deveriam** aumentar o investimento na fiscalizaçâo, promover cursos para formar nossos fiscais e palestras para concientizar a sociedade.	Texto 17
[72]	Pois, se a fiscalizaçâo nao for inplantado rapidamente,nosso futuro estara em risco, todos **podemos** ajudar, nao depende somente dos fiscais e governantes,as pessoas que vivem na Amazônia **podem** preserva-la, e os outros que nao moram **podem** ajudar por exemplo comprando somente madeira legal.	Texto 17
[73]	Uma das possibilidades que **pode** se fazer é uma remuneração aos serviços ambientais e com isso tentar diminuir o problema da Amazônia.	Texto 18
[74]	Algumas pessoas ***poderiam*** não concordar com isso, afinal, não é mais que obrigação cuidar do que é nosso. Porém até hoje só são feitos projetos que não são colocados em praticas, a maneira ***mais provável*** de funcionar é um pagamento por serviços.	Texto 18
[79]	Medidas como suspender completamente o desmatamento **deveria** ser tomada, pois, tantas propostas planejadas mais nada é feito.	Texto 20
[80]	Além da suspensão imediata do desmatamento a floresta amazônica **deveria** de ser repantada e para cultivar **deveriam** se identificar áreas onde a madeira poderia ser explorada, assim o clima melhoraria grantindo a vitalidade do ciclo hidrológico movimentada pela amazônia.	Texto 20
[82]	Para que ainda haja a evapotranspiração é necessário que consigamos parar totalmente ou boa parte do desmatamento. Porque se não irá acontecer uma catástrofe. Só para termos ideia de como as arvores são importantes para nós, recorremos a explicação dada por Antônio Nobre com mestrado em biologia tropical pelo instituto nacional de pesquisas da Amazônia (o Impa de manaus), e doutorado em bioquímica pela universidade de New Hampshire, há cinco anos Antônio é o homem do impe, uma arvore com mais ou menos 20 metros de altura evapora 300 litros de agua por dia; então **deveriam** suspender completamente o desmatamento da Amazônia, como solução **deveriam** fazer áreas apropriadas para o desmatamento sem precisar ser retiradas madeiras nativas da Amazônia.	Texto 21
[83]	Mesmo que tentassem-os efetuar pagamentos para que não haja o desmatamento excessivo, conforme já proposto por estudiosos da questão sempre terão aquelas pessoas que se acham “espertas”, iriam pegar o dinheiro e continuariam desmatando, sem pensar no mal que estão fazendo para si próprios e para os	Texto 21

	outros, pois irá acontecer o mal funcionamento de usinas hidroelétricas, danos na agricultura, e ***provavelmente*** uma crise econômica e sem falar nas mudanças no meio ambiente.	
[84]	Todas as ideias tem seus pros e seus contras um contra dessa ideia e que ela ***pode*** fracassar por que as leis ja existentes sobre o desmatamento são facilmente burladas. Essa ***poderia*** ser mais uma delas e daria mais dinheiro aos madeireiros que continuariam desmatando para ganhar mais e mais.	Texto 22
[85]	Mas esse dinheiro de alguma forma **pode** trazer uma sustentabilidade melhor aos povos da amazonia e ajudar pessoas carentes que veem seu único sustento desmatando a floresta.	Texto 22
[86]	Essa idéia **deveria** ser aplicada juntamente com varias outras e muito rigorosamente. Por que o homem só pensa no imediatismo mais não pensa nos seus filhos e netos e destrói a maior floresta do mundo.	Texto 22
[87]	A entrevista de Daniela Chiaretti, sobre o desmatamento na Amazônia deixa claro que se o desmatamento continuar, Isso ***poderá*** causar graves danos para a população sul e sudeste do Brasil.	Texto 23
[90]	Para a máquina não parar **deveria-se** almentar a fiscalização e aplicar-se pesadas multas para aqueles que promovem o desmatamentos não-autorizado ***talvez*** assim a Amazônia teria salvação.	Texto 24
[91]	Não se deve cruzar os braços enquanto a Amazônia, morre pouco-a-pouco, todos estamos cientes que no futuro ***poderemos*** ficar sem ela, mais para mudar isso só depende de nós, não esqueça que a vida da Amazônia garante a nossa.	Texto 24
[95]	Uma forma mais visível e mais prática, seria o aumento da fiscalização e multas de auto-custo, aos que exploram de uma forma ilegal. O governo **deveria** investir na fiscalização do que em leis que não saem do papel.	Texto 26
[96]	Segundo o Greenpeace, há um fiscal, para fiscalizar uma área do tamanho da Suíça. Se for aprovado o projeto de que **se pode** sim, ser desmatado quando fossem identificados áreas onde se poderiam explorar de uma forma sustentável, que não prejudicaria a floresta, e parte do arrecadado quando se permite explorar, 70% é dirigido á fiscalização, diz o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.	Texto 26
[99]	Teremos que conservar a Amazônia e assim parar-mos de vez com o desmatamento, senão a água vai se acabar e sem água não se terá comida. Com base disso, **deveria** se aumentar a fiscalização e assim aplicar-se pesadas multas para àqueles que continuarem com o desmatamento não-autorizado, pois a fiscalização de hoje não está adiantando em nada, sendo assim, a cada dia que passa estamos chegando ao fim da linha, com a Máquina de Chuva chegando próximo de parar.	Texto 27
[100]	Devido a esse e outros fatores, o desmatamento deve parar imediatamente, **podendo** ser usado parte do capital estrangeiro para pagar os donos de terras e outra parte para iniciar uma intensa campanha pelo reflorestamento. Precisamos acreditar que vai dar certo.	Texto 28
[105]	Se nada for feito se o governo não apoiar o Ibama nem as Ongs na tarefa de dobrar a fiscalização, ***pode*** haver muitos desastres, como tais, a Amazônia em pouco tempo iria se transformar em uma savana, a elevação do nível do mar e a natureza	Texto 31

cada vez mais em fúria iria causar cada vez mais danos.

[106]	È preciso aumentar a fiscalização, pois o numero de fiscais é muito pequeno em relação ao grande território amazônico. Assim muitas, partes são desmatadas, mais se é feito muito pouco, pois não se tem como fiscalizar. Se o governo dobrar o numero de fiscais do Ibama em território amazônico. e aplicar multas cada vez mais pesadas aos infratores, ***poderá*** se diminuir um pouco o desmatamento.	Texto 31
[109]	Não adianta só aplicar multas pesadas e aumentar a fiscalização, o ser humano **deveria** tomar cuidado com a destruição da floresta que tem muito a nos oferecer para o bem de toda a população, e nossos governantes não **deveriam** só criar leis e sim incentivar a toda população para não destruir a floresta e assim seria uma perfeita maquina de chuva.	Texto 33
[110]	Mas se os seres humanos continuarem a destruir as árvores, a quantidade de vapor de água que chega ao restante do país, vai ficar desregulada. Com isso ***podem*** acontecer secas muito fortes em alguns lugares.	Texto 34
[112]	Estuda-se projetos ambientais que **podem** auxiliar engenheiros entender quais ***podem*** ser as conseqüências com a mudança do clima, pesquisas realizadas mostram que uma única planta pode transpirar 300 litros de água por dia esse resultado fez com que, pesquisadores aprofundassem suas pesquisas, coletaram amostras da água da chuva e dos rios e será rastreada a massa de ar.	Texto 35
[113]	A amazonia gera grande parte de toda a chuva do Brasil. um fenômeno conhecido como "rios voadores." com o desmatamento na floresta as chuvas ***podem*** diminuir cada vez mais, está na hora de aumentar os pontos de fiscalização e aplicar graves multas aos infratores.	Texto 36
[116]	Se esse desmatamento continuar ***pode*** prejudicar a máquina de fazer chuva, por que a umidade que transpira das florestas vai desaguar em um "rio voador" que flui no atlântico e entra no país pela costa do Pará, carregando de agua evaporada do oceano, ao passara por cima da Amazônia, os vapores oceânico e da floresta se misturam formado uma gigantesca carga de ar úmida (diz cientistas) que cerca da metade vai virar chuva na própria região e a outra metade será carregada para longe. Ao bater nos Andes, a corrente se volta para o sul e passa a fluir em direção a Bacia da Prata, passando sobre várias região do Brasil.	Texto 37

Diante dos modalizadores presentes nesses parágrafos, pode-se perceber que a asserção fraca pelo eixo do saber é expressa predominantemente por meio do verbo *poder* e, em menor medida, pelo verbo *dever*, conjugados, e pelas expressões *talvez, provavelmente, o possível, é provável que, quem sabe, mais provável.* A asserção fraca pelo eixo do dever é expressa preponderantemente por meio do verbo *poder* e do verbo *dever* conjugados no futuro do pretérito e, de forma menos recorrente, pelo verbo *precisar* conjugado no futuro do pretérito e pelas expressões *uma sugestão* e *é possível*, além de constar uma ocorrência da expressão *ter que*. Em relação a esta, cabe ressalvar que, apesar de ser uma expressão prototípica da necessidade deôntica, no ambiente cotextual em que figura, acaba tomando ares de sugestão:

> [21] Temos de fazer, com que as pessoas não desmatem a Amazônia, e nesse caso ***talvez*** **tenham que** tomar decisões drásticas como, pesadas multas, e não se esquecer de aumentar a fiscalização, pois com uma boa fiscalização a Amazônia tem grandes chances de se salvar. (Texto 04)

O fato de a expressão *tenham que* ter sido introduzida por um advérbio de dúvida, elemento da possibilidade epistêmica, e, por consequência, ter sido atualizada no modo subjuntivo, resulta no enfraquecimento da força do ato de fala no cotexto em que aparece, figurando como uma sugestão de ação, e não uma imposição, como ocorre com os elementos do campo da necessidade deôntica. Por isso, é entendida como um elemento de asserção fraca, nesse caso, embora em outros parágrafos tenha sido relacionada ao ato de asserção forte.

Motiva a consideração dos eixos deôntico e epistêmico na categoria negociação atenuada – mais especificamente, relacionados à noção de possibilidade –, a interpretação de que encerraram atos ilocutórios de asserção fraca. Os elementos em destaque explicitam certo distanciamento do produtor em relação ao seu próprio texto e abrandam o ato de fala. Diferente do que ocorre com o processo de negociação enfática, na categoria em tela, o produtor apresenta argumentos não de forma incisiva, mas como uma sugestão de leitura de fatos do mundo, conforme ilustra o parágrafo a seguir, em que ocorrem dois modalizadores tomados como tentativas de negociação atenuada:

> [04] No norte, que possui altos índices de desmatamento, existe a Amazônialegal, que é alugada para empresas privadase brasileiras, numa área de 90mil hectares, que terão três tamanhos diferentes, 15 mil, 30 mil, e 45 mil hectares e também, nenhuma empresa poderá explorar mais de uma unidade de manejo, se a Amazônia legal foi implantadaem rondônia, isto ***pode*** significar que com o dinheiro do aluguel da Amazônia legal, **pode-se** implantar uma fiscalização adequada para a Amazônia. (Texto 01)

Enquanto o primeiro elemento demarcado atualiza a noção de possibilidade epistêmica, o segundo atualiza a noção de possibilidade deôntica. Em ambos os casos, o produtor não se compromete com o conteúdo do texto e busca propor uma interação pautada em sugestões de leituras em relação ao tema trazido para debate.

A asserção fraca do eixo epistêmico está ligada, na maior parte das ocorrências, à previsão de danos futuros relacionados ao desmatamento ou à quebra do ciclo hidrológico movimentado pela floresta Amazônica, enquanto a asserção fraca do eixo deôntico está ligada a sugestões de ações em prol do fim do desmatamento, conforme ilustram os parágrafos a seguir:

> [06] Se os governantes fizessem a sua parte, certamente haveria maior fiscalização, tendo maior fiscalização, a nossa Amazônia não estaria sofrendo. Mas não depende somente dos governantes para acabar com o desmatamento, e sim de toda a humanidade, pois as pessoas que morram na Amazônia **podem** prezervar-la, e os que não morram **podem** ajudar de forma indireta, como por exemplo comprar apenas madeira legalizada. (Texto 01)

> [69] Ele também explica como a chuva, ventos, oceanos e florestas estão interligados e por que alteram esse equilíbrio ***pode*** trazer danos irreversíveis a vida e conclui o problema não é a natureza é o humano. (Texto 16)

Em [06], vê-se um produtor que procura se posicionar como cidadão consciente e propor soluções para o problema abordado. Observa-se que, ao recorrer à asserção fraca, tenta se apresentar como um analista ponderado, que é capaz de interpretar criticamente o mundo, mas que não quer ser incisivo com o interlocutor. Ao contrário, procura se aproximar deste a partir de uma interação menos tensa, buscando pontuar soluções possíveis para o problema trazido para debate.

O modalizador do parágrafo [69] permite que o comprometimento do produtor em relação ao conteúdo da mensagem se dê de forma "frouxa", uma vez que se promove uma "relativização" da certeza, conforme aponta Neves (2006, p. 174). Para a autora, ao situar seu enunciado no campo graduável do possível, o produtor confessa suas dúvidas e incertezas e, com isso, ganha em credibilidade. Em casos como o ilustrado nesse parágrafo, é recorrente no *corpus* a estratégia de amparar o conteúdo modalizado na voz da ciência para dotar o enunciado de força argumentativa, na medida em que tal estratégia apresenta-se como um argumento de autoridade, embora nem sempre se explicite a polifonia. Como mesmo a ciência, que está amparada por técnicas e procedimentos que permitem uma previsão relativamente precisa de fatos futuros, não arrisca uma avaliação incisiva nesses casos, também o produtor se exime da responsabilidade pelo conteúdo modalizado, alçando-o à esfera do possível. Mais do que não se comprometer com o conteúdo expresso, e, com isso, ganhar em credibilidade com o leitor, o produtor garante um espaço propício para a imposição de ações necessárias com vista a impedir que a previsão se torne realidade, o que não poderia fazer se as consequências fossem postas como certas, inevitáveis, pois, nesse caso, qualquer ação seria improdutiva.

Observa-se que, em alguns parágrafos, a asserção fraca é responsável por apresentar de forma mais explícita a interação estabelecida entre produtor e interlocutor, conforme exemplificam os parágrafos a seguir:

> [26] ***Provavelmente*** todos já ***devem*** ter ouvido falar na Amazônia. Isso porque atualmente "O desmatamento na Amazônia" é um assunto muito abordado pela mídia. (Texto 06)
>
> [74] Algumas pessoas ***poderiam*** não concordar com isso, afinal, não é mais que obrigação cuidar do que é nosso. Porém até hoje só são feitos projetos que não são colocados em praticas, a maneira ***mais provável*** de funcionar é um pagamento por serviços. (Texto 18)

No parágrafo [26], a modalização epistêmica é usada para estabelecer uma interlocução explícita com o interlocutor, por meio da qual revela ao parceiro que é capaz de calcular seus conhecimentos ou sua falta de conhecimento sobre o assunto tratado, para, a partir daí, propor uma contextualização que possibilite o engajamento do interlocutor no debate proposto.

No parágrafo [74], o primeiro modalizador atualizado mostra que o produtor se percebe como parte de uma relação intersubjetiva ao trazer para o texto uma possível objeção do interlocutor, a partir da qual apresenta uma ressalva, com a orientação de uma ação desejada. Essa estratégia demonstra, conforme a análise de Golder (1996), um amadurecimento em relação à produção do texto argumentativo, pois revela a consciência do processo interlocutivo aí envolvido.

Em ambos os casos, as suposições sobre os conhecimentos do interlocutor mostram que o produtor está consciente do papel ativo do parceiro na construção de sentido(s) e da necessidade de pautar a conversa em conhecimentos partilhados ou que possam ser compartilhados a partir da leitura do texto. Essa é uma estratégia produtiva no artigo de opinião na medida em que se revela uma forma não agressiva de interpelar o leitor a participar da conversa. Ao considerar a necessidade de partilhar certos conhecimentos, o produtor mostra o intento de fazer com que a interação proposta se mostre relevante também para o parceiro da interlocução. A escolha por pontuar as interpretações do mundo no campo do possível contribui para aproximar os interlocutores, uma vez que se acolhe as possíveis objeções deste e se propõe ações de forma atenuada, o que aumenta a possibilidade de manutenção do debate proposto.

Também na negociação atenuada estratégias diversas são postas em cena. Para tentar convencer o interlocutor a partir de uma ação menos incisiva, os produtores projetam a si mesmos e ao interlocutor no enunciado de maneira diversa. A estratégia mais recorrente é o recurso à oração modalizada com sujeito explícito (em itálico nos parágrafos a seguir), geralmente um fenômeno sobre o qual recai a possibilidade, no caso do eixo epistêmico, ou a

solução apresentada, no caso do eixo deôntico, como exemplificam, respectivamente, os parágrafos [31] e [79]:

> [31] O INPE nos informa, que se a máquina da chuva parar, várias catástrofes ocorrerão em todo o território nacional. *O aumento da temperatura* **poderá** chegar em até 7°C, com esse calor em alta se prevê para 2011, chuvas com intensidade. Sendo assim, sem os jatos de vento para fazer a evaporização da água, se aumentará cada vez mais o risco de grandes enchentes. (Texto 07)

> [79] *Medidas como suspender completamente o desmatamento* **deveria** ser tomada, pois, tantas propostas planejadas mais nada é feito. (Texto 20)

Conforme análise feita na abordagem da asserção forte, tais estratégias contribuem para que a interpretação aí posta seja dada não como uma leitura subjetiva, mas como uma relação necessária entre as coisas (PARRET, 1988). Outras estratégias também seguem nessa direção, como o uso de advérbios e o índice de indeterminação do sujeito. Tomem-se para exemplificação os parágrafos a seguir:

> [83] Mesmo que tentassem-os efetuar pagamentos para que não haja o desmatamento excessivo, conforme já proposto por estudiosos da questão sempre terão aquelas pessoas que se acham "espertas", iriam pegar o dinheiro e continuariam desmatando, sem pensar no mal que estão fazendo para si próprios e para os outros, pois irá acontecer o mal funcionamento de usinas hidroelétricas, danos na agricultura, e ***provavelmente*** uma crise econômica e sem falar nas mudanças no meio ambiente. (Texto 21)

> [59] Segundo o site HTTP://riosvoadores.com.br o que se **pode** observar através de dados estatísticos é que 18% da Amazônia já está desmatada, o problema é que a fiscalização não é suficiente, pois é uma floresta muito grande e as multas não são impostas para esse tipo de crime. (Texto 14)

Conforme citado na subseção anterior, tais estratégias são responsáveis por fazer parecer verdadeira uma análise que é subjetiva. Figuram, assim, como recurso produtivo no artigo de opinião, pois encaminham o texto para que seja aceita a leitura aí proposta.

Em alguns casos, os elementos modalizadores trazem a marca dêitica do locutor ou dos interlocutores, como se verifica na primeira ocorrência de modalizador em [07] e também no modalizador atualizado em [42]:

> [07] O que **poderíamos** fazer para isso não mais acontecer? **deveríamos** se unir-mos e lutar-mos para que as fiscalizações aumentassem e assim se ainda tivessem pessoas tentando desmatar, **deveriam** lhes ser cobradas pesadas multas que fizessem a diferença em todo o dinheiro que já lucraram com o desmatamento. (Texto 02)

> [42] Esse cientista lembra também que as primeiras consequências do desmatamento já são sensíveis e explica que, como as chuvas, os ventos, os oceanos e as florestas

> estão interligados e, ao alterar esse equilibrio, ***podemos*** trazer danos irreversíveis à vida. (Texto 09)

Nesses casos, evidencia-se o envolvimento do produtor com o problema trazido para debate, envolvimento que é estendido também para o interlocutor, que é convidado a tomar parte do problema apresentado como de responsabilidade coletiva, conforme análise apresentada quando da abordagem da asserção forte. Tal procedimento pode contribuir para se estabelecer um ambiente propício à negociação intermediada por uma aproximação com o leitor, favorável às intenções envolvidas no texto opinativo. Além disso, considerando o contexto de produção do texto, pode-se dizer que tal estratégia é positiva por revelar que o produtor se preocupa em assumir uma perspectiva individual perante os acontecimentos abordados, atitude imprescindível para a interação mediada pelo artigo de opinião.

Observa-se que o primeiro elemento modalizador dado em [07] não introduz propriamente uma proposta de ação, como é o perfil geral da asserção deôntica fraca; mas o tempo e o modo do verbo modalizador e o cotexto dão conta de pontuar como conteúdo pressuposto o fato de que alguma ação é esperada dos interlocutores. Ambientado em uma pergunta retórica, recurso que explicita o intento do produtor de manter ativa a interlocução, o elemento em tela contribui para o processo de negociação na medida em que introduz de maneira branda a imposição de atitudes necessárias, dadas no período seguinte, favorecendo o diálogo com o interlocutor.

Também o parágrafo a seguir difere dos demais por não apresentar uma possível ação para o combate do problema em pauta:

> [34] Se não fizermos nada para essa realidade mudar, só **podemos** rezar, para que no plenário, os políticos que lá colocamos, usem a força e o poder que possuem, para assim criarem uma lei sensata de fiscalização que resolva o nosso problema. (Texto 07)

Nesse caso, propõe-se uma ação que deve ser tomada pelo interlocutor como não adequada para o contexto em debate, levando-o à conclusão de que algo tem de ser feito para que seja evitada.

No caso do eixo deôntico, além da explicitação do alvo deôntico a partir do uso da primeira pessoa do plural, também se recorre a sujeitos genéricos, como *todos*, *o ser humano* e *as pessoas*, além de se apresentar como alvo deôntico *o governo*. Essas duas estratégias, observadas também no caso da asserção forte por meio do eixo deôntico, podem ser exemplificadas com o parágrafo [109]:

> [109] Não adianta só aplicar multas pesadas e aumentar a fiscalização, o ser humano **deveria** tomar cuidado com a destruição da floresta que tem muito a nos oferecer para o bem de toda a população, e nossos governantes não **deveriam** só criar leis e sim incentivar a toda população para não destruir a floresta e assim seria uma perfeita maquina de chuva. (Texto 33)

Conforme análise apresentada na abordagem da categoria anterior, com a primeira estratégia, o produtor acaba abrindo espaço para contra-argumentações, uma vez que o argumento pode ser rechaçado por apresentar uma leitura muito genérica; porém, acaba protegendo sua face ao evitar apresentar atitudes necessárias a um agente específico. Ao apresentar o governo como alvo deôntico, o produtor tenta estabelecer o papel de um cidadão consciente do papel do governo diante da situação posta.

Ampliando o escopo da análise do elemento modalizador para o cotexto em que está inserido, observou-se que a negociação atenuada, na maioria das ocorrências, divide espaço com estratégias como o presente do indicativo e o uso de expressões adverbiais enfáticas, por exemplo, além de elementos modalizadores que introduzem asserção forte, conforme exemplificam os parágrafos a seguir:

> [17] ***Talvez*** essa medida sirva para controlar o desmatamento, mas não acabar com o mesmo. sendo assim, tomar outras medidas *é fundamental* para que se acabe o desmatamento. (Texto 03)

> [100] Devido a esse e outros fatores, o desmatamento *deve* parar imediatamente, **podendo** ser usado parte do capital estrangeiro para pagar os donos de terras e outra parte para iniciar uma intensa campanha pelo reflorestamento. *Precisamos* acreditar que vai dar certo. (Texto 28)

Os elementos em itálico (sem negrito) mostram tentativas de negociação enfática. Em [17], observa-se que a negociação atenuada que aparece demarcada pelo modalizador no começo do parágrafo dá lugar, no segundo período, a uma interação mais incisiva, em que se apresenta uma avaliação dada como irrefutável.

No parágrafo [100], a negociação atenuada posta por meio do ato de sugestão está entremeada por tentativas de negociação enfática, demarcada por elementos de asserção forte no cotexto anterior e posterior ao modalizador.

Esse deslize no *continuum* da negociação, entre uma interação mais incisiva e uma interação mais cautelosa foi observada na maioria dos parágrafos em que se verificam tentativas de negociação atenuada. De forma menos recorrente, observou-se que a negociação atenuada se mantém no parágrafo como um todo, como se verifica nestes casos:

> [105] Se nada for feito se o governo não apoiar o Ibama nem as Ongs na tarefa de dobrar a fiscalização, ***pode*** haver muitos desastres, como tais, a Amazônia em pouco tempo iria se transformar em uma savana, a elevação do nível do mar e a natureza cada vez mais em fúria iria causar cada vez mais danos. (Texto 31)
>
> [90] Para a máquina não parar **deveria-se** almentar a fiscalização e aplicar-se pesadas multas para aqueles que promovem o desmatamentos não-autorizado ***talvez*** assim a Amazônia teria salvação. (Texto 24)
>
> [73] Uma das possibilidades que **pode** se fazer é uma remuneração aos serviços ambientais e com isso tentar diminuir o problema da Amazônia. (Texto 18)

O parágrafo [105] é iniciado com uma oração condicional, o que lança o enunciado para a categoria *irrealis*. A asserção fraca é demarcada por elemento de possibilidade epistêmica e mantida com o uso do futuro do pretérito nas orações seguintes.

Em [90], verifica-se a recorrência da negociação atenuada por elementos modalizadores de possibilidade epistêmica e deôntica, além do uso do futuro do pretérito na última oração.

O parágrafo [73] talvez represente a tentativa mais evidente de assegurar uma negociação atenuada, pois o enunciado é introduzido com a advertência de que o que se dirá na sequência é tomado como uma *possibilidade*, a qual é reforçada por modalizador responsável por introduzir uma asserção fraca. A atenuação é sustentada na última oração pelo verbo *tentar*, que mantém baixa a força do ato de fala sobre o interlocutor.

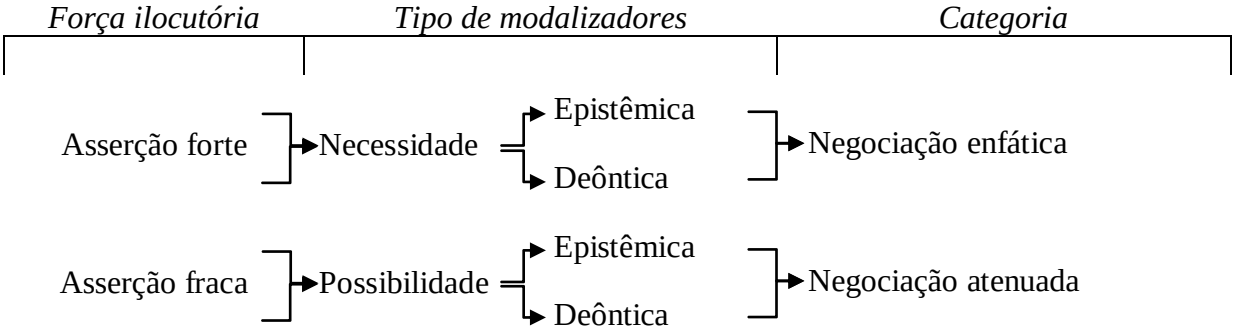
Sumarizando os dados apresentados nesta subseção, tem-se que a negociação atenuada é demarcada no *corpus* por modalizadores da possibilidade deôntica (52 ocorrências) ou da possibilidade epistêmica (48 ocorrências) em 73 parágrafos. Nessa categoria, estratégias diversas são postas em cena, como a marca dêitica do locutor ou dos interlocutores ou a falta de tal marca no elemento modalizador ou a explicitação ou não do alvo deôntico. Considera-se que os modalizadores demarcam o tipo de negociação pretendida, mas que elementos dados no cotexto atuam na interlocução estabelecida, acenando, na maioria dos parágrafos, para um deslize, em alguma medida, em direção à negociação enfática, sendo poucos os casos em que a negociação atenuada é sustentada ou reforçada em todo o parágrafo.

5.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RESULTADOS

Nesta subseção, são apresentadas considerações sobre os resultados alcançados na análise. Primeiramente, faz-se uma síntese das categorias propostas para, na sequência, abordarem-se os dados quantitativos.

5.3.1 Sobre as categorias propostas

A análise se centra na proposição de duas categorias a partir de dois macromovimentos de negociação, tomando por foco os elementos modalizadores: *negociação enfática* e *negociação atenuada*. Tais movimentos são considerados a partir da observação da força ilocutória mobilizada por elementos modalizadores dos eixos epistêmico e deôntico, conforme esquema apresentado a seguir:



A observação de tentativas desses dois movimentos de negociação reitera a ideia de que os modalizadores, entre outras coisas, "revelam o maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento" (KOCH, 2002a, p. 136) e determinam "o grau de tensão que se estabelece entre os interlocutores" (KOCH, 2002a, p. 86), delineando o tipo de interação pretendida pelo produtor.

Ao recorrer a modalizadores, os produtores ora procuram impor um ponto de vista, interpelando o interlocutor a tomar como certa a análise apresentada no texto, ora buscam se aproximar do leitor de modo a fazer dele um cúmplice, parceiro na construção da realidade

que propõe via linguagem. Observou-se que os modalizadores pertencentes a ambos os eixos, epistêmico e deôntico, são postos em cena no artigo de opinião no intuito de orientar uma atitude responsiva imediata: a adesão do interlocutor ao discurso, a aceitação deste como verdadeiro pelo parceiro da interação.

No caso da negociação enfática, os modalizadores, que retratam um ato de asserção forte, explicitam um produtor que se relaciona com o texto a partir de um engajamento total com o conteúdo asseverado. Conforme analisa Koch (2002a), os elementos modalizadores do campo da necessidade e da certeza expressam "o grau máximo de engajamento do locutor e a intenção de impor ao alocutário os seus argumentos, apresentando-os como incontestáveis (eu sei, portanto, é verdade)" (KOCH, 2002a, p. 86). Resulta disso uma tentativa mais enfática de ação sobre o outro, mediada por um suposto conhecimento que o produtor tem dos fatos abordados no texto e pela assunção de uma suposta autoridade que lhe consente asseverar e impor sua interpretação acerca do tema trazido para debate.

Retomando aqui a discussão posta na Seção 3, Subseção 3.3.2, vale ressaltar que, mesmo no caso da necessidade deôntica, entendeu-se que a asserção forte visa a compelir o interlocutor a aderir ao ponto de vista defendido no texto, e não propriamente ao cumprimento das atitudes impostas, como ocorre em outros gêneros textuais.

Atualizada pela necessidade epistêmica ou deôntica, a asserção forte contribui para o processo de negociação na medida em que sustenta a construção da imagem de um produtor que se engaja com seu texto e revela suas intenções de agir sobre o outro, promovendo, assim, um ambiente propício para a orientação declarada de pontos de vista. Ao assumir total responsabilidade em relação ao conteúdo apresentado, o produtor cria também para o interlocutor o "dever de crer", conforme analisa Koch (2002a). Segundo a autora, decorre daí um discurso autoritário, não admitindo contestação: "se, por acaso, o alocutário puser em dúvida o conteúdo da asserção, o locutor, provavelmente, dirá algo como: 'Pois se eu estou lhe dizendo...'. Rejeitar a asserção, nesse caso, será rejeitar a própria continuidade do discurso" (KOCH, 2002a, p. 138). Isso significa dizer que o tom imperativo implica uma posição de autoridade de quem escreve não apenas em relação ao conteúdo do texto, mas também em relação ao interlocutor, que é interpelado a aceitar a orientação argumentativa do texto. Nesse sentido, há um grau de tensão elevado no relacionamento proposto pelo produtor tanto com o próprio texto quanto com o interlocutor.

O algo grau de engajamento e a tensão relacionados ao uso da asserção forte representam um risco ao produtor, que se expõe à contra-argumentação. Considerando o papel ativo do leitor no processo de negociação, entende-se que a rejeição é possível, o que permite

dizer que recorrer a elementos do polo da necessidade implica tanto uma orientação mais incisiva do modo de perceber o mundo quanto a possibilidade de descontinuação do diálogo, a depender da reação do interlocutor.

Por sua vez, os elementos modalizadores que explicitam movimentos de negociação atenuada retratam o ato ilocutório de asserção fraca, atualizado por meio de modalizadores da possibilidade epistêmica ou deôntica. Ao recorrer a essa estratégia, "o locutor não impõe (ou finge não impor) a sua opinião, ainda que se trate de mera manobra discursiva, deixando (ou fingindo deixar), assim, ao alocutário a possibilidade de aceitar ou não os argumentos apresentados, de aderir ou não ao discurso que lhe é dirigido" (KOCH, 2002a, p. 86).

Tal procedimento pode contribuir para se estabelecer um ambiente propício à negociação, intermediada por uma aproximação com o leitor, favorável às intenções postas em jogo na interação concretizada no artigo de opinião. Resulta daí uma interação menos incisiva e, em consequência, uma negociação menos arriscada para o produtor do texto.

Essa estratégia permite ao produtor não se engajar totalmente com o conteúdo de seu texto, uma vez que não se responsabiliza integralmente pelo dito, propondo uma relação menos tensa com o texto e também com o interlocutor, promovendo, assim, um ambiente mais propício à preservação de sua face e a de seu parceiro.

Nesse processo, as possibilidades de continuidade do diálogo são, pois, maximizadas na medida em que, frente a uma possível recusa do conteúdo modalizado, o produtor pode se defender dizendo tratar-se de uma leitura possível, mas não necessária, do mundo. Cria-se, assim, uma imagem positiva do produtor, a partir de sua apresentação como um analista capaz de admitir a limitação de seus conhecimentos e de acolher possíveis contra-argumentações.

Os dois movimentos que guiaram a categorização proposta são sintetizados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Síntese dos movimentos de negociação

	Negociação enfática	***Negociação atenuada***
Eixos da modalização	Necessidade Epistêmica Necessidade Deôntica	Possibilidade Epistêmica Possibilidade Deôntica
Ato ilocutório que encerra	Asserção forte	Asserção fraca
Forma de apresentação do ponto de vista	A perspectiva subjetiva do produtor é apresentada a partir de um suposto saber e uma suposta autoridade perante o conteúdo do texto, o que lhe dá poderes de apresentar certa "verdade" ao interlocutor.	A perspectiva subjetiva do produtor é apresentada a partir de um saber relativizado e uma autoridade modulada com vista a aproximar o leitor do debate viabilizado pelo texto.
Relacionamento do produtor com o conteúdo do texto	O produtor assume integralmente o conteúdo modalizado, o que implica um alto grau de engajamento com o conteúdo modalizado.	O produtor toma certa distância do conteúdo do texto, assumindo apenas parcialmente o dito, o que implica em menor engajamento com o conteúdo modalizado.
Grau de tensão entre o produtor e o texto	Alto. Ao engajar-se integralmente com o conteúdo do texto, o produtor propõe um relacionamento tenso com o texto.	Baixo. Por não se engajar totalmente com o conteúdo do texto, o produtor propõe um relacionamento frouxo com o texto.
Relacionamento do produtor com o interlocutor	O produtor propõe uma negociação enfática, por meio da qual apresenta uma verdade que é imposta ao interlocutor como necessária.	O produtor propõe uma negociação atenuada, por meio da qual apresenta sua opinião como uma leitura possível, mas não única ou necessária do mundo, convidando o leitor a tomar parte dessa leitura.
Grau de tensão entre o produtor e o interlocutor	Alto. O produtor impõe ao leitor suas interpretações em relação ao mundo de referência abordado no texto.	Baixo. O produtor apresenta ao leitor suas interpretações em relação ao mundo de referência abordado no texto, não impondo suas leituras.
Atitude em relação à face dos interlocutores	O produtor expõe a sua face e a do interlocutor.	O produtor preserva a sua face e a do interlocutor.

As duas estratégias são postas em cena, no artigo de opinião, com vista a alinhar o interlocutor à orientação argumentativa proposta no texto. Observou-se que, em alguns casos, modalizadores representativos dos dois movimentos dividem espaço num mesmo parágrafo; também elementos dados no cotexto permitem um movimento dentro do *continuum* da negociação no limite do parágrafo. Considerando o gênero do texto produzido, entende-se que é desejável que isso ocorra, uma vez que, no embate no campo das ideias, é plausível que o produtor não se apresente como conhecedor absoluto em relação a tudo o que aborda no texto, por um lado, nem como um produtor que põe todo o conteúdo do texto no mundo do possível, por outro, pois a posição firme também faz parte da constituição do texto opinativo, pelo menos no que tange à tese que defende.

A visualização de tentativas dos movimentos investigados nos textos que constituem o *corpus* explicita que, em alguma medida, os alunos recorrem a modalizadores com vista a conformar o texto aos objetivos postos para a interação. Esse jogo entre a possibilidade e a necessidade, entre asserção forte e asserção fraca, recorrente em artigos produzidos por articulistas, revela que os alunos lidam, ainda que nem sempre de forma exitosa, com os elementos modalizadores na tentativa de demarcar o relacionamento que estabelecem com o conteúdo de seu texto e com o interlocutor, e o fazem a partir de estratégias diversas, algumas das quais foram apresentadas nas análises.

Por exemplo, ao recorrer a elementos como [i] *é claro* e [ii] *é necessário*, por um lado, e [iii] *tenho certeza* e [iv] *devemos*, por outro, o produtor parte de uma asserção cuja responsabilidade é lançada para fora do enunciado para uma assunção explícita do dito. Elementos como os dados em [i] e [ii] retratam uma estratégia usada para fazer parecer verdadeiro um discurso que é, em última instância, fruto de uma interpretação subjetiva. Por sua vez, elementos representados por [iii] e [iv] explicitam a marca dêitica do locutor, apontando a subjetividade inerente ao texto opinativo. Também elementos que demarcam a negociação atenuada, como [v] *provavelmente* e [vi] *poderíamos*, por exemplo, podem ser postos em cena para fazer parecer impessoal a análise apresentada no texto, como em [v], ou explicitar a assunção subjetiva do conteúdo do texto, como em [vi]. Essas formas de o produtor se relacionar com o conteúdo do texto se refletem diretamente na maneira como se relaciona com o interlocutor, conforme as análises propostas neste trabalho.

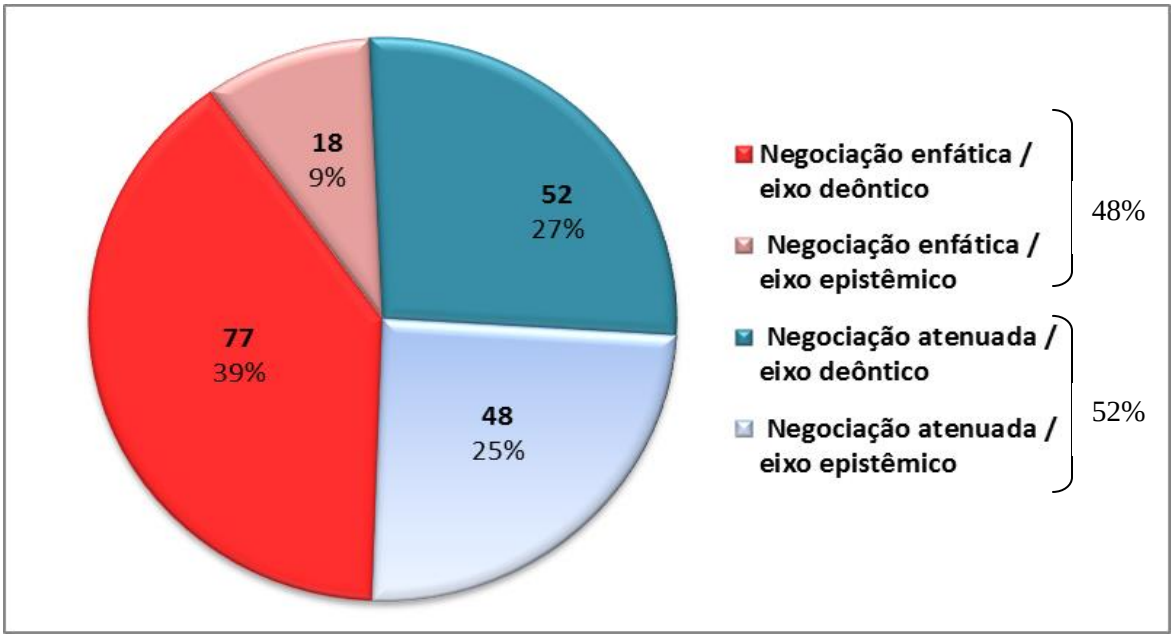
Também se observou, em relação ao eixo do dever, estratégias diversas no que tange ao alvo deôntico. Ora o produtor se projeta e projeta o interlocutor no enunciado, por meio da primeira pessoa do plural; ora atribui as responsabilidades a alvos específicos, como o *governo*, ou a alvos genéricos, como *todos*, *as pessoas* ou *o ser humano*, por exemplo; ora recorre a recursos de impessoalização, como expressões do tipo *é preciso* ou o índice de indeterminação do sujeito, com vista a dar ênfase na necessidade apresentada, sem que se apresentem os responsáveis por fazer cumpri-la. Essas estratégias também vão delineando o tipo de interação proposta pelo produtor.

Considerando o total das ocorrências mapeadas, observou-se que é comum, no mesmo parágrafo, apresentar-se um jogo entre as diversas estratégias observadas acima. A princípio, essa diversidade indica um conhecimento, ainda que intuitivo, de estratégias linguísticas diversas que podem ser postas em cena para garantir a interlocução com vista aos objetivos que a movem. Pode-se dizer, então, que os alunos acessam diferentes possibilidades dadas pela língua para regular a forma de interação que propõe com o leitor.

5.3.2 Análise dos dados quantitativos

O Gráfico 1 apresenta a distribuição dos elementos modalizadores conforme o movimento de negociação instaurado e os eixos a partir do qual esta se dá. As fatias em vermelho e em azul representam, respectivamente, tentativas de negociação enfática e tentativas de negociação atenuada. As cores mais claras dizem respeito ao eixo epistêmico, e as mais escuras, ao eixo deôntico.

Gráfico 1 – Levantamento dos elementos modalizadores conforme as categorias propostas



Os números apresentados no gráfico retratam um equilíbrio entre elementos modalizadores que explicitam negociação enfática (48%) e negociação atenuada (52%), o que mostra que os alunos buscam ora apresentar uma interlocução mais incisiva, ora uma interlocução atenuada, recorrendo a ambas as estratégias para alcançar os objetivos postos para a interação.

Considerando cada movimento em separado, observa-se um equilíbrio entre o eixo deôntico e o eixo epistêmico quando se fala em negociação atenuada: 27% e 25% do total, respectivamente. Porém, quando se analisam os elementos que explicitam negociação enfática, fica evidente o alto índice de elementos do campo do dever (39% do total), que contrasta com o baixo índice de tentativas de negociação por meio de expedientes do campo epistêmico (9% do total).

Também se observa um desnível quando se consideram, de forma geral, os dois eixos tradicionalmente descritos: o eixo deôntico é responsável por 66% das atualizações de elementos modalizadores considerados nesta pesquisa, contra 34% do eixo epistêmico. Esse dado chama a atenção por destoar de outras pesquisas cujos resultados apontam para a predominância da modalidade epistêmica nos textos argumentativos. Neves (2006), por exemplo, cita pesquisa de Stephany (1995), que estudou textos escritos na língua inglesa e concluiu que, num texto de caráter diretivo (texto de instruções), predomina a modalidade deôntica, enquanto em textos narrativos e argumentativos é mais frequente a modalidade epistêmica. Também tomando como *corpus* textos argumentativos, mais especificamente discursos políticos da propaganda eleitoral, Santos e Schneider (2002) observaram que as afirmações e as modalidades epistêmicas foram predominantes nos textos analisados.

Considerando a especificidade do *corpus* sob análise neste estudo, pode-se entender que a maior recorrência ao campo deôntico é motivada pela forma como foi direcionada a proposta de produção textual, que abre espaço para a emersão da modalização deôntica na superfície textual. A seguir, retoma-se a orientação dada na comanda:

> O texto acima, que focaliza a relevância da região amazônica para o meio ambiente e para a economia brasileira, menciona a "máquina de chuva da Amazônia". Suponha que, para manter essa "máquina de chuva" funcionando, tenham sido sugeridas as ações a seguir:
> 1 suspender completa e imediatamente o desmatamento na Amazônia, que permaneceria proibido até que fossem identificadas áreas onde se poderia explorar, de maneira sustentável, madeira de floresta nativas;
> 2 efetuar pagamentos a proprietários de terras para que deixem de desmatar a floresta, utilizando-se recursos financeiros internacionais;
> 3 aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas àqueles que promoverem desmatamentos não-autorizados.
> Escolha uma dessas ações e, a seguir, redija um texto dissertativo, ressaltando as possibilidades e as limitações da ação escolhida (BRASIL, 2008).

Conforme se pode observar, o aluno é levado a apresentar uma das propostas de ação citadas, as quais movimentam um contexto de regulação deôntica.

Observa-se, ainda, que a temática em si parece direcionar essa predominância do eixo deôntico, uma vez que são debatidos problemas ambientais, que abrem espaço para a asserção ou proposição de atitudes que visam a resolver ou conter tais problemas.

É pertinente aqui abrir parênteses para apresentar uma breve análise comparativa entre os textos aqui analisados e artigos de opinião produzidos por articulistas. Após o mapeamento dos modalizadores nos parágrafos escritos pelos alunos, propôs-se uma pesquisa marginal, tendo como um de seus objetivos testar a hipótese de que a temática abordada é responsável

por direcionar o uso de certos tipos de modalizadores. Assim, foram coletados 30 artigos de opinião sobre o tema desmatamento do *site Amazônia* <http://www.amazonia.org.br>, que congrega textos sobre questões ambientais publicados originalmente em diferentes fontes. Foram mapeados os modalizadores epistêmicos (necessidade e possibilidade) e deônticos (necessidade e possibilidade). Nessa pesquisa (CORBARI, 2012), observou-se que o índice de elementos deônticos foi de 59%, contra 41% de elementos do eixo epistêmico nos textos analisados. Tem-se, então, um quadro aproximado ao que se verifica em relação aos parágrafos produzidos pelos alunos, no que tange à predominância de elementos de caráter deôntico, o que parece confirmar a hipótese aventada no parágrafo anterior.

A predominância, dentro do eixo deôntico, da noção de necessidade, em detrimento da noção de possibilidade, também foi observada nos textos produzidos por articulistas: 83% do total das ocorrências desse eixo veiculavam a noção de necessidade deôntica, aproximando-se dos dados observados nos parágrafos produzidos pelos alunos. Essa comparação, novamente, leva à hipótese de que a temática em debate favoreça o recurso a essa subcategoria.

Porém, além de considerar essa possibilidade, os anos de experiência nos Ensinos Fundamental e Médio desta pesquisadora levam à observação de que o recurso a expressões do campo da necessidade é estratégia recorrente em textos opinativos. Atribuir responsabilidades parece ser lugar comum em textos argumentativos produzidos por alunos, o que se evidencia em frases do tipo "é preciso ter consciência...", "o governo precisa tomar uma atitude", "cada um deve fazer a sua parte", que, basicamente, podem ser encaixadas no debate de muitos temas diferentes, sem que signifiquem um argumento consistente para a defesa de um ponto de vista. Não raro, a noção de dever está ambientada em enunciados que não vêm acompanhados de uma reflexão mais aprofundada sobre as responsabilidades estabelecidas, o que leva a compreendê-los como uma espécie de expressão curinga a que os alunos recorrem para garantir mais algumas linhas no texto a ser entregue ao professor.

Tais observações encontram respaldo em Osakabe (1977), que chama a atenção para a recorrência de enunciados na forma do dever ou da necessidade em textos argumentativos produzidos em contexto escolar. O pesquisador cita a grande incidência de noções morais nos textos produzidos por alunos, as quais são interpretadas como "uma espécie de escape dos sujeitos em relação à tarefa que lhes é atribuída: não só se incorporam raciocínios já dados, como se adota uma atitude que bloqueia a possibilidade do raciocínio" (OSAKABE, 1977, p. 59).

Vale observar ainda que, na grande maioria dos casos, a necessidade deôntica é encaixada em uma das propostas dadas na folha de redação, o que pode também ter motivado

o uso mais recorrente desse recurso na negociação enfática. Parece mais fácil para o aluno seguir a proposta dada na folha de redação e apresentá-la de forma enfática do que emoldurar um enunciado com a força da asserção não sustentada pela proposta de redação. A baixa frequência de tentativas de negociação enfática mediada por elementos do campo do saber pode sugerir a dificuldade do aluno de se compreender como sujeito dialógico, que tem algo a dizer a alguém, e, nesse contexto, estabelecer o texto como um *locus* de negociação. Como o recurso a modalizadores do campo da necessidade epistêmica implica responsabilidade total pelo dito, o produtor precisa ter domínio não só do conteúdo que é escopo do modalizador, mas também do contexto de interlocução, conforme se tem argumentado, no sentido de que a asserção forte requer um posicionamento seguro perante o interlocutor, que perpassa pela superfície linguística.

Nessa discussão, abre-se espaço para a colaboração de Pauliukonis (2000):

> Aceitando-se o princípio de que estamos todos envolvidos num processo de persuasão, ou de convencimento, deduz-se que todo emissor, para ser aceito, precisa reforçar a verdade daquilo que transmite pela linguagem, já que, como já se disse, não se traduz o real, mas uma configuração lingüística da realidade. Sob esse aspecto, o uso obrigatório de estratégias discursivas destina-se a garantir a credibilidade do que é transmitido (PAULIUKONIS, 2000, p. 91).

Na explicitação de modos de ver a realidade, os recursos do eixo da necessidade epistêmica, que atualizam a asserção forte, contribuem para a construção de um texto persuasivo, na medida em que revelam que o produtor está totalmente engajado com seu texto e certo das avaliações que faz, e, portanto, em condições de travar um diálogo em que negocia a "configuração linguística da realidade" (PAULIUKONIS, 2000, p. 91) que propõe no texto.

A pesquisa marginal acima referenciada, que considera textos produzidos por especialistas, mostra a produtividade do recurso em tela no texto opinativo. Nesse caso, a necessidade epistêmica corresponde a 58% das atualizações do eixo do saber, o que quer dizer que mais da metade das ocorrências desse campo estão voltadas para o ato ilocutório da asserção forte. No quadro geral das quatro categorias consideradas (possibilidade deôntica e epistêmica, necessidade deôntica e epistêmica), os modalizadores do campo da necessidade epistêmica representam 23,8% do total, configuração bastante distinta daquela observada nos parágrafos produzidos pelos alunos. Nestes, conforme os dados apresentados no Gráfico 1, o recurso à asserção forte no eixo epistêmico representa apenas 9% das ocorrências de modalizadores.

Esses dados reforçam a análise de que os alunos não se sentem seguros o suficiente, perante o conteúdo do texto e perante o interlocutor, para atualizar elementos modalizadores do campo do saber que atuam incisivamente sobre essas duas esferas, embora o faça com outras estratégias dadas no cotexto. Nesse sentido, ao recorrer ao eixo do saber, a tendência é usar elementos do campo da possibilidade. Com isso, conforme análise posta por Corbari (2012), parece que o aluno procura se proteger dos resultados que o engajamento com o texto pode trazer para o processo de negociação, preferindo se fiar na noção de possibilidade, que promove uma interlocução com força ilocutória atenuada.

Além dessas considerações sobre os dados discrepantes apresentados no *corpus*, abre-se aqui um parêntese para a explicitação de outra característica dos textos analisados que pode apontar para a falta de domínio da situação de interlocução movimentada pelo texto. De início, pensou-se em explorar, além das duas categorias tradicionalmente descritas no âmbito dos estudos linguísticos, também a modalização apreciativa. Trata-se, conforme Campos (2001), de uma categoria que diz respeito à reação do produtor do texto por meio de uma apreciação. Ou, nas palavras de Bronckart (2009), os modalizadores apreciativos "consistem em uma avaliação de alguns aspectos do conteúdo temático, procedente do *mundo subjetivo* da voz que é a fonte desse julgamento, apresentando-os como benéficos, infelizes, estranhos, etc., do ponto de vista da entidade avaliadora" (BRONCKART, 2009, p. 332).

Para exemplificar, o pesquisador francês apresenta enunciados em que aparecem as expressões *infelizmente*, *felizmente* e *ai de mim!*. Campos (2001) apresenta enunciados com as expressões *lamento* e *ainda bem*. Trata-se de uma estratégia bastante produtiva na construção do texto argumentativo *stricto sensu*, uma vez que este se configura como lugar de avaliações, de exposição de juízos de valores, os quais se apresentam de forma mais demarcada se o produtor recorrer a expressões do campo da modalização apreciativa. Daí o interesse inicial por incluir essa categoria na análise proposta.

Há que se observar, ainda, que, além de demarcar opinião, essa estratégia linguística apresenta uma característica estrutural que pode reforçar a linha argumentativa do texto, conforme se pode depreender da análise proposta por Campos (2001): expressões que se encaixam nessa categoria (como *infelizmente*, *é pena que*, *lamento que* etc.) comumente envolvem a construção de uma avaliação sobre um conteúdo que é tomado como certo. Considere-se este enunciado, simulado para fins de exemplificação:

> [ii] **É lamentável** que o governo não promova ações efetivas de combate ao desmatamento da Amazônia.

Como se pode notar, a avaliação se dá sobre uma proposição que, estando no subjuntivo, é apresentada como certa, irrefutável, na forma de pressuposto (DUCROT, 1987). O que parece estar sobre o crivo da avaliação do leitor é apenas o conteúdo dado na expressão modalizadora. Tal estratégia, na construção da argumentação, pode ser mais eficiente do que se o conteúdo da oração subordinada fosse dado como uma asserção, conforme ilustra a paráfrase a seguir:

> [ii_1] O governo não promove ações efetivas de combate ao desmatamento da Amazônia. Isso **é lamentável**.

Com a estrutura dada nesse último caso, abre-se um espaço maior à contra-argumentação, uma vez que fica mais evidente o fato de o conteúdo apresentado ser resultado de uma avaliação subjetiva. Isso significa dizer que o uso de elementos pertencentes ao eixo da modalização apreciativa podem envolver uma operação linguístico-cognitiva mais complexa, mais apurada, se comparado ao uso de um verbo modal, por exemplo. Por um lado, é preciso haver uma assunção integral da avaliação proposta na expressão modalizadora; por outra, é preciso promover certo distanciamento com relação ao conteúdo que é posto para ser modalizado. Essa característica pode ter contribuído para a baixa frequência de elementos dessa natureza nos textos coletados[41]. No total dos textos, observaram-se apenas seis ocorrências desse tipo de elemento modalizador, o que levou ao abandono da intenção de considerar também elementos dessa categoria na análise proposta.

De todo modo, vale aqui ressaltar que essa abstinência de elementos de modalização apreciativa reforça o entendimento de que, de forma geral, o aluno não se constitui como sujeito que domina a situação de comunicação estabelecida, seja por conta da dificuldade de tratamento do tema, seja pela falta de habilidade em lidar com estratégias linguísticas próprias do texto argumentativo ou, ainda, em virtude da falta de domínio da situação comunicativa. Parece difícil para o aluno, como produtor de texto, assumir o posicionamento explicitamente subjetivo revelado pelo uso de elementos do campo da modalização apreciativa.

Passando o foco da análise do modalizador para o cotexto em que esse elemento está inserido, verificou-se que estratégias diversas podem ser postas em cena para marcar uma interação mais enfática ou mais atenuada, embora se tenha argumentado que os elementos

[41] Ressalta-se que a análise aqui posta leva em consideração a modalização apreciativa *stricto sensu*, seguindo as escolhas metodológicas estipuladas para este trabalho no que tange às categorias epistêmica e deôntica. Se considerada a noção de modalização *lato sensu*, é possível que se chegue à conclusão de que a análise exposta não retrata o *corpus* em questão, uma vez que nele se verificam expedientes linguísticos que revelam atitude apreciativa, como adjetivos e advérbios, por exemplo.

modalizadores são responsáveis por demarcar o tipo de negociação instaurada. Conforme as análises apresentadas, observou-se que o entorno linguístico desempenha papel fundamental no processo de negociação, podendo reforçar ou abrandar o tipo de negociação proposto, guiando a interlocução por diferentes formas de marcar a posição do produtor com o enunciado e com o interlocutor, a tensão estabelecida entre aquele e estes, enfim, o tipo de interlocução pretendida. No limite do parágrafo, observou-se que é comum tentativas de ambas as formas de negociação estarem presentes no cotexto, o que mostra que são estratégias que se somam para alcançar o objetivo que movimenta a produção do artigo.

As análises mostraram, ainda, que a manutenção ou o reforço do tipo de negociação instaurada é mais recorrente no processo de negociação enfática, sendo poucos os casos em que a negociação atenuada se mantém no parágrafo como um todo. Isso mostra que, no *corpus* estudado, há uma tendência maior de pontuar a opinião a partir de uma tentativa mais incisiva de ação sobre o outro demonstrada no cotexto, o que, de certa forma, revela que o aluno busca se posicionar firmemente a partir de sua opinião, embora prefira não marcar essa posição firme com elementos da necessidade epistêmica, conforme as análises postas anteriormente. Pode-se dizer que esse deslize mais constante em direção a uma negociação enfática é esperada no gênero artigo de opinião, pois faz parte de suas configurações linguísticas o uso predominante do presente do indicativo e de outras estratégias que demarquem uma posição firme em relação ao tema em debate.

Nesse intento, o produtor se posiciona como alguém que tem conhecimento sobre aquilo de que fala e que está em condições de interferir nas crenças do interlocutor, interpelando-o a tomar como adequada a leitura que propõe de dada situação. Essa configuração resulta em um processo de negociação mais tenso, pois uma recusa por parte do interlocutor da leitura apresentada pode pôr abaixo o debate pretendido, descontinuando as possibilidades de interação. Trata-se, pois, de um passo arriscado para o aluno, uma vez que este, de forma geral, não domina a temática e a situação de interação na mesma medida que o articulista o faz, conforme discutido anteriormente. Talvez por isso o aluno prefira se fiar em elementos dados no cotexto para apresentar sua opinião a explicitar seu posicionamento por meio do eixo da necessidade epistêmica.

De qualquer maneira, vale ressaltar mais uma vez que as análises foram direcionadas a partir da perspectiva de que os usos que os alunos fazem de recursos linguísticos, especialmente dos elementos modalizadores, retratam tentativas de propor uma interação exitosa, que não podem ser desconsideradas em detrimento do padrão esperado de textos que circulam na mídia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar o pressuposto de que todo uso da linguagem retrata uma atividade sociointerativa (BAKHTIN, 2002) implica entender a língua em seu funcionamento social, cognitivo e histórico (MARCUSCHI, 2008). Seguindo essa perspectiva, este trabalho estuda elementos modalizadores considerando a situação real de interlocução.

A produção textual é tomada como uma atividade sociointeracional complexa, que compreende, entre outras coisas, a escolha de meios para atingir determinado fim social, em conformidade com as intenções do falante e as condições em que o texto é produzido (KOCH, 2000), com vista à interação que é promovida e sustentada pelo texto. Toma papel de destaque, neste estudo, também a posição ativa do interlocutor (BAKHTIN, 2002, 2003), com quem o produtor procura negociar sentidos, ideias e opiniões. O produtor, então, é um estrategista que, com base em seu projeto de dizer, movimenta recursos linguísticos buscando estabelecer limites quanto às leituras possíveis (KOCH, 2003a), tanto do próprio texto quanto da interação proposta, uma vez que se projeta e projeta o interlocutor no texto, estabelecendo relações interpessoais por meio do processo de negociação. A negociação diz respeito à forma como o produtor, tendo em mente seu interlocutor, vai selecionar e relacionar recursos linguísticos com vista a influenciar o parceiro e, se possível, alinhá-lo à perspectiva subjetiva que apresenta no texto (GOLDER, 1996; GOLDER; COIRIER, 1994, 1996; PETRONI, 2005).

Mediada pelos recursos linguísticos apresentados na superfície textual, a negociação é proposta pelo produtor tendo em consideração a atitude responsiva (BAKHTIN, 2003) do interlocutor e a intenção de direcionar a construção de sentido(s) e a interlocução conforme seus objetivos. No caso do artigo de opinião, tem como fim validar e fazer prevalecer o ponto de vista apresentado no texto. Trata-se, então, de característica presente no texto argumentativo, considerando que, para o interlocutor aceitar a opinião do produtor, este precisa lançar mão da negociação (GOLDER, 1996; GOLDER; COIRIER, 1996).

Algumas estratégias linguísticas tomam papel relevante no direcionamento de sentidos e, inclusive, do tom da interação proposta. Num texto argumentativo *stricto sensu* (KOCH; FÁVERO, 1987), em que a argumentação é claramente apresentada na superfície textual, atingindo seu grau máximo, os elementos modalizadores são responsáveis por explicitar estratégias de negociação, uma vez que demarcam a relação que o produtor estabelece tanto com o conteúdo do enunciado que produz (CASTILHO; CASTILHO, 1992, NEVES, 1996;

KOCH, 2002a, 2003b) quanto com o interlocutor (NEVES, 2006; PARRET, 1988; MIRANDA, 2005). Tais recursos assumem importante papel na interação na medida em que viabilizam a defesa de pontos de vista e moldam o texto buscando alinhar os interlocutores à orientação argumentativa posta no texto.

Observou-se, no *corpus*, que dois movimentos de negociação estão relacionados ao uso de modalizadores, *negociação enfática* e *negociação atenuada*, que envolvem, respectivamente, os atos ilocutórios de asserção forte e asserção fraca (BORILLO, 1982). No primeiro caso, os modalizadores mostram alto engajamento do produtor com o texto e a vontade de agir sobre o interlocutor de maneira impositiva, o que acaba expondo as faces dos interlocutores; no segundo caso, o produtor prefere não impor sua interpretação sobre o tema em debate, mas apresentar leituras possíveis, propondo uma interação mais cautelosa, preservando, assim, a face dos interlocutores.

A categorização proposta esteve orientada, basicamente, por fatores pragmáticos, o que permitiu congregar em ambas as categorias elementos da necessidade epistêmica e deôntica. No entanto, é preciso considerar, como lembra Paulillo (1987, p. 5), que as modalidades têm "um estatuto essencialmente semântico (que provém de sua origem na Lógica)". Assim, sem desconsiderar as particularidades semânticas dos eixos deôntico e epistêmico, entendeu-se pertinente, no nível discursivo-pragmático, aproximá-los tendo em mente o relacionamento que o produtor mantém com o texto e com o interlocutor e o projeto de dizer que orienta tal relacionamento.

Na consideração da modalização no nível interacional, que não se limita a uma análise sintático-semântica de expedientes linguísticos, ficar em evidência os atos de fala indiretos. Pode-se usar o eixo deôntico não para orientar ações, mas para agir sobre o interlocutor no sentido de convencê-lo da validade da tese apresentada, conforme visualizado no *corpus*. Em outros contextos de interação, a modalização epistêmica pode ser usada para orientar ações. Como lembra Koch (2003b), nas situações concretas de interação, é o contexto em que o enunciado foi produzido que permitirá fixar sua força ilocutória.

Observa-se a importância da análise de elementos contextuais quando se considera que os modalizadores não revelam a posição tomada pelo locutor apenas em face do conteúdo verbalizado, mas também em face do interlocutor. E, em todo caso, é preciso considerar que o relacionamento que o produtor propõe em relação ao conteúdo proposicional é sempre guiado por intenções envolvidas no processo de produção do texto, o que aponta para o componente pragmático.

Nessa perspectiva, a abordagem da modalização só passa a ter sentido se esta for analisada no contexto enunciativo de onde emerge, uma vez que, conforme analisa Coracini (1991, p. 120), "as modalidades constituem verdadeiras estratégias discursivas, não podendo ser isoladas do ato de fala em que estão inseridas". Nessa perspectiva, considera-se a relevância de estudar a atuação das modalidades em contextos específicos, observando os movimentos discursivo-pragmáticos propostos em situações particulares de interação, como é o caso do texto argumentativo escrito.

Buscou-se, com essa abordagem, apresentar uma análise dos modalizadores pautada na proposta de Parret (1988) de ultrapassar o nível superficial de lexicalização, que resume a análise ao comportamento sintático-semântico de tais elementos, em direção à observação do contexto de ação (locutor, destinatário, situação de troca) e da dialética da intenção e do reconhecimento da intenção viabilizada pelo texto, ou seja, considerando o nível interacional.

Assim, esta pesquisa se propõe a apresentar contribuições aos estudos na área da Linguística por pontuar o papel pragmático-interativo dos modalizadores, questão pouco debatida na literatura, que, em geral, centra a atenção no relacionamento do produtor com o enunciado que produz. Espera-se ter contribuído para diminuir a lacuna, citada por Miranda (2005), em termos de procedimentos analíticos capazes de captar o papel dos recursos modalizadores no "monitoramento da dinâmica dos papéis sociais, ou seja, da dinâmica de sujeitos comunicativos operando sobre outros, ou de sujeitos comunicativos operando sobre si mesmos" (MIRANDA, 2005, p. 181).

Ressalta-se, uma vez mais, que, embora o foco central deste trabalho seja os modalizadores, observou-se ser fundamental no desenvolvimento do processo de negociação o papel do cotexto, de modo a reforçar a necessidade de considerar tais expedientes em seu cotexto linguístico. Observando tanto os modalizadores quanto seu entorno linguístico, verificou-se que há um *continuum* que vai do extremo da negociação enfática ao extremo na negociação atenuada. No entremeio, estão diversos pontos a partir dos quais o produtor escolhe enunciar, cujo limite não é facilmente estabelecido, uma vez que são congregadas estratégias diversas, muitas vezes apontando para direções opostas, que dificultam uma gradação clara entre um e outro ponto. Apesar de não se ter a pretensão de investigar os diversos pontos do *continuum* a que chega o enunciado, a constatação da recorrência de tal deslize parece significativa para uma análise que considere a interação, pois mostra como o produtor lida com as possibilidades múltiplas que encontra na língua para fazer vingar seu projeto de dizer. Fica aqui a sugestão de uma pesquisa mais aprofundada sobre o processo de negociação cujo foco seja a modalidade em seu sentido *lato* ou outras estratégias linguísticas

que contribuem para tal processo, bem como uma pesquisa que volte o olhar para os movimentos de negociação considerando o texto como um todo, o que pode render análises que apontem para resultados não visualizados nesta pesquisa.

Como interessam aqui parágrafos de textos produzidos em contexto escolar, fazem-se algumas considerações voltadas para o ensino. Primeiramente, reforça-se a análise de que é preciso considerar que a produção do *corpus* esteve ligada a objetivos pedagógicos e que as características sociocomunicativas e funcionais dos artigos de opinião produzidos pelos alunos são diversas daquelas implicadas na produção do gênero para circular na esfera jornalística. Nesse sentido, a interação com o *corpus* esteve pautada no entendimento de que "um texto produzido por um aprendiz manifesta-se como produto de um sujeito que, a seu modo, através das diversas possibilidades e formas de linguagem, busca estabelecer um determinado tipo de relação como o interlocutor" (LEAL, 2008, p. 54). Considera-se, pois, o aluno como alguém que está se constituindo como sujeito da própria produção, para usar os termos empregados por Rocha (2008).

Compreende-se, então, que, embora os textos que serviram de base para a coleta do *corpus* não sejam comparáveis aos textos produzidos por articulistas, em termos de possibilidade de êxito em relação aos efeitos perlocucionários pretendidos, os alunos envidam esforços para agir sobre as crenças e opiniões dos interlocutores, donde emerge o papel relevante dos elementos modalizadores. Ainda assim, entende-se que os artigos produzidos por articulistas podem ser tomados como parâmetro para a análise das produções proposta em contexto escolar, na medida em que textos que circulam socialmente em uma esfera mais ampla do que a escolar podem ser considerados um padrão a ser alcançado pelo aluno, mesmo porque é a partir deles que se inicia a abordagem didática do gênero.

Considerando, então, padrões almejados, por um lado, e o texto produzido pelos alunos, por outro, este estudo aponta resultados que podem ser significativos para encaminhamentos relativos à produção do texto opinativo e, especificamente, à modalização linguística, uma vez que os usos efetivos que os alunos fazem da língua parecem constituir dado relevante para a organização do trabalho pedagógico com vista à superação de dificuldades de interação mediada pela modalidade escrita. Além disso, este trabalho contribui com a proposição de categorias que podem ser didaticamente exploradas. Nesse sentido, as análises aqui postas visam a contribuir, conforme Leal (2008), para "entender os processos de escrita, o funcionamento de um texto escrito, para poder ensinar" (LEAL, 2008, p. 54).

Em outros termos, entende-se, conforme Leal (2008), que a intenção de promover uma interação pedagogicamente relevante deve considerar os textos produzidos pelos alunos como

instâncias discursivas que são atravessadas por um conjunto de fatores ou de determinantes. E "saber detectar nos textos as marcas desses determinantes é poder começar a perceber a palavra do "outro' (do 'aprendiz"), para poder realizar a atitude responsiva ativa" (LEAL, 2008, p. 56).

Considera-se pertinente pontuar, ainda, algumas reflexões possibilitadas pela análise empreendida, quais sejam:

a) Os alunos recorrem a elementos modalizadores no texto. Dos 44 textos coletados, apenas três não apresentam modalizadores *stricto sensu*. Isso significa que eles lidam, em alguma medida, com a categoria em questão, o que pode se constituir como base para um trabalho mais aprofundado com a modalização com vista a possibilitar uma maior consciência do poder argumentativo e interativo de tais marcas linguísticas e da necessidade de sua atualização em um cotexto capaz de sustentar o ponto de vista que elas demarcam no texto.

Como o uso de modalizadores envolve uma atividade complexa que exige domínio não apenas de recursos linguísticos, mas também, e de forma decisiva, da situação de interação que movimenta o texto, entende-se que a atualização desse recurso em textos produzidos por alunos, ainda que nem sempre tome parte de uma negociação exitosa, é um dado relevante para o ensino de produção de textos opinativos, pois a consideração do uso que os alunos já sabem fazer da linguagem parece constituir um ponto de partida fundamental para o professor na tarefa de fazê-los mais conscientes das possibilidades da língua.

b) Ainda que, em muitos casos, a negociação que se pretende instaurar não aponte para resultados exitosos, e por isso se falou em "tentativas" de negociação, as análises mostram que os alunos sabem lidar, em alguma medida, com o potencial argumentativo de tais elementos, de modo a fazer um jogo entre elementos de asserção forte e elementos de asserção fraca, entre um maior e menor engajamento, uma maior ou menor transparência do locutor; enfim, um jogo entre uma interação mais ou menos incisiva com o leitor, estratégias que são recorrentes em textos produzidos por articulistas. Um trabalho pontuando a modalização linguística, conforme defendido acima, pode contribuir para que os resultados desse jogo sejam maximizados, na direção de um texto mais convincente e adequado ao contexto de enunciação de onde emerge.

Isso mostra que o trabalho com o texto argumentativo no Ensino Médio não se inicia do nada, mas se ampara em conhecimentos linguísticos, textuais e interacionais que os alunos já possuem. Tais conhecimentos precisam ser ampliados e consolidados pela prática constante de escrita e de análise de textos considerados bem formados com o fim de observar como

produtores experientes lidam com estratégias de argumentação de forma a envolver o interlocutor na negociação instaurada.

Esse trabalho visando a um refinamento em relação aos conhecimentos requeridos na produção do texto argumentativo *stricto sensu* precisa ser promovido desde a alfabetização, por meio do estudo de gêneros e estratégias linguísticas que possa garantir que o melhor dos textos que serviu de base para a coleta dos parágrafos aqui analisados seja considerado, quando muito, o pior dos textos produzidos por um aluno que está há, no mínimo, onze anos na escola, tendo aulas de Língua Portuguesa em todos os anos escolares.

Atrelado a esse trabalho de análise linguística está a necessária ponte entre o texto e o conhecimento de mundo do aluno. Fala-se aqui, mais especificamente, dos conhecimentos que o produtor precisa ter em relação à temática abordada, questão que pareceu bastante frágil nos textos que constituem o *corpus* deste trabalho. Apesar do trabalho que se fez em sala, conforme descrito na Seção 4, observou-se que os alunos, de forma geral, não se sentiam envolvidos o suficiente com o tema, um tanto quanto distante de sua realidade imediata.

Conforme analisa Golder (1996), para que o tema possa ser discutido, é preciso que os alunos estejam em condições de tomar uma posição em relação a ele, que se envolvam subjetivamente em face do assunto abordado. Para a autora, os temas argumentáveis, porque acessíveis, refletem o alto envolvimento subjetivo que dá origem a uma alta frequência de utilização de marcas de negociação (*eu acho*, *penso que*, *talvez*,...). Por outro lado, o pouco conhecimento disponível aos alunos sobre o tema abordado e a falta de perspectiva em relação aos discursos sociais realizados sobre eles não permitem que integrem diferentes argumentos possíveis (GOLDER, 1996). Segundo a autora, para negociar, é imprescindível o conhecimento na área discutida, o qual possibilita ativar simultaneamente os argumentos e os contra-argumentos. Nesse sentido, toma-se a dificuldade de lidar com a temática como um dos aspectos que resultam em dificuldade de se estabelecer e manter uma negociação exitosa com o interlocutor, se comparados os parágrafos analisados ao padrão esperado para um artigo de opinião, o que explicita a necessidade de criar condições para que o aluno se coloque confortavelmente em relação ao tema debatido para que possa garantir a interlocução pretendida.

c) Por fim, o estudo proposto permite observar que, como muitas pesquisas têm demonstrado, especialmente aquelas ligadas à área da Linguística consideradas neste trabalho, os elementos linguísticos, como é o caso dos modalizadores, precisam ser abordados tomando em conta o cotexto linguístico e, ainda, a situação comunicativa em jogo. Só assim será possível propor um desenvolvimento real em direção a um texto coerente, quer com relação às

suas partes internas, quer com relação ao contexto enunciativo do qual emerge. A manipulação de recursos linguísticos é apenas uma das faces do texto argumentativo elaborado. A produção desse tipo de texto exige o acionamento de uma série de operações cognitivas e psicolinguísticas complexas (GOLDER; COIRIER, 1994), bem como conhecimentos interacionais relevantes para se alcançar êxito no debate proposto.

Assim, o uso de modalizadores não pode ser analisado como se as habilidades linguísticas fossem suficientes para a construção de um texto em que se instaura um diálogo produtivo com o parceiro de interlocução. Saber lidar com o gênero implica reconhecer padrões de superestrutura e macroestrutura semântica (COSTA VAL, 2001) e as construções linguísticas pertinentes à interação proposta, mas passa também pelo reconhecimento do papel desempenhado pelos interlocutores e do objetivo da interação, entre outros aspectos pragmáticos.

Ressalta-se a importância de possibilitar ao aluno o reconhecimento e a análise das marcas linguísticas da modalização (como também de outras categorias, como o posto, o pressuposto, o subentendido etc.), um caminho necessário para se chegar a uma intelecção mais aprofundada do texto (KOCH, 2002a), por um lado, e a uma produção mais adequada aos contextos enunciativos de onde emergem textos opinativos, por outro. A abordagem da modalização linguística em sala de aula visa a auxiliar os alunos a lidarem com o texto, seja como leitores, que precisam alcançar as diversas "camadas" de significação (DASCAL, 1986) presentes em cada texto, seja como produtores, que precisam saber lidar com os recursos linguísticos que a língua dispõe para alcançar os objetivos esperados em cada situação interlocutiva. A modalização linguística é relevante para o exercício da leitura e da produção escrita, uma vez que essa categoria está diretamente ligada à intencionalidade do produtor, ao seu grau de engajamento com relação aos enunciados que produz e ao relacionamento que pretende instaurar com o interlocutor, ou, ainda, à "maneira como representa a si mesmo, ao outro e ao mundo por meio da linguagem" (KOCH, 2002a, p. 160).

Os parágrafos dos textos produzidos pelos alunos revelam que se faz necessário um trabalho mais aprofundado tanto com a modalização quanto com a argumentação *stricto sensu* e com o gênero em que tal argumentação é posta em cena que possa tornar o aluno mais consciente das possibilidades de orientação de sentido(s) viabilizadas pelos modalizadores. O uso consciente e produtivo das estratégias modalizadoras depende também das habilidades do aluno de lidar com aspectos textuais que vão além do domínio de tais elementos, implicando, por exemplo, o domínio das relações de coesão e coerência e da estrutura da oração, para citar apenas alguns dos aspectos que precisam ser considerados na construção do texto

argumentativo escrito, e, de forma mais ampla, o domínio da situação de interação. Tais aspectos são relevantes para que as "tentativas" de negociação, apontadas neste trabalho, possam passar à condição de estratégias exitosas de negociação.

Embora esta tese não tenha como objetivo uma proposição didática, conforme explicitado em outros momentos deste trabalho, espera-se que possa servir de base para uma abordagem significativa das questões linguísticas debatidas, uma vez que o conjunto de textos que compõem o *corpus* pode ser tomado como tendo um perfil recorrente em texto produzidos por alunos de Ensino Médio, especialmente quando se considera o ensino público. Entende-se que as análises empreendidas podem render reflexões acerca de o quê e de como ensinar de forma mais efetiva aos alunos do Ensino Médio para que os textos opinativos tenham o perfil argumentativo esperado.

Acredita-se que, ao propor compreender o uso que alunos fazem de modalizadores em texto argumentativo, este estudo constitui passo necessário em direção à superação de dificuldades visualizadas no uso desse recurso na promoção de uma negociação favorável aos intentos que movem a produção do texto opinativo e adequada ao contexto enunciativo em que tal interlocução é proposta. Conforme Cardoso (2008, p. 111), ao desvendar processos e descortinar as operações de textualização, pode-se "instrumentalizar os professores a interferirem de forma mais produtiva na área da produção textual que é, em nossos dias, ao mesmo tempo, a mais requisitada em termos de ensino e a mais frágil em termos de formação profissional".

Possibilitar ao professor aperceber-se da necessidade de levar o aluno a lidar de forma mais consciente com as marcas linguísticas da argumentação, como é o caso dos modalizadores, mostra-se uma tarefa urgente, embora não recente. Para tanto, é necessário não só que ele mesmo esteja consciente da produtividade de tais marcas para o texto opinativo, como também que esteja ciente dos usos que delas fazem os alunos, para, a partir desse quadro, propor uma intervenção pedagógica significativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João de. A categoria da modalidade. **Uniletras**, Ponta Grossa, n. 10, p. 10-24, 1988.

ASCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. L'argumentation dans la langue. **Langages**, 10e année, n. 42, p. 5-27, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

_____ [N. V. Volochinov]. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10. ed. São Paulo: Annablume; Hucitec, 2002.

BESSA NEVES, Janete dos Santos. **Estudo semântico-enunciativo da modalidade em artigos de opinião**. 2006. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Revista Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0401/11.htm>. Acesso em: 23 jul. 2007.

BORILLO, Andrée. Deux aspects de la modalité assertive: croire et savoir. **Langages**, 16e année, n. 67, p. 33-53, 1982.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Exame Nacional do Ensino Médio**: Enem 2008. Brasília: MEC, 2008. (Prova 1 – Amarela). Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/enem>. Acesso em: 03 mar. 2010.

_____. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. FUNDEB. **Manual de orientação**. 2009. Disponível em: <fttp://www.ftp.fnde.gov.br/>. Acesso em: 15 ago. 2012.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**: Parte 2 - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2011.

_____. **Enem:** Documento Básico. Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <http://historico.enem.inep.gov.br/arquivos/Docbasico.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2010.

_____. **IDEB:** Resultados e Metas. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br>. Acesso em: 05 nov. 2011.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2009.

CAMPARINI, Ana Maria Paulino. A modalização deôntica no discurso jurídico. In: PEZATTI, Erotilde Goreti (Org.). **Pesquisas em gramática funcional**: descrição do português. São Paulo: EDUNESP, 2009. p. 173-202.

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. Gramática e construção da significação. In: FONSECA, Fernanda Irene; DUARTE, Isabel Margarida; FIGUEIREDO, Olívia (Org.). **A Linguística na**

formação do professor de português. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2001. p. 163-174. Disponível em: <repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/18474/2/000080092.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2011.

_____. Modalização e referência nominal. In: _____. **Tempo, aspecto e modalidade**: estudos de Linguística Portuguesa. Porto: Porto, 1997. p. 135-142.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski. A pontuação como recurso de textualização: as descobertas de uma criança. In: COSTA VAL, Maria da Graça; ROCHA, Gladys (Org.). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto**: o sujeito-autor. Belo Horizonte: Autêntica; CEALE; FaE; UFMG, 2008. p. 109-134.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. **Alfa**, São Paulo, n. 38, p. 75-95, 1994.

_____ ; CASTILHO, Célia. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.). **Gramática do português falado.** Campinas: UNICAMP; FAPESP, 1992. v. 2. p. 213-261.

CERVONI, Jean. **A enunciação**. Tradução de L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, 1989.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Um fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. São Paulo: EDUC; Campinas: Pontes, 1991.

CORBARI, Alcione Tereza. A modalização deôntica no artigo de opinião: força ilocutória regulada pelo contexto enunciativo. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 46, p. 195-218, 1º sem. 2013.

_____. A modalização em textos opinativos: um mapeamento das categorias tradicionalmente descritas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 1.; SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, - POLÍTICAS LINGUÍSTICAS: DIÁLOGOS, IDENTIDADES E FRONTEIRAS, Cascavel, 3. Anais. Cascavel, 2012. p. 1-13.

_____. **Um estudo sobre os processos de modalização estabelecidos pelo par "é + adjetivo" em artigos de opinião publicados no jornal Observatório da Imprensa**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. O desenvolvimento do conhecimento lingüístico-discursivo: o que se aprende quando se aprende a escrever? **Veredas:** Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 83-104, 2001.

DASCAL, Marcelo. A relevância do mal-entendido. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 11, p.199-217, jul./dez. 1986.

DUCROT, Oswald. Ducrot. A quoi sert le concept de modalité? In: DITTMAR, Norbert; REICH, Astrid (Ed.). **Modality in language acquisition**: modalité et acquisition des languages. Berlin; New York: de Gruyter, 1993. p. 111-130.

_____. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

FURLANETTO, Maria Marta. Gêneros e autoria: relação, possibilidades e perspectivas de Ensino. In: FINGER, Ingrid; COLLISHONN, Gisela (Org.). **Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**, Porto Alegre, 8. Anais. Pelotas: Educat, 2008. p. 1-19. Disponível em: <www.celsul.org.br/Encontros/08/generos_e_autoria.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2008.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOLDER, Caroline. La production de discours argumentatifs: revue de questions. **Revue française de pédagogie**, Paris, v. 116, p. 119-134, 1996.

_____ ; COIRIER, Pierre. The production and recognition of typological argumentative text markers. **Argumentation**, Dordrecht-Boston, v. 10, p. 271-282, 1996.

_____ ; _____. Argumentative text writing: developmental trends. **Discourse Processes**, Philadelphia, v. 18, p. 187-210, 1994.

_____; PERCHERON, Aurélie; POUIT, Delphine. Les choses ne sont jamais totalement vraies ou totalement fausses: point de vue sur la conduite communicative d'argumentation en production écrite. **Enfance**, Paris, t. 52, n. 2, p. 99-110, 1999.

GUIMARÃES, Elisa. Expressão modalizadora no discurso de divulgação científica. **Educação e Linguagem**, ano 4, n. 5, p. 65-77, jan./dez. 2001.

HENGEVELD, Kees. Layers and operatores in Functional Grammar. **Journal of Linguistics**, v. 25, p. 127-157, 1989.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à Lingüística Textual**: trajetórias e grandes temas. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Desvendado os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003a.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2003b.

_____. **Argumentação e linguagem**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002a.

_____. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. **Veredas:** Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2002b.

_____. **O texto e a construção dos sentidos.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____ ; FÁVERO, Leonor. Contribuição a uma tipologia textual. **Letras & Letras**, v. 3, n. 1, p. 3-10, 1987.

LARA, Glaucia Muniz Proença. **Autocorreção e auto-avaliação na produção de textos escolares**: relato crítico de uma experiência. Campo Grande: UFMS, 1999.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. A formação do produtor de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: COSTA VAL, Maria da Graça; ROCHA, Gladys (Org.). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto**: o sujeito-autor. Belo Horizonte: Autêntica; CEALE; FaE; UFMG, 2008. p. 53-67.

LEMOS, Cláudia T. Guimarães de. Redações no vestibular: algumas estratégias. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 23, p. 61-71, dez. 1977. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741977000400007& lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2011.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, José Marques. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. (ver. e ampli.). Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MIRANDA, Neusa Salim. Modalidade: o gerenciamento da interação. In: _____ ; NAME, Maria Cristina (Org.). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 171-195.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

_____ ; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

_____ ; _____. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: EDUNESP, 2000.

_____. A modalidade**:** In: KOCH, Ingedore Villaça (Org.). **Gramática do português falado.** São Paulo: UNICAMP; FAPESP, 1996. v. 6. p. 163-195.

OSAKABE, Haquira. Redações no vestibular: provas de argumentação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 23, p. 51-59, dez. 1977. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo. php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741977000400006& lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2011.

PALMER, Frank R. **Mood and modality**. 2. ed. London: Cambridge University Press, 2001.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação/Superintendência da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica**: Língua Portuguesa. Curitiba: SEED; DEE, 2008.

PARRET, Herman. **Enunciação e pragmática**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi *et al*. Campinas: UNICAMP, 1988.

PAULILLO, Rosana. **Modalidade e asserção**: um estudo semântico-pragmático de enunciados de possibilidade epistêmica. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Progressão textual e modalização. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, série 7, n. 7, 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/ caderno07-17.html>. Acesso em: 05 mar. 2011.

_____. Processos de discursivização: da língua ao discurso: caracterizações genéricas e específicas do texto argumentativo. **Veredas:** Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 89-96, 2000.

PETRONI, Maria Rosa. Construção do objeto discutível: argumentação e interação. **Polifonia**, Cuiabá, n. 10, p. 113-133, 2005.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO[42]. Cascavel, 2007.

ROCHA, Gladys. O papel da revisão na apropriação de habilidades textuais pela criança. In: COSTA VAL, Maria da Graça; _____ (Org.). **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto**: o sujeito-autor. Belo Horizonte: Autêntica; CEALE; FaE; UFMG, 2008. p. 69-83.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 2001. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

[42] O nome do Colégio foi suprimido do título haja vista a intenção de não publicar o nome da instituição cujos alunos produziram o *corpus* desta pesquisa.

Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def_teses. html>. Acesso em: 04 mar. 2007.

SANTOS, Noemi Luciane dos; SCHNEIDER, Mirna. Estrutura argumentativa: recursos e marcas lingüísticas na propaganda eleitoral. **Revista Perspectiva**, Erechim, v. 26, n. 96, dez. 2002.

SELLA, Aparecida Feola. Nos limites da permissão: funções exercidas pelos verbos poder e dever no manual de orientação do Fundeb**. Acta Scientiarum:** Language and Culture, Maringá, v. 33, n. 2, p. 211-215, 2011.

VIGNER, Gerard. Técnicas de aprendizagem da argumentação escrita. In: GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni Puccinelli; OTONI, Paulo (Org.). **O texto:** leitura e escrita. 3. ed. Organização e revisão técnica da tradução de Charlotte Galves, Eni Orlandi e Paulo Otoni. Campinas: Pontes, 2002. p. 117-136.

VION, M. Robert. **Modalization, dialogisme et polyphonie**. 2005. Disponível em : <http://www.dialogicidad.cl/papers/Vion.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2011.

_____. Modalités, modalisations et discours representes. **Langages**, 38e année, n. 156, p. 96-110, 2004.

ANEXOS

ANEXO 1 - OS TEXTOS CONSIDERADOS NA COLETA DO *CORPUS*

Abaixo, são apresentados os textos produzidos pelos alunos, com destaque para os parágrafos que constituem o *corpus* da análise apresentada no Capítulo 5. Faz-se a exposição dos artigos em ordem decrescente quanto ao número de modalizadores em cada texto, os quais estão destacados conforme consta na legenda a seguir:

Estilo do sublinhado	***Categoria do modalizador***	***Tipo de negociação instaurada***
Negrito; sublinhado simples	**Necessidade deôntica**	Negociação enfática instaurada pelo eixo do dever
Negrito; sublinhado simples; itálico	***Necessidade epistêmica***	Negociação enfática instaurada pelo eixo do saber
Negrito; sublinhado duplo	**Possibilidade deôntica**	Negociação atenuada instaurada pelo eixo do dever
Negrito; sublinhado duplo; itálico	***Possibilidade epistêmica***	Negociação atenuada instaurada pelo eixo do saber

Texto 01

COM UMA BOA FISCALIZAÇÃO MENOS RICOS CORREREMOS

Amazônia, uma palavra de vida, que aos poucos esta morrendo e com ela o futuro do Brasil e do mundo, a nossa "MAQUINA DE CHUVA". Esta é formada pela trajetoria que começa com a evaporação do atlântico, que seguem para a Amazônia, onde chove, molha as árvores e ocorre o processo denominado evapotranspiração, em que as árvores retiram, a água do solo e de si mesmas transformando-a em nuvens com grande volume de água, conhecidas como rios voadores.

Todos já ***sabemos que*** a Amazônia ao longo de um periodo, vem sendo desmatada sem piedade. Diante dessa realidade os governantes **deveriam** tentar acabar com o desmatamento, **deveriam** investir maiores custos em fiscalização na Amazônia, contratar mais fiscais, promover palestras para que a sociedade saiba o que a Amazônia é capaz de produzir. [01]

Além de investir mais em fiscalização, **deve**, aos que desmatam a Amazônia, o mínimo que for, aplicar multas pesadas para que a sociedade pense antes de fazer um mal com seu proprio futuro. [02]

Se esta fiscalização, não for rapidamente implantad, a Amazônia ***poderá*** ter sérios danos, mas não só ela. O que os cientistas sabem é que, se o processo de desmatamento continuar assim, os rios voadores também irão ser extintos. [03]

Cerca de 234 mil metros cúbicos de água são transportados da Amazônia para o sul do continente não terão mais esta rota, segundo o físico Antônio Manzi, um dos coordenadores do experimento de grande escala da interação BIOSFERA ATMOSFERA NA Amazônia.

No norte, que possui altos índices de desmatamento, existe a Amazônialegal, que é alugada para empresas privadase brasileiras, numa área de 90mil hectares, que terão três tamanhos diferentes, 15 mil, 30 mil, e 45 mil hectares e também, nenhuma empresa poderá explorar mais de uma unidade de manejo, se a Amazônia legal foi implantadaem rondônia, isto ***pode*** significar que com o dinheiro do aluguel da Amazônia legal, **pode-se** implantar uma fiscalização adequada para a Amazônia. [04]

Para tentar salvar os rios voadores, primeiramente **devemos** saber que **deve-se** ter uma boa fiscalização, e em segundo os cientistas querem conhecer melhor este ciclo para analizar o que ***pode*** acontecer com as regiões sul e sudeste caso a Amazônia seja derrubada. [05]

Se os governantes fizessem a sua parte, ***certamente*** haveria maior fiscalização, tendo maior fiscalização, a nossa Amazônia não estaria sofrendo. Mas não depende somente dos governantes para acabar com o desmatamento, e sim de toda a humanidade, pois as pessoas que morram na Amazônia **podem** prezervar-la, e os que não morram **podem** ajudar de forma indireta, como por exemplo comprar apenas madeira legalizada. [06]

Texto 02

AMAZÔNIA, ALÉM DE BELEZA, TEM VIDA

O desmatamento da Amazônia está se agravando cada vez mais. Muitas pessoas estão destruindo á natureza, cortando árvores para vender ilegalmente, para á criação de gados, campo e para á agricultura.

O que **poderíamos** fazer para isso não mais acontecer? **deveríamos** se unir-mos e lutar-mos para que as fiscalizações aumentassem e assim se ainda tivessem pessoas tentando desmatar, **deveriam** lhes ser cobradas pesadas multas que fizessem a diferença em todo o dinheiro que já lucraram com o desmatamento. [07]

Este ato criminoso que a cada dia acaba com a qualidade de vida da Amazônia **deve** parar, pois só assim a nossa Máquina da Chuva poderá continuar, esta também chamada de "Rios voadores" é formada pela evaporização da água vinda do oceano e também ***pode*** ser transmitida pela evapotranspiração das árvores. [08]

A Amazônia produz a maior parte da chuva e o excesso do desmatamento ***pode*** degradar o ciclo hidrológico, mas para quem depende das safras anuais isso seria totalmente ruim, pois, as safras agroindustriais de toda a região dependem desse ciclo. [09]

De acordo com o pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Antônio Nobre diz que a Amazônia chega a jogar na atmosfera até 20 bilhões de toneladas de água e o normal é de 17 bilhões de toneladas, isso pelo fato da Máquina da Chuva já estar em risco.

O desmatamento **deve** acabar imediatamente. **Temos que** parar de desmatar á natureza, ao invés de cortar as árvores, **temos que** replanta-las novamente. [10]

A degradação do meio ambiente piora a cada dia, crianças e animais morrem por causa das mudanças climáticas,pois há lugares que já ocorrem muitas enchentes e outros o tempo é completamente seco, onde há seca, há muitas pessoas que já estão sem água e sem comida, e onde há as grandes enchentes tudo se desmorona a cada minuto.

Vamos todos tentar mudar este futuro tão atual que ***pode*** ficar mais dramático do que já está. Dar vida á Máquina da Chuva, é **nossa obrigação**, pois é ela quem nos dá a uma vida qualitativa, sendo assim, não **devemos** desmatar, e sim lutar para que a Amazônia continue nos dando o prazer de dizer que somos habitantes de um país que possui uma linda mata, que além de beleza, traz vida para todo o território nacional. [11]

Texto 03

NÃO DESMATE A AMAZÔNIA E ACABE COM UM SOFRIMENTO FUTURO

A Amazônia evapora em um único dia, 20 bilhões de toneladas de água. "Este rio voador, que sai para a atmosfera na forma de vapor, é maior que o maior rio da terra", e para que a máquina de chuva continue **devemos** fiscalizar e aplicar severas multas aqueles que provocam o desmatamento não-autorizado. [12]

O desmatamento não-autorizado **pode** causar vários problemas, como a redução de chuvas de 24%, e se não chover os rios que saem do continente e vão para o oceano **poderão** secar e assim o mundo irá ficar deserto, e os problemas mais graves ainda **poderão** aparecer. [13]

Geophysical Research Lietters, fala que além do aquecimento global, a destruição da floresta amazônica também ***pode*** levar á chamada SAVANIZAÇÃO, processo no qual o clima quente e úmido típico da Amazônia dá lugar a um clima quente e seco característico do cerrado. Nesse clima, a vegetação densa da floresta tropical não sobrevive e sede o lugar a savana. [14]

Se houver a fiscalização o desmatamento irá diminuir mas para que isso aconteça, o governo **deverá** investir mais na fiscalização, tirando do bolso daqueles que desmatam de forma não-autorizada (ilegal). [15]

Se o desmatamento da floresta Amazônica continuar e for maior que 40% o processo de savanização ***poderá*** disparar e o lugar ***poderá*** ficar ainda mais quente e seco, e ainda se a mata nativa realmente for substituída por pasto de soja, ***poderá*** causar o aumento da temperatura de 4°C, na Amazônia já esquentou 1°C devido ao efeito do desmatamento e também do aquecimento global, diz o cientista Gilvan Sampaio do INPE. [16]

Segundo o ministério do meio ambiente, enquanto no primeiro caso se extraem todas as árvores para vende-las ou para utilizar a terra, na utilização sustentável se extraem entre 5 e 6 árvores das 500 que pode haver em um hectare de selva.

Talvez essa medida sirva para controlar o desmatamento, mas não acabar com o mesmo. sendo assim, tomar outras medidas é fundamental para que se acabe o desmatamento. [17]

De qualquer forma se isso não parar, Mais tarde iremos sofrer, porque o clima vai esquentar cada vez mais, então vamos parar de derrubar árvores e assim plantar mais.

Texto 04

AMAZÔNIA UMA PALAVRA DE VIDA

Na Amazônia, **deve-se** aumentar a fiscalização para que não haja desmatamento, pois se a Amazônia for derrubada, nós ficaremos sem água, ou seja, para termos água precisamos da maquina de chuva, que no caso é a Amazônia é ela que produz os rios voadores, são as árvores que transpiram a maior parte da chuva que caiu por meio da transpiração, no entanto para que a maquina de chuva não pare **deve** aumentar a fiscalização, e aplicar multas nas pessoas que desmatem, mas não aplicar pequenas multas grandes multas para que o "agressor" pense na próxima vez. [18]

Antonio Nobre diz que a Amazônia tem o potencial de chuva, de 17 bilhões de toneladas, e a maior parte dessa chuva vem do atlântico por meio da evaporação da água, e a chuva que cai é muito importante, pois 90% desta chuva caem em nossa região. Diz o agrônomo Antonio Nobre que a transmição da umidade da Amazônia que vai para o sul e sudeste do nosso país, serve para o centro agrícola da América do sul e é esta umidade que não deixa o centro oeste virar deserto.

Mas, de que adianta a umidade do ar não deixar o centro oeste virar deserto se por meio do desmatamento, a Amazônia tem grandes chances de virar deserto, por isso **é preciso** aumentar a fiscalização imediatamente, se não queremos ver este fim trágico da Amazônia. [19]

Em Rondônia, tem o desmatamento em terras publicas, e essas terras são alugadas, para empresas privadas para a exploração da madeira. O governo espera que a madeira, seja explorada de maneira sustentável, inibindo o desmatamento. O governo fala em corte de algumas áreas e não tudo. As empresas que alugam estás terras, só **poderão** ser empresas brasileiras e essas empresas só **poderão** alugar pedaços da Amazônia de 15, 30, 45 mil hectares e cada hectare tem o prazo de 40 anos de contrato com o ciclo de corte de 30 anos. No caso acima foi implantado na Amazônia legal, isto ***pode*** significar que se a Amazônia legal for implantado, temos chances de aplicar, ou melhor, criar uma fiscalização descente para a Amazônia. Hoje, há um fiscal para uma área, do tamanho da Suécia, como **podemos** perceber que é muito pouco. [20]

Temos de fazer, com que as pessoas não desmatem a Amazônia, e nesse caso ***talvez*** **tenham que** tomar decisões drásticas como, pesadas multas, e não se esquecer de aumentar a fiscalização, pois com uma boa fiscalização a Amazônia tem grandes chances de se salvar. [21]

Texto 05

NOSSA MÁQUINA DE CHUVA NÃO PODE PARAR.

A Amazônia ***pode*** ser considerada uma Máquina de Chuva, pois é ela quem produz a maior parte das chuvas que caem em todo o Brasil, o que é importante para a economia e desenvolvimento sustentável de todo o país. Mas, para que esse processo hídrico seja possível, **é preciso** leis sérias e justas que resultem multas que pesem no bolso de quem ganha com o desmatamento. [22]

A floresta Amazônica vem perdendo grande parte de sua mata, Adalberto Veríssimo, do Instituto do Homem e do meio ambiente da Amazônia, estima que o desmatamento já afeta mais de 18% da Amazônia, sendo esta parte do território brasileiro; o que significa que nossa Máquina de Chuva, ***pode*** estar á beira de ser quebrada e de não mais voltar a ser o que era antes. No entanto, ainda existindo e nos ajudando parcialmente. [23]

Existem projetos que se preocupam com o rumo que a Amazônia está tomando, mas, para que haja bons resultados, **temos de** deixar o desmatamento a zero, isto quer dizer nada, nenhum pedaço de área desmatada. Mas a Amazônia é grande demais, o que significa que **é necessário** aumentar o número de fiscais, para que estes possam punir com altas multas quem estiver desmatando ilegalmente, para termos este aumento o governo **precisaria** desembolsar uma boa quantia em dinheiro para o pagamento destes profissionais. [24]

Mesmo que a fiscalização aumente sempre existirá alguém desmatando, **é preciso** pensar que á cada árvore que é arrancada é como se fosse uma peça da Máquina da Chuva que fosse retirada, **é preciso** dar valor á esta máquina. [25]

Afinal de contas, todos nós dependemos que ela esteja ativa para que ela continue fazendo sua parte. Cabe a nós fazermos a nossa.

Texto 06

FISCALIZAR PODE SER UMA BOA SOLUÇÃO

Provavelmente todos já ***devem*** ter ouvido falar na Amazônia. Isso porque atualmente "O desmatamento na Amazônia" é um assunto muito abordado pela mídia. [26]

A Amazônia enfrenta graves problemas por causa da irresponsabilidade de pessoas, que exploram sem considerar que, grandes e graves conseqüências virão pela frente, como o aumento de temperatura em todo país, conforme informa o IMPE (instituto nacional de pesquisas espaciais).

Relacionado a essa questão está ***o possível*** prejuízo da máquina de fazer chuva, que funciona da seguinte forma: parte da floresta amazônica evapora e transpira 300 litros de água por dia. Com evapotranspiração das árvores da floresta, se formão enormes nuvens conhecidas como rios voadores. [27]

Os rios voadores percorrem o Brasil de norte a sul, com grandes quantidades de vapor de água causando as chuvas no sul e sudeste, então parte das cordilheiras dos Andes que tem forma de paredes e não deixam as nuvens passarem.

Como se **pode** observar se continuarmos destruindo a Amazônia ***poderá*** acontecer um grande desequilíbrio ambiental, conforme mostram várias pesquisas, pois estamos desmatando as florestas de modo descontrolado. Para que consigamos regular o tempo tendo menos tempestades e secas **devemos** suspender imediatamente o desmatamento. [28]

Um grande método para, tentar acabar com o desmatamento seria colocar algumas pessoas especializadas para fiscalizar todas as áreas da Amazônia, assim pessoas que desrespeitassem os fiscais ou cortassem as árvores, fizessem queimadas seriam punidas com altíssimas multas e só voltaria explorar a Amazônia quando fossem identificadas locais onde se pudesse estar para fazer tal ato de maneira sustentável, não só mente na Amazônia mas também em outras florestas.

Outro recurso a que **podemos** recorrer para salvar a Amazônia seria conhecer mais a cultura indígena, que viverão la sem prejudicá-la e explorarão de maneira sustentável por todo esse tempo. Eles entendem o que está acontecendo, eles convivem com o desmatamento todos os dias e nunca dão suas opiniões, mas nos ***já sabemos q*** eles pensão que as pessoas **devem** desmatar menos e preservar mais. [29]

Como já foi afirmado se não tivermos uma boa fiscalização o desmatamento acabará completamente com a Amazônia.

Texto 07

REZAR PARA QUE O DESMATAMENTO ACABE, OU FAZER ALGO PARA CONTÊ-LO?

Em nosso cotidiano, os assuntos que mais nos chamam a atenção são problemas relacionados ao nosso meio ambiente. Algo fácil de ser resolvido, se aumentasse a fiscalização e aplicassem pesadas multas aos promovedores do desmatamento não-autorizado. Além disso, todos **deveriam** estar conscientes de que a Amazônia é uma grande fonte de vida para todo o território brasileiro. [30]

A revista Terramérica nos informa que a bacia amazônica apanha entre 12 e 16 mil Km³ de água por ano mas nem todo esse total escorrem pelos rios. O restante se esvai na atmosfera em prol da evaporização das florestas, se distribuindo por todo o nosso continente.

Sem o aumento das fiscalizações, o desmatamento continua. Sendo assim, os famosos rios voadores que seria a água em forma de vapor, sopradas como jatos de vento em até 3 mil metros de altitude e 50 Km/h, correm então um grande risco de se acabar.

O INPE nos informa, que se a máquina da chuva parar, várias catástrofes ocorrerão em todo o território nacional. O aumento da temperatura ***poderá*** chegar em até 7°C, com esse calor em alta se prevê para 2011, chuvas com intensidade. Sendo assim, sem os jatos de vento para fazer a evaporização da água, se aumentará cada vez mais o risco de grandes enchentes. [31]

A política brasileira junto com todo o povo, **deve** tomar alguma decisão drástica para que o território amazônico não acabe abaixo do despenhadeiro. A ideia mais sensata seria ***certamente*** o aumento das fiscalizações, pois assim, se as leis não fossem obedecidas, **poderiam** ser aplicadas grandes multas à quem desafiasse as leis, aprovadas e impostas, á favor do território amazônico. [32]

O dinheiro público pagaria pessoas o suficiente para fazer essas fiscalizações, se nenhum político fosse subornado, com dinheiro sujo muitas vezes do desmatamento, que acaba cada vez mais com a qualidade de vida amazônica, nosso país estaria a salvo.

Já estamos vivendo às margens de um abismo sem fim, grandes conseqüências já estamos tendo. As grandes mudanças climáticas já mataram ou ***talvez*** deixaram pessoas sem lar. [33]

Se não fizermos nada para essa realidade mudar, só **podemos** rezar, para que no plenário, os políticos que lá colocamos, usem a força e o poder que possuem, para assim criarem uma lei sensata de fiscalização que resolva o nosso problema. [34]

Texto 08

AS CONSEQÜÊNCIAS DO DESMATAMENTO ACELERADO

A Amazônia é uma das maiores riquezas do mundo, que aos poucos esta sendo condenada pela humanidade, por meio do desmatamento. Esse desastre ambiental **deve** ter um fim imediato, enquanto há tempo. [35]

A Amazônia é, por exemplo, responsável pela existência dos rios voadores, que se formam por meio do seguinte processo: evapotranspiração por meio das árvores, grandes nuvens que seguem para os Andes. Deslocam-se para outras regiões do Brasil. Já que os rios voadores são tão importantes para as regiões sul, e principalmente para as hidrelétricas e as agroindústrias, **devemos** preservá-los, e junto a eles a nossa sobrevivência. [36]

Uma sugestão para tentar acabar com o desmatamento é a imposição de projetos que auxilie a população sobre a importância da nossa maior riqueza, todos **devem** saber que o desmatamento **deve** ter seu fim imediato, e a Amazônia ser preservada a todo custo. [37]

Segundo o pesquisador e ambientalista Mario Couto afirma que não poderá haver mudança sem infelizmente passarmos antes por uma catástrofe, ou seja, teremos que sofrer, para depois começarmos a preservar a Amazônia, e ***quem sabe*** quando isso acontecer já não seja tarde de mais para agirmos. A Amazônia pede socorro, ***é possível*** acabar com o desmatamento colocando um fim na queima e no corte de arvores, evitando assim uma catástrofe ainda maior. [38]

Segundo o Senador Mario Couto, com a destruição da Amazônia a vida ficará muito mais difícil, pois sem a Amazônia as chuvas praticamente acabarão e as hidrelétricas não existirão, sem elas não há energia e nem agroindústria e o nosso sustento e nossa sobrevivência estará condenada.

Por isso a melhor forma de evitarmos todas estas tragédias é ajudando a Amazônia e com ela sendo beneficiado, acabar com o desmatamento, dar vida a Amazônia e a vida depende dela.

Texto 09

O DESMATAMENTO DA AMAZÔNIA E ALGUMAS SOLUÇÕES

Com o excesso de desmatamento, o ciclo hidrológico ***pode*** ser degredado. A agroindustria e a geração de energia elétrica no Brasil dependem da máquina de chuva da Amazônia. A máquina de chuva funciona, quando a umidade do ciclo, que se desloca em direção ocidental, atinge as Cordilheiras dos Andes e parte dela é desviada para a Região Sul. Boa parte dessa água utilizada na geração de energia elétrica. [39]

Assim, **devemos** suspender imediatamente o desmatamento na Amazônia. [40]

Todo este esforço que faremos para reduzir e acabar com o desmatamento hoje vai garantir a continuidade do fornecimento de energia e do agronegócio amanhã. Para evitarmos problemas de seca na Amazônia, **devemos** reduzir o desmatamento ou coloca-lo em extinção, pois 90% do desmatamento é ilegal. **Teremos que** zerar o desmatamento e reflorestar. **Precisamos** replantar a floresta já e não daqui há alguns anos, como, por exemplo, no ano de 2015 conforme defende o pesquisador agrônomo Antônio Nobre, mestre em Biologia Tropical pelo Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia. (o Impa de Manaus). [41]

Esse cientista lembra também que as primeiras consequências do desmatamento já são sensíveis e explica que, como as chuvas, os ventos, os oceanos e as florestas estão interligados e, ao alterar esse equilibrio, ***podemos*** trazer danos irreversíveis à vida. [42]

O problema não é da natureza. Infelizmente é do ser humano, o homem que desrespeita o código florestal e também não leva em consideração as mudanças climáticas, que no futuro vamos sofrer com às secas bastante rigorosa, causando muitas doenças respiratórias, os agricultores também sofrerá, pois o solo ficará seco, não podendo reproduzir na agricultura com a falta de chuva, pois precisamos da chuva até para gerar energia. Por isso **temos que** acabar logo com o desmatamento. [43]

Texto 10

COMO MANTER A "MAQUINA DE CHUVA DA FLORESTA AMAZÔNICA" FUNCIONANDO?

Para que a "maquina de chuva da floresta amazônica" continue a funcionando, o governo **deveria** achar meios de parar completamente o desmatamento na Amazônia, e que esse desmatamento continue proibido até que fossem identificadas áreas onde se possa explorar, de maneira sustentável, a madeira da floresta amazônica. [44]

Mais o leitor ***deve*** estar se perguntando: O que é "maquina de chuva da floresta amazônica"? A "máquina de chuva da Amazônia" é um processo que a as árvores da floresta amazônica faz absorvendo as águas ao seu redor e em seguida as evaporam e esse vapor sobe para as nuvens, as carregando de água, fazendo com que elas chovam sobre a floresta. Agora imagine se o desmatamento não acabar e o homem continuar a destruir essas árvores? A floresta sofreria sérias conseqüências, e "maquina de chuva da floresta amazônica" iria diminuir aos poucos deixando o clima da floresta mais seco, aumentando a probabilidade de queimadas na floresta. Agora imagine novamente, se o governo achasse meios de acabar com o desmatamento até que achem áreas onde se pudesse explorar de maneira sustentável e controlada por leis e órgãos governamentais? A floresta iria se desenvolver melhor aumentando assim a eficiência da "maquina de chuva" sobre a floresta amazônica. [45]

O governo Brasileiro **deveria**, e **deve** mobilizar órgãos competentes para proibir todo desmatamento, enquanto institutos do governo apontariam soluções para uma exploração sustentável dos recursos naturais. A partir disso, controlar a atividade de extração criando novas leis para acabar com o desmatamento ilegal, e assim, ajudaria a manter a "maquina de chuva da floresta amazônica" funcionando melhor e salvando de vez a floresta amazônica. [46]

Então para finalizar o desmatamento **deve** acabar por completo até a floreta se desenvolver melhor seus recursos como a "maquina de chuva", e todos nos **podemos** ajudar não comprando madeira ilegal, faça sua parte, a floresta agradece. [47]

Texto 11

PRECISAMOS MANTER A MAQUINA DE CHUVA LIGADA.

O desmatamento na floresta Amazônia prejudica A Maquina de Chuva, que são as chuvas que saem do mar são sopradas pelos ventos alísios ate a floresta da Amazônia, onde chove na floresta, e evapora através das arvores em maior quantidade de agua, aumentando assim o volume de aguas nos rios voadores que são o mesmo que maquina de chuva. [48]

A sugestão advinda de orgos governamentais de pagamento a fazendeiros, para pararem de desmatar a Amazônia, seria apenas mais uma forma de obtenção de lucro aos fazendeiros, porque ***poderiam*** receber o dinheiro e não parar de desmatar, causando prejuízo ao governo. [49]

A solução seria então, o desmatamento sustentável, que é a maneira que sustentaria os fazendeiros e a Maquina de Chuva, sem prejuízo para nenhum dos lados, fazendeiros, pessoas, e a região da América do sul.

E claro que **precisamos** manter a Maquina de Chuva ligada, a Amazônia precisa dela para não virar cerrado, também pessoas, o Brasil e países vizinhos precisam das chuvas porque a maioria da América do Sul é sustentada pela Maquina de Chuva, sendo assim que ela permaneça ligada para manter o clima equilibrado da região Sul, mantendo também as hidrelétricas que mantem as energias que precisamos para manter nosso aparelhos eletrônicos, manter a agricultura, pois é noss o alimento, entre varias outras coisas essenciais para nos como Agua para beber. [50]

Conforme a ex-ministra do meio ambiente Marina Silva propunha **é preciso** suspender completa e imediatamente o desmatamento na Amazônia, até que sejam identificadas áreas, onde se poderia explorar de maneira sustentável a floresta, esta seria a solução mais adequada, por ser um desmatamento autorizado, logo, em teoria que não prejudicaria o meio ambiente. [51]

A Maquina de Chuva **precisa** continuar a existir sustentando o Brasil e países vizinhos com suas Chuvas, para manter o clima em equilíbrio tirando o risco da Amazônia virar cerado. [52]

Texto 12

AMAZÔNIA PODE VIRAR DESERTO

Para que a Amazônia existe, uma parte circulação de água na região, isto é as chuvas são formadas pelo vapor d'água provente do oceano e pela mistura desse vapor primário com da expo transpiração.

Então para que a maquina de chuva não para de funcionar nos **devemos** começar preservando a floresta Amazônica, e se esses fenômenos continuarem acontecendo ***é provável*** que não se formem mais os Rios Voadores. [53]

As regiões que serão mais castigadas com o desmatamento serão as regiões do sul e sudoeste e a agricultura, pois é através da Amazônia que se forma a chuva. O vapor d'água sai do oceano formando os rios voadores, que entram na floresta só que parte dessa chuva cai na Amazônia e a outra desse para as regiões sul e sudoeste então tudo irá mudar se as pessoas não fizerem alguma coisa logo.

Para que isso não se agrave cada vez mais as pessoas **deveram** fazer algo que chame a atenção do governo para que ele perceba o que esta acontecendo em nossa floresta para não haver mais o desmatamento o governo **deveria** implantar multa pesadas aqueles que praticassem o desmatamento ilegal. O governo **deveria** implantar mais fiscais para ajudar a fiscalizar a Amazônia. [54]

Texto 13

PRECISAMOS TER MAIS CONSCIÊNCIA

O desmatamento está cada vez mais avançado, e é ***com clareza que*** os fazendeiros tem muita culpa em que está acontecendo, na Amazônia. E tudo isso só para ter lucro os leva a fazer isso á a agricultura, como ficou registrado na voz do governador do Mato Grosso Blaero Maggi que foi entrvistado por Daniela Chiaretti se queríamos árvores ou comida. [55]

Se o desmatamento continuar, prejudicara muito a máquina de chuva que ocorre da seguinte maneira: Chove no oceano, a chuva vai até a floresta Amazônica, lá as árvores transpiram, essa transpiração vai até a Cordilheira dos Andes para na parede e lá a chuva se divide para as regiões sudeste, centro-oeste e sul do Brasil.

A Amazônia tem conserto ainda, se nos todos planta-se uma árvore cada vez que arrancássemos, aumentando a fiscalização ao respeito madeiras ilegais assim **poderíamos** pedir uma ajuda, mais adequada da força verde, pelo menos assim **poderíamos** tentar salvar o pouco que resta da Floresta. [56]

A desmatação na Amazônia já passa dos 335 mil/KM², 20 hectares por minuto, 30 mil por dia e 8 milhões por ano. Com esse avanço nós pagamos os preços por exemplo com que está acontecendo enchentes, terremotos, chuvas seria justo que todos que desmatam paguem caro, multas por cada área desmatada, assim os fazendeiros teriam mais consciência. ***Tenho certeza*** se todos nós ajuda-se não estaríamos assim, **precisamos** preservar mais. [57]

Texto 14

"DES-MATAR" OU "RE-PLANTAR". QUAL VAI SER?

Pelo o que acompanhamos dia-a-dia nos meios de telecomunicação, o desmatamento da Floresta Amazônica é um assunto polêmico, nossa máquina de chuva está em perigo,máquina de chuva assim chamada pelo fato de que evapora por dia 20 toneladas de água. **É preciso que** sejam tomadas providências enquanto há tempo, pois isso ***pode*** fugir do controle caso não forem aplicadas multas severas e exigido que cada árvore desmatada seja **obrigatoriamente** replantada pela empreiteira que cometeu o crime. [58]

Segundo o site HTTP://riosvoadores.com.br o que se **pode** observar através de dados estatísticos é que 18% da Amazônia já está desmatada, o problema é que a fiscalização não é suficiente, pois é uma floresta muito grande e as multas não são impostas para esse tipo de crime. [59]

Já existe um controle do desmatamento da Amazônia criado pela Ministra Marina Silva, projeto esse que já conseguiu reduzir o desmatamento em 40%, mas isso ainda não é suficiente. O homem **precisa** estar atento e fazer algo para que esse desmatamento diminua e entender que o planeta cada dia esta sendo prejudicado e quem está sofrendo é a população com as mudanças climáticas e com o aquecimento global. [60]

O que **não pode** acontecer é ficarmos de braços cruzados e deixarmos que acabem com a nossa máquina de chuva: a Floresta Amazônica. Pois futuramente quem nos garante que teremos ar puro, florestas maravilhosas para que nossa geração venha a desfrutar dessas coisa boas da natureza vamos preservar. [61]

Texto 15

SEM FISCALIZAÇÃO
SEM FLORESTA

Perante todo o desmatamento da Amazônia que estamos vivenciando, ***sabemos que*** isso prejudica muito o clima ambiental. Segundo Antonio Nobre, líder do INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) a Amazônia evapora 20 bilhões de toneladas de água em um único dia. [62]

Para entender melhor essa "maquina de fazer chuva" a evaporização dos Oceanos vão em direção à Amazônia levados pelos ventos alísios ,então acumula mais vapor,que é levado para o Oeste ,onde param nas Cordilheiras dos Andes e descem para o Sul e Sudeste do Brasil.Este ciclo demora cerca de um ano para acontecer completamente.

Se o desmatamento não for interrompido vai modificar totalmente o clima não só no Brasil mas no mundo. O monitoramento da floresta **deveria** ser muito mais rigoroso e aplicar multas altas aqueles que desmatam. Para que uma catástrofe maior do que estamos vivenciando aconteça, temos cerca de um cinco ou seis anos para acabar completamente com o desmatamento da Amazônia segundo Antonio Nobre. [63]

Com o termino das empresas de madeireira ilegal, **deveria** se organizar ong's para replantar todas as árvores, ou o desmatamento acabara com a maquina de fazer chuva e causara uma grade seca mundial. [64]

Devemos impedir o desmatamento o mais rápido possível, se não ***poderá*** causar danos irreversíveis à vida no planeta. [65]

Tudo que esta acontecendo com o nosso planeta não chega nem perto do que ***pode*** vir se não interromper o desmatamento. [66]

Texto 16

AMAZÔNIA: INSÔNIA DO MUNDO

São as fortes chuvas no sul dos pais que se deve a nossa maquina de fase chuva á Amazônia. Água que evapora no oceano atlântico entra na Amazônia trazida pelos ventos alísios que sopram do leste para oeste reflete nos Antes e se espalham pelo resto do Brasil.

Essas nuvens que viajam o como rios voadores, essa dinâmica esta sendo ameaçada pelo desmatamento da amazônica já que são as árvores as grandes responsáveis pela transpiração e formação dessas nuvens violentas. São as arvores que **devemos** proteger e preserva-las pra que seja garantido a chuva, por isso **devemos** suspendes o desmatamento na Amazônia até que sejam identificadas as áreas onde se poderiam explorar de maneira sustentável as madeiras de floresta nativa. [67]

O desmatamento da Amazônia está saindo do controle de nossos governantes que não conseguem monitora-la como **se deveria**. A floresta queimada e degradada perde sua função ecológica. Os maiores responsáveis por essas destruição são madeireiras, agricultores e pecuaristas. Se esse desmatamento continuar e chegar a 50% a Amazônia deixava de existir como informa o texto publicado na portal folha.Hoje 90% do desmatamento é ilegal nesse ritmo, até 2030 a floresta Poe perder 50% de sua área também publicado na portal folha, **precisamos** suspender imediatamente o desmatamento na amazônica se não vamos ficar sem água e energia, alem disso **temos de** replantar nossa floresta. não é para parar o desmatamento em 2016 tem que ser zero ,é para ontem cientista do INP. [68]

Ele também explica como a chuva, ventos, oceanos e florestas estão interligados e por que alteram esse equilíbrio **pode** trazer danos irreversíveis a vida e conclui o problema não é a natureza é o humano. [69]

Nobre ressalta que infelizmente não consegue ver mudança sem passarmos por uma catástrofe. Na Amazônia o crescimento sem controle do agronegócio esta danificando o funcionamento hidrológico da América do sul. Enquanto La fora se fala em serviços ambientais no Brasil só agronegócio, aço minério, soja, gado. Queremos nossas árvores em pé firmes e fortes por que dependemos delas para um futuro melhor e um ambiente mais agradável.

Texto 17

A FISCALIZAÇÂO E A AMAZÔNIA

Amazônia,a maior floresta do mundo,com sua fauna e flora é um lugar encantados que está se acabando por conta do desmatamento,uma triste realidade.

Para o desmatamento acabar no minimo **deveriamos** ter uma fiscalizaçâo descente para a Amazônia, pois há um fiscal para uma area do tamanho da suecia. [70]

Os governantes do nosso país **deveriam** aumentar o investimento na fiscalizaçâo, promover cursos para formar nossos fiscais e palestras para concientizar a sociedade. [71]

A Amazônia esta sendo desmatada sem piedade, e com ela morrendo os rios voadores que sâo a, evaporaçâo do Atlantico, viram pequenas nuvens, seguem para a Amazônia,onde chove,ocorre a evapotransperaçâo onde as arvores retiram a agua do solo e de si mesma,transformando em nuvens com grande volume de agua.

Cerca de 234 mil metros cubicos de agua que sao transportados da Amazonia para o sul do continente nao terao mais esta rita segundo dito o fisico Antonio Manz um dos coordenadores do experimento de grande escala Biosfera Atmosfera na Amazonia.

Pois, se a fiscalizaçâo nao for inplantado rapidamente,nosso futuro estara em risco, todos **podemos** ajudar, nao depende somente dos fiscais e governantes,as pessoas que vivem na Amazônia **podem** preserva-la, e os outros que nao moram **podem** ajudar por exemplo comprando somente madeira legal. [72]

Texto 18

ZERO AO DESMATAMENTO

Hoje a Amazônia está em grande risco por acontecer tantos desmatamentos. Diante desses problemas grupos de cientistas discutirão formas de preservar a mata, assim fala um secretário do Meio Ambiente.

Uma das possibilidades que **pode** se fazer é uma remuneração aos serviços ambientais e com isso tentar diminuir o problema da Amazônia. [73]

Algumas pessoas ***poderiam*** não concordar com isso, afinal, não é mais que obrigação cuidar do que é nosso. Porém até hoje só são feitos projetos que não são colocados em praticas, a maneira ***mais provável*** de funcionar é um pagamento por serviços. [74]

A maior parte da Amazônia fica no Brasil, então **devemos** agradeçer por ter alto tao rico. Mas muitos brasileiros não pensam dessa forma, acham que eternamente teremos essa área. também **devemos** ouvir um pouco a cultura indígena eles tem muito conhecimento sobre a natureza a ensinar modos de preservar a mata, eles tem muitos anos de vida na floresta, como afirma o Agrônomo Antônio Nobre. [75]

O agrônomo diz também que só temos cinco ou seis anos para impedir que aconteça o pior, que seria a Amazônia sumir de vez. Com isso a América do Sul seria bastante prejudicada porque mutos metros cúbicos de agua são transportado da Amazônia para o sul do país, por meios dos chamados rios voadores. As árvores são responsáveis pelos rios voadores, elas transpiram água e ajudam uma boa parte do processo.

Se o processo de desmatamento continuar os rios voadores vão deixar de existir. Assim perderia em torno de 90% das chuvas.

Dar preço a um serviço prestado para a natureza faria alguma diferença sim, porque hoje em dia as pessoas só pensam no dinheiro. Seria como no caso da soja, cuidar de grandes áreas para poder ganhar dinheiro, porque a Amazônia ainda não tem preço mas a soja tem, por isto dão valor mais a soja do que a floresta Amazônica.

Texto 19

PROIBIR IMEDIATAMENTE É A MELHOR SOLUÇÃO

Não dá mais para continuar. O Desmatamento da Amazonio **tem de** ser suspenso imediatamente, pois não é so a região amazônica que prescisa da floresta mas parte do território Brasileiro também, porque grandes partes das chuvas que caem nas regiões do Sul, Sudoeste, Centro oeste, são resultado dos "Rios voadores", a evaporação da água do Oceano Atlântico e da Amazônia. [76]

Essas regiões do Brasil prescisam muito da Amazonia. Em função disso que pesquisadores e Ambientalistas estão lutando para que o desmatamento da floresta acabe imediatametne. O porque disso? É que os ventos alísios trazem a água que é evaporizada do Oceano Atlântico até a Amazônia que por si evapora e forma grandes nuvens, que são empurradas pelos ventos até os Andes, e segue-o até as regiões do sul, centro oeste e sudoeste do Brasil.

A Amazonia é fundamental na vida dos Brasileiros por isso que **deve** suspender imediatamente o desmatamento. Ela chega a ser tão importante que o Agrônomo Antonio Nobre pesquisou e comprovou que a Amazônia evapora cerca de 20 bilhões de toneladas de água todos os dias, e sem todo esse volume de água ***concerteza*** a economia Brasileira será afetada, pois a agricultura prescisa muito das chuvas da Amazônia. Essa proibição é fundamental para o futuro do povo brasileiro, mas com as atitudes que o governo está tomando nos ultimos anos fica dificil ajudar a Amazônia. [77]

Concerteza não há outra solução para que regiões Brasileiras não sejam prejudicadas, suspender o desmatamento seria a melhor solução, e que ficasse proibido até que se fossem identificadas áreas onde se poderia explorar de maneira sustentável a floresta Amazônica. [78]

Texto 20

SUSPENSÃO IMEDIATA DO DESMATAMENTO

A Amazônia produz a maior parte de sua propria chuva, segundo o Pesquisador do Instituto Nacional De Pesquisa da Amazônia (INPA), Flavio Luizão as cinco horas da manhã a máquina de fazer chuva ja esta a todo vapor, ou seja, grandes massas de vapor de água levadas por correntes de ar já esta produzindo grande parte da chuva que rola do mundo e que as árvores evaporam.

A cada dia que passa o desmatamento ja esta se agravando mais e prejudicando grande parte do nosso país e deixando o ar cada vez mais seco.

Medidas como suspender completamente o desmatamento ***deveria*** ser tomada, pois, tantas propostas planejadas mais nada é feito. [79]

As árvores precisam de tempo para respirar. O desmatamento com a motosserra acabam com a nossa natureza. Se o desmatamento por si ja esta preocupante a situação piora quando e feito por meio de queimadas, isso porque as fumaças secam as nuvens contribuindo para um clima mais seco, trazendo como consequencia a falta de chuva.

Se não pararmos imediatamete como desmatamento não teremos mais água e não conseguiriamos mais viver em um ambiente com o ar seco e quente, pois esse ar traz consequências, como problemas respiratórios.

Além da suspensão imediata do desmatamento a floresta amazônica **deveria** de ser repantada e para cultivar **deveriam** se identificar áreas onde a madeira poderia ser explorada, assim o clima melhoraria grantindo a vitalidade do ciclo hidrológico movimentada pela amazônia. [80]

A máquina de fazer chuva **nao pode** parar só assim conseguremos viver em um ar limpo e puro. [81]

Texto 21

DESMATAMENTO ZERO

A Amazônia é responsável pela produção de uma "maquina de fazer chuva". Esta é formada da seguinte maneira: a agua evaporada do oceano Atlântico é carregada para, onde ocorre a precipitação e, na sequencia, a evapotranspiração pelas arvores da mata, as nuvens formadas ai, então se deslocam até as cordilheiras dos andes e seguem para o sul e sudeste do Brasil.

Para que ainda haja a evapotranspiração **é necessário** que consigamos parar totalmente ou boa parte do desmatamento. Porque se não irá acontecer uma catástrofe. Só para termos ideia de como as arvores são importantes para nós, recorremos a explicação dada por Antônio Nobre com mestrado em biologia tropical pelo instituto nacional de pesquisas da Amazônia (o Impa de manaus), e doutorado em bioquímica pela universidade de New Hampshire, há cinco anos Antônio é o homem do impe, uma arvore com mais ou menos 20 metros de altura evapora 300 litros de agua por dia; então **deveriam** suspender completamente o desmatamento da Amazônia, como solução **deveriam** fazer áreas apropriadas para o desmatamento sem precisar ser retiradas madeiras nativas da Amazônia. [82]

Mesmo que tentassem-os efetuar pagamentos para que não haja o desmatamento excessivo, conforme já proposto por estudiosos da questão sempre terão aquelas pessoas que se acham "espertas", iriam pegar o dinheiro e continuariam desmatando, sem pensar no mal que estão fazendo para si próprios e para os outros, pois irá acontecer o mal funcionamento de usinas hidroelétricas, danos na agricultura, e ***provavelmente*** uma crise econômica e sem falar nas mudanças no meio ambiente. [83]

Agricultores, comerciantes, e em geral toda a população sofrera danos devido a falta de chuva, como sérios problemas de saúde e principalmente no sistema respiratório.

Texto 22

MAIS VALE UMA ÁRVORE EM PE DO QUE DERRUBADA

A floresta Amazônica vem sendo desmatada a cada dia. Esse desmatamento acaba com o ciclo dos rios voadores que são as águas que evaporam do Oceano Atlantico, e empurradas pelos ventos caem na floresta em forma de chuva. A floresta então por meio da transpiração forma nuvens maiores e mais carregadas. Os ventos levam essas novas nuvens até a Cordilheira dos Andes de onde não conseguem passar e vão ate a região sul do Brasil.

Se esse fenomeno não acontecer por causa do desmatamento o Brasil será afetado no clima e na economia. Muitas propostas foram feitas par acabar com o desmatamento uma delas e pagar os madeireiros e moradores da floresta com dinheiro vindo de outros paises interessados em proteger o que resta da Amazônia.

Todas as ideias tem seus pros e seus contras um contra dessa ideia e que ela **pode** fracassar por que as leis ja existentes sobre o desmatamento são facilmente burladas. Essa **poderia** ser mais uma delas e daria mais dinheiro aos madeireiros que continuariam desmatando para ganhar mais e mais. [84]

Mas esse dinheiro de alguma forma **pode** trazer uma sustentabilidade melhor aos povos da amazonia e ajudar pessoas carentes que veem seu único sustento desmatando a floresta. [85]

Essa idéia **deveria** ser aplicada juntamente com varias outras e muito rigorosamente. Por que o homem só pensa no imediatismo mais não pensa nos seus filhos e netos e destrói a maior floresta do mundo [86]

Texto 23

PROVIDENCIAS IMEDIATAS

A entrevista de Daniela Chiaretti, sobre o desmatamento na Amazônia deixa claro que se o desmatamento continuar, Isso ***poderá*** causar graves danos para a população sul e sudeste do Brasil. [87]

Um cientista brasileiro, chamado Armando da Fonseca, revelou que todos os dias evapora da Amazônia cerca de 20 bilhões de toneladas de agua, e que com as queimadas, cortes e tráfegos ilegais, o prejuízo é de até U$ 1 trilhão de dólares. E o povo que vive na região sul será quem mais vai sofrer, pois com toda essa evaporação que ocorre todos os dias sobrecarregam as nuvens, que os ventos levam até a costa da Amarica do Sul, que vão ao leste, quando elas chegam não tem mais para onde ir por causa dos altos picos e montanhas não deixam elas passar, então elas vão se espalhando para todo o sul da parte americana. É assim que a chuva chega até nós. Então só temos duas opções: Parar imediatamente, com o apoio do governo, conscientização dos agropecuários, ou esperarmos pelo pior de braços cruzados.

Já está fácil de saber que tem de parar imediatamente com essa devastação total na Amazônia. Ela é o coração do Brasil; se ela morrer, **certamente** não iremos morrer com ela, mas vamos sofrer graves consequências, com as temperaturas altíssimas. [88]

O Brasil e os demais países sul-americanos **deveriam** acabar com esse desmatamento. Procurar incentivar os agricultores a mostrar que precisamos da Amazônia, é ele que abastece nossa região, a floresta se vinga, **temos de** ser rápidos em quanto há isso a nossa floresta vai sendo devastada. Vamos nós conscientizar, e fazermos algo em relação há isso, vamos tomar atitudes de humanos, não deixar a cobiça tomar conta do nosso ser e acabarmos com a Amazônia. [89]

Texto 24

A VIDA DA AMAZÔNIA GARANTE A NOSSA

A nossa realidade a cada dia que passa está a beira de um abismo sem fim, pois como sabemos o desmatamento da Amazônia, aumenta cada veiz mais, o risco da maquina de chuva parar. Essa maquina depende das árvores que transpiram o vapor que surgem das nuvens ao então são águas de vapor em forma de jatos de vento em até 3000 metros de altitude que assim cobrem todo o nosso continente da América do Sul.

Para a máquina não parar **deveria-se** almentar a fiscalização e aplicar-se pesadas multas para aqueles que promovem o desmatamentos não-autorizado ***talvez*** assim a Amazônia teria salvação. [90]

Na abafada da floresta Amazônica mal se vê uma árvore, até onde a vista alcança vê-se sojas recem-plantadas muitas vezes são derrubadas árvores não-autorizadas, para plantar sojas. O Brasil está a caminho de se tornar o maior explorador de soja do mundo, apesar dessa soja ser vendido como um alimento barato, tanto para humanos ou animais, cada vez mais ela tambem é usada para a Fabricação do Biodiesel, um conbustivel de queima limpa, uma boa parte da soja – cana de açucar – frango – café – carne bovina de outras safras agroindustriais dessas regiões e parte significativa das gerações de energia hidrelétrica dependem da máquina de chuva da Amazônia.

Não **se deve** cruzar os braços enquanto a Amazônia, morre pouco-a-pouco, todos estamos cientes que no futuro **poderemos** ficar sem ela, mais para mudar isso só depende de nós, não esqueça que a vida da Amazônia garante a nossa. [91]

Texto 25

PROTEGER A AMAZÔNIA! UMA QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

Sabe-se da impresindível importância dos rios voadores e das florestas para o mundo. E que a Amazônia produz a maior parte de sua própria chuva, essa foi a descoberta do projeto LBA. As florestas emitem vapores orgânicos para a atmosfera, que funcionam como sementes de nuvens. [92]

Mas **precisa** ser a quantidade certa para chover, se ter de mais não chove. A fumaça das queimadas introduz partículas demais na atmosfera, seca as nuvens e elas não chovem. Entre os mais novos estudos que vem recolhendo sobre o regime das chuvas, há dados impressionantes. A Amazônia evapora em um único dia, 20 bilhões de água. esta rio voador que sai da atmosfera na forma de vapor, e maior que o maior da terra, diz Antonio, comparando o potencial de chuvas na Amazônia as 17 bilhões de toneladas de água que o amazonas lança todos os dias no atlântico. [93]

Entretanto, os fazendeiros tem cada vez mais recorrido ao desmatamento inlegal.Sendo favorável a eles já que não a rigor por parte das autoridades.

Por isso, ***sem duvidas***, aumentar a fiscalização nas florestas ***com certeza*** diminuiria o desmatamento. E sendo a maior cauda dos maus feitores praticarem o ato é o lucro que ganham exportando madeira inlegal, aplicar pesadas multas á eles em um valor maior do quem eles estam ganhando pela infração, ***obviamente*** eles não iriam desmatar mais, perceberiam que outros meios de ganhar dinheiro sem prejudicar a natureza. [94]

Texto 26

AMAZÔNIA EM BUSCA DE SOLUÇÃO

A Amazônia é uma bomba hidrológica gigantesca que traz a umidade do oceano Atlântico para dentro do continente e garante que a América do Sul, seja irrigada. As chuvas são formadas pelo vapor d'água, proveniente do oceano e pela mistura desse vapor primário com o vapor d'água proveniente da evapotranspiração, que é feita pelas árvores.

A Amazônia é uma máquina de chuva, que acabará em pouco tempo, se o desmatamento continuar. Segundo o diário Argentino Lá Nación, "O grande problema da Amazônia é a falta de fiscalização," que, por sua vez, causa sérios danos á floresta. Grande parte dos agricultores, fazendeiros, madeireiros, se aproveitam dessa falha para desmatar algumas áreas da floresta, causando assim, grande impacto nesse espaço.

O governo por sua vez, foi em busca de soluções, para resolver o problema do desmatamento, e até mesmo colocou-as em prática, sem nenhum sucesso, as tentativas foram vagas.

Uma forma mais visível e mais prática, seria o aumento da fiscalização e multas de auto-custo, aos que exploram de uma forma ilegal. O governo **deveria** investir na fiscalização do que em leis que não saem do papel. [95]

Segundo o Greenpeace, há um fiscal, para fiscalizar uma área do tamanho da Suíça. Se for aprovado o projeto de que **se pode** sim, ser desmatado quando fossem identificados áreas onde se poderiam explorar de uma forma sustentável, que não prejudicaria a floresta, e parte do arrecadado quando se permite explorar, 70% é dirigido á fiscalização, diz o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. [96]

Se a fiscalização, for concretizada com sucesso, ***com certeza*** irá trazer grandes benefícios para floresta. [97]

Texto 27

PRESERVE A MÁQUINA DA CHUVA DA AMAZÔNIA, E ASSIM SABERÁS QUE FIZESTES A SUA PARTE.

Está garantido que precisamos da "Máquina de Chuva da Amazônia" esta conservada para o melhor do meio ambiente e para o crescimento da economia brasileira. A Máquina de Chuva é chamada também de "Rios Voadores" formado pela grande parte da evaporização das florestas se distribuindo por toda á América do Sul. [98]

Teremos que conservar a Amazônia e assim parar-mos de vez com o desmatamento, senão a água vai se acabar e sem água não se terá comida. Com base disso, **deveria** se aumentar a fiscalização e assim aplicar-se pesadas multas para àqueles que continuarem com o desmatamento não-autorizado, pois a fiscalização de hoje não está adiantando em nada, sendo assim, a cada dia que passa estamos chegando ao fim da linha, com a Máquina de Chuva chegando próximo de parar. [99]

Não vamos esperar que tomem essa decisão daqui uns 15 ou 20 anos. É para agora, a Amazônia esta precisando de nossa ajuda, hoje. Porém, se esperarmos tanto tempo, até lá a Máquina de Chuva já foi exterminada.

Em uma entreviste que fez, Antônio Nobre diz: "Se destruirmos as florestas vamos estourar o nosso sistema climático". A condição do sistema terrestre hoje é a de já estarmos na UTI com falência múltipla de órgãos.

Então, como vai ficar a economia brasileira e o meio ambiente, se nada disso for resolvido?Se ninguém parar pra pensar no futuro, como vai ser o planeta sem essa "Máquina da Chuva"?.

Espera-se que todos parem de desmatar e comecem a replantar a mata, mas se isso infelizmente não for possível, vamos cada um fazermos a nossa parte, pois assim se um dia morrer-mos por problemas de mudanças climáticas ocasionados pelo desmatamento, morreríamos sem culpa e sabendo que nossa parte estávamos fazendo.

Texto 28

O FIM DO DESMATAMENTO: LUCRO PARA TODOS.

A agressão que a floresta amazônica sofre a cada dia, pelos grandes proprietários de terras, é um problema que prejudica o planeta e nos atinge diretamente, alterando o ciclo da chuva. Então, será que teremos de pagá-los para deixarem de desmatar?

Se o desmatamento continuar, na proporção que se encontra, irá obstruir nossa "maquina de chuva" alterando o clima, aumentando o aquecimento global e danificando cada vez mais a camada ozônio. 73% da precipitação do Sul vêm da floresta e a boa irrigação garante 70% do PIB do Brasil, segundo a revista ECO 21 edição 126. A interrupção dos rios voadores terá um dano irreversível. Se os grandes proprietários desmatam visando o lucro, recebendo para não desmatar, pagamento feito com capital estrangeiro, terão lucro extra como incentivo ao fim do desmatamento.

A falta de umidade trará como conseqüência: uma produção de auto custo com lucro incerto, diminuindo a exportação e aumentando o custo do produto final. Logo entendendo o futuro prejuízo, com essa injeção do capital estrangeiro, teriam os ao menos uma proposta a estudar, não seria a solução, mas sendo o dinheiro que os move, ou a maioria deles pelos menos, é mais uma oportunidade de lucro e uma chance para a floresta.

Devido a esse e outros fatores, o desmatamento **deve** parar imediatamente, **podendo** ser usado parte do capital estrangeiro para pagar os donos de terras e outra parte para iniciar uma intensa campanha pelo reflorestamento. **Precisamos** acreditar que vai dar certo.

[100]

Texto 29

FISCALIZAÇÃO, UM ATO DE RESPEITO A AMAZÔNIA

Atualmente, muito se houve falar em desmatamento, mas pouco se tem feito para contê-lo, pois pesquisas relatadas pela revista terramérica, nos mostram que até 2007 15% da Amazônia brasileira já estava desmatada.

Enquanto não fizermos nada para que isso mude, ou então, não for aumentada a fiscalização e aplicada grandes multas para promovedores do desmatamento não autorizado a máquina da chuva que é uma fonte de vida para todos os brasileiros corre um grande risco de parar.

O processo que forma os rios voadores ou então a máquina da chuva é da seguinte forma: Os ventos sopram a água em forma de vapor para o continente, sendo assim acontece a chuva e quem absolve toda essa água seria as raízes das árvores isso tudo em forma de evaporização.

Se a máquina da chuva parar várias conseqüências iremos ter, mas enquanto não pára, já estamos vivendo o começo de um futuro dramático pois a temperatura já se eleva cada vez mais e assim, vários estados brasileiros como São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais já sofreram com grandes enchentes, mas como diz Antônio Nobre isso é fixinha em frente de tudo que esta por vir.

Pesquisadores informam que 90% do desmatamento na Amazônia é irregular, por isso, algumas coisa **terá que** mudar, a fiscalização **terá que** aumentar, e se ainda sim houver pessoas que não respeitar, a força maior **terá que** aplicar multas pesadas que assim,tirem dessas pessoas o dinheiro que já ganhou com o desmatamento que acaba cada dia com o território amazônico. [101]

Texto 30

AMAZONIA E O DESMATAMENTO

Amazonia, um lugar onde o silencio predomina, pois nos ultimos anos, o som que predomina, é o motocera. Um barulho de destruição, provocando-o desmatamento, se queremos, que este barulho acabe, **deve-se** acabar agora com o desmatamento. [102]

A Amazonia,é responsavel pela maior parte da chuva aqui no sul e sudeste,ou seja,se a Amazonia for desmatada o sul e o sudeste irão sofrer muito alem de acabarmos com os rios voador, que sao a evaporação do Atlantico,que segue para a Amazonia,onde chove,ocorre a evapotranspiração que é a retirada da agua do solo pelas arvores,transformando em grandes nuvens, com o um volume de agua enorme.

Se a Amazonia, for desmatada cerca de 234 mil metros cubicos de agua nao terão mais a rota da Amazonia para o sul do continente diz Antonio Manzi um dos coodernadores do experimento de grande escala da interações Biosfera Atmosfera na Amazonia.

Para tentarmos, salvar os rios voadores, primeiralmente **deve-se** acabar com o desmatamento imediatamente,e em segundo lugar os cientistas querem conhecer melhor este ciclo, para saber o que acontecera com a Amazonia e o Brasil caso ela seja derubada. [103]

Se pensamos no futuro **deve-se** agora acabar, com o desmatamento porque sem a Amazonia, sem rios voadores, sem rios voadores secas é mais secas. [104]

Texto 31

A CHAVE È FISCALIZAR

A Amazônia gera grande parte de toda a chuva da Amarica do Sul, a origem de toda essa chuva esta ligado ao vapor d'água que vem dos oceanos e das arvores amazônicas. Com as florestas sendo desmatadas , as chuvas vão diminuir causando uma savanização da Amazônia.

Se nada for feito se o governo não apoiar o Ibama nem as Ongs na tarefa de dobrar a fiscalização, ***pode*** haver muitos desastres, como tais, a Amazônia em pouco tempo iria se transformar em uma savana, a elevação do nível do mar e a natureza cada vez mais em fúria iria causar cada vez mais danos. [105]

È preciso aumentar a fiscalização, pois o numero de fiscais é muito pequeno em relação ao grande território amazônico. Assim muitas, partes são desmatadas, mais se é feito muito pouco, pois não se tem como fiscalizar. Se o governo dobrar o numero de fiscais do Ibama em território amazônico. e aplicar multas cada vez mais pesadas aos infratores, ***poderá*** se diminuir um pouco o desmatamento. [106]

Usando todas as formas possíveis de se punir os infratores os infratores e fiscalizando cada vez mais, ficará fácil conter o desmatamento e fazer com que o povo volte a contar com todo o poder da “maquina da chuva amazônica”.

Texto 32

A AMAZÕNIA PEDE SOCORRO

A Amazônia é uma verdadeira máquina de fazer chuva, a água que dela evapora, por meio da transpiração das árvores sobe para as nuvens e forma gigantescos rios voadores, que são essenciais para a irrigação de grande parte do Brasil. Mas esse processo dinâmico está correndo sérios riscos de ser parado por conta do desmatamento, que já é alarmante em algumas regiões.

Uma grande tragédia está para acontecer, a principal floresta do mundo está desaparecendo, e todos irão sofrer as conseqüências, já que a Amazônia é necessária para a produção de chuva, e esta, por sua vez, é essencial para nossa vida. O homem ainda não se deu conta de que está prejudicando a si mesmo. Segundo o agrônomo Antonio Nobre: "destruir a Amazônia é como dar um tiro no pé".

As queimadas e o desmatamento estão prejudicando a máquina de fazer chuva da Amazônia, ela que é essencial para nossa sobrevivência. A agricultura por exemplo depende dela, sem as chuvas, as safras não serão suficientes nem para alimentar nosso sistema econômico, e por conseqüência nosso corpo.

Medidas **precisam** ser tomadas para conter a destruição da floresta, e uma delas é zerar o número de árvores derrubadas, através de uma fiscalização mais efetiva por parte das autoridades constituídas, até que sejam localizadas áreas com madeira de floresta nativa que possam ser exploradas de forma legal e sustentável, porém, apenas parar o desmatamento não irá resolver, pois grande parte da floresta já foi destruída, e precisa ser replantada, precisamos de um projeto sério de reflorestamento. [107]

Desta forma, concluímos que neste País, a demora nas medidas urgentes são consideradas a longo prazo, quando precisam ser para amanhã, autoridades não estão conscientizadas da importância da floresta Amazônica, ficam mais preocupados com a nossa Soberania, pois outros Países já tentaram influenciar decisões para que estas medidas fossem adotadas. **Precisamos** urgentemente salvar a Amazônia da destruição que está em andamento. [108]

Texto 33

A FISCALIZAÇÃO DA FLORESTA AMAZÔNICA

O desmatamento da floresta amazônica vem aumentando com o passar dos anos. As madeireiras clandestinas aumentando o desmatamento de forma acelerada fugindo do controle dos fiscais, tentando aumentar as fiscalizações impondo multas pesadas para as pessoas que promovem o desmatamento não autorizado, a floresta amazônica, que prejudica a maquina de chuva com o desmatamento diminui o numero de arvores que diminui a evaporação da água do solo, de rios e lagos dificultando que se formem nuvens de chuva e evitando que se formem os rios voadores.

Uma arvore da floresta amazônica é capaz de transpirar por dia a media de 300 litros de água, o fluxo de vapor que sai de toda floresta amazônica é equivalente ao Rio Amazonas, daí vem o nome "Rio Voador".
Com o desmatamento ilegal infelizmente vem crescendo a cada dia que passa, dificultando todo o processo natural do meio ambiente, começa a falta de chuva, o ar mais pesado seco, provocando doenças respiratórias, sem contar o mal que se faz ao meio ambiente.

Não adianta só aplicar multas pesadas e aumentar a fiscalização, o ser humano **deveria** tomar cuidado com a destruição da floresta que tem muito a nos oferecer para o bem de toda a população, e nossos governantes não **deveriam** só criar leis e sim incentivar a toda população para não destruir a floresta e assim seria uma perfeita maquina de chuva. [109]

Texto 34

A MÁQUINA MOVIMENTADA PELA AMAZÔNIA

A Amazônia é responsável pela formação de uma *"Máquina de Chuva"* que também é conhecida como Rios Voadores. A evaporização da água vem das árvores que usam suas raízes para tirar água dos lençóis freáticos. São correntes de ar carregadas de umidade.

Antônio Manzi diz que cerca de 234 mil metros cúbicos de água são transportados da Amazônia para o sul do continente.

Com essa evapotranspiração das árvores da floresta formam-se os Rios Voadores. Eles são levados pelo vento para perto da *Cordilheira dos Andes* que é muito alta e não deixa os ventos passarem, então empurram de volta para o Brasil. Por fim, esses rios caem em forma de chuva e começa todo o processo novamente.

Mas se os seres humanos continuarem a destruir as árvores, a quantidade de vapor de água que chega ao restante do país, vai ficar desregulada. Com isso ***podem*** acontecer secas muito fortes em alguns lugares. [110]

Temos que agir agora, para evitar o desaparecimento dos Rios Voadores. Uma das formas seria aumentando a fiscalização, pois existem poucos fiscais. E aplicar multas pesadas àqueles que promovem o desmatamento não autorizado. Dessa forma conseguiríamos preservar os Rios Voadores. [111]

Pois se eles não existissem, também não existiriam indústrias e nem agroindústrias que são uns dos principais segmentos da economia brasileira, com importância tanto no abastecimento interno como no desempenho exportador do Brasil.

Texto 35

DESMATAMENTO A MÁQUINA DA CHUVA

A cerca de 40 anos estuda-se o processo que da origem ao vapor da água chamadas técnicas isotópicas, que é a água que evapora do oceano atlântico e entra na Amazônia, pesquisas realizadas na Amazônia indicam uma forte circulação de água com a transpiração das plantas que proporciona chuvas nas diversas regiões.

Estuda-se projetos ambientais que **podem** auxiliar engenheiros entender quais **podem** ser as conseqüências com a mudança do clima, pesquisas realizadas mostram que uma única planta pode transpirar 300 litros de água por dia esse resultado fez com que, pesquisadores aprofundassem suas pesquisas, coletaram amostras da água da chuva e dos rios e será rastreada a massa de ar. [112]

Com tantas pesquisas e estudos todo esse trabalho será valido para entender qual o objetivo e explicação do vapor da água, para que ocorra a transpiração das plantas tem que existir as florestas a base desse estudo se relaciona ao que o homem esta fazendo com a mata, a destruição da floresta causa conseqüência no clima as derrubadas das árvores, as queimadas, a poluição dos rios. A pecuária até causa variação no clima em algumas regiões a seca prevalece fazendo com que a população tenha problemas respiratórios e viroses, e em outras regiões as enchentes, temporais desmoronamento e fortes ventos causa muito transtorno a população.

A cada dia que passa a nossa floresta está se acabando por isso tentamos conscientizar os homens com estudos e pesquisas que mostram que esta morrendo não é a floresta mas sim os homens.

Texto 36

FISCALIZAÇÃO EM FALTA.

A amazonia gera grande parte de toda a chuva do Brasil. um fenômeno conhecido como “rios voadores.” com o desmatamento na floresta as chuvas ***podem*** diminuir cada vez mais, está na hora de aumentar os pontos de fiscalização e aplicar graves multas aos infratores. [113]

As multas aplicadas tem um valor muito baixo perto do lucro adquirido através do desmatamento. Está devastação na Amazonia está prejudicando a todos, porque assim está afetando a maquina de chuva, chamada “Rios voadores”. nome que vem porque o fluxo de vapor que sai da floresta é equivalente ao Rio Amazonas, Para ter uma Ideia, uma só árvore da floresta e capaz de emitir 300 litros de água por dia.

Por isso **deve-se** aumentar a fiscalização e o valor das multas, acabando com o desmatamento que ajudará no progresso dos rios voadores, assim aumentando o desenvolvimento do Brasil, na Agricultura e Agroindústria, pq sem chuva o Brasil acaba prejudicando até o exterior. [114]

Texto 37

CULTIVANDO A AMAZÔNIA

O cultivo da Amazônia é fundamental para a permanência da vida na terra se as floresta e o ambiente acabar não terá sobrevivência.

Porque a cada dia que passa mais desastres acontecem, e os causadores desses desastres são; Os pastos de gado, agricultura, onde os fazendeiros **têm que** desmatar uma flora para plantar e cultivar, os madeireiros que desmatam pra fazer móveis; e também para construção de casas e estradas. [115]

Mais a principal causa do Desmatamento ou da destruição das florestas é do homem, porque esta sempre cortando árvores para seu uso pessoal e nunca repõem.

Se esse desmatamento continuar ***pode*** prejudicar a máquina de fazer chuva, por que a umidade que transpira das florestas vai desaguar em um "rio voador" que flui no atlântico e entra no país pela costa do Pará, carregando de agua evaporada do oceano, ao passara por cima da Amazônia, os vapores oceânico e da floresta se misturam formado uma gigantesca carga de ar úmida (diz cientistas) que cerca da metade vai virar chuva na própria região e a outra metade será carregada para longe. Ao bater nos Andes, a corrente se volta para o sul e passa a fluir em direção a Bacia da Prata, passando sobre várias região do Brasil. [116]

E com esse fluxo do desmatamento ocorre risco de ser quebrado, quanto menos floresta, menor é a transpiração e menor água é devolvida á atmosfera, prejudicando a formação de chuva.

Se preservamos a Amazônia é a melhor saída para evitar que o Desmatamento aconteça, e a falta de Água também.

Texto 38

A NOSSA AMAZÒNIA PRECISA DE AJUDA

A Amazônia e uma das mais grandes floresta do mundo, mas ela esta se acabando aos poucos por causa do desmatamento. Ate quando nos vamos ficar com os braços cruzados? **È preciso** colocar mais fiscalização e aplicar pessadas multas para aqueles que promovem o desmatamento não aurotizado. [117]

Hoje no brasil existe um sistemas de monitoramento mas não é muito bom, porque tem que olhar olhar imagem por imagem de um canto a outro, então seria muito ruim de localizar quem ou o que esta desmatando a floresta, e onde estava o qual. Ate que se viam estes grupos ja era tarde porque eles ja não estavam na area que estavam antes dos fiscais chegar la.

E importante que nós se preocupamos com a Amazônia para o bom andamento dos rios voadores, que são as aguas que evaporam do mar são levadas até a Amazônia pelos ventos alisios, onde chove e evapora novamente atraves das arvores em volume maior de agua aumentando os rios voadores, então vão ate a Cordillheira dos Andes onde são desviada ao sul do pais, neste processo todo a chuva iriga toda essa região da América do Sul, por isto se não pararem de desmatar a Amazônia ela corre o risco de virar cerado.

Se colocar este tipo de monitoramento por satelite vai melhorar muito mais, porque se pegar algumas pessoas desmatando os fiscais aplicarao pesadas multas. Sendo monitorada a Amazônia vai melhorar porque não vai ter como derrubar arvores sem ser visto com o monitoramento por satelite, e assim a Amazônia nos retribui com suas chuvas, e fazendo bem para a agricultura Aumentando os rios fazendo que as hidreletricas não parem de produzir mais energia para nós seres humanos, e varios autras coisas importantes para nós, vamos ajudar a Amazônia e ela nos ajudara.

Texto 39

A AMAZÔNIA É UMA MAQUINA DE PRODUZIR CHUVA

A Amazônia é uma maquina de produzir chuva que está sendo ameaçada pelo desmatamento.

Essa maquina é movimentada da seguinte forma a água sai do mar, pelos rios voadores chega ate a amazônia, as árvores transpiram e as cordilheiras dos andes e vão para o sul e suldeste e então acaba chovendo tendo água para a população, agricultura e para as idreletricas do brasil todo.

As pessoas pensão no lucro de agora e não pensão no futuro a ganância toma conta do ser humano. O Governo precisa da amazônia mas não tem vontade política para cuidar da amazônia e aumentar a fiscalização e colocar equipamentos, e homens para a fiscalização e então se comtinuar o desmatamento a amazônia se transformará em um imenso deserto pois acada passar de ano ela vem sendo sendo desmatada em um ritmo acelerado as quimadas. na amazônia são piores que o desmatamento uma grande parte da amazônia já foi destruída se todos quando arrancassem uma árvore plantasem outra ***conserteza*** a amazônia teria solução. [118]

Texto 40

A AMAZÔNIA PEDE SOCORRO

O desmatamento na Amazônia vem aumentado constantemente, e isso prejudica o meio ambiente ela é por exemplo a fonte de onde sai grande parte das chuvas que rigam o território brasileiro formando a máquina de fazer chuva.

É necessário aumentar a fiscalização e aplicar pesadas multas áqueles que promovem o desmatamento não-autorizado, por isso o desmatamento não terá significativa para os madereiros. [119]

A máquina de fazer chuva é o vapor que vem dos oceanos e por meio de diferentes mecanismo que se condensa nas diversas regiões Hidrograficas do Brasil.

A origem do desmatamento na Amazônia é por exportação de madeiras, gado e agricultura, até que ponto essa situação é relevante para outras regiões do Brasil.

Texto 41

DESMATAMENTO ATINGE A "MAQUINA DE FAZER CHUVA"

A cada dia cresce os desmatamentos no Brasil em um rítimo acelerado segundo Antônio Nobre pesquisador dos órgãos federais da amazônia, 20% da floresta amazônica foi devastada esse desmatamento atinge a "maquina de fazer chuva".

Segundo estudos realizados na região amazônica indicaram que existe uma forte circulação de água na região, o fluxo de vapor que sai da floresta é equivalente ao rio amazonas, daí vem o nome "rios voadores", a quantidade de água que evapora das árvores por ano é igual a vazão do rios amazonas. Uma única árvore é capaz de transpirar 300 litros de água por dia a água que evapora reflete nos Andes e se espalha pelo Brasil.

Os estados com maior índice de desmatamentos são: Pará, Mato grosso, Rondônia e Amazonas, pesquisas constataram que nesses estados não ocorre nenhuma fiscalização, e assim o desmatamento aumenta a cada dia.

Diante dessa realidade **precisamos** fiscalizar e aplicar multas aqueles que promovem os desmatamentos na amazônia se ela for fiscalizada o desmatamento irá diminuir e a 'maquina de fazer chuva" não será atingida. [120]

ANEXO 2 - FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

AUTOAVALIAÇÃO DO TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO (ARTIGO DE OPINIÃO)

Releia seu texto e analise:

	Critérios	S	N	Parc.
Proposta/ Tema	Seguiu a proposta apresentada?			
	Apresentou o assunto de maneira original, crítica e criativa?			
	Seguiu uma linha de raciocínio de forma a garantir a unidade temática do texto?			
Título	Propôs um título criativo e condizente com o conteúdo do texto?			
	O título é adequado a um texto opinativo?			
Estrutura	Dividiu o seu texto em "introdução", "desenvolvimento" e "conclusão"?			
	Na introdução, fez uma contextualização adequada da questão discutida.e apresentou a tese (ideia central) que defende em seu texto?			
	No desenvolvimento, apresentou argumentos para fundamentar e reforçar a sua tese?			
	A conclusão fecha o texto com uma síntese do que foi dito no texto, reforçando o seu ponto de vista, ou com propostas de ação?			
	Distribuiu de forma adequada a paragrafação ao longo do texto?			
Argumentação	Discutiu o assunto de forma racional e clara?			
	Garantiu que os argumentos apresentados estivessem relacionados entre si e com o texto como um todo?			
	Deixou explícita a posição que assume perante a questão?			
	Selecionou informações relevantes, considerando a proposta e o tema do texto, bem como a posição que você assume?			
	Trouxe para o texto exemplos, citações, dados estatísticos, comparações e/ou outras informações que apoiam seus argumentos? Fez referência à fonte de onde tirou essas informações?			
	Considera que conseguiu atingir seu objetivo de tentar convencer os (possíveis) leitores de seu texto?			
Linguagem	Usou uma linguagem condizente com o tipo de texto produzido, obedecendo à norma culta da Língua Portuguesa escrita?			
	Garantiu a adequação às normas gramaticais (concordância, regência, pontuação etc.) e ortográficas da norma padrão da Língua Portuguesa? Usou adequadamente letras minúsculas e maiúsculas?			
	Empregou de forma adequada unidades coesivas, garantindo a articulação dos argumentos, fatos e opiniões selecionados para a defesa do seu ponto de vista sobre o tema proposto?			

Depois de responder a essas questões, reescreva seu texto. Faça as adequações necessárias de forma a responder afirmativamente a todas as questões postas acima.

ANEXO 3 – PROJETO SUBMETIDO AOS COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIOESTE

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação ***Aprovado na***
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP ***CONEP em 04/08/2000***

FORMULÁRIO PARA APRESENTAÇÃO DE PROJETO

I - IDENTIFICAÇÃO

1. TÍTULO DO PROJETO
FORMAÇÃO DE BANCO DE DADOS: COLETA DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

2. RESUMO: Uma observação dos procedimentos que autores de artigo de opinião adotam para provocar efeito persuasivo no leitor levam à conclusão de que, nesse contexto, certas estratégias linguísticas (como a modalização, o jogo entre implícito e explícitos, os operadores argumentativos etc.) assumem importância crucial para pontuar ideias e opiniões de forma incisiva. Tendo em conta o uso de elementos linguísticos que acionam o contexto de regulação/orientação que envolve o texto opinativo, pretende-se criar um banco de dados com textos produzidos por alunos de 3º ano de Ensino Médio que sirva de *corpus* para diferentes pesquisas que objetivam analisar como categorias linguísticas diversas são (ou não) atualizadas nos textos coletados. Pretende-se coletar um número de texto considerado representativo de certa realidade (alunos do período noturno que estudam em uma escola pública de periferia), que ajudará na análise das reais necessidades relativas à abordagem da língua materna em sala. Espera-se que as pesquisas – de iniciação científica a tese de doutorado – a serem propostas com base nesse *corpus* auxiliem o professor do EM no esforço para promover o amadurecimento dos estudantes com relação à habilidade de lidar com a articulação textual. Embora se enfoque, neste momento, os textos opinativos, tais reflexões visam a auxiliar o professor no esforço mais amplo de promover o amadurecimento dos estudantes com relação à habilidade de lidar com a articulação textual, seja como leitores, seja como produtores de textos. Além da coleta dos textos para a composição de um banco de dados, pretende-se aplicar um questionário com o objetivo de recolher dados que possibilitem traçar o perfil sócio-econômico-educacional dos estudantes produtores dos textos a serem coletados. Esse questionário ajudará a entender os textos em análise como um processo interativo, promovido em um contexto específico (sala de aula), que envolve pessoas inseridas em determinado contexto social, econômico e educacional.

3. VIGÊNCIA
Início previsto (mês/ano): março/2010
Término previsto (mês/ano): junho/2010

4. TIPO DE PROJETO
( ) Pesquisa - PRPPG (Obs: encaminhar após aprovação da Comissão de Pesquisa)
( ) Extensão - PROEX (Obs: encaminhar após aprovação da Comissão de Extensão)
( ) Pibic (Obs: encaminhar após aprovação da Comissão de Pesquisa)
( ) TCC - Curso _____
( ) Monografia - Curso _____
( ) Dissertação - Curso _____
(X) Outro: Criação de banco de dados a ser usado em pesquisas diversas, de Iniciação Científica a Tese de Doutorado.

5. PESQUISADOR RESPONSÁVEL
Nome: Aparecida Feola Sella
CPF: 412989189-87 Centro: CECA *Campus*: Cascavel
Titulação: Doutora Regime de Trabalho: Professora Efetiva, T40
Assinatura do Participante:_____

6. PESQUISADORES COLABORADORES (Anexar *Curriculum* de todos os pesquisadores, exceto acadêmicos de graduação)
6.1. Nome: Alcione Tereza Corbari
CPF: 029.172.499-00 Centro: CECA *Campus*: Cascavel
Titulação: Mestre Regime de Trabalho: Professora Colaboradora, T40
Assinatura do Participante: _____

7 - LOCAL DE EXECUÇÃO DA PESQUISA E/OU ÓRGÃOS ENVOLVIDOS
Colégio Estadual XXXXX, Ensino Fundamental e Médio.

II – DETALHAMENTO – PARTE CIENTÍFICA

1 INTRODUÇÃO

Observações empíricas e pesquisas sistematizadas têm mostrado que, ao término do Ensino Médio (EM), os estudantes, de forma geral, não reúnem condições suficientes para produzir um texto de opinião que alcance seu objetivo: convencer o interlocutor da validade da tese apresentada no texto. Em outras palavras, grande parte dos alunos formandos do EM apresentam dificuldades de usar elementos linguísticos que garantam uma interlocução mais ativa com o leitor e o acionamento do contexto de regulação/orientação que envolve o texto opinativo. Logo, a argumentação instaurada no texto é atualizada de forma precária e insuficiente para provocar a adesão do interlocutor.

Esse fato revela que é preciso, dentre outras ações, promover o amadurecimento dos estudantes com relação à habilidade de lidar com a articulação textual. Nesse sentido, toma-se o trabalho com categorias como o posto, o pressuposto, o subentendido, o implícito, as inferências, as marcas de modalização linguística etc. como um caminho necessário para se chegar a uma intelecção mais aprofundada do texto.

Para propor, na escola, um trabalho que considere as categorias supracitadas, é preciso observar sistematicamente como elas são (ou não são) atualizadas pelo aluno-produtor de texto. Essa observação criará possibilidades de fazer um diagnóstico – ainda que parcial – das necessidades relativas a um aspecto do ensino de língua materna: produção de texto, diagnóstico esse baseado em um contexto real de ensino. Pretende-se que essa primeira análise guie pesquisas futuras voltadas ao contexto de ensino que visem a auxiliar o professor na superação de dificuldades encontradas na formação de leitores e produtores de textos que respondam de forma competente às necessidades de interação mediada pela escrita presentes na sociedade atual.

Nesse contexto, salienta-se o relevante papel da universidade na formação (inicial e continuada) de professores. É ela a grande responsável pelo "aprimoramento teórico" desses profissionais, neste caso específico, ligados ao ensino de língua materna. No entanto, é necessário promover uma interlocução entre a teoria abordada e as realidades vivenciadas a fim de construir uma prática reflexiva que considere esses dois aspectos. Caso contrário, corre-se o risco de a academia ficar limitada ao artificialismo, de apresentar pesquisas que não se prestem à aplicação.

Considerando essa necessidade de "um movimento constante da prática para a teoria e numa volta à prática para transformá-la" (CARNIATTO, 2002, p. 151), propõe-se, no momento, a coleta de textos dissertativo-argumentativos produzidos na aula de Língua Portuguesa durante o primeiro semestre de 2010, por duas turmas de 3º ano de Ensino Médio do Colégio Estadual XXXXX. Pretende-se formar, com esses textos, um banco de dados que reflita as situações reais de produção de texto ao qual pesquisadores possam recorrer para avaliar como o estudante real, inserido em uma dada

situação real de ensino da língua, atualiza estratégias linguísticas diversas no texto opinativo. Espera-se que sugestões teóricas e metodológicas advindas dessas análises atinjam os contextos de ensino.

Além da coleta de texto, será aplicado um questionário com o objetivo de recolher dados que possibilitem traçar o perfil sócio-econômico-educacional dos estudantes produtores dos textos, o qual ajudará a entender os textos em análise como produto de um estudante inserido em determinado contexto social, econômico e educacional. Isso porque é preciso considerar, conforme pontua Zanini (1999), que quem aprende – da mesma forma que quem ensina – "são pessoas dotadas de vida, portanto, de história" (ZANINI, 1999, p. 84), a qual precisa ser considerada, mesmo que parcialmente, quando se analisam certas práticas discursivas, ainda que a partir de um recorte metodológico.

2 JUSTIFICATIVA(S)

Conforme já explicitado, considerando os contextos de ensino, a experiência no Ensino Médio leva as pesquisadoras propositoras deste projeto à observação de que, de modo geral, os alunos formandos no EM, ao produzirem textos opinativos, apresentam dificuldades de usar de forma produtiva marcas linguísticas que estabelecem uma interação ativa com o leitor e de incorporar direcionamentos compatíveis com conclusões postas para serem aceitas.

Essa observação aponta para a necessidade de se repensar a forma de trabalho com a língua nas aulas de Língua Portuguesa. Essa necessidade, por sua vez, levou à proposição de criação de um banco de dados aqui apresentada, visando a dar suporte a pesquisas futuras que, após um estudo sistemático, contribuam para sanar essa necessidade advinda dos contextos de ensino.

Entende-se, conforme propõe Zanini (1999), que a academia não pode se furtar a "refletir, questionar, buscar, traçar caminhos, orientar, caminhar junto, discernir, motivar, fazer" (ZANINI, 1999, p. 86). E isso só se faz, segundo a autora, "a partir de uma realidade, de um suporte teórico sério e de uma prática segura, consciente, que procure atacar o ponto e desencadear o processo ensino/aprendizagem" (ZANINI, 1999, p. 86). Isso quer dizer que é preciso observar a realidade para, a partir disso, propor ações que efetivamente contribuam para sanar as dificuldades encontradas.

A partir da observação da necessidade de o professor promover reflexões acerca do funcionamento dos mecanismos linguísticos pautadas em situações reais de uso da língua, propõe-se, então, a criação do banco de dados que será usado como suporte de estudos sobre a forma como diferentes estratégias linguísticas são (ou não) atualizadas nos textos opinativos produzidos por alunos do EM. Essa observação de textos reais, produzido por estudantes reais, contribuirá para a visualização de caminhos (necessários e possíveis) que contribuam para o desenvolvimento das habilidades linguístico-discursivas requeridas dos estudantes ao final do EM.

Embora se enfoque, neste momento, os textos opinativos, tais reflexões visam a auxiliar o professor no esforço mais amplo de se promover o amadurecimento dos estudantes com relação à habilidade de lidar com a articulação textual, seja como leitores, que precisam alcançar as diversas "camadas" de significação presentes em cada texto, seja como produtores, que precisam saber lidar com os recursos linguísticos que a língua dispõe para alcançar os objetivos esperados em cada situação comunicativa.

Entende-se, em conformidade com Koch (2002), que cabe ao professor a tarefa de despertar no educando uma atitude crítica diante da realidade em que se encontra inserido. Para isso, é preciso que, durante as aulas de leitura e produção de texto, seja promovida uma conscientização do aprendiz sobre a existência de diversos níveis de significação presentes em cada texto. Por outro lado, cabe à universidade apresentar estudos que contribuam para que o esforço do professor na realização de sua tarefa alcance sucesso.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL:

Coletar textos produzidos na disciplina de Língua Portuguesa por alunos de duas turmas de Ensino Médio do Colégio Estadual XXXX – 3º A e 3º C –, a fim de constituir um banco de dados que será disponibilizado para pesquisas futuras que versem sobre as estratégias linguísticas diversas atualizadas (ou não) no texto opinativo produzido por alunos de escola pública.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Coletar textos produzidos por duas turmas de 3º ano do Ensino Médio no Colégio XXXXX, observando, quando for o caso, as diferentes versões propostas para o mesmo texto;
- Aplicar um questionário a fim de recolher dados para traçar o perfil sócio-econômico-educacional dos estudantes produtores dos textos a serem coletados, o qual ajudará a entender os textos em análise como produto de um estudante inserido em determinado contexto social, econômico e educacional.

4 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

Nesse momento, propõe-se apenas a criação de um banco de dados ao qual pesquisas futuras recorrerão para o estudo de textos produzidos por alunos do Ensino Médio de uma escola pública localizada na periferia de Cascavel.

Após a coleta, os textos serão digitalizados e ficarão disponíveis para serem usados como *corpus* de análise de pesquisas que visem contribuir com o ensino da língua materna, em especial no que tange à produção textual.

Entende-se aqui como *corpus* "[...] uma coletânea de textos [...] compilada segundo critérios específicos, considerada representativa de uma língua (ou da parte que se pretende estudar), destinada à pesquisa" (TAGNIN, 2004). Ou, ainda, como um conjunto homogêneo de amostras de língua de qualquer tipo que deve possibilitar, mediante análise linguística, a ampliação do conhecimento das estruturas linguísticas da língua que ele representa, conforme descrição dada por Bidermann (2001, p. 79).

A área da Linguística que trata dos estudos sobre *corpora* (assim como de suas compilações) é a Linguística de *Corpus*. Para Berber Sardinha, A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e da exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas (BEBER SARDINHA, 2004, p. 3).

Ainda segundo Berber Sardinha (2004, p. 20-21), quanto à tipologia, os *corpora* que se pretende reunir podem ser assim classificados: a) quanto ao modo: escritos; b) quanto ao tempo: sincrônicos; c) quanto às seleções: por amostragem (estático, amostra finita da linguagem como um todo); d) quanto aos conteúdos: especializados (gêneros ou registros definidos); e) quanto à autoria: de língua nativa (falantes nativos); f) quanto às disposições internas: paralelos (original); g) quanto às finalidades: de estudo (*corpus* a ser descrito).

Além da coleta dos textos, será aplicado um questionário pela professora regente de Língua Portuguesa – colaboradora deste projeto. O questionário, segundo Marconi e Lakatos (1990), é um instrumento de coleta de dados, constituído por séries ordenadas de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. O questionário que se pretende aplicar é do tipo misto, com questões que requerem respostas abertas e fechadas, com predominância destas últimas.

O objetivo de sua aplicação é recolher dados que possibilitem traçar o perfil sócio-econômico-educativo dos estudantes produtores dos textos a serem coletados. Acredita-se que essa descrição do

perfil dos participantes da pesquisa contribuirá para a análise do texto, já que condições escolares e extraescolares precisam ser consideradas quando se pretende entender quem são os produtores dos textos sob análise.

Ambas as ações (coleta de texto e aplicação do questionário) serão feitas após o livre consentimento dos alunos e/ou pais (ou responsáveis), no final do primeiro semestre de 2010.

5 CONTRIBUIÇÃO ESPERADA

Conforme já citado, busca-se, a partir da criação de um banco de dados, criar condições futuras de análise de textos reais, produzidos por alunos reais, ao qual pesquisas diversas recorrerão para observar as habilidades linguístico-discursivas dos alunos apresentadas em textos opinativo.

Espera-se, a partir desses textos, apresentar, em pesquisas futuras, caminhos possíveis a serem trilhados pelo professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio com o objetivo de melhorar o nível de intelecção de textos lidos e, principalmente, de ampliar as habilidades relacionadas à produção de texto.

6 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

No final do primeiro semestre letivo de 2010, serão coletados textos produzidos durante todo o semestre. O questionário será entregue na penúltima semana do mês de junho, o qual deverá ser devolvido em até uma semana.

7 PROPOSTA ORÇAMENTÁRIA

7.1. DESPESAS

Estima-se um gasto total de R$ 300,00, que serão destinados à reprodução (impressões e xerox) de termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do questionário e dos textos produzidos pelos alunos, os quais serão arquivados posteriormente em forma digitalizada.

7.2. RECEITA

Os gastos serão arcados pela pesquisadora-colaboradora.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERBER SARDINHA, A. **Linguística de *corpus***. Barueri: Manole, 2004.

BIDERMANN, M. T. C. **Teoria linguística**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARNIATTO, I. **A Formação inicial do sujeito professor**: Investigação Narrativa em Ciências/Biologia.Cascavel: Edunioeste, 2002.

KOCK, I. V. **Argumentação e linguagem**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A, 1990.

TAGNIN, S. E. O. **Corpora**: o que são e para quê servem. Minicurso. São Paulo, 2004.

ZANINI, M. Uma visão panorâmica da teoria e da prática do ensino de língua materna. **Acta Scientiarum**, v. 21, n. 1, p. 79-88, 1999.

9 DATA E ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

_____/_____/_____ _____

III – DOCUMENTAÇÃO QUE DEVE SER ANEXADA AO PROJETO PARA ANÁLISE

1. Formulário de encaminhamento de Projeto ao CEP/Unioeste;
2. Folha de Rosto da CONEP (2 vias, assinadas e carimbadas pelos responsáveis);
3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e/ou Termo de Compromisso para Uso de Dados;
4. Autorização dos serviços que serão requisitados para realização do projeto (original, em papel timbrado ou com carimbo identificando a assinatura do responsável);
5. Instrumento de Coleta de Dados;
6. *Curriculum Lattes* dos pesquisadores (exceto para acadêmicos de graduação).

ANEXO 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: FORMAÇÃO DE BANCO DE DADOS: COLETA DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Pesquisadora responsável e colaboradora: Aparecida Feola Sella; Alcione Tereza Corbari.

Convidamos a participar de nosso projeto que tem o objetivo de: a) coletar textos produzidos por alunos de escola pública a fim de formar um banco de dados, o qual será usado para pesquisas que investigarão estratégias linguísticas usadas em textos opinativos; b) aplicar questionário a fim de coletar dados para traçar o perfil sócio-econômico-educacional do sujeito participante da pesquisa.
Para tanto, serão reproduzidas e arquivadas (em forma digital) cópias dos textos produzidos na aula de Língua Portuguesa durante o primeiro semestre de 2010 e aplicado o questionário em questão.
Pretende-se, com este projeto, criar um banco de dados que possibilite estudos sistemáticos das habilidades linguístico-discursivas de alunos de escola pública que auxiliem o professor do Ensino Médio no esforço para promover o amadurecimento dos estudantes com relação à habilidade de lidar com a articulação textual, em especial na atividade de produção de texto.

Os participantes da pesquisa não pagarão nem receberão qualquer retribuição pecuniária por participar do projeto. Também não serão gratificados ou prejudicados na avaliação da disciplina de Língua Portuguesa (nem de qualquer outra disciplina) por participarem ou negarem-se a participar da pesquisa.
Durante a execução do projeto, todos os alunos participantes terão todo o apoio das pesquisadoras, que irão tirar suas dúvidas e auxiliar em possíveis problemas. A eles serão garantidos os direitos de:

7. ler e receber explicações sobre a pesquisa;
8. receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros aspectos relacionados à pesquisa;
9. retirar o consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento;
10. não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações coletadas, as quais serão utilizadas unicamente para fins científicos;
11. procurar esclarecimentos com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unioeste - CEP/Unioeste, através do telefone 3220-3272, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos.

Declaro estar ciente do exposto e que desejo participar do projeto/ou desejo que _____ participe da pesquisa.
(nome do aluno participante do projeto)

Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do sujeito da pesquisa e a outra do pesquisador responsável.

Cascavel, _____de_____ de 2010.

Nome do participante do projeto/ou pai ou responsável legal:
_____

Assinatura do participante do projeto/ou pai ou responsável legal:
_____

Eu, Alcione Tereza Corbari, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto ao participante e/ou responsável.
_____ Data:___/____/____.
Telefones: Alcione Tereza Corbari: (45) 9919-3790; Aparecida Feola Sella: (45) 3037-1481